





J. Wagner Wagner

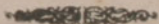




# OBRAS

DE

FRANCISCO D'ANDRADE.



LISBOA.

ESCRITORIO DA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA,  
Rua Augusta N.º 110.

—  
1852.

OBRA

DE

FRANZOSO D'ALBUQUERQUE

LENGUA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

---

TYPOGRAPHIA DE F. I. PINHEIRO.  
*Rua da Annunciada N.º 14.*

## PROLOGO.

**O** Poema de Francisco d'Andrade — *O primeiro Cerco de Diu* — impresso no anno de 1589, tem-se tornado tão raro, que julgamos prestar um grande serviço ás letras patrias fazendo d'elle uma segunda edição.

*O primeiro Cerco de Diu* he o Poema que mais se aproxima, de longe embora, dos *Lusiadas* pela pureza e louçania da linguagem, assisado das sentenças, elegancia do estylo, e sonora facilidade da versificação.

Francisco d'Andrade seguindo a opinião de que os assumptos nacionaes devem ser tratados sem artificio em sua composição, não escreveu hum Poema Heroico, escreveu hum Poema Historico.

O Poema está adornado com brilhantes episodios, historicos, ou de invenção, que amenisão e varião o seu assumpto. Taes são por exemplo — o episodio em que no 2.<sup>o</sup> Canto se narrão os successos da vida de João de Santiago — e outro de character differente em que no Canto 9.<sup>o</sup> se pinta o amor de dois esposos Mogores, querendo o marido sacrificar-se para salvar a esposa á custa da sua propria vida, pois que só a ella, e não a elle, se concede o refugiar-se na fortaleza.

Tambem são para notar as descripções tanto narrativas, como pictorescas, que se encontrão neste Poema — entre as primeiras tem bastante força de colorido a que o Poeta faz no Canto 17.<sup>o</sup>, de hum mancebo Portuguez, que combate e mata hum Mouro entrando atraz d'elle pelo rio dentro, com grande perigo de sua vida — entre as segundas são admiraveis a pintura da habitação de Eólo, e do carcere dos Ventos no Canto 4.<sup>o</sup>, e a de Merizan no momento de accommetter os Cambaios com o seu pequeno esquadrão de Mogores no Canto 9.<sup>o</sup> A pintura da Cobiça debaixo do nome de Pluto no Canto 12.<sup>o</sup> he adornada de muita invenção e originalidade. Não he menos bella a pintura da casa do Somno no Canto 16.<sup>o</sup> Mas a que sobresahe a todas he a que se lê no Canto 4.<sup>o</sup> da Ilha desconhecida, aonde a Rainha de Cambaia he conduzida depois da tempestade, que a faz desgarrar do rumo de Judá :

por ella verá o Leitor (diz o Sr. José Maria da Costa e Silva a pag. 310 do Vol. IV do *Ensaio Biographico-Critico sobre os Poetas Portuguezes*) a grande perda que será para o nosso Parnaso o desaparecimento deste Poema, se algum Editor benemerito lhe não obstar, fazendo delle nova edição.

Recommendamos a leitura do citado *Ensaio Biographico-Critico* a quem quizer ter noticias mais amplas não só deste mas de todos os nossos Poetas.

Terminaremos este Prologo com a noticia da *Vida e Obras de Francisco d'Andrade* que extrahimos da citada obra do Sr. Costa e Silva:

«Francisco d'Andrade, que figura distintamente entre os nossos melhores Epicos de segunda ordem, nasceu na cidade de Lisboa; não consta ao certo o anno do seu nascimento, posto que pareça verosimil que fosse pelos annos de 1540, pouco mais ou menos.

«Foi filho de Francisco Alvares d'Andrade, fidalgo da casa d'elrei D. João III, e de Iza-bel de Paiva, sua mulher, e filha de Nuno Fernandes Moreira, escrivão da camara de Lisboa.

«Francisco d'Andrade frequentou, com muito aproveitamento, os estudos de humanidades, em que sahio muito extremado, gran-geando tal respeito por seu talento, e saber,



que faltando da vida presente o Guarda-Mór da Torre do Tombo Antonio de Castilho, grande Litterato, e grande Poeta, foi, sem o requerer, escolhido para o substituir naquelle logar, cuja serventia, naquelles tempos, só era conferida a pessoas de consummada litteratura.

« Foi igualmente agraciado com a nomeação de Chronista-Mór do Reino, que muitas vezes se annexava ao emprego de Guarda-Mór da Torre do Tombo. No exercicio destes logares, tão lucrativos como honrosos, passou a vida tranquillamente até ao anno de 1614, em que falleceu.

« Francisco d'Andrade desde os seus primeiros annos cultivou a poesia, que então andava mui valida na côrte, e estimada entre os particulares: porém de todas as suas obras poeticas, que nos consta terem sido numerosas, apenas publicou as seguintes: Instituição d'El-Rei Nosso Senhor; esta obra é uma traducção em verso solto, ás vezes elegante, de outra que o Doutor, e Lente da Universidade de Coimbra Diogo de Teive, havia composto com este titulo « *Epodon, sive lambicorum carmen, Libri tres* » e sahiu á luz com o original em Lisboa, anno de 1565. A traducção principia com estes versos:

Doutas habitadoras do Parnaso,  
 Manifestai agora aos bons Poetas  
 O sagrado liquor das vossas fontes.

« Apesar da louçania, e elegancia de linguagem desta traducção, força é confessar, que os versos peccão muitas vezes por falta de numero, e de nobreza ; este defeito lhe he commum com todos os Poetas coevos, que todos parecem fallar uma linguagem estranha, quando se desajudão da ryma : antes da epocha da Arcadia, não ha em Portuguez versos soltos, que possam dizer-se bons.

« Philomela de S. Boaventura. Lisboa 1566, em 12.<sup>o</sup>

« Esta obra principia assim :

Philomela suave, que cantando,  
O fim do breve Inverno denuncia,  
E a vinda do Verão alegre, e brando.

« Esta poesia he muito superior á outra, pelos pensamentos, pela expressão, e pelo metro. Junte-se a isto o seguinte Soneto, em louvor da Elegiada de Luiz Pereira Brandão, impresso com o mesmo Poema, e teremos todos os Poemas de menor extensão, que restão de Francisco d'Andrade :

### SONETO.

De lagrimas, de mortes, de crueza,  
De sangue, inda hoje fresco em Barberia,  
Brandos versos fazer, doce harmonia,  
Que dá gosto apesar da mór tristeza ;

Maior espanto foi, mór estranheza,  
Que o que fingio de Orpheo a Poesia,  
Que se elle as cousas naturaes movia,  
Estoutro move a mesma Natureza.

Esta estranheza tal, que em mór espanto  
O que melhor a entende hoje tem posto,  
A ti, Pereira, só foi concedida.

Ditoso aquelle, a quem chegar teu canto,  
Que pois da sua dôr fizeste gosto,  
Tambem de sua morte serás vida.

“Mas que caminho levárão os seus outros  
Sonetos, as suas Poesias Lyricas, que não de-  
vião ser em pequena quantidade, visto que  
estava então tanto em moda escrever neste  
genero? Ficárão sem dúvida em manuscripto  
sepultadas nas livrarias de alguns conventos,  
e pela suppressão delles, sabe Deos o fim que  
tiverão.”

**O PRIMEIRO**  
**CERCO DE DIU.**

**CANTO I.**

*Declara-se a vida e costumes de Sultão Baudur, Rei de Cambaia. O Governador Nuno da Cunha parte para a Cidade de Diu. Chega á Ilha de Bete, e faz-se prestes para a combater.*

1.

**E**mpresas grandes, casos perigosos  
Qu'ao Ceo por si sómente se levantão,  
Animos invenciveis, gloriosos,  
De que o Ganges e o Tejo hoje s'espantão;  
Varões illustres, altos e animosos  
Com divino favor meus versos cantão;  
Mas cumpre que de si m'encha elle o peito  
Para que o canto igual seja ao sujeito.

## II.

Soccorre Eterno Pae, Senhor Supremo,  
Porque eu em mar tão largo desatino,  
Ond'hum naufragio certo espero e temo  
Se me faltar o teu favor divino:  
Nem m'atrevo chegar a tanto estremo  
D'alto verso, sem ti, que o faça dino  
Daquelles que por ti com peitos fortes  
Derão, e recebêrão crueis mortes.

## III.

Porque aqui tal materia s'offerece  
A hum rudo engenho, baixo entendimento,  
Qu'engenhos sobrehumanos bem merece  
O sobrehumano seu merecimento.  
Porém se a meu intento não fallece  
O que nunca faltou a hum bom intento,  
Heroicos varões, eu direi tanto  
De vós, que ao mundo seja inveja e espanto.

## IV.

Filippe invicto, a quem a Providencia  
E o Divino Poder, hoje sujeitos  
Os Lusitanos fez, cuja potencia  
Assaz mostrarão ja seus grandes feitos,  
Rendidos sem nenhuma resistencia  
Dos fortes braços, nem dos leaes peitos,  
Por mostra que a ti só foi concedido  
Render o que antes nunca foi rendido.



## V.

Vejo que ao teu poder juntando agora  
Felicemente o sceptro Lusitano,  
A ti s'inclina, teme, e quasi adora  
Europico, Asiatico, Africano.  
Pois esta tal grandeza eu sei que mora  
N'hum peito brando, affavel, largo, humano,  
Desça o teu pensamento agora hum pouco,  
Dê logar ao meu canto, inda que rouco.

## VI.

Verás os grandes feitos nunca ouvidos  
Dos que se hoje a teu jugo sujeitárão,  
Verás os braços fortes, não vencidos  
Dos que então largamente a patria honrárão.  
Verás que em render peitos não rendidos  
Tu muito, e tambem muito elles ganhárão:  
Elles, pois coube a ti senhoreallos,  
Tu, por seres senhor de taes vassallos.

## VII.

Cambaia, Reino grande e populoso,  
Nas partes d'Oriente situado,  
Em riquezas e em armas poderoso,  
Foi de Sultão Baudur senhoreado:  
Principe máo, cruel, despiedoso,  
Dos naturaes e estranhos pouco amado,  
Antes sempre em maior odio crescia,  
Cousa assaz natural da tyrannia.

## VIII.

Tinha os bens que a fortuna mal reparte,  
E o cego povo tõe por mór bonança,  
Tinha outros Reinos mais, de que hũa parte  
Seus avós lhe deixárão por herança,  
E outra que com favor do fero Marte  
Elle ganhou, obrando espada e lança,  
Cresce o mando e poder cada momento,  
Mas tambem o odio vai em crescimento.

## IX.

Este mando e poder, com que elle segue  
Soltamente os acenos da vontade,  
Fazem com que á soberba o peito entregue,  
Que não he nas grandezas novidade.  
A soberba tambem faz que s'empregue  
N'hũa tão bruta e estranha crueldade,  
Que tudo o que he humano de si aparta,  
Nem de sangue e de mortes se vio farta.

## X.

Se por ventura o estranho lhe faltava  
Que desta brutal furia fosse objecto,  
No proprio natural a executava  
Sem a qualquer idade ter respeito;  
Juntamente o que amava, e desamava,  
A tamanho furor era sujeito;  
E quando isto tambem lhe fallecia  
No sangue fraternal as mãos tingia.

## XI.

O sexo feminil, cuja fraqueza  
Resiste mais que os duros peitos fortes,  
Não pôde resistir a esta braveza,  
Que se mantinha só de humanas mortes;  
Pois tambem fez sentir sua crueza  
Áquellas, cujas duras, tristes sortes  
Com firme e conjugal nó lhe juntárão,  
Que com seu proprio sangue desatárão.

## XII.

Nem bastava privar das doces vidas  
Os infelices corpos, não culpados,  
E roubar-lhes as fazendas adquiridas  
Ou por si, ou por seus antepassados;  
Mas sobre tudo ainda de fingidas  
Maldades, os fazia ser notados,  
Porque ficassem obras tão damnadas  
Co'a infamia dos mortos desculpadas.

## XIII.

Esta continuacão, este exercicio,  
Esta sede de sangue, de que fallo,  
O fez chegar a tanto neste vicio,  
Que ja se não contenta de mandallo;  
Mas usando d'algoz o baixo officio,  
Por suas proprias mãos vai derramallo,  
Para que ao seu cruel e bruto intento  
Não seja a dilacão impedimento.

## XIV.

Com tal brutalidade qual descobre,  
(Que he destruição do grande senhorio)  
Da fidalguia o seu, e gente nobre,  
Em breve tempo fica assaz vazio.  
Que os nobres ante o povo baixo e pobre  
Se põem, para que a Parca o subtil fio  
Não corte a cada hum da triste vida,  
Qu'este máo da nobreza he só homicida.

## XV.

Estes espiritos baixos e plebeios,  
Que tanto o nobre sangue aborrecião,  
Estes, dos reaes peitos tão alheios,  
Juntamente com isto o constrangião  
A que os grandes estados (de que cheios  
Os seus Reinos então todos se vião)  
Tire aos proprios, e os dê a outros senhores  
Pouco de taes mercês merecedores.

## XVI.

Mas não lhes consentio sua ventura  
Que lhes durasse hum bem tão mal ganhado  
Que nunca o desta sorte foi de dura;  
Justo castigo lá do Ceo mandado:  
Quando os tristes cuidavão que segura  
A mercê tinhão, a honra e o grande estado,  
Junto co'a vida a honra lhe he tirada,  
E n'outros a mesma honra he trespassada.

## XVII.

Não se segue com estes outro norte,  
De tudo os privão, a outros s'apresenta,  
Os quaes tratados são da mesma sorte,  
Aflogão-se tambem nesta tormenta;  
A todos a honra traz consigo a morte,  
Nenhum de hũa honra tal se descontenta.  
Da qual tõe prova clara e descuberta  
Que não era honra ja, mas morte certa.

## XVIII.

Esta peste do mundo, horrenda e fera,  
Que o peito humano assi desassocega,  
Esta infernal cubiça, esta Megera,  
Que não poderá ja na gente cega?  
Pois só polo proveito que s'espera,  
Ao cego peito faz que se lh'entrega,  
Que accete hũa mercê com ledro rosto  
Que traz tristeza e morte, e nenhum gosto.

## XIX.

Este jugo cruel, d'homem alheio,  
Com que trata ao que he estranho, e o que sujeito  
O poz em tal cuidado, em tal receio,  
Que se velava mais do mais acceito;  
O que tõe de mercês e honras mais cheio,  
Lhe vem depois a ser o mais suspeito,  
Porque a mortifera honra e a dignidade  
Motivo he d'odio, mais que d'amizade.



## XX.

E pois junto com a honra a morte dava,  
 Podia com rasão arrecear-se,  
 Qu'em quanto elle a vital aura gozava,  
 Nenhum no bem podia assegurar-se ;  
 Só depois d'elle morto s'esperava  
 Longo tempo qualquer honra lograr-se ;  
 Faz-lhe isto a elle temer perder a vida,  
 Faz aos seus desejar vêr-lha perdida.

## XXI.

Isto que o máo Baudur claro conhece,  
 Em tal desassocego posto o tinha,  
 Que alli onde lhe o sol desapparece,  
 Quando entra na salgada onda marinha,  
 Se não acha depois, quando obedece  
 E foge a noite á nova luz que vinha ;  
 Porque o peito cruel e arreceoso,  
 Julga todo o logar por perigoso.

## XXII.

Nem sómente do ferro temor sente,  
 Que a peçonha tambem lhe dá cuidado,  
 Isto lhe faz banhar continuamente  
 D'humano sangue, o bosque, o monte, o prado ;  
 Porque ante elle nenhum era innocente  
 Que só n'hũa suspeita era culpado,  
 Mas nem assi alcança o que procura,  
 Que nem com tantas mortes s'assegura.

## XXIII.

O comer sobre tudo então temia  
 Que trouxesse escondido o maior dano;  
 E porque de ninguem ja se confia,  
 Que tudo teme hum mão, falso e tyrano,  
 Por suas proprias mãos elle o fazia,  
 Por ficar sem suspeita deste engano;  
 E faz que n'hum sujeito junto caia,  
 Vil cozinheiro, e Rei da grã Cambaia.

## XXIV.

Entr'estes vicios, que este miseravel  
 Fraco, escondia em si, e immundo peito,  
 Não lhe faltou aquelle abominavel,  
 Que contra a natureza vai direito;  
 O brutal appetite insaciavel  
 Que tira á natureza o ser perfeito,  
 Descido lá do eterno, claro assento,  
 E de quem inda foge o pensamento.

## XXV.

Em vez de liberal, virtude santa,  
 Necessaria a quem tõe qualquer governo,  
 Virtude que os mais baixos alevanta,  
 E faz o nome escuro, claro e eterno,  
 Virtude de quem toda a lingua canta,  
 Nascida lá no Reino alto e superno,  
 Toma do insano prodigo o exercicio  
 Por ajuntar aos outros este vicio.

## XXVI.

Traz esta inclinação não lhe faltava  
 Outra d'assaz contraria natureza,  
 Porque se d'hũa parte elle gastava  
 Sem ordem quanto adquire, e com largueza,  
 Tambem por outra parte trabalhava  
 Adquirir grão thesouro, grãa riqueza:  
 Destruidor do seu, sem regra ou meio,  
 Cubiçoso tambem do que era alheio.

## XXVII.

Tinha espiritos a guerras inclinados,  
 Porém nunca a batalha vio presente,  
 Teve exercitos grandes bem ornados  
 De lustrosa, esforçada e nobre gente,  
 E d'apparatos taes acompanhados  
 Que erão dinos d'hum Rei alto e potente,  
 Em que grandes thesouros se gastarão  
 Que seus antepassados lhe deixarão.

## XXVIII.

De muitos foi julgado por bastante  
 Para feitos d'espirito alto, animoso,  
 Porque soberbo o vião, e arrogante,  
 Amigo de louvor, presumptuoso:  
 E por cousas tambem que fez perante  
 Grão povo, por mostrar-se valoroso,  
 Que tão pouco d'hum tal Rei erão dinas,  
 Qu'erão inda do baixo povo indinas.

## XXIX.

Quando mais estrangeiros juntos via,  
 Ou d'outra qualquer gente as praças cheias,  
 Sem attentar que as obras que fazia  
 Do seu real estado erão alheias,  
 Sóbe ligeiro ao muro onde corria  
 Com grão pressa por cima das ameias;  
 Os presentes á mesma obra convida,  
 E julga por covarde o que duvida.

## XXX.

Esperavão-se delle grandes feitos  
 Com estas e outras taes leviandades,  
 As quaes podem lustrar nos baixos peitos,  
 Mas abatem as grandes magestades.  
 Estes erão os Reinos, que sujeitos  
 Fez ao seu jugo, e estas as Cidades  
 Qu'entrou com braço forte e não domado  
 Para ser d'animoso celebrado.

## XXXI.

O tempo que durou o seu imperio,  
 (Peior que o do cruel Ciracusano)  
 O seu Reino sentio tal vituperio,  
 Taes infortunios, males, tanto dano,  
 Que em quanto alumiar este hemispherio  
 O Sol, e descansar lá no Oceano,  
 Durará nelle viva esta memoria,  
 Nem sei se verá mais a antiga gloria.

## XXXII.

Muitos trabalhos destes procedêrão  
 Do tyranno a que então obedecião,  
 Outros das guerras que se lhe movêrão,  
 E que com mortal odio o perseguião;  
 Mas da que os Portuguezes lhe fizerão,  
 Com armadas que o mar todo cobrião,  
 Tão grave damno e perda lhe succede  
 Que a do Cartaginez barbaro excede.

## XXXIII.

O forte Portuguez, a quem o antigo  
 Odio moveo para esta cruel guerra,  
 Corre a fralda do mar do Reino imigo,  
 Destruê, queima, assola, e põe por terra.  
 O Mouro, que arreceia este perigo,  
 Nem se assegura em monte, bosque, ou serra,  
 Entrega o peito pouco defendido  
 Ao braço vencedor, nunca vencido.

## XXXIV.

Outros a quem as duras tristes sortes  
 Derão para seu mal ousada fronte,  
 Querendo resistir a huns braços fortes,  
 Que qualquer defendêra ao Hetrusco a ponte,  
 Recebendo primeiro crueis mortes  
 Se vão banhar no ardente Phlegetonte,  
 Deixando aquella terra tão perdida  
 Que tarde ha ja de ser restituída.



## XXXV.

A causa principal desta crueza,  
 É que então a esta guerra abriu a estrada,  
 Foi sómente porque hũa fortaleza  
 Dos Christãos fosse em Diu edificada,  
 Cidade que em Cambaia mais se presa,  
 Entre todas famosa e celebrada  
 Quantas lá no Oriente por visinho  
 O senhorio tõe do Rei marinho.

## XXXVI.

Porque sendo fortissima de muro,  
 Tendo munições, gente, mantimento,  
 Bom varadouro, e porto bem seguro,  
 E sendo de toda a India a balravento,  
 Entrando nella o Rume forte e duro  
 Podia ao Portuguez dar detrimento,  
 Como ja n'outro tempo se vio, quando  
 O nobre Almeida teve da India o mando.

## XXXVII.

Isto soube aquelle alto e soberano,  
 Prudente Rei, invicto e verdadeiro,  
 Que governava o povo Lusitano,  
 E que era dos Joannes o Terceiro;  
 E querendo atalhar a tanto dano,  
 Deu o mando, o poder, e o sceptro inteiro,  
 Do Reino Oriental, ao animoso  
 Nuno da Cunha, nobre e venturoso.

## XXXVIII.

E manda-lhe que ponha a grão cuidado  
 Em tomar esta força á grãa Cambaia,  
 E que antes de ter nella edificado  
 Fortaleza, por al não se distraia.  
 Cumpre o Governador o que mandado  
 Lhe foi, em vendo d'Oriente a praia,  
 Mas antes de vêr nella os brancos seixos  
 Duas vezes se volve o Sol nos eixos.

## XXXIX.

Foi-lhe causa de tão larga tardança,  
 E de chegar tão tarde ao seu governo,  
 O mar tempestuoso e sem bonança,  
 E passar no caminho o frio inverno:  
 Mas sempre o desejado fim alcança  
 Quem alcança favor do Rei eterno,  
 Elle chega, e faz prestes a jornada  
 Com mui grande apparato, e grossa armada.

## XL.

Não falta a munição, para o que intenta,  
 Nem mantimento, e gente dura e forte,  
 Que da empresa maior mais se contenta,  
 Nem lha fez duvidar perigo, ou morte;  
 Navios sobre cento tem noventa,  
 E cinco mais além de toda sorte,  
 Bem providos tambem de quanto entende  
 Que lh'era necessario ao que pretende,

## XLI.

Dous mil e setecentos bem serião  
(Na Lusitana terra ao mundo dados)  
Os que a branca e vermelha Cruz seguião,  
De forte aço, e mais forte 'sprito armados,  
De Canarins, e Malabares ião  
Outros dous mil tambem (os quaes creados  
Na mesma terra são) que s'embarcavão  
Nos navios de Mouros que alli estavão.

## XLII.

Mas como tal grandeza em si continha  
Est'armada, que o mar quasi cobria,  
E ja o Governador eleitos tinha  
Capitães, para o dar da bataria,  
Não se póde encobrir quanto convinha  
O que este seu intento pretendia,  
Que o custoso atavio, honrado e nobre,  
E o alvoroço geral, claro o descobre.

## XLIII.

Qual no longo estandarte vai mostrando  
Quanto tõe d'esperança, ou arreceio,  
Qual descobre se amor lhe he duro ou brando,  
Nenhum sua tenção deixa no seio.  
A Melique Tocão, que então o mando  
Em Diu tinha, a nova disto veio,  
Tudo com diligencia olha e concerta  
Onde o temor o avisa, onde o desperta.

## XLIV.

Ajunta munições, ajunta gente,  
 E tudo o mais que lh'era necessario  
 Para se defender bastantemente  
 D'hum tão bravo, e tão áspero adversario.  
 Levanta a Christã frota o terreo dente  
 Entrando o mez que o Sol leva ao Aquario,  
 O rouco marinheiro com grão tento  
 Solta remos ao mar, vellas ao vento.

## XLV.

Ja a delgada, subtil, aguda proa,  
 Polas salgadas ondas faz caminho,  
 E Zefiro suave, e brando soa,  
 E fere brandamente o cavo linho;  
 Ja da vista se perde a nobre Goa.  
 Doce, quieto, amado, e brando ninho  
 D'aquelles que no reino de Neptuno  
 Acompanhando vão o illustre Nuno.

## XLVI.

Cymothoe, e as outras Nimphas do espaçoso  
 Mar, ante a armada vão por festeja-la,  
 Vão com Proteo e com seu gado escamoso  
 Glauco, Nereo, Tritão acompanha-la,  
 Tu tambem, linda Thetis, co'o formoso  
 Côro teu alli vás, por mais honra-la,  
 Obedecem tambem alli ao Piloto  
 Euro, Zefiro, Boreas, Austro ou Noto.

## XLVII.

Grande espaço esta armada acompanhárão  
 Estes a quem venera a onda salgada,  
 Mas tanto que lá nella mergulhárão  
 Esta bonança logo foi mudada;  
 Os ventos polas proas assoprárão,  
 Levanta-se té ás nuvens a onda inchada,  
 Por mandado dos seus Reis furiosos,  
 Quiçá de tantas pompas invejosos.

## XLVIII.

Esta imiga mudança, impetuosa,  
 Com algumas escalas que fizerão,  
 (Que nada teme a gente cubigosa)  
 Esta viagem tanto entretiverão,  
 Que quasi todo o mez que da invernosa  
 Sazão no meio está, se detiverão  
 As náos, em ir a hũa ilha, que está sete  
 Legoas de Diu, e tõe por nome Bete.

## XLIX.

Tão conhecida foi depois e clara  
 Quanto era antes pequena, e ignota esta ilha,  
 Porque o seu capitão e gente rara  
 A fez no mundo hũa alta maravilha.  
 Aqui a affadigada armada pára.  
 Qual o molhado remo ja ferrilha,  
 Qual iça a entena, qual a vella colhe,  
 Qual faz que o mar o curvo ferro molhe.

## L.

Hum Capitão nest'ilha residia  
 Que d'ElRei de Cambaia foi mandado,  
 Est'era de nação Turco, e a regia  
 Com esforço, prudencia, e grão cuidado;  
 De quasi dous mil homens estaria  
 De diversas nações acompanhado,  
 Ja com temor da Portugueza armada  
 Que no liquido Reino abria a estrada.

## LI.

No mais alto desta ilha se mostrava  
 Hum plano, a que não toca bosque, ou serra.  
 Hũa povoação quasi occupava,  
 A qual hum baixo muro cerca e cerra.  
 O Cunha ao Capitão que a governava  
 Manda que entregue a gente, e a mesma terra,  
 Senão que a verá logo combatida,  
 Onde não ficará nenhum com a vida.

## LII.

O Capitão, a quem nem copia tanta  
 De náos, nem hum exercito lustroso,  
 A fé, nem o valor move, ou quebranta,  
 Ousado lhe responde e valeroso:  
 Que d'hum Principe tal, muito s'espanta  
 Tão esforçado, nobre, e poderoso,  
 Mandar a Capitão, inda que alheio,  
 Que faça hum feito tal, tão torpe e feio.



## LIII.

Qual era com temor da imiga lança,  
Por mais morte que traga, ou crueldade,  
Entregar a bandeira e a confiança  
De seu Rei, a quem deve lealdade ;  
Mas que elle ainda até então tinha esperança,  
Vendo sua nobreza, e dignidade,  
Qu'elle grande louvor e favor dêsse  
A quem a fé devida mantivésse.

## LIV.

Mas vendo o seu poder grande, e temido,  
Se irá, deixando-lhe a ilha despejada,  
Crendo ser o seu Rei disso servido,  
E á terra firme irá fazer morada.  
Armas quer, e as fazendas por partido,  
E a fortaleza só lhe será dada,  
A qual devia ser o movimento  
E a causa principal de seu intento.

## LV.

Este partido então não foi acceito  
Porque o Governador tomar pretende  
A gente, e o metal cavo, a que sujeito  
Está tudo, e que tudo assola e accende ;  
Por ventura cuidou que deste effeito  
O successo de Diu quasi pende.  
Manda-lhes outra vez, que ou se rendão,  
Ou em tornando o Sol se lhe defendão.

## LVI.

Temor de tal resposta não concebe  
 O valoroso Turco, que a honra preza,  
 Que o magnanimo espirito antes recebe  
 A morte, que mostrar qualquer fraqueza.  
 Ja para defender-se s'apercebe,  
 Provê do necessario a fortaleza,  
 Que mostrar covardia lhe he mais forte  
 Que passar por cruel e dura morte.

## LVII.

Mas por não deixar meio, que tentado  
 Não fosse, por salvar a sua gente,  
 Manda ao Governador outro recado  
 Pedindo-lhe que veja bem, e attente,  
 Que pois a Diu vai encaminhado,  
 Digna empreza d'hum animo excellente,  
 Não queira em tão vil cousa embarçar-se  
 Pois nada tõe que possa desejar-se.

## LVIII.

Porque daquillo que elle pretendia  
 Outro nenhum proveito elle alli tirava  
 Senão quebrar o espirito, a ufania,  
 Aos que para hum grão feito então levava;  
 E em perigo tambem quiçá os poria,  
 Porque elle co'os que tõe determinava,  
 Com tanta resistencia defender-se,  
 Que só á morte havia de render-se.

## LIX.

Está immobíl o Cunha, e do adversario  
Engeita este conselho, que atraz digo,  
Tambem dizem que nisto por contrario  
Teve, todo o que lhe era intimo amigo,  
Que lhe diz que deixar lhe he necessario  
Hum feito, de que espera hum grão perigo,  
E proveito nenhum do que pretende,  
Porém nenhum conselho ao Cunha rende.

## LX.

Vendo o Turco hum tão claro desengano,  
E a esperança de todo ja perdida  
De poder evitar tão grave dano,  
E a si, e aos seus salvar com honra a vida,  
Vencido d'hum esforço mais que humano,  
E d'huma opinião nunca vencida,  
Imagina hum estranho raro feito  
Qu'a desesperação lh'accende o peito.

## LXI.

E para effectuar aquelle intento  
Heroico, leal, illustre e nobre,  
Cuja fama voando ao claro assento  
A dos mais raros feitos hoje encobre,  
Faz de todos os seus ajuntamento,  
O que tõe assentado lhe descobre,  
Mas para dar mais força a isto que trata  
Perant'elles a lingua assi desata:

## LXII.

Companheiros fieis, caros amigos,  
 Porque eu tenho ja bem experimentados  
 Os fortes braços e animos antigos  
 De que sempre vos vi acompanhados,  
 Com que ja despresastes mil perigos,  
 Por onde sois no mundo celebrados,  
 Quiz de meu pensamento dar-lhe conta,  
 Porque o forte antes quer morte que affronta.

## LXIII.

O que nisto me faz mais atrevido,  
 E que a fallar comvosco mais m'inflama,  
 He cuidar que tereis ja bem sabido  
 Quanto est'alma vos quer, e vossa honra ama;  
 Pois de tudo em que fui de vós seguido  
 Tirastes sempre gloria, nome e fama,  
 Dá-me isto hũa esperança certa e firme  
 Qu'agora querereis tambem seguir-me.

## LXIV.

Bem vêdes que tentei todos os meios  
 Quantos a honra tentar me concedia  
 Para abrandar aquelles peitos cheios  
 De presumpção, soberba, e d'ousadia;  
 E sempre os tenho achado mui alheios  
 Do que eu, e a rasão mesma lhe pedia,  
 Parece que a vós querem, não a terra,  
 E que vós sois o fim da sua guerra.

## LXV.

Pois, qual ha de vós outros tão amigo  
D'hũa vida tão vil, tão vergonhosa,  
Que queira antes soffrer o jugo ímigo  
D'hũa gente cruel, despiadosa,  
Que passar por qualquer grande perigo,  
Por hũa morte honrada e gloriosa,  
Qu'ao mundo vos fará tão conhecidos  
Quanto o jugo vis, baixos, e abatidos!

## LXVI.

E pois qualquer á morte está sujeito,  
Nem a escusa, por mais que tarde venha,  
Assaz deve á ventura o forte peito  
Quando quer que com honra e nome a tenha;  
O fraco, o para pouco, o sem proveito,  
A vida com deshonra só sustenha,  
Nós de quem a honra he mais que a vida amada  
Vida assaz nos será a morte honrada.

## LXVII.

Porém ja que nós outros alcancemos  
Tal honra, fama, gloria e liberdade,  
Rasão não me parece que deixemos  
Em deshonorado jugo, e crueldade,  
Os paes, as mães, e os filhos que aqui temos,  
Pois he contra direito e humanidade  
Que mouramos nós livres e com honra,  
E elles vivão, captivos, e em deshonra.

## LXVIII.

Possa aqui a honra mais que o amor paterno,  
 Demos a morte a todos cruelmente,  
 Porque será para elles gosto eterno  
 Não vêr que no-la dá a imiga gente,  
 E logo lá no claro e sempiterno  
 Reino, os iremos vêr mais livremente,  
 E nos abraçaremos sem receio  
 De morte, nem deshonra, ou jugo alheio.

## LXIX.

Então vos darão graças, pois honrastes  
 A patria, e a vós, com vossa honrada morte,  
 E porque a vista della lhes tírastes,  
 E os fizestes subir a melhor sorte:  
 Séde agora o que sempre costumastes,  
 Mostrai o vosso braço e peito forte,  
 Sinta aquella cruel gente homecida  
 Quão caro damos sempre o sangue e a vida.

## LXX.

Todos nisto lhe dão consentimento,  
 E nenhum delles ha que o contradiga,  
 Correndo logo vão sem nenhum tento  
 Buscando cada hum a casa antiga;  
 Já o consumidor rôxo elemento  
 Té o Ceo levanta a chamma imiga,  
 Entra em casa o soldado deshumano,  
 Com furor mais que imigo, mais que insano.



## LXXI.

Esconde no materno ventre a espada  
Em que elle andou tambem ja escondido,  
Não detém as paternas cãas a irada  
Mão do filho cruel, embravecido.  
Ó crueldade estranha nunca usada,  
Feito da natureza aborrecido,  
Ja Phalaris cruel, ja o cruel Nero  
Póde ant'estes perder o nome de fero.

## LXXII.

Cahe debaixo do triste ferro duro  
A cara companheira desditosa,  
O tenro filho alli não he seguro  
Que tambem sente a espada rigorosa ;  
Banha-se alli com sangue quente e puro  
O branco lirio, e a purpurea rosa,  
Do bello rosto em torno, ao qual voava  
Amor, e a sua aljava despejava.

## LXXIII.

Nunca em fera, cruel, dura batalha,  
Lá onde odio e furor os braços manda  
Contra o imigo a que cobre arnez e malha  
Tanto sangue houve d'hũa e d'outra banda,  
Quanto dos naturaes aqui s'espalha ;  
Por toda a parte a morte cruel anda,  
Os montes gemem, o ar chora e suspira,  
Só nos humanos peitos dura esta ira.

## LXXIV.

Vê-se por hũa parte grãa revolta,  
 Lagrimas, rogos, dôr, e grandes gritos!  
 Por outra a terra toda estar envolta  
 Em sangue, e corpos mortos infinitos!  
 A carne emfim de todo de si solta  
 Os infelizes, miseros espiritos,  
 Que lá polo ar se queixão descontentes  
 Dos seus antes imigos que parentes.

## LXXV.

Dentro naquella noite, aquella terra  
 Despejada ficou de toda a gente  
 Qu'era fraca, ou inhabil para a guerra,  
 Para os trabalhos mal sufficiente:  
 J'agora dentro nella não s'encerra  
 Senão sómente aquella a quem consente  
 A idade, ou ja não tenra, ou não gastada  
 No peito o duro arnez, no lado a espada.

## LXXVI.

Estes, de tanto mal não satisfeitos,  
 Tudo quanto mais tinhão ajuntarão,  
 Sem ficar alli mais que armados peitos,  
 E áquellas bravas chammas o entregarão:  
 Virão-se em breve espaço alli desfeitos  
 Os bens de cada hum, e só deixarão  
 Para despojo dos Christãos soldados,  
 Armas, e corações desesperados.

## LXXVII.

Não houve então nenhum tão pouco forte  
 Entre aquella infiel gente perdida,  
 Que temendo a futura, certa morte,  
 Que tinham ja bem clara, e conhecida,  
 Ou com desejo d'outra melhor sorte,  
 E conservar mais longo tempo a vida,  
 A Portugueza gente se viesse,  
 E do que lá passava novas dêsse.

## LXXVIII.

Porém ella, que ja se apparelhava  
 Para o que em vindo o Sol fazer pretende,  
 Inda que este recado lhe faltava,  
 Vendo o fogo que lá na ilha se accende,  
 E tal que a terra, e o mar todo assombrava,  
 O que podia ser bem claro entende,  
 Vista a nobre resposta, forte e rara  
 Que o Turco Capitão antes mandára.

## LXXIX.

Tal determinação, e tal braveza,  
 Faz o Governador mais animoso,  
 E logo ordena alli com grãa presteza,  
 Que commetta o prudente, e valeroso,  
 Com gente pola porta, a fortaleza,  
 Grande Heitor da Silveira, que famoso  
 Tanto pudéra ser, quanto o Troiano,  
 Se tivera outro Homero, ou Mantuano.

## LXXX.

E porque alli não val engenho ou manha,  
 Mandou outros fidalgos que alli havia  
 Cujos sangue ennobrece a nossa Hespanha,  
 Diogo da Silveira, e o Sá Garcia,  
 Dom Antonio Silveira, e mais Saldanha,  
 E outros alguns, com gente em companhia,  
 Que por outros logares alli estejam,  
 Porque mais facilmente entrados sejam.

## LXXXI.

Antes que polo cume d'alta serra  
 S'estendesse o dourado raio puro,  
 Com que a nocturna sombra se desterra  
 Que fazia o claro ar sombrio e escuro,  
 Desembarcou a gente toda em terra,  
 E commetteo com furia o imigo muro,  
 Onde todos então fizeram quanto  
 Contar-vos determino no outro Canto.

30

OMENS DE VARRIADO N' ABRIL

## O PRIMEIRO

# CERCO DE DIU.

---

## CANTO II.

---

*Toma-se a Ilha de Bete. O Governador combate a Cidade de Diu, e se recolhe a Chaul. Manda hũa armada que vá fazer guerra á costa de Cambaia. Sultão Baudur pede pazes, vai Simão Ferreira a assenta-las. Declara-se a vida de João de Santiago.*

---

I.

Nunca vi succeder prospero effeito  
Lá onde a obstinação moveo o escudo,  
Porque o saber humano he imperfeito,  
Nem póde hum por si só alcançar tudo.  
Foge a fortuna ao obstinado peito,  
Traz o conselho vai com grande estudo,  
E deste perde ás vezes o cuidado,  
Quanto mais do teimoso e do obstinado.

## II.

Póde-se vêr hum claro desengano  
 Em Terencio Varrão disto que digo  
 Bem á custa do seu sangue Romano,  
 E com que pôz o Imperio em grão perigo :  
 No qual aquelle barbaro Africano  
 Daquella vez fartou seu odio antigo,  
 Emilio o diga, e as mais vidas Romanas,  
 Tu tambem o dirás, funesta Cannas.

## III.

O Lusitano Heitor, á porta imiga  
 Chega, com ferrea luz resplandecente,  
 Não ha nenhum dos seus que não o siga,  
 E tambem que não commetta ousadamente :  
 Trava-se alli cruel e dura briga,  
 Porque a força maior da imiga gente  
 Posta em hum esquadrão naquella parte  
 Do forte Capitão segue o estandarte.

## IV.

Hum por subir então no baixo muro,  
 E por romper a porta outro trabalha,  
 Faz isto não haver logar seguro,  
 Mas perigosa em todos a batalha.  
 Ó fortuna cruel, ó fado duro,  
 Quem ha que contra ti resista ou valha?  
 Guarda-te, forte Heitor, muda esse posto,  
 Porque em mortal perigo ahi estás posto.



## V.

Mas quem ha hi que não esteja preso  
Do que manda o que o Ceo alto governa?  
Desce hum raio de chumbo em fogo acceso  
Lá da parte do muro mais superna;  
Não detém o forte aço o subtil peso,  
Ao valeroso Heitor passa hũa perna,  
Cahe o corpo mortal, que a morte o chama,  
Mas triumpha da morte a eterna fama.

## VI.

Mas antes no salgado senhorio  
Tres vezes escondeo o Sol seu lume,  
Que cortasse o subtil honrado fio  
A Parca, que as mortaes vidas consume:  
Aposentão na terra o corpo frio,  
A alma sóbe lá ao claro eterno cume,  
Com grãa perda da gente Lusitana,  
De que o salgado humor em cópia mana.

## VII.

E feita mais feroz, e mais accesa,  
Co'a grave dôr que lá n'alma a lastima,  
Rompe a porta, dá fim á dura empresa,  
Por mais que lh'o defendem lá de cima.  
Porém acha no Mouro grãa defesa,  
Que tambem a honra mais que a vida estima,  
Porque qualquer parece hum novo Marte  
Em quanto os não entrárão d'outra parte.

## VIII.

Porém depois d'entrados não se rendem,  
 Nem de fraqueza mostram apparencia,  
 Em quanto dura a força se defendem,  
 E vão buscar a morte a competencia:  
 Os mais delles enfim mortos s'estendem,  
 Que não lhes val nenhuma resistencia,  
 E o mesmo logar mortos occuparão  
 Que para defender vivos tomárão.

## IX.

A todo o que escapou das mãos dos nossos  
 (Os melhores dos seus já mortos vendo)  
 Lá polo mais intrinseco dos ossos  
 Lhe foi hum temor frio discorrendo:  
 E para se salvar dos fortes, grossos  
 Esquadrões Lusitanos, recolhendo  
 Se vai, qual por cisterna humida e fria,  
 Qual por furna, ou por cova alta e sombria.

## X.

Hum a que entre hūas pedras tinha dado  
 De salvar-se, o temor grande esperanza,  
 Por hum de seus inimigos foi achado,  
 Que o fez sahir á sanguinosa dança:  
 Acena logo o Mouro co' o terçado,  
 Estende o Portuguez a tesa lança,  
 O ferro por diante nelle encobre,  
 Que por detraz vermelho se descobre.

## XI.

O Mouro, cuja fama agora voa  
Lá pola região clara e superna,  
E co' o metal sonoro o mundo atroa,  
Pola fazer ao mundo sempiterna,  
Pola lança passado, assi se coa,  
Ao imigo cruel corta hũa perna,  
Juntamente na terra ambos s'estendem,  
Juntamente os espiritos ambos se rendem.

## XII.

De meus versos cantado eternamente  
Fôras, illustre Mouro, se meu canto  
Não tivera outro objecto aqui presente,  
De que eu m'ensoberbeço e me honro tanto;  
Que com imaginar nelle sómente  
Até ás claras estrellas m'alevanto,  
Mas a falta da minha, ou d'outra historia,  
Não poderá tirar-te a tua gloria.

## XIII.

Alguns a quem o esforço ainda não falta,  
Por fugirem do jugo Lusitano,  
Qual o ferido cervo corre e salta  
A buscar o remedio de seu dano,  
Sobem logo na rocha que he mais alta,  
E se vão abraçar co' o largo Oceano,  
Onde chegando ja despedaçados,  
Entre os peixes ficarão sepultados.

## XIV.

Os Christãos a triste ilha enfim tomárão,  
 Cessa logo o furor, mitiga-se a ira,  
 Só dous ou tres captivos nella acharão,  
 E as cinzas do que o fogo consumira;  
 O seu primeiro nome lhe mudárão  
 Os mortos, que ella em vão chora e suspira,  
 E de si lhe pozerão o segundo,  
 Co'o qual he conhecida hoje no mundo.

## XV.

Este tão triste fim, tão lastimoso,  
 Do que tão facil antes se cuidava,  
 Mostrou então quanto era proveitoso  
 O conselho que o Turco antes lhe dava:  
 Porque o povo, de si pouco animoso,  
 O alvoroço perdeu, que antes levava,  
 E do animoso Heitor que tanto estima  
 O entristece a grãa falta, e o desanima.

## XVI.

E de tão poucos vendo a valentia,  
 E d'hum logar tão fraco defendida,  
 Julgavão que esperar-se então podia  
 Daquella forte Diu, tão provida  
 De nobre gente e grossa artilharia,  
 Tão famosa no mundo, e tão temida,  
 E sempre vencedora, costumada  
 Mil vezes a sentir a imiga espada.

## XVII.

Tanto que no outro dia Phebo veio  
Banhar-se na de Bete triste praia,  
Parte o Governador sem ter receio,  
Porque com tantas mortes não desmaia.  
Vê-se o mar de navios quasi cheio,  
Revolve-o a chumbada longa faia,  
Estende o nú remeiro os duros braços  
Encolhe-os logo com iguaes espaços.

## XVIII.

E cinco dias antes que o dourado  
Planeta visitasse aquelle sino  
Que no salgado Reino foi gerado  
E no Ceo tem assento alto e divino,  
Surge o Governador, acompanhado  
Do seu nobre apparato, delle dino,  
Meia legua daquella forte e brava  
Cidade, para onde elle navegava.

## XIX.

E vendo-se onde ja desejou tanto,  
Não se quer mais deter hum só momento,  
Logo com diligencia ordena quanto  
Vê que lhe he necessario a seu intento.  
Mas porém antes que entre este meu canto  
No combate cruel, sanguinolento,  
Lhe parece rasão que hum pouco trate  
Do modo e dos logares do combate.

## XX.

Foi o principio então deste apparato  
 Pôrem-se tres bateis em ordenança,  
 Levava o primeiro hum Espalhafato,  
 Qu'a morte envolta em fogo de si lança,  
 O segundo hum Leão, que em desbarato  
 Põe tudo, quanto sua furia alcança,  
 O terceiro outra peça desta sorte,  
 Cruel, ruivadora, grossa e forte.

## XXI.

De mantas e arrombadas vai por cima  
 Coberto cada hum, quanto convinha,  
 Vai por Capitão de hum o forte Lima,  
 O qual Dom Vasco então por nome tinha,  
 De grão preço, valor, de grande estima,  
 A quem perigo ou morte não detinha,  
 E dos que no batel leva comsigo  
 Qual era seu parente, qual amigo.

## XXII.

Leva hum negro estandarte, que em pintura  
 Mostra a triste visão que a derradeira  
 Hora espantosa traz á creatura  
 A que o peccado fez da morte herdeira;  
 Ja com esta pintada e vã figura,  
 Profetisando a sua verdadeira,  
 A qual era tão triste e tão medonha  
 Que não ha quem os olhos nella ponha.



## XXIII.

Aquelle experimentado cavalleiro  
Jorge de Lima vai aquelle dia  
No segundo batel, a quem primeiro  
Ninguem no esforço foi, e na ousadia.  
Levava Tristão Homem o terceiro,  
Cujo animoso espirito e valentia  
Era huma verdadeira testemunha  
Que lhe convinha assaz a sua alcunha.

## XXIV.

Estes grandes bateis (que de tal arte  
Apparelhados vão para este feito,  
Que pudérão fazer em toda a parte  
Tremem a barba ao mais ousado peito)  
Havião de bater o baluarte  
Que da parte do mar estava feito,  
E roto com poder do ferro e fogo,  
Se havião de chegar para elle logo.

## XXV.

Hũa cadeia neste muro afferra,  
Desse duro metal que dá Biscaia,  
Que chega aos baluartes lá da terra,  
E nega ao mareante que entre ou saia,  
Porque do rio a livre entrada cerra:  
Mas chegando os bateis á sua praia  
Hão de largar-lha, para que entre e acuda  
A nossa armada, e possa dar-lhe ajuda.

## XXVI.

Está o Silveira então nobre e esforçado  
 Que o nome tõe do Santo Lusitano  
 Que na grande Lisboa foi gerado,  
 E morto in da houra o povo Paduano,  
 Algum tanto dos muros affastado  
 Para se segurar de todo o dano  
 Que podia fazer-lhe a artilharia,  
 Com trinta embarcações em companhia.

## XXVII.

O grão Cunha, de quem esta ordem pende,  
 Nem deixou de fazer tudo o que lh'era  
 Necessario para isto que pretende,  
 E que era a causa só que alli o trouxera:  
 Lá sobre o baluarte que defende  
 A barra, tres navios pôr fizera,  
 Que com força do grosso bronzo cavo  
 Hum combate lhe dê, áspero e bravo.

## XXVIII.

N'hum, que era hũa galé grande e bastarda,  
 Vai Francisco de Sá senhoreando,  
 N'outro, que era galé real, he guarda  
 Nuno Fernandes Freire, e tõe o mando;  
 Nada Antonio de Sá traz estes tarda  
 Que hũa grande albetoga vai mandando,  
 Todos tres valerosos e esforçados,  
 Todos por suas obras sinalados.

## XXIX.

Sobre outro baluarte (a quem Diogo Lopes, que de Sequeira tõe a alcunha, Deu o nome depois) ordena logo Bem nove embarcações o nobre Cunha, Que co' o pó salitrado envolto em fogo Lhe dem hum grão combate, e nellas punha Seis Basiliscos, onde habita a morte, E outros grossos canhões de toda sorte.

## XXX.

Manoel d'Albuquerque alli apparece Por Capitão em hũa galeaga, Em nada hũa galé desobedece Quanto Jorge Cabral manda que faça. A Manoel de Sousa outra obedece Quando manda, castiga, ou ameaça, Outra faz quanto manda em toda a parte Martim Affonso de Mello Jusarte.

## XXXI.

Nunca nestes entrou algum desmaio, Nem a morte diante causou medo, Vasconcellos Francisco (se bem caio) N'outra galé tõe mando firme e quedo, N'hum batel Vasco Pires de Sampaio, N'outro mandava Henrique de Macedo, N'outro Martim de Freitas senhor anda, Miguel Carvalho hũa albetoga manda.

## XXXII.

Qualquer destes tambem com signaladas  
 Obras, ganhado fama por si tinha,  
 Qu'erão com grande nome celebradas,  
 Nem o invejoso nellas se detinha.  
 Os bateis levão todos arrombadas,  
 E tudo o mais então, quanto convinha  
 Para bem seu, e damno do contrario,  
 Como a cada hum era necessario.

## XXXIII.

Mandou-se a muita parte da outra armada  
 Qu'em outras partes faça outra contenda,  
 E aquella ardente furia arrebatada,  
 A quem força não ha que se defenda,  
 Que o Ceo atroa, os muros torna em nada,  
 Sem hum ponto cessar nellas despenda,  
 Porque estando os inimigos divididos  
 Possão mais facilmente ser vencidos.

## XXXIV.

Em quanto em se ordenar põe tal cuidado  
 O Portuguez mais forte que manhoso,  
 O Mouro não estava repousado,  
 Porque nunca o temor foi ocioso:  
 Tambem lança de si ferro coado  
 O canhão inimigo e furioso,  
 E caminhar com tal furia o constrange,  
 Que a frota (inda que longe) bem abrange.

## XXXV.

Ja Melique Tocão, senhor da terra,  
Antes (como vos ja disse) sabia  
Deste grande aparato, desta guerra,  
Que diante de si agora via:  
Tambem diz-se que dentro logo encerra  
Munições, mantimento, artilharia,  
Armas, gente, e tambem repaira o muro,  
Mas com isto não se ha por bem seguro.

## XXXVI.

O nome Portuguez por si sómente  
Com tão alto temor nelle se assenta  
Qu'esta forte Cidade, e forte gente,  
Nem tudo o mais que forte se apresenta,  
Não podem segura-lo no presente  
Naufragio, que lhe mostra esta tormenta.  
E dizem que a Cidade elle deixára  
Se o que succedeo não lh'o estorvára.

## XXXVII.

Poneo antes que com mostra horrenda e bella  
(Sós oito dias são se não m'engano)  
Sobre Diu colhesse a inchada vella  
O esperto marinheiro Lusitano,  
Hum Capitão fugindo entrára nella  
Que dá obediencia ao Sulimano,  
Rumecão era o nome que elle tinha,  
E lá do rôxo mar fugido vinha.

## XXXVIII.

Dous fortes galeões bem concertados  
 Comsigo em companhia alli trouxera,  
 De gente e munições aparelhados  
 Para qualquer empresa que quizera:  
 Com quanto he grande esforço o dos soldados  
 O do seu Capitão maior inda era,  
 A causa que a fugir agora o incita,  
 Logo (se m'escutaes) vos será dita.

## XXXIX.

Rumecão (se aqui a fama diz verdade)  
 Ou fosse por temor, ou esperança,  
 Ou odio antigo, ou por nova iniuzidade,  
 Porque isto a minha historia não o alcança,  
 Matou Ruez Solimão, sem piedade,  
 Que tinha do grão Cairo a governança,  
 E juntando cubiça a esta crueza  
 Lhe tomou grande cópia de riqueza.

## XL.

E por fugir ao áspero castigo,  
 Com que hum tal crime o tinha ameaçado,  
 Se recolheo a Suez, logar antigo,  
 No Estreito do Mar Rôxo situado.  
 Toma dous galeões alli comsigo,  
 Qualquer delles assaz forte e artilhado,  
 Com favoravel tempo o mar navega,  
 E no tempo que disse a Diu chega.



## XLI.

Onde vendo o temor, e o fraco intento  
 Que Melique Tocão no peito encerra,  
 E a grãa cópia de gente e mantimento,  
 E a forte defensão que tõe a terra,  
 Faltou-lhe em tal fraqueza o soffrimento,  
 Sendo habil, e creado sempre em guerra,  
 A Melique reprende, e toma a empreza  
 De resistir á gente Portugueza.

## XLII.

Com isto que este Turco aqui tõe feito,  
 (Claro signal do seu feroz espirito)  
 Tanto se acreditou, e tão acceito  
 Se fez ante Baudur, que do infinito  
 Seu exercito foi por elle eleito  
 (Como n'outro logar vos será dito)  
 Por Capitão geral, e bem he que ande  
 Traz o grande serviço a mercê grande.

## XLIII.

Perde Melique toda a covardia  
 Que no hospede ha que tõe hum forte escudo,  
 Cobra novo fervor, nova ousadia,  
 E em defender-se põe hum grande estudo.  
 Ja neste tempo para a bataria  
 Apparelhado tõe os Christãos tudo,  
 Com alvoroço vão a esta peleja,  
 Que o forte o mór perigo mais deseja.

## XLIV.

Ja trinta e hum sobre mil e mais quinhentos  
 Annos erão passados, que o Cordeiro  
 Se vestio dos humanos ornamentos  
 Que tõe no Ceo seu Pae Deos Verdadeiro,  
 E deu luz aos mortaes entendimentos;  
 Cinco dias do mez de Fevereiro,  
 Em que reina o verão lá no Oriente,  
 E cá se passa o inverno ao Occidente.

## XLV.

Era então naquella humida e fresca hora  
 Qu'a luz nova as estrellas afugenta,  
 E com raios de prata a fria Aurora  
 Do seu Titon se aparta somnorenta:  
 Do curral salta o manso gado fóra,  
 E das humidas ervas se apascenta,  
 Quando os navios todos se abalarão,  
 E lá onde hão de bater ferro lançarão.

## XLVI.

Qual soe, quando o medonho e furioso  
 Inverno está mais bravo e mais possante,  
 Mostrar o Ceo o raio luminoso  
 E traz elle o trovão grosso e tonante,  
 Retumba o valle, e o monte cavernoso,  
 Desmaia o trabalhado mareante,  
 Cahe o cruel corisco na alta serra,  
 Tudo o que toca abraza, e põe por terra.

## XLVII.

Tal o grosso canhão hoje parece  
Que d'hũa e d'outra parte assaz trabalha,  
O Sol co'o espesso fumo s'escurece  
Em quanto polos ares não s'espalha;  
A frágua de Vulcano a isto obedece,  
Pouco resiste o arnez, menos a malha,  
Qu'este espantoso tom cruel e imigo  
Morte sempre e ruina traz consigo.

## XLVIII.

Ó cruel invenção, ao mundo dada  
Lá onde Lucifer para sempre arde,  
A valentia fôra hoje estimada  
Se acertáras de vir annos mais tarde.  
Ja não val braço forte, ou dura espada,  
Esta iguala o animoso, e o que he covarde,  
Toma ja o arcabuz forte soldado,  
Que sem elle serás pouco estimado.

## XLIX.

Mas o redondo ferro que sahia  
Lá do concavo bronzo Lusitano,  
Com quanto ardendo em fogo e furia hia,  
Faz nos imigos muros pouco dano:  
Mas a armada Christãa grave o sentia  
Do canhão furioso Mauritano,  
Que de fixo logar faz seu serviço,  
E o Portuguez o faz de movediço.

## L.

Os tres bateis então se hião chegando  
 Aos baluartes ja, que defendião  
 O mar e a barra, e vão-nos rebocando  
 As fustas, que diante delles hião :  
 Grãa cópia de pelouros, que atroando  
 Vem todo o mar, e em vivo fogo ardião,  
 Muito antes a encontra-los no mar vinhão,  
 Que cheguem lá, para aonde então caminhão.

## LI.

Nada para detê-los he bastante,  
 Destruem, queimão, rompem, desbaratão,  
 Miseros dos que então achão diante,  
 Porque não se contentão se não matão.  
 Só o animoso Dom Vasco passa ávante,  
 Por mais que lá dos muros mal o tratão,  
 Só chegou ao logar determinado,  
 Mas caro lhe custou ter lá chegado.

## LII.

Não era ainda bem junto áquella parte  
 Onde a morte cruel o ja esperava,  
 Este segundo Heitor, segundo Marte,  
 Quando no ar hum pelouro ja voava,  
 Qu'a torre encontrar vai do baluarte,  
 Com que a parte do mar se segurava,  
 Mas tal a fez alli o esperto Mouro  
 Que recebe sem damno o grão pelouro.

## LIII.

Ja do mar e da terra se não sente  
Senão só da bombardarda a cruel ira,  
Tudo esconde a fumaça negra ardente,  
Encobre o Sol, a vista aos olhos tira.  
O douto bombardeiro diligente  
Não sabe aonde aponta, ou aonde atira,  
Nos navios o ferro e fogo he tanto  
Que causa morte n'huns, n'outros espanto.

## LIV.

Os tres bateis se vem em grande aperto,  
Nem tõe ja quem os chegue, ou os arrede.  
Que fazes, forte Vasco, lá tão perto?  
Deixa agora o que o espirito alto te pede.  
Hum pelouro da terra vem mais certo  
Que os muitos que ella então de si despede,  
Rompe a forte cabeça ao mundo rara,  
E outra tambem que junto della achára.

## LV.

Eterno Rei, benigno e piedoso,  
Que com a tua remiste a nossa morte,  
Porque o espirito antes cego e tenebroso  
Receba luz, e suba a melhor sorte,  
Recebe no teu seio glorioso  
Este teu fiel servó, ousado e forte,  
Que defendendo o teu nome infinito  
Rendeo o valeroso, invicto espirito.

## LVI.

Despois que a Christãa gente neste dia  
 Com grave damno seu em vão trabalha,  
 Deixa de todo a triste bateria,  
 Deixa aquella cruel dura batalha :  
 Qual deixa então no mar a carne fria,  
 Qual das veias sómente o sangue espalha,  
 Os navios em salvo não ficárão  
 Porque os mais, destroçados, escapárão.

## LVII.

Affastados d'alli, com não pequena  
 Perda, segundo a fama hoje pregoa,  
 Manda o Governador içar a entena,  
 Levar ferro, e a Chaul volta a proa :  
 Mas primeiro que parta, manda e ordena  
 Que de navios hũa cópia boa  
 Da sua companhia alli se saia  
 E faça guerra á costa de Cambaia.

## LVIII.

Fica a cruel armada que se aparta  
 Dos que vão a Chaul, com grãa bonança :  
 Nada a detem então que não se parta,  
 Toma do mal passado grãa vingança :  
 De males, damnos, mortes, não se farta,  
 Jamais a espada cessa, nem a lança,  
 Não escapa a mulher, o velho, o moço,  
 Tudo sente o cruel, bravo destroço.



## LIX.

Correm do mar a fralda os Lusitanos,  
Vingão assaz os males seus passados,  
Nem bastão os crueis, primeiros danos,  
Para se haverem ja por bem vingados :  
Durou este odio e guerra bem quatro anos,  
Com que os Cambaios mal afortunados  
A furia Portugueza sentem tanto  
Que só conta-lo causa grande espanto.

## LX.

Todos aquelles grandes senhorios  
Forão sem piedade então corridos,  
Tomão-lhe mil logares, que vazios  
Lhe deixárão de todo, e destruidos :  
Não escapão nos mares os seus navios,  
Tambem aos nossos ficão submettidos,  
Da gente, a que por dita escapou viva  
Não póde alli escapar de ser captiva.

## LXI.

Tanto este mal, tanto este damno crece,  
A tanto chega então a furia imiga,  
Qu' o grão Rei de Cambaia lh' obedece,  
E o seu furôr antigo se mitiga :  
A pedir pazes logo humilde dece,  
Qu' assi a grãa soberba se castiga,  
E Baçaim por esta paz que pede  
Com suas terras e ilhas nos concede.

## LXII.

Fica o Governador assaz contente  
 D'hũas pazes que vem desta maneira,  
 Com que a guerra se acabe, e se accrescente  
 O mando á Lusitana alta bandeira :  
 E para que estas pazes logo assente,  
 Manda que a Diu vá Simão Ferreira,  
 O qual era então da India secretario,  
 Bem provido de tudo o necessario.

## LXIII.

Mas porque em qualquer falta não o tome  
 Da terra a lingua lá, por não sabella,  
 Levou hum, que Joanne tem por nome,  
 E grão conhecimento tinha della,  
 O qual do Santo tõe o sobrenome  
 Que hoje adora a Gallega Compostella :  
 Ouvi-me deste a varia estrella e vida,  
 Que he cousa digna assaz de ser ouvida.

## LXIV.

Este para que a minha histõria pede,  
 Senhores, attenção, seguio a insana  
 Lei primeiro do immundo Mafamede,  
 E nasceo na infiel terra Africana ;  
 Lei que a brutalidade toda excede,  
 Que os seus por si sómente desengana,  
 Mas tanto póde a carne (com seu dano)  
 Que val mais que a rasão, que o desengano.

## LXV.

No mundo foi apenas entrado  
Quando se vio sujeito ao jugo imigo,  
D'entre os braços da chara mãe roubado  
Perde da doce patria o ninho antigo.  
D'alli ao fiel povo foi levado,  
Banhão-no no lieôr sagrado e amigo  
Qu'as culpas lava, enche de graça o peito,  
E põe nas almas ser puro e perfeito.

## LXVI.

O Ceo, que para varia sorte o chama,  
A hum calafate Portuguez o entrega,  
Grão saber, discrição nelle derrama,  
Grande eugenho e agudeza lhe não nega ;  
Grandemente por isto o senhor o ama :  
E depois acontece que navega  
Lá para o Oriental Reino o mar bravo,  
E leva em companhia o seu escravo.

## LXVII.

Nem lá cessa este amor, esta vontade,  
Em quanto d'ar o corpo vivifica,  
E quando a alma mandou á eternidade  
Est'amor por mil provas verifica :  
Pois deixa o amado servo em liberdade,  
E com ella tambem ao servo fica,  
Por morte do senhor, hũa grãa parte  
Do que as suas mãos lhe derão, e a su'arte.

## LXVIII.

Ja a este tempo aquelle que tomára  
 Dos dous do Zebedeo nome e appellido,  
 Da idade pueril que atraz deixára  
 Os tenros annos tinha consumido,  
 Agora na viril idade entrára,  
 E com estudo tal tinha aprendido  
 Quasi as linguagens todas do Oriente,  
 Que dellas usa assaz perfeitamente.

## LXIX.

Depois que a cruel Atropos, e horrenda,  
 De seu senhor cortou o subtil fio,  
 Ajuntando o que pode de fazenda  
 Entra de Bisnagá no senhorio.  
 Nenhum ha que melhor a lingua entenda  
 Daquella terra, e o Rei, que era gentio,  
 Logo por sua audacia o conhece,  
 E dá-lhe entrada em casa, e o favorece.

## LXX.

Este seu favor logo não se acaba,  
 Que co'a lisonjaria se aconselha,  
 E tudo louva a ElRei, nada desgaba,  
 Nunca se lhe para isto nega a orelha.  
 Seus idolos approva, e ritos gaba,  
 E mil vezes ante elles se ajoelha,  
 Tanto favor lhe mostra ElRei por isto  
 Qu'entre os seus mais acceitos era visto,

## LXXI.

Mas como hum cubiçoso e máo conceito  
Não póde muito tempo estar no seio,  
Que Deos ás vezes (que he juiz direito)  
Faz que de se mostrar seja elle o meio;  
Não pode este encubrir tanto o seu peito,  
De maldade e cubiça sempre cheio,  
Qu'antes que muito tempo alli passasse  
Elle por si se não manifestasse.

## LXXII.

D'hũa parte este vicio baixo e immundo  
(Pae de todos, e tronco verdadeiro,  
Qu'a gente pasma, e tõe por sem segundo,  
Mas qualquer em segui-lo he o primeiro,  
Que sempre he falso o bom que mostra o mundo)  
E d'outra hum tal favor n'hum estrangeiro,  
Aborrecido o fez d'outros privados,  
Os quaes d'elle se tõe por acanhados.

## LXXIII.

Este odio, inda que novo, assi crescia,  
Qu'em breve tempo foi maior que antigo,  
Por onde elle, naquelle mesmo dia  
Que o Ceo se lhe mostrava mais amigo,  
E mais alto chegou sua valia,  
Se vio encaminhar para o castigo,  
Que o miseravel corpo no ar levanta,  
E com laço cruel prende a garganta.

## LXXIV.

Esta he do mundo a bemaventurança,  
 (Oh quanto vás, juizo humano, errado)  
 Nisto pára quem põe a confiança  
 No que de si promette hum alto estado :  
 Este triste chegando á mór bonança  
 O sóbem n'hum rocim, e deshonorado  
 O guião para a forca, a qual faz guerra  
 E soe punir os máos naquella terra.

## LXXV.

Ja d'hũa côr mortal coberto o rosto,  
 E a força natural quasi perdida,  
 Chegado estava áquelle triste posto  
 Lá onde o condemnado deixa a vida ;  
 Quando os mesmos a quem elle deu desgosto,  
 E que por elle vírão abatida  
 Sua privança (dôr que as almas cega)  
 O pedirão a ElRei, e não lh'o nega.

## LXXVI.

Torna o misero em si, vive, e respira,  
 Os membros cobrão o calor nativo.  
 Torna a côr ao logar d'onde sahira,  
 Dá-lhe alguma figura ja de vivo :  
 Anda, vê, falla, e cuida que he mentira,  
 Vê-se solto, e inda cuida que he captivo,  
 Co'os olhos o está vendo, e o pensamento  
 Inda cuida que he sonho, ou fingimento.



## LXXVII.

Porém vendo que ja segura tinha  
D'hum perigo mortal a vida chara,  
Temendo que se alli mais se detinha  
A veja n'outro mór que o que passára ;  
Para Goa d'alli logo se encaminha,  
Foge á terra que á morte o condemnára,  
Mas nem socega muito tempo em Goa  
Que logo para Ormuz voltou a proa.

## LXXVIII.

D'Ormuz na branca praia apenas salta,  
Quando o seu grand'engenho, e ousado peito,  
Que com tantos trabalhos não lhe falta,  
O fez a ElRei da terra tão acceito,  
Que privança alcançou logo tão alta,  
Que no Reino por elle tudo he feito :  
A cubiça, que lh'era natureza,  
Fez que logo ajuntasse grãa riqueza.

## LXXIX.

Alli sua bonança ha por segura,  
E que sua fortuna alli socegue,  
Mas como ella ao que pôz na mór altura  
Sempre com maior mal trata e persegue,  
Faz que neste alli foi de pouca dura  
Tudo quanto lhe fôra antes entregue :  
Perde o mando, as riquezas, a privança,  
E quasi de viyer a confiança.

## LXXX.

A causa disto foi, se não m'engano,  
 Saber de certo ElRei que se fizera  
 Este naquella terra hum tal tyrano,  
 Qual Sicilia jamais de si não déra :  
 E outro castigo mór, outro mór dano,  
 Este falso em Ormuz então tivera,  
 Se aquelle Capitão não atalhava  
 Que a Christãa fortaleza governava,

## LXXXI.

Do segundo perigo em salvo posto  
 Deter-se aqui tambem mais, arreceia,  
 Outra vez para Goa volta o rosto  
 Onde seus infortunios remedeia :  
 Em grãa miseria alli, em grão desgosto  
 Passa a vida, de males sempre cheia,  
 Até que co'o tempo outra occasião traga  
 Com que possa curar a nova chaga.

## LXXXII.

Mas o Ceo, que até então lhe fôra vario,  
 De novo bem lhe dá novo desenho,  
 O Governador manda o Secretario  
 Da India, ao que ja acima dito tenho :  
 Santiago vê que necessario  
 Lhe he naquella jornada o seu engenho,  
 Porque a Cambaica lingua bem sabia,  
 Pedio-lhe que o levasse em companhia.

## LXXXIII.

Ferreira o companheiro não engeita,  
 Leva-o por seu Faraute na viagem,  
 E em entrando em Cambaia se aproveita  
 Do seu esperto engenho, e da linguagem:  
 Logo co'o Sultão teve tão estreita  
 Amizade, que a todos fez vantagem,  
 Tal era o seu saber e habilidade  
 Que bastava a ganhar qualquer vontade.

## LXXXIV.

A sua inclinação perversa o incita  
 A que em nenhuma lei firme se assente,  
 Porque tão devoto entra na mesquita  
 Que fez a Mafamede a Moura gente,  
 Como quando o Christão templo visita  
 Que honra a Deos Verdadeiro, Omnipotente:  
 Com igual devoção tambem acode  
 Quando está co'o gentio ao seu pagode.

## LXXXV.

De tal sorte o Sultão se lhe affeioa,  
 Que quando o Secretario se despede  
 Para cortar o mar direito a Goa,  
 Lhe pede que lh'o deixe, e lh'o concede.  
 Logo a sua bonança ao cume voa,  
 E todas as passadas bem excede,  
 Que logo foi em tantas honras posto  
 Quantas soube inventar o amor e o gosto.

## LXXXVI.

A primeira he fazer que elle se veja  
 Com grãa casa, e apparatus soberano,  
 E para a sustentar como deseja,  
 De renda vinte mil pardaos cada ano  
 Lhe tinha dado ElRei, para que esteja  
 Rico, grande, abastado, alegre, ufano,  
 E dous logares, para que mais creça  
 Sua honra, e seu estado se engrandeça.

## LXXXVII.

Nem farto inda com isto o ardente peito  
 Do Rei, a quem hum amor novo então cega,  
 A este, sem mais conselho ou mais respeito,  
 O mando universal do Reino entrega :  
 Tal que aos mais nobres seus, contra direito,  
 Qualquer cargo que tõe agora nega,  
 E para este só quer que se reserve,  
 E tambem de Faraute este lhe serve.

## LXXXVIII.

Porém em quanto o Ceo hum tal estado  
 Tão alto e soberano então lhe dera,  
 Não lhe deu hum aspecto nobre e honrado,  
 Conveniente ao estado em que o puzera :  
 Era de rosto mal afigurado,  
 No qual por mil signaes se via que era  
 Do mal contagioso combatido  
 A quem França tõe dado hoje o appellido.

## LXXXIX.

Mas como nada disto lhe tirava  
A grande discrição, grande eloquencia,  
Qu'o seu mão peito em si dentro encerrava  
Taes, que co'os vicios vão a competencia :  
Aquelle que algum tempo o conversava,  
E disto tinha alguma experiencia,  
Ha que em Principes ficão desculpados  
Que lhe forão ja tão affeiçoados.

## XC.

Em casa deste Rei, que a tanta altura  
D'hum estado tão baixo o alevantára,  
Se mostrou a fortuna de mais dura  
Do que em todas as outras se mostrára :  
Mas como nenhuma ha firme e segura,  
Aqui lhe deu o fim que lhe guardára,  
Digno d'hum infiel, malvado espirito,  
Como espero que ávante seja dito.

## XCI.

Deste não mais, porque he rasão que acuda  
Ao Sultão, que por mim está bradando,  
Pedindo-me que queira dar-lhe ajuda  
Contra o Mogor, que o vai desbaratando :  
Se agora não me falta a minha ruda  
Musa, e o Ceo se me mostra amigo e brando,  
Contar-vos esta guerra, e a causa quero,  
Porém lá no outro Canto vos espero.

## O PRIMEIRO

# CERCO DE DIU.

### CANTO III.

*ElRei dos Mogores faz cruel guerra a Sultão Baudur: declara-se a causa e a origem della. O Sultão manda pedir soccorro ao Governador, e a Martim Affonso de Sousa, Capitão-mór do Mar. E apoz isso manda sua mulher para Judá.*

1.

Quem vio nunca tyranno que tivesse  
Seguro o peito, alegre e repousado?  
Quem vio nunca soberbo que podesse  
Conservar longamente hum alto estado?  
Nenhum destes se vio, a que não desse  
O Ceo hum cruel fim, triste e apressado,  
Porque entenda o soberbo, e o que he tyrano,  
Que se he poderoso, he tambem humano.



## II.

Fálaris, Tamorlão, Mezencio, Nero,  
Que tanto humano sangue derramastes,  
Vós os dous Dionizios, que co'o fero  
Nome só, a Siracusa amedrontastes,  
E os mais de que tratar aqui não quero,  
Que o mundo com cruezas espantastes,  
Dizei, porque se saiba esta verdade,  
Quão pouco vos durou a magestade.

## III.

Alguns houve tambem, que ainda na vida  
Tiverão de seus males o castigo,  
E que a soberba vírão abatida  
Por mais fraco poder, mais baixo imigo:  
Este para que agora vos convida  
A minha historia, mostra isto que digo,  
De que logo vereis a experiencia  
Se me quizerdes dar benigna audiencia.

## IV.

Junto do Caspio mar, contra o Oriente,  
Lá nas partes da Persia interiores,  
Habita hũa animosa e forte gente  
Que tõe inda por nome hoje Mogores;  
Cuja lingua algum tanto he diferente  
Da que se usa entre os Persas moradores;  
Alvos os homens são, brandos, trataveis,  
Domesticos, polidos, conversaveis.

## V.

Manda hum Rei este povo bellicoso,  
 Que Mirahamed Mayam se chama,  
 Tanto d'altas empresas cubigoso,  
 Que sempre a maior busca, esta mais ama:  
 Este esforçado Rei, e poderoso,  
 Algum tanto a Sultão Baudur desama,  
 Por vêr que traz com guerras avexados  
 Alguns dos seus amigos, e alliados.

## VI.

Mandadas d'hũa e d'outra parte tinhão  
 Sobre este caso algũas embaixadas,  
 As quaes como naquelle tempo vinhão  
 De vontades imigas e damnadas,  
 Entr'elles para bem nada encaminhão,  
 Ficão do odio as raizes arreigadas,  
 E por então entr'elles não se sólta  
 Outro mór movimento, ou mór revolta.

## VII.

Porém como o damnado pensamento  
 Quando mais dissimula, mais se accende,  
 E qualquer leve causa, ou movimento,  
 Lhe faz pôr em effeito o que pretende,  
 Não val rasão, não val entendimento,  
 Porque tudo ao furor então se rende,  
 Leve causa bastou para que o peito  
 Acceso, destes Reis, viesse a effeito.

## VIII.

Na Côrte do Mogor então andava  
Hum Senhor de grão preço e grande estado,  
Que Mirizam Hamed se nomeava,  
Com cuja irmã ElRei era casado:  
E entre as mulheres todas estimava  
Esta mais, e lhe he mais afeiçãoado:  
Tão mancebo na idade então seria  
Mirizam, que trinta annos não cumpria.

## IX.

Este, ou que ElRei não faça delle a conta,  
Qual cumpre a seu estado e dignidade,  
Ou levado da mal quieta e prompta  
A cousas novas, sempre mocidade,  
Havendo todavia por affronta  
Mostrar-lhe ElRei desgosto e má vontade,  
Do seu merecimento assaz indina,  
Buscar Senhor alheio determina.

## X.

E sem mais outro tento, só movido  
D'hum furor que a rasão mil vezes tolhe,  
Se o que merece ser favorecido  
Desgosto e semrasões por fructo colhe,  
Mirizam do Mogor parte escondido,  
Para Sultão Baudur lá se recolhe,  
O qual elle em o Mandou então achára,  
Reino que pouco tempo antes ganhára.

## XI.

Foi esta sua vinda recebida  
 Do Sultão, com grãa festa, e com grão gosto,  
 Mas sabendo o Mogor esta fugida,  
 E para onde elle então voltára o rosto,  
 Não pôde dentro em si ter escondida  
 A dôr que recebeo, e o grão desgosto,  
 Forçado lhe he de fóra descobrir-se,  
 Que mal a grande dôr pôde encobrir-se.

## XII.

Arde em odio e desejo de vingança,  
 Manda ao Sultão sobre isto hũa embaixada,  
 A qual o que pretende não alcança,  
 Torna com más palavras affrontada.  
 O Mogor, que não perde a confiança,  
 Mas o esforço e furor lh'a dão dobrada,  
 Lhe repete outra vez, ja menos brando,  
 E palavras tambem duras soltando.

## XIII.

Baudur, que hũa soberba, hũa ufania  
 Têe, e hũa natural furia indomavel,  
 E então era maior, porque sentia  
 Nas guerras a fortuna favoravel,  
 E porque tinha em sua companhia  
 Hum exercito grande e innumeravel,  
 Tal resposta lhe dá, tão solta e feia,  
 Que d'hum baixo e vil servo ind'era alheia.

## XIV.

Não arde tanto a frágua de Vulcano,  
Que de Lênos atroa o valle e o monte,  
Onde por mal d'alguns, por grave dano,  
Tu Pyracmon, tu Steropes, tu Bronte,  
Os coriscos bateis que o soberano  
Jupiter sólta com irada fronte,  
Como arde do Mogor o peito em ira  
Quando a resposta do Sultão ouvira.

## XV.

O terrível aspecto mette medo,  
Nos olhos vivo fogo então chammeja,  
Da lingua o natural uso está quedo,  
Nem póde declarar o que deseja:  
Emfim a sólta, e diz que muito cedo  
Elle mesmo irá, vêr se em tudo seja  
Correspondente o esforço em obra e effeito  
A taes palavras, tão soberbo peito.

## XVI.

Era isto na sazão áspera e dura  
Em que se vê de todo núa a planta,  
Ausenta-se dos prados a frescura,  
A branda Philomena ja não canta;  
O Noto inchado assopra, e a formosura  
Tolhe ao Sol, o mar se incha e se alevanta,  
O manso rio chega a tal grandeza  
Que co'o mar competir quer na braveza.

## XVII.

Porém depois que aquelle tempo torna  
 Brando, suave, alegre, desejado,  
 Em que Flora de novo o corno entorna  
 Com que Alcides se fez tão celebrado,  
 De folha, flôr e fructo a planta se orna,  
 De boninas se esmalta o fresco prado,  
 Torna com novas queixas a triste ave,  
 Favonio sôa então brando e suave.

## XVIII.

Determina o Mogor fazer aballo,  
 Vendo que o bravo rio ja consente  
 Neste tempo que possão vadeallo,  
 Porque isto o detivera tão sómente.  
 Dizem que ajuntou logo de cavallo  
 Trinta e cinco mil homens, sem mais gente  
 Que pelejasse a pé, porque esta terra  
 Só co'os cavallos faz a sua guerra.

## XIX.

Grande caminho passa em poucos dias,  
 Porque a grande ira então o estimulava,  
 Entra ja de Chitor nas frontarias,  
 Reino que então Baudur senhoreava,  
 Onde ajudadas do odio as valentias  
 Fazem guerra qual elle lh'a ensinava;  
 Vinte e cinco mil homens lhe vierão  
 De cavallo aqui, mais do que então erão.



## XX.

Com tão nobre apparato, e sumptuoso,  
Para buscar o imigo se dispunha,  
Com som de quatro pés, rijo e espantoso,  
Pisa ja o verde campo a ferrada unha :  
E como era d'espírito grandioso,  
Nas grandes presas só seu tento punha,  
Polas aldeias passa, e as vê apenas,  
Porque não o detem cousas pequenas.

## XXI.

E como o seu caminho nada impede,  
A trabalhos nenhuns então perdoa,  
Com tal presteza vai, que bem excede  
A presteza de tudo quanto voa :  
E a tanto isto então chega que precede  
Em mil partes a fama que o pregoa,  
E com tanta presteza, e furor tanto,  
De temor toda a terra enche, e d'espanto.

## XXII.

O soberbo Sultão treme e arreceia,  
E a gente que elle manda, e lh'obedece,  
De tal temor fica então cheia  
Que do rosto a côr desaparece :  
E como onde o temor se senhoreia  
Sempre as imigas cousas engrandece,  
Este fez parecer que o Mogor vinha  
Com muito mór poder do que então tinha.

## XXIII.

Este que polos ossos ja corria  
 Daquella multidão tão sem proveito,  
 Lhe fez então não crêr a quem trazia  
 As verdadeiras novas deste feito,  
 Mas antes cada hum delles temia  
 O que então lhe dictava o fraco peito:  
 E assi por verdadeiro aquillo havião  
 Que elles com covardia em si fingião.

## XXIV.

Isto pôz o Sultão em tal cuidado  
 Que lhe roubou de todo o entendimento,  
 Nem a destruição de seu estado,  
 Nem as novas que tõe cada momento,  
 De quão ligeiro vem, quão apressado  
 A busca-lo o Mogor, lhe dão alento  
 Para determinar-se no que lh'era  
 Necessario fazer, e alli o espera.

## XXV.

Mas o ousado Mogor, a que a ira ardente  
 Guiava a hũa vingança rigorosa,  
 Em muito breve tempo, áquella gente  
 Deu de si mostra, horrenda e temerosa:  
 E vendo que passava livremente  
 Por hũa terra imiga, e perigosa,  
 Perde o temor, a furia se lh'esperta,  
 Porque a victoria ja tinha por certa.

## XXVI.

Os que do Sultão seguem o estandarte  
De seiscentos mil paixão, que bastantes  
Pudérão ser de desposar a Marte,  
E de acabar a empresa dos Gigantes:  
Era dos de cavallo a quarta parte,  
E de guerra duzentos elephantes,  
E de peças tambem d'artilharia  
Setecentas no exercito haveria.

## XXVII.

Mas que presta isto tudo para guerra  
Onde o valor os peitos não accende?  
Com tamanho poder Baudur se encerra  
Lá dentro no arraial, nem se defende,  
Qu'assentado está lá junto da serra  
De Mandou; mas o inimigo que pretende  
Acabar o que já hem começára,  
Lá perto do Sultão ja se alojára.

## XXVIII.

Estando este negocio tão diverso,  
Grãa confiança em huns, n'outros receio,  
O Turco Rumeção, máo e perverso,  
Tal que d'outro peor (segundo eu creio)  
Não se tratou jamais em prosa ou verso,  
Tiuha o mando geral, e o mór meneio  
Sobre este grosso exercito e infinito;  
Atraz vos fica delle assaz ja dito.

## XXIX.

Tinha neste o Sultão grãa confiança,  
 Sómente o seu conselho era seguido,  
 Elle só tõe de tudo a governança,  
 Elle he alli sómente obedecido.  
 Mas elle tendo então pouca lembrança  
 De quanto do Sultão tõe recebido,  
 O deixa, quando lhe he mais necessario,  
 E trata de passar-se a seu contrario.

## XXX.

Nem sua ingratição nisto só cessa  
 (O peito, em que o máo nome todo cabe)  
 Antes modo lhe dá, com que a grãa pressa  
 Na serra tome hum passo com que acabe  
 Facilmente o que quer, pois lhe confessa  
 Que por elle só vem (como elle sabe)  
 O mantimento, e o mais que importante era  
 Á gente a quem agora as costas dera.

## XXXI.

Toma-se o passo emfim, faz-se sujeito  
 Rumeção ao Mogor, de que era imigo,  
 Não sente o Sultão nisto mais que o effeito  
 Que sem receio está deste perigo,  
 Tanto isto lhe penetra o fraco peito  
 Que lhe acrescenta em dobro o medo antigo :  
 Temem tambem os seus, porque os senhores  
 Fazem quaes elles são, os servidores.

## XXXII.

Ó baixa, vil e cega covardia,  
Dos sentidos total destruidora,  
Não vê agora esta gente que podia,  
Desarmada, ser facil vencedora,  
Porque o medo entranhavel lh'impedia  
Aos olhos, que não vissem naquella hora,  
Que, em tal desigualdade, era a victoria  
Tão certa, que não dava grande gloria.

## XXXIII.

Porém estes merecem desculpados,  
Pois a senhor tão fraco obedecião,  
E aquelles por quem erão governados,  
E os negocios da guerra então fazião,  
Erão nelles tão pouco exercitados  
Qu'inda as suas espadas mal região,  
Em quem sempre maior temor se encerra  
Que nos que experiencia tõe da guerra.

## XXXIV.

Succede a este temor a dura fome,  
Que nenhuma força ha que não quebrante,  
Faz esta com que a morte a muitos tome,  
E nos vivos o medo se alevante:  
Todo o bruto animal allí se come,  
Não escapa o cavallo ou o elephante.  
Elrei, sem ser do imigo combatido,  
Foge hũa noite emfim, sem ser sentido.

## XXXV.

Tanto que a nova luz resplandecente  
 Ornar de vária còr o mundo veio,  
 Esta fugida soube a sua gente,  
 A qual posta ficou em grão receio ;  
 Porque em quanto o senhor está presente,  
 O servo, inda que tenha o peito cheio  
 De desesperação, d'espanto e medo,  
 Têe contra todo o mal o rosto quedo.

## XXXVI.

Dá novas forças, novo espirito e alento,  
 Dá contra todo o medo resistencia  
 A presença do Rei, que olha com tento,  
 E têe do mal dos seus experiencia.  
 Porém quanto esta dá d'atrevimento,  
 Tanto ás vezes o tira a sua ausencia,  
 O fraco faz mais fraco, e põe no forte  
 Desejo de fugir á cruel morte.

## XXXVII.

Estes tristes depois que a seu Rei virão  
 Com tamanho temor posto em fugida,  
 Longamente por elle em vão suspirão,  
 E têe sua esperança por perdida :  
 Na fugida tambem logo o seguirão  
 Por vêr se poderão salvar a vida,  
 Com grãa fraqueza o campo desampárão  
 Que com tanta soberba alli assentárão.



## XXXVIII.

Ja os grandes arraiaes desamparavão  
Os defensores seus, que os mal defendem,  
Em grandes companhias se ajuntavão  
Os tristes, e por cá, por lá se estendem;  
Não porque assi melhor se asseguravão,  
Mas tal he seu temor, que não entendem  
Que fazem indo assi ser mais formosa  
A presa, á gente imiga e cubiçosa.

## XXXIX.

Vendo os Mogores tal, tão nova gloria,  
Tão prospero successo, e sem perigo,  
Qual nos não representa algũa historia,  
Nem do tempo presente, nem do antigo,  
Não quizerão seguir mais a victoria,  
Deixão fugir em salvo o fraco imigo,  
E vão-se a recolher a rica presa,  
Dar saque ao arraial, ja sem defesa.

## XL.

Achão nelle riquezas escondidas,  
De que hũa quantidade tal havia,  
Que com ellas o insaciavel Midas  
Engeitára o que Baccho offerecia.  
Porque além d'o Sultão alli mettidas  
Ter todas quantas possuia,  
Tinha muitos despojos que tomára  
Em Reinos que adquiríra, e saqueára.

## XLI.

Tambem achárão dentro algũa gente,  
 A quem não se mostrarão rigorosos,  
 Não por ser este imigo hoje clemente  
 A imigos que lhe são tão odiosos,  
 Mas porque o peito de cubiça ardente,  
 Os braços avarentos, cubiçosos,  
 Quando achão cousa que a cubiça farte  
 Não sabem occupar-se em outra parte.

## XLII.

Fique agora o Mogor, colhendo est'alta  
 Presa, que lhe ganhou o forte braço,  
 Vamos traz o Sultão, a quem não falta  
 Nesta sua fugida hum embarço:  
 Dá-lhe azas o temor, já vóa e salta,  
 E chega a Champanel em breve espaço,  
 Cidade que distante está hum grão trato  
 Do logar do seu triste desbarato.

## XLIII.

Porém em sobresaltos mil empeça,  
 Nem este seu caminho em salvo segue,  
 Qu'a fortuna por pouco não começa  
 Contra o que a seu furor está entregue:  
 Não acha o triste aquí quem lh'obedeça,  
 O vassallo o salteia, este o persegue  
 Justo castigo dado ao máo tyranno,  
 Que conheça no seu o alheio danno.

## XLIV.

Huns poucos, que por nome tõe Resbutos,  
E qualquer do Sultão era vassallo,  
Que são na vida quaes alarves brutos,  
Em vez de o consolar, e d'ajudallo,  
Seguindo de ladrões os institutos  
Vão duas ou tres vezes salteallo,  
E desse pouco os seus lhe despojarão  
Que na fugida os miseros salvarão.

## XLV.

Dissimula o Sultão, mostra humildade,  
Que a soberba ante o medo humilde fica,  
Chegando a Champanel com brevidade,  
Alguns logares perto fortifica:  
Mulheres mette dentro na Cidade,  
Mantimentos, com toda a cousa rica,  
Porqu'era forte assaz por beneficio  
Da mestra natureza, e do artificio.

## XLVI.

Aqui dizem que tõe determinado  
Refazer seu poder, pôr-se em defesa,  
Mas o Mogor, que assaz vem apressado,  
No qu'elle determina não dispensa,  
Porque d'elle o Sultão foi salteado  
Com aquella do raio pressa immensa,  
Tudo por onde vai saqueia e doma,  
Nenhum por defender-se a espada toma.

## XLVII.

Baudur, que inda com medo não repousa,  
 Sentindo que o Mogor ja perto lh'era,  
 Sustentar-se contra elle alli não ousa,  
 Que por forte não se ha quanto quizera ;  
 Desampara a Cidade e toda a cousa  
 Rica, e quanto thesouro alli pozera,  
 O qual só nesta pôz innumeravel,  
 Por ser, como ja disse, inexpugnavel.

## XLVIII.

Mas como quanto he astuto e diligente  
 Em adquirir riquezas o avarento,  
 Tanto mais vér logra-las a outrem sente,  
 Nem teve gosto igual a este tormento :  
 E assi a mesma cubiça em que anda ardente  
 Lhe faz com que destrua n'hum momento,  
 O traz que tanto tempo perde o sono  
 Polo não vér em mãos vir d'outro dono.

## XLIX.

Tal foi aqui o Sultão, de quem se disse  
 Qu'hũa cópia de perlas grande e rara,  
 Antes que da Cidade se partisse,  
 Às gastadoras chammas entregára  
 Para que o imigo não as possuísse,  
 Que sempre tão cruelmente o tratára.  
 Mas o mais que ficou foi tão sobejo  
 Que fez perder das perlas o desejo.

## L.

A guarda da Cidade alli encommenda  
Ao mesmo Capitão que antes a tinha,  
Pedindo-lhe de novo que a defenda  
Com o esforço e prudencia que convinha:  
E elle, por não se achar nesta contenda,  
Para Diu d'alli logo encaminha,  
Cidade que he de todas derradeira  
As que arvorão a sua alta bandeira.

## LI.

Deixemo-lo agora ir, porque o receio  
Faz, que não se assegure, ou assocegue:  
Vejamos o Mogor, que todo cheio  
De soberba e ousadia inda o persegue:  
Tanto que a Champanel mostrar-se veio  
Logo sem defensão lhe foi entregue,  
O copioso thesouro, e a mesma terra,  
Com tudo o mais que dentro em si encerra.

## LII.

Aqui vendo que em vão tomar pretendem  
O Sultão, que com azas lhes fugia,  
A roubar polo Reino então se estendem,  
Onde nada este intento lh'impedia.  
Depois que com cubiça não se accendem,  
Porque ja o roubo e a presa os enfastia,  
Usão então d'estranhas crueldades,  
Sem respeitar a sexos, nem a idades.

## LIII.

Outra vez o Sultão m'está chamando,  
 Inda agora o deixei, não sei que diga,  
 Quero torna-lo a vêr, que arreceando  
 Estou, que ha d'estar posto em grãa fadiga:  
 Este apenas a Diu chega, quando,  
 Vendo quanto a fortuna lh'era imiga,  
 Desesperando ja poder salvar-se,  
 Deixar o Reino, e a Meca quer passar-se.

## LIV.

O grão medo a que estava então sujeito  
 Lhe faz com que procure esta fugida,  
 Sem ter a seu estado algum respeito,  
 Nem que deixa com elle a honra perdida:  
 Mas uso he do covarde, e fraco peito,  
 Estimar mais que tudo a torpe vida,  
 Escolhe antes viver sempre em miseria  
 Que dar d'alto louvor larga materia.

## LV.

Trabalhando o Sultão com grão cuidado  
 Por dar execução a seu intento,  
 Lhe foi d'alguns vassallos estorvado,  
 Que temem mais que a morte o abatimento:  
 Vendo-se de fugir desesperado,  
 Dá á vontade dos seus consentimento,  
 Mas a sua de todo não estava  
 Isemppta, do que agora imaginava.



## LVI.

Porém por mais rasões que então lhe déra,  
Por mais que sua gente o segurára,  
Acabar-se com elle não pudéra  
Qu'isto que elle hũa vez em vão tentára  
A pôr emfim por obra não viera  
Se o Mogor de segui-lo não deixára,  
Do qual quando sómente o nome ouvia  
Ao corpo o sangue, ao rosto a côr fugia.

## LVII.

E porque elle á tenção que tõe no seio  
Este ultimo remedio se promette,  
Armar dous galeões com pressa veio,  
E outros navios mais, com que fez sette:  
Dizião que tres contos d'ouro e meio  
Logo em dinheiro dentro nelles mette,  
Com pedraria tal, tão ricas joias,  
Qu'enriquecer pudéra muitas Troias.

## LVIII.

Mette o rubi purpureo, a azul safira,  
Verde esmeralda, e branco diamante,  
Que qualquer a muito ouro o valor tira,  
Qualquer de grande preço está diante:  
Aqui põe sua mulher por quem suspira,  
Por quem arde d'amor, que do possante  
Rei de Deli era filha, e vencedora  
Fôra em Ida, se lá a quarta fôra.

## LIX.

Pôde tanto esta rara formosura  
 Naquelle de si fero e cruel peito,  
 Que a força natural, co' o uso mais dura,  
 Venceo nelle, e da sua o fez sujeito.  
 Armas são de que amor usa, a brandura  
 D'huns bellos olhos, d'hum suave aspeito,  
 Com que vence a invencivel fortaleza  
 Do longo uso, e da mesma natureza.

## LX.

Mas vendo-se apartar, ficar ausente,  
 Daquella que a vontade lhe levava,  
 Daquella com quem só era contente,  
 Sem quem inda o mór gosto o atormentava,  
 Arrancando hum suspiro triste e ardente  
 Lá do centro do peito, a que abrazava  
 Hum grão fogo d'amor, e saudade,  
 Com que cada hora mais rende a vontade :

## LXI.

Pondo os olhos naquelles d'onde nasce  
 Na su'alma hũa luz mais que a do dia,  
 Naquelles olhos onde elle a alma paze  
 Do gosto que hum amor bem pago cria ;  
 Vendo que na purpurea branca face,  
 A quem a rosa e a neve obedecia,  
 Hũa agua saudosa está estillando  
 Qu'inda mais que o seu fogo o está abrazando :

## LXII.

He possivel (lhe diz) hum só meu gosto,  
 Hum só amor meu, hum só contentamento,  
 Que pois todo meu bem em ti está posto,  
 De mi nasça este triste apartamento?  
 Como ousou eu hoje a ti voltar o rosto,  
 Se eu causo hoje esse meu e teu tormento?  
 Ou como antes não quiz perder a vida,  
 Que sentir esta triste despedida?

## LXIII.

A quem me queixarei do grave dano  
 Que ficará comigo de contino,  
 Se quando eu sou comtigo mais ufano  
 Então de ti apartar-me determino?  
 Se eu mesmo contra mi sou deshumano,  
 Quem me poderá ser brando ou benino?  
 Inda isto ajuda mais a atormentar-me,  
 Qu'em meu mal só de mi posso queixar-me.

## LXIV.

Porém o mal que em mi tõe maior parte,  
 O que esta alma mais sente, e o que mais chora,  
 He vêr que com razão pódes queixar-te  
 De quem morre por ti, de quem te adora;  
 Pois sendo minha gloria contentar-te,  
 Eu te obrigo a lançar dos olhos fóra  
 Essa agua que a mi, mais que a ti maltrata,  
 Pois a ti só faz triste, a mi me mata.

## LXV.

E se eu vivo sómente de querer-te,  
 Se do teu gosto só meu gosto pende,  
 Se fazer-te a vontade, e obedecer-te  
 He o que em maior gosto est'alma acende;  
 Vendo eu por minha causa entristecer-te,  
 Como ao teu gosto est'alma se não rende?  
 Quem me fez hoje ter tanta crueza,  
 Que possa al em mi mais que essa tristeza!

## LXVI.

Mas baste ser-me dura e esquiva a sorte,  
 Não me sejas tambem tu dura e esquiva,  
 Que pois em ti só tenho a vida e a morte  
 Forçado he que por ti só moura e viva:  
 Cuida que por fugir a hum mal mais forte  
 Se offreceo esta alma a ti captiva,  
 A soffrer este mal da tua ausencia  
 Que me consume o siso, e a paciencia.

## LXVII.

Bem vejo eu, amor meu, quão trabalhosa  
 Vida farei sem ti, se acaso dura,  
 Que se a tenho, ou se me ella he deleitosa,  
 Effeitos são de tua formosura:  
 Mas vejo a minha sorte, d'invejosa  
 Do meu contente estado, e alta ventura,  
 Tão dura contra mi, que vou cuidando  
 Qu'em triste estado o quer ir transtornando.

## LXVIII.

Ordena que hum cruel, soberbo imigo,  
Em perseguir-me tanto, dure e insista,  
Que nos meus Reinos ja não tenho abrigo,  
Nem forças, ou poder que lhe resista:  
E por eu não vêr posta em tal perigo  
A quem vida me dá só com a vista,  
Ordeno esta mortal, cruel partida,  
D'onde espero melhor gosto e melhor vida.

## LXIX.

Irás, meu bem, irás lá, onde espero  
Que mui cedo tambem serei presente,  
Mas não irás sem mi, que o que t'eu quero  
Faz ir contigo est'alma juntamente:  
E em me dando logar o imigo fero  
Irá o corpo buscar a alma contente,  
Que nunca se apartou hum só momento  
De quem he todo seu contentamento.

## LXX.

Quietamente então satisfaremos,  
Apezar da ventura, e de meu fado,  
Este bem, e este gosto que perdemos,  
Com dobrado outro bem, gosto dobrado:  
Com tal certeza em tanto poderemos  
Soffrer a saudade, e o triste estado  
Em que a ambos nos tõe posto hũa lembrança,  
Que o mal fa-lo soffrivel a esperança.

## LXXI.

Ja agora estas palavras mal podia  
 Declarar o Sultão, que a larga e grossa  
 Veia, que dos seus olhos lhe corria,  
 Lhe faz, que a lingua então mal mover possa.  
 A namorada esposa, em quem fazia  
 Muito mais impressão, muito mais mozza,  
 O mal que em seu esposo estava vendo,  
 Qu'a grave dôr que estava ella soffrendo.

## LXXII.

Pregando nelle os olhos, que bastavão  
 Render a mais agreste alma, e mais ruda,  
 Inda estilando perlas, que dobravão  
 O amor ao que em ama-la só estuda;  
 Detendo-se hum espaço, em quanto davão  
 As lagrimas logar á lingua muda,  
 Em meio d'hum suspiro saudoso  
 Desta sorte responde ao charo esposo :

## LXXIII.

Esposo charo meu, mais que esta vida,  
 Mais que estes olhos meus com que te vejo,  
 Não me tenhas por tão mal entendida,  
 Que não entenda bem, que o grão desejo  
 Que tês de me não vêr offerecida  
 A hum perigo mortal, a hum mal sobejo,  
 Faz que hoje contra mi sejas tão fero,  
 Porque isso te merece o que t'eu quero.



## LXXIV.

Bem vejo que a rasão que a isto t'obriga  
Procede só d'amor, não d'outra parte,  
Porém que esperas tu que faça, ou diga,  
Quem vive de te vêr, e ha de deixar-te?  
Por muito que a ventura me persiga,  
Pois quiz que minha gloria fosse amar-te,  
Que outro mal póde dar-me, ou que tormento  
Que se iguale com este apartamento?

## LXXV.

Se contigo hei de ter perigo, ou morte,  
Sem ti peor morte espero, ou mór perigo,  
Pois sem ti o menor mal me será forte,  
E o maior me será brando contigo.  
Assi que então terei mais dura a sorte,  
Então me será o fado mais imigo  
Quando sem ti me vir em salvo posta,  
Qu'então a mór perigo estou disposta.

## LXXVI.

Mas pois com esta ausencia seguramos  
Este grão bem que aqui em risco temos,  
Rasão será que hum breve mal sofframos  
Para que longamente o bem logremos:  
Vamos agora traz o que esperamos,  
E este bem duvidoso aventuremos  
Por ter hũa segura alta bonança,  
Enganemos embora esta esperança.

## LXXVII.

Eu irei, amor meu, porém presente  
 Comtigo fica est'alma, e a liberdade,  
 E em meio desta ausencia irei contente  
 Pois te pude fazer nisto a vontade:  
 Mas muito mais o irei, pois brevemente  
 Satisfarei comtigo a saudade  
 Que de ti nesta tua alma se assenta,  
 Se tanto como a mi te ella atormenta.

## LXXVIII.

Mil soluços tambem d'amor nascidos,  
 De todo a voz e a lingua então lh'atárão,  
 Que os que em igual amor erão unidos  
 Tambem nas mostras d'elle se igualárão:  
 Assi mais que nunca hoje ambos rendidos,  
 Ambos logo a partida apparelhárão,  
 Porque a esperança então forças lhe dava  
 Com que soffrão hum mal que a ambos matava.

## LXXIX.

E á riqueza que disse e grão thesouro  
 A esta mulher com quem o gosto lhe hia,  
 E estima mais que pedraria e que ouro,  
 Por guarda o Sultão deu, e companhia,  
 Hum, não sei se he Gentio, Turco, ou Mouro,  
 Mas de quem elle muito se confia,  
 Acefarcão, por nome este se chama,  
 Capitão que mais présa, e que mais ama.

## LXXX.

Manda-lhe que a Judá se vá direito,  
 Cidade das melhores que elle tinha,  
 Situada do Rôxo Mar no Estreito,  
 Lá da parte que a Arabia lhe he visinha;  
 E aqui esteja, em quanto elle o seu conceito  
 Por recado, ou por si mostrar lhe vinha.  
 Mas ja que se elle agora não despêde,  
 Vejamos polo Reino o que succede;

## LXXXI.

Em quanto por salvar esta riqueza  
 E a mulher, o Sultão assi trabalha,  
 Não cessa do Mogor a alta crueza,  
 Por tudo quanto vê, cruel s'espalha:  
 Dos seus o que escapou a esta braveza,  
 E só a fugida espera que lhe valha,  
 A Diu se recolhe em tempo breve,  
 Onde estar o Sultão por novas teve.

## LXXXII.

Porém nenhum a Diu se recolhe  
 Para ajudar seu Rei n'hum mal tão duro,  
 D'onde hum tão alto título se colhe  
 Que faz resplandecer o mais escuro.  
 Mas porque o rudo povo sempre escolhe  
 O logar por mais forte e mais seguro  
 Onde o seu Rei está, ainda que seja  
 Ao revez do que cuida e que deseja.

## LXXXIII.

Desejo de salvar a inutil vida,  
 Que salvar não espera ja d'outra arte,  
 Não sómente a qualquer destes convida,  
 Mas constrange, a se vir para esta parte,  
 Aqui o que nunca a espada vio cingida  
 Está, e o que seguio sempre o fero Marte,  
 Porque he tal o temor por toda a terra  
 Que sobrepuja todo o uso da guerra.

## LXXXIV.

Depois de ser entr'elles consultado  
 O modo com que o Reino se salvasse,  
 Foi por todos ElRei aconselhado  
 Que naquella Cidade signalasse  
 Logar ao Portuguez, imigo ousado,  
 Onde hũa fortaleza edificasse,  
 A qual deseja tanto, que está certo  
 Ajuda-los por ella neste aperto.

## LXXXV.

O que deu a este voto mór vehemencia,  
 Com que ficárão delle satisfeitos,  
 Foi, terem ja hũa larga experiencia  
 Daquelles Lusitanos fortes peitos,  
 Que n'outrem nunca achárão resistencia,  
 Antes todos aos seus forão sujeitos,  
 Nem cuidão que outrem dê tão brevemente  
 Nem hum soccorro igual ao desta gente.

## LXXXVI.

E como o auno ja d'antes tinha feita,  
O Sultão hũa paz, qual tenho dito,  
E para ser mais firme e mais perfeita  
Deu o que ja vos fica atraz escripto:  
O conselho dos seus approva e acceita,  
Porque lhe representa o fraco espirito,  
Que a nova fortaleza, e a paz antiga  
Lhe fará a Christãa gente mais amiga.

## LXXXVII.

Mas porque o effeito disto não detenha  
D'onde espera ser posto em liberdade,  
Que vá hum Embaixador logo desenha,  
Qu'ao grão Cunha descubra esta vontade,  
E lhe pessa que a Diu logo venha,  
Co'o mór poder que possa, e brevidade.  
Mas comtudo a rasão não lhe descobre  
Qu'então o constrangeo a ser tão nobre.

## LXXXVIII.

E por se segurar melhor da morte,  
Ou d'hum mal que tal medo nelle punha,  
Manda a Martim Affonso, varão forte,  
Que dos illustres Sousas tõe a alcuha,  
Outro recado então da mesma sorte  
Qual fôra o que mandára ao grande Cunha;  
O qual Sousa em Chaul então estava  
E por Capitão-mór do mar andava.

## LXXXIX.

Com quanto o grão temor tanto o captiva  
 Que o fôrça a se valer dos que desama,  
 Não torna' atraz, comtudo nelle aviva  
 Amorosa, cruel, ardente chama;  
 Antes cada hora mais nelle se aviva,  
 Cada hora mais o acende, mais o inflama,  
 Co'a lembrança da triste despedida  
 De quem lhe dá co'a vista gosto e vida.

## XC.

Cresce com isto a dôr, cresce o tormento,  
 Cresce daquella triste hora o receio:  
 Mas entendendo que este apartamento,  
 Inda que agora o mata, lh'era meio  
 Para ter depois mór contentamento  
 De tristes sobresaltos sempre alheio,  
 Basta isto, inda que assaz suspira e geme,  
 Para acabar comsigo o que mais teme.

## XCI.

Despois que despedio aquelle que hia  
 Ao Cunha Embaixador, como atraz digo,  
 Não quer que se dilate mais hum dia  
 O remedio do seu maior perigo:  
 E inda de si pasmado, porque via  
 Que podia acabar isto comsigo  
 Pondo a culpa ao temor e á esperança,  
 Quer que o seu bem se parta sem tardança.



## XCII.

Fazendo apparelhar aquelles sette  
Navios, que atraz disse a historia minha,  
Tudo em grande abastança nelles mette  
Quanto para a viagem lhes convinha :  
Chamando Acefarcão, a quem commette  
Hum thesouro que em tanto preço tinha,  
D'encommendar-lh'o hũa e outra vez não cessa,  
Ajuntando a mercê, e inda a promessa.

## XCIII.

Com mercês feitas, e outras que offrece,  
O seu charo thesouro lh'encommenda,  
Porque o peito leal, que bem conhece,  
Em maior lealdade assi o acenda :  
Mas porque isto inda pouco lhe parece,  
Para que Acefarcão melhor entenda  
Que cousa esta he que só delle fiava,  
Tambem estas palavras lh'ajuntava :

## XCIV.

Fiel Acefarcão, não só sujeito  
Levas á tua antiga lealdade  
Todo o meu gosto, e bem puro, e perfeito,  
Mas a vida tambem, e a liberdade :  
Só fio isto de ti, pois do teu peito  
Ja conhecida assaz tenbo a verdade,  
Bem descansado fico, e bem seguro,  
Que no que importa mais serás mais puro.

## XCV.

Acefarcão, que bem via a grandeza  
 Do que EIR*o*i fia delle, lhe responde:  
 Senhor, pois confessastes que a certeza  
 Do meu peito ja não se vos esconde,  
 Hei que será escusado, antes rudeza  
 Será minha querer-me abonar, onde  
 As obras de tal sorte me abonarão  
 Qu'a confessar-mo vós, vos obrigarão,

## XCVI.

Vejo que esta mercê foi de mór preço  
 Que quantas de vós tenho recebido,  
 Mas o que eu sei de mi, e vos mereço,  
 Me faz crêr que isto a mi só he devido,  
 Do que eu nisto confesso que conheço,  
 Deveis vós entender quão bem servido  
 Sereis nisto de mi, pois posto vejo  
 Em nová obrigação o meu desejo.

## XCVII.

Algum tanto descansa, e se assegura  
 O namorado Rei, quiçá cioso,  
 Que não sei se aquella alta formosura  
 O faz de Acefarcão ser duvidoso.  
 A partida porém logo procura  
 Tão largo em qualquer cousa e curioso,  
 Que não se satisfaz, ou determina,  
 Pois sempre novas cousas imagina.

## XCVIII.

E assi d'honra e d'amor estimulado  
Faz com tal apparatus esta partida,  
Qual convinha ao grão prego, ao grande estado  
Daquelle com quem manda o gosto e a vida:  
E vendo elle ja tudo apparelhado,  
E que á partida o vento as náos convida,  
Manda-as ir o outro dia naquella hora  
Que deixa o bello esposo a bella Aurora.

## XCIX.

Aquelle espaço todo que desprega  
Polos ares a noite o negro manto,  
Qualquer dos dous amantes não se entrega  
Ao devido repouso, usado tanto;  
Antes o doce somno aos olhos nega  
Occupados d'hum triste e largo pranto,  
Os peitos o frio ar que estão bebendo  
Tornão logo a lançar em fogo ardendo.

## c.

Em meio d'agua e fogo, sempre vivos,  
Pois então cada hum o outro accrescenta,  
Os amantes cada hora mais captivos  
Passão esta amorosa, alta tormenta:  
Porém entre accidentes tão nocivos  
(Tanto o vêrem-se juntos os contenta)  
Desejando inda estão que se detenha  
O Sol mais do que soe, ou que não venha.

## CII.

Mas como aviva nelle isto que via  
 Os despresos do seu amado Louro,  
 D'invejoso, hoje mais do que sohia  
 Se apressa a descobrir os raios d'ouro:  
 Qualquer dos dous amantes, a que o dia  
 Obriga a se apartar do seu thesouro,  
 Mostra com novo pranto, nova queixa,  
 Quão caro a cada hum custa o que deixa.

## CIII.

Apartados emfim, como pudérão,  
 Logo a partida vão apparelhando;  
 Oh quantas vezes ambos maldisserão  
 O vento, porque lh'era amigo e brando:  
 Porque inda que desta ida ambos esperão  
 Segurar este bem que estão passando,  
 Vêr inda algũa cousa desejavão  
 Que dilate isto que ambos procurayão.

## CIII.

Porém como então tudo favorece  
 Aquelle ultimo seu apartamento,  
 O Ceo sereno, o Sol claro apparece,  
 Brando e quieto o mar, prospero o vento;  
 Vendo que quanto mais tardão, mais crece  
 Da triste despedida o grão tormento,  
 Ajudados das forças da esperança,  
 Fazem lá para as náos logo mudança.

## CIV.

Onde chegando os dous algum espaço  
Em se darem esforço ambos gastarão,  
Mas com tal dôr, e amor, que os peitos d'ago,  
E os mais duros penedos abrandarão:  
Dando-se ambos enfim o ultimo abraço,  
Co'os olhos sempre hum no outro se apartarão,  
Ella na ornada camara se encerra,  
Elle outra vez se torna para a terra.

## CV.

Eis logo o marinheiro diligente  
Qu'isto esperava só, isto o detinha,  
Levantando do mar o ferreo dente,  
Faz a vella cabir, que presa tinha:  
Ja o vento amigo a fere brandamente,  
Ja corta a proa aguda a onda marinha,  
Ar, agua e terra os dous hoje apartava,  
Que o fogo apesar delles ajuntava.

## CVI.

Bandur, que cá na praia estava posto,  
Vendo soltar ao vento a larga vella,  
Qu'apartando lhe vai todo seu gosto,  
A angelica, suave, vista bella,  
Não póde d'alli mais voltar o rosto  
Em quanto tõe os olhos vista della;  
Mas co'a alma que lá lhe manda entregue,  
Depois que a vista falta, sempre a segue.

## CVII.

Depois que ja lá em vão vai estendendo  
 A vista, ja de novo arde e suspira,  
 E ja desenganado, recolhendo  
 Se vai, para o logar d'onde sahira :  
 Mas inda á saudade obedecendo  
 De quando em quando ao mar os olhos vira,  
 Inda quiçá cuidando que podia  
 Vêr, o que vira ja, que ja não via !

## CVIII.

As náos ja naquella hora, que ajudadas  
 D'aquelle a quem os ventos mais temião,  
 Com grãa pressa cortavão as salgadas  
 Ondas, que ao Rei marinho obedecião,  
 Do amado porto vão tão affastadas  
 Que nenhuns olhos já vê-lo podião,  
 Com quanto alguns as náos tambem levavão  
 Que saudosos lá se encaminhavão.

## CIX.

O suave almo Zefiro que agora  
 Inchando as vellas vai co'o sopro brando,  
 Sentindo lá os suspiros tristes fóra  
 Qu'a namorada esposa vai soltando,  
 E o lamentavel tom que ella chóra  
 A ausencia do que a vai acompanhando,  
 Movido a compaixão, e a piedade,  
 Determina saber disto a verdade.



## CX.

Entra invisivel lá no rico e ornado  
 Aposento, onde as queixas tinha ouvido,  
 Mas apenas lá dentro foi entrado  
 Quando d'entrar lá foi arrependido.  
 Mas sinto-me eu tão rouco e tão cansado,  
 Que cuido que sou ja mal entendido,  
 Consenti que descanse aqui algum tanto  
 Porque com clara voz me torne ao Canto.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO IV.

*Zefiro chega onde está ElRei Eolo, e lhe pede favor para roubar a Rainha. As náos em que ella vai, depois de hũa grande tormenta, chegão a hũa Ilha não conhecida. O embaixador do Sultão chega a Goa, e torna a Diu com a resposta do Governador.*

I.

Desejo he natural a todo peito,  
A que com grão trabalho se põe freio,  
Entender o secreto alheio feito,  
E (se tambem ser póde) o peito alheio.  
E quanto d'hũa parte a isto he sujeito,  
Tanto d'outra procura d'achar meio  
Com que encuberto nelle a todos seja  
O que em todos saber elle deseja.

## II.

Sujeição he, que pôz a natureza  
 Ao peito que he mortal, ser avarento,  
 E desta sujeição, desta avareza  
 Não vêmos escapar hum entre cento.  
 Nem sómente dos bens e da riqueza,  
 Mas também do segredo e pensamento  
 Faz a avara intenção, a que está entregue,  
 Que qualquer busque o alheio, e o proprio negue.

## III.

Mas o alto Rei, Eterno e Soberano,  
 Que de tão más tenções foi sempre imigo,  
 Faz com que este avarento peito humano  
 Elle mesmo por si tome o castigo;  
 E procurando o alheio, ache seu dano,  
 Com grão trabalho seu, com grão perigo,  
 Mil exemplos para isto accumulára,  
 Mas o que hei de cantar bem o declara.

## IV.

Zefiro, a que hum desejo grande acende  
 De saber o segredo do que ouvia,  
 Invisivel entrou lá onde entende  
 Qu'a verdade saber disto podia:  
 Porém de ter lá entrado se arrepende,  
 Porque em entrando vio o que não cria  
 Que o Ceo para outro effeito então creasse  
 Senão para que os livres captivasse.

## V.

Vio aquella não vista formosura  
 Que os suspiros cada hora mais aviva,  
 Vio por neve correr hũa agua pura  
 Que dos formosos olhos se deriva:  
 D'alli cuida que Amor sólta a mais dura  
 Setta, com que o mais duro mais captiva,  
 Alli cuida que proprio e devido era  
 O louvor que a outrem dão Gnido e Cithera.

## VI.

Pouco a pouco esta vista assi o enternece,  
 Que a liberdade ja lhe desbarata,  
 Olhando para si se não conhece,  
 Conhece dentro o Amor que mal o trata.  
 Mil vezes se quiz ir, mas lhe parece  
 Impossivel deixar a quem o mata,  
 O gosto do que vê o detem, onde  
 Mór fogo cada vez no peito esconde.

## VII.

Hum grande espaço esteve contêmplando  
 Isto que apenas crê tendo-o presente,  
 Cada momento mais accrescentando  
 As forças do amoroso fogo ardente.  
 Algum tanto porém em si tornando  
 Quer resistir ao mal que n'alma sente,  
 Mas tõe-lh'elle ja tão rendido o peito  
 Que quanto mais resiste he mais sujeito.

## VIII.

Mostra-lhe o triste estado em que está posto  
Isto que tõe de si bem entendido,  
Mas muito mais lh'o mostra o grande gosto  
Que sentia de vêr-se tão rendido.  
Bem vê que se d'aqui não muda o posto,  
Além de ser cada hora mais perdido,  
Perderá a occasião que o tempo dava  
De dar remedio ao mal que o atormentava.

## IX.

Tanta força lhe dá esta esperança  
Que novamente em si tõe concebida,  
Que o forçou a deixar sem mais tardança  
A vista por quem morre, e lhe dá a vida.  
D'aqui com grande pressa faz mudança  
Lá contra Strongile, Ilha conhecida  
Entre as Vulcanias sete, e celebrada,  
Porque Eolo alli faz sua morada.

## X.

Aqui n'hũa profunda cova escura  
Os inquietos ventos encerrados  
Jupiter pôz, e com bem forte e dura  
Prisão, a todos tõe presos, e atados:  
E para que inda possa mais segura  
Mente alli seus furores ser domados,  
Lhe pôz tambem hum grande monte em cima,  
E hum Rei lhes deu q̃ os mande e q̃ os reprima.

## XI.

Elles com grão ruido e estrondo horrendo  
 Sempre em torno da porta estão bramando,  
 Eolo, a quem o padre alto e tremendo  
 Deu sobr'elles o sceptro, deu o mando,  
 Os está d'hũa torre alta regendo,  
 Seus impetos e furias temperando,  
 E de tal sorte o temem e venerão  
 Que por elle s'enfreião, ou se alterão.

## XII.

Zefiro, a quem o amor hoje accrescenta  
 A sua natural velocidade,  
 A grãa pressa que leva inda ha por lenta,  
 Tanto o vai apertando a saudade;  
 Por onde em breve espaço se apresenta  
 Perante aquelle, a cuja magestade  
 Elle e os mais ventos dão obediencia,  
 E lhe faz a devida reverencia.

## XIII.

Logo desta arte a lingua sólta ousado,  
 Qu'Amor dá para tudo atrevimento:  
 Eterno Rei, a quem no Ceo foi dado  
 Dos ventos o poder, e o regimento,  
 Porque eu sei que de ti foi sempre usado,  
 Antes foi sempre teu contentamento  
 Dares favor ao teu que d'elle tinha  
 Necessidade, o pesso eu para a minha.



## XIV.

Lá na parte onde o Sol d'entr'Oceano  
Sólta o primeiro raio matutino,  
Hum tal parecer vi, tão sobrehumano,  
Que não creio que haja outro mais divino:  
Para meu mal o vi, para meu dano,  
Pois lhe sou tão sujeito, que imagino  
Que se não dou remedio a mal tão forte  
Começará nos teus ter mando a morte.

## XV.

Deixei-a, que com curso vagaroso  
O Reino de Neptuno cortando hia;  
Ja que Boreas te achou tão piedoso  
Quando o amor o abrazava d'Orithia,  
Não queiras a mi só ser rigoroso,  
Pois outro fogo mór em mi se cria,  
Nem queiras que Cupido s'engrandeça  
De fazer que o que he teu a elle obedeça.

## XVI.

Consente que Noto, Africo e Levante  
Me dêem nisto o remedio só que tenho,  
E que comigo passem tanto ávante  
Que vão lá ter á parte d'onde eu venho,  
E fação lá que o mar s'inche e levante,  
E que a seu pesar volte a proa o lenho  
Em que vai meu bem todo, e vá direito  
Qnd'eu quietar possa o acceso peito.

## XVII.

Traz isto o humor dos olhos mal enfreia,  
 E do peito o suspiro triste e ardente ;  
 Eolo, a quem a bella Deyopeia  
 Quicá faz entender o que este sente,  
 De piedade então tendo a alma cheia  
 No que lhe pede Zefiro consente,  
 E não consente só, mas determina  
 Fazer com que elle acabe o que imagina.

## XVIII.

Logo do real sceptro a ponta vólta  
 Ao cavo monte que em si os ventos cerra,  
 Empucha-o para hum lado, e a prisão sólta  
 Áquelles com que faz a sua guerra :  
 Sahe a turba feroz, com grãa revolta,  
 Subverter desejando o mar e a terra,  
 Mas vendo do seu Rei a veneranda  
 Presença, párao, vendo o que elle manda.

## XIX.

Elle lhes manda então que ao companheiro  
 Zefiro dêem favor no que pretende.  
 Ja Zefiro d'alli parte ligeiro,  
 E ajudado do amor que dentro o acende,  
 Em breve tempo chega onde o primeiro  
 Raio da luz dourado Apollo estende,  
 Contento assaz de vêr-se ja tão perto  
 Do seu bem, que ser seu ja, tõe por certo.

## XX.

Os furiosos ventos, que seguirão  
 O companheiro sempre que os guiava,  
 Tanto que da prisão soltos se virão  
 Mostrão a sua antiga furia brava:  
 Os mansos mares tanto que sentirão  
 Aquella furia, que antes presa estava,  
 De tal sorte se vão embravecendo  
 Qu'até ás nuvens parece ir-se erguendo.

## XXI.

As grossas altas ondas escumosas,  
 Dos furiosos ventos constrangidas,  
 Vão quebrar seu furor nas alterosas  
 Rochas, ou lá nas praias estendidas:  
 Retumbão as montanhas cavernosas,  
 Vêem-se do mar as nuvens combatidas,  
 Qu'a força com que encontra a rocha dura  
 Lhe faz com que então suba a tanta altura.

## XXII.

O claro ar e sereno s'escurece,  
 Qu'a grossa e negra nuvem lhe succede,  
 O resplendor do Sol desaparece,  
 Qu'esta nuvem tambem mesma lh'o impede:  
 No mar ao meio dia hoje anoitece,  
 Horrisonos trovões de si despede  
 O Ceo, e apoz estrondos espantosos  
 Sólta de si mil raios luminosos.

## XXIII.

Chegão entretanto Euto, Africo e Noto  
 Onde os navios vão que os lá levárão,  
 E co'o seu costumado terremoto  
 Em tudo grão temor então causarão.  
 Eis ja com alta voz grita o Piloto,  
 Os marinheiros não se descuidárão,  
 Saltão de cá e de lá com grande pressa,  
 Hum á corda, outro ao remo se arremessa.

## XXIV.

Mas por mais que ande esperto e diligente,  
 De se poder salvar ja desconfia,  
 Porque cada momento mais presente,  
 Crescendo a tempestade, a morte via.  
 Zefiro receioso e descontente  
 Do perigo em que vê por quem morria,  
 Roga aos ventos que em si queirão pôr freio,  
 Nem lhe dêem tanto bem com tal receio.

## XXV.

Porém elles, que mal então podião  
 Refrear o que tõe por natureza,  
 Cada momento mais então crescião  
 Em impeto, furor, ira e braveza:  
 Ora por entre as ondas descobrião  
 Dos mares a areosa profundeza,  
 Ora fazem que o mar tão alto saia  
 Que lá nas nuvens quer fazer a praia.

## XXVI.

Nas náos attribuladas, isto espalha  
Grande espanto, temor, desconfiança,  
Mas a gente que nellas se agazalha  
Faz, quanto de viver lhe dá esperança:  
Com revezada força se trabalha  
Na longa bomba, e o mar ao mar se lança,  
Ora se encolhe a escota, ora se sólta,  
Cresce a voltas do medo, a grãa revólta.

## XXVII.

O nobre Acefarcão, que entende e estima  
Quanto hum perigo tal deve estimar-se,  
Da Rainha o perigo assi o lastima,  
Que o faz de seu perigo descuidar-se:  
Aquella attribulada gente anima,  
Qu'então ja começava a desmaiar-se,  
Mas pouco presta quanto faz agora  
Pois o vento e o temor crescem cada hora.

## XXVIII.

Sente entretanto o Rei que tõe o mando  
Sobre o Reino que he liquido e salgado,  
A revolta, o rumor que perturbando  
Todo o seu Reino está; e d'ira inchado,  
Sobre o mar a cabeça levantando,  
Vê das miserias náos o triste estado,  
O desmaio da gente, o grave dano,  
De Zefiro tambem entende o engano.

## XXIX.

Fazendo ante si vir aquella irada  
 Companhia dos ventos, n'hum momento,  
 Lhe diz: Tal confiança vos tõe dada  
 A vossa geração e nascimento,  
 Que sem vos ser de mi hoje outorgada  
 Ou licença, ou algum consentimento,  
 Ousaes de perturbar o Ceo e a Terra,  
 E fazer no meu Reino á gente guerra?

## XXX.

Não pareis mais aqui, mas brevemente  
 E com pressa fazei logo a partida,  
 Que depois se aqui mais rumor se sente,  
 Não ireis sem a pena merecida:  
 Dizei ao vosso Rei, que do Tridente  
 E do mar a mi só foi concedida  
 A governança e o mando, polo eterno  
 Rei, que tõe o geral mando, e governo.

## XXXI.

Elle seu mando tõe na altiva e grande  
 Penedia, em que estaes vós encerrados,  
 Alli só poderoso, e senhor ande,  
 Onde todos por elle são mandados;  
 Contente-se que os bravos ventos mande,  
 Mas na usada prisão encarcerados.  
 Não disse mais, nem ha quem lhe responda,  
 E n'hum instante applaca a soberba onda.



## XXXII.

Eis foge a nuvem ja negra e chuvosa,  
Cessa o trovão, e a luz que elle acarreta,  
Ja de novo a dourada luz formosa  
Mostra na terra o quarto almo planeta :  
O soberbo furor da onda alterosa  
Ja se humilha, se abranda, e se quieta,  
Porque a ausencia daquella furia grave  
Tudo manso tornou, tudo suave.

## XXXIII.

Vendo o marinho Rei em tempo breve  
Desfeitos os estrondos furiosos,  
Com que o cerúleo mar fazem de neve  
Os montes d'agua erguidos e escumosos,  
Polas ondas meneia o carro leve  
Tirado dos cavallos escamosos,  
E d'ira isempto ja, de prazer cheio  
Ao logar se recolhe d'onde veio.

## XXXIV.

Os cansados Cambaios como vírão  
Serenos o Ceo, as ondas ja abatidas,  
E que os ventos de todo ja fugirão,  
Agradecendo ao Ceo de novo as vidas,  
Livres ja do temor que antes sentirão  
Cobram o alento, e as forças ja perdidas,  
Manda do alto o Piloto, e o Marinheiro  
Ledo por cá, por lá, salta ligeiro.

## XXXV.

O namorado vento contemplando  
 Quão mal lhe succedêra aquelle feito,  
 Com nova dôr, e amor acompanhando  
 Vai aquella, a que entregue leva o peito:  
 E com suspiros inda accrescentando  
 O seu usado sopro, de tal geito  
 Lhe vai agora inchando o largo linho  
 Que faz com maior pressa o seu caminho,

## XXXVI.

Nem tõe andado muito quando o esperto  
 Gageiro, que o calcés alto vigia,  
 D'onde o mar mais ao longe he descuberto,  
 De lá brada, que ao longe terra via,  
 Mas que não saberá dizer em certo  
 Que terra he, porque não a conhecia,  
 Porque o vento lhe fez assaz remota  
 A via, da primeira sua rota.

## XXXVII.

Em todos causa agora hum grande gosto  
 A nova que de lá de cima soa,  
 Porque esperão dar fim ao grão desgosto  
 Com que o mar, e o temor inda os magoa:  
 Acefarcão, tambem com ledo rosto,  
 Manda que para lá caminhe a proa,  
 E tão amigo então o vento achárão  
 Qu'em pouco tempo a terra se chegarão.

## XXXVIII.

Onde chegando vêem hũa espaçosa  
 Ilha, que de nenhum he conhecida,  
 Mas de fresco arvoredo tão formosa  
 Que a lograrem-se então della, os convida:  
 Por toda a parte mostra hũa areosa  
 Praia, que naquella hora combatida  
 Da quieta onda, faz que ainda mór seja  
 O desejo, de quem muito a deseja.

## XXXIX.

Em meio desta praia se está vendo  
 Hũa larga bahia, ao modo feita  
 Da Lua, que de novo apparecendô  
 De travez o fraterno raio acceita.  
 D'hũa e outra parte ao Ceo se vai erguendô  
 Hũa intratavel rocha, tão direita,  
 Qu'em vão subir acima tenta e estuda,  
 Senão só quem das azas tõe a ajuda.

## XL.

Á sombra destas rochas sempre estava  
 Em grão silencio o mar brando e sereno,  
 Entre hum e outro penedo se mostrava  
 Hum espaço de praia não pequeno,  
 Da qual a secca areia se acabava  
 N'hum prado verde, assaz suave e ameno,  
 Que hum outeiro tão alto tõe defronte  
 Que bem merecerá nome de monte.

## XLI.

Lá da mais alta parte deste outeiro,  
 D'entre occultos penedos, murmurando  
 Com brando e alegre tom, desce hum ribeiro,  
 Que todo aquelle prado atravessando  
 Do seu doce licôr, o derradeiro  
 Curso, está co'o salgado alli ajuntando,  
 Que tal frescura nesta parte gera  
 Que faz nella perpétua a Primavera.

## XLII.

Tão clara e mansa corre esta onda pura  
 Qu'a funda areia bem clara apparece,  
 Vê-se por todo o prado hũa verdura  
 Qu'alli perpetuamente permanece,  
 Qu'ajudada do esmalte e formosura  
 Da bonina, que alli sempre florece,  
 Rôxa, vermelha, azul, branca, amarella,  
 Faz que nunca se aparte a vista della.

## XLIII.

Vai d'hũa e d'outra parte o manso rio  
 D'hum espesso arvoredado acompanhado,  
 Com que aquelle logar he tão sombrio  
 Que não póde do Sol ser visitado:  
 Meneia os altos ramos hum ar frio  
 Com brando murmurar, mal concertado,  
 Creio que este he o logar onde foi visto  
 O que esconder em vão tentou Calisto.

## XLIV.

Neste logar a armada se recolhe  
 Quando o Sol ja se inclina ao Occidente,  
 Ja pola longa entena a verga encolhe  
 O marinheiro esperto e diligente ;  
 Ja faz que o mar a curva ancora molhe,  
 Nos bordos apparece toda a gente,  
 De forças, de prazer, d'alento cheia  
 Co'a visinhança só daquella areia.

## XLV.

Acefarção tambem vendo o formoso  
 Sitio, que a fresca terra lh'apresenta  
 Apoz hum temporal tão perigoso,  
 D'achar-se em tão bom porto se contenta :  
 Entra onde está a Rainha, desejoso  
 Que o trabalho do mar e da tormenta  
 Queira satisfazer, e em terra saia  
 Recrear-se, se quer, na fresca praia.

## XLVI.

Dá-lhe com alvoroço a boa nova,  
 Crendo que outra melhor dar não podia :  
 Porém ella, que só por bom approva  
 O que ajuda ao tormento em que se via,  
 Crendo que póde lá com força nova  
 Entregar-se ás lembranças que sentia,  
 Para isto alvoroçada lhe concede  
 O que para outro effeito elle lhe pede.

## XLVII.

Já ligeiro na barca entra o Grumete,  
 A qual em breve espaço se vê ornada  
 Do fino, oriental, rico tapete,  
 E da molle, e também rica almofada:  
 Logo a Rainha lá nella se mete,  
 D'Acefarcão, e alguns acompanhada,  
 O duro braço logo o remo afferra  
 E dividindo o mar se chega á terra.

## XLVIII.

Logo a Rainha a barca desampara  
 De se vêr só na terra, desejosa,  
 Onde vendo as boninas, a agua clara  
 De sombrio arvoredado copiosa,  
 Para o seu pensamento se prepara  
 Já do tempo em que o tinha saudosa,  
 Porque lhe parecia que alli tinha  
 Logar como para elle lhe convinha.

## XLIX.

Na descuberta praia o passo quedo  
 Não detem, mas lá o move airoso e lento  
 Onde vio o cerrado, alto arvoredado,  
 Porque lá a guia então seu pensamento;  
 E n'hum logar tão só leva inda medo  
 D'achar para este gosto impedimento,  
 Porque Amor sempre nisto esteve posto  
 Dar sempre grão receio a qualquer gosto.



## L.

Vai-se ao longo do rio passeando,  
 Que dos seus apartar-se determina ;  
 C'hum brando virar d'olhos alegrando  
 Ora aquella clara onda, ora a bonina :  
 Acefarcão a vai acompanhando,  
 E hũa da companhia, feminina :  
 Porque os outros não quiz que a acompanhassem  
 Nem tão pouco estes dous quiz que a deixassem.

## LI.

Quanto mais adiante o passo muda  
 Render-se á saudade mais se deixa,  
 E á sua saudade agora ajuda  
 Da triste Filomena a branda queixa,  
 Que do ferro cruel que a fez ser muda  
 E do engano do máo Tereo se queixa,  
 Em mil partes alli com doce e branda  
 Voz, que o mais duro peito move e abranda.

## LII.

Tanto ao longo do rio então passeia  
 Que perdendo de vista a sua gente  
 C'hũa mouta encontrou espessa, e cheia  
 De mil flôres, que dão cheiro excellente :  
 Neste logar a vista se recreia  
 Co'o brando murmurar d'agua corrente,  
 O cheiro se deleita co'o que furta  
 Ao cresco legação, á branda murta.

## LIII.

Á vista deste rio socegado,  
 Entre o cheiro suave destas flores,  
 Vê logar a Rainha apparelhado  
 Para a contemplação de seus amores:  
 Sobre o verde tapete que alli ornado  
 A natureza pôz de varias cores,  
 Se assenta, desejosa d'occupar-se  
 Naquillo com que só póde alegrar-se.

## LIV.

Faz apartar os dous algum espaço,  
 Qu'então da companhia pouco gósta.  
 Pondo na dura terra o tenro braço,  
 Na branca mão a bella face encósta,  
 E como então se vê sem embarço  
 Qu'a memoria de lá d'onde a tõe pósta  
 Lhe possa divertir, de todo entregue  
 Se sente ao pensamento que a persegue.

## LV.

Tão altamente nelle se transporta  
 Que mal podia então ser conhecida  
 Se ella era mulher viva, ou mulher morta,  
 Ou pedra em tal figura convertida.  
 Entre este alto trespasso abrindo a porta  
 Á lingua, que até então teve impedida,  
 De suspiros ardentes rodeada  
 Em taes palavras sólta a voz causada:

## LVI.

Em que podia Amor mostrar mais claro,  
 Quão brando e favoravel me he seu peito  
 Qu'em me fazer sujeito do meu charo,  
 Esposo, de que eu sei que me he sujeito?  
 Porque o melhor estado, o bem mais raro,  
 O gosto mais suave, e mais perfeito  
 Qu'a vida póde dar, he ter seguro  
 O puro amor, que o paga outro amor puro.

## LVII.

Mas quanto he mór o meu contentamento  
 De vêr quão bem me he paga esta vontade,  
 Tanto temo depois maior tormento  
 Se quanto ouço d'amor tudo he verdade;  
 Pois me ordenou tão largo apartamento  
 Em que sómente o mal da saudade  
 Em tamanha tristeza me tõe posto  
 Que não basta contra ella o maior gosto.

## LVIII.

Coméço ja a temer que me ordenasse  
 Amor este tal bem, tão sobrehumano,  
 E que dentro nest'alma mo arreigasse  
 Com a continuação d'hum e d'outro amo,  
 Para que d'entre as mãos mo arrebatasse  
 Com muito maior dôr, muito mór dano,  
 E assi me fique o mal firme e dobrado  
 Qu'em memoria de bens está fundado.

## LIX.

Porém por outra parte estou cuidando  
 Que quanto mal tiver todo merece  
 Quem o está d'antemão advinhando,  
 E a seus vãos arreceios obedece ;  
 Quem em meio do bem que está passando  
 Co'o mal que inda não sente se entristece,  
 Bem merece que tenha o que advinha  
 E d'entre as mãos lhe fuja o bem que tinha.

## LX.

Nem poderá em mi tanto a desventura  
 Qu'em mi possa imprimir desconfiança,  
 Que no meu charo esposo estou segura  
 Que não poderá nunca haver mudança :  
 Seja a sorte cruel, seja-me dura,  
 Que tanto poder tõe minha esperança,  
 Qu'ella basta a fazer grãa resistencia  
 A quanto mal me causa a triste ausencia.

## LXI.

Inda a Rainha aqui não concluíra  
 O que Amor e a esperança lhe dictava,  
 Se então Acefareão não lh'o impedira  
 Que co'os olhos de lá a acompanhava ;  
 O qual inda que nada então ouvira  
 Do que ella para si só resoava,  
 O que nella de fóra vê sómente  
 Lhe mostra bem o que ella dentro sente.

## LXII.

O continuo suspiro, que do meio  
 Do saudoso peito lhe sahia,  
 O brando humor dos olhos, de que cheio  
 De fóra o peito tõe, que dentro ardia;  
 Ora a inquietação do seu meneio,  
 Ora o grande trespasso em que elle a via,  
 Lhe dão claro signal, antes certeza  
 Da sua grave dôr, e alta tristeza.

## LXIII.

E vendo quão contrario foi o effeito  
 Da tenção com que a fez sahir em terra,  
 Se move a compaixão daquelle peito  
 A quem fazia Amor tão cruel guerra;  
 Vendo-o cada momento mais sujeito  
 Á saudade alli que dentro encerra,  
 Vê bem que n'hum logar tão deleitoso  
 Se cria o mal do peito saudoso.

## LXIV.

Determina fazer que d'aqui saia  
 Onde não cura o mal, mas o accrescenta,  
 Onde a triste lembrança de Cambaia  
 Com mór dôr e desejos a atormenta:  
 E tambem porque vê que lá na praia  
 Já do Occidente o Sol o carro assenta,  
 Hũa e outra cousa o move, antes o obriga  
 A que outra vez das náos a via siga.

## LXV.

Posto em pé, co'o devido acatamento  
 Se chega a ella e lhe diz, que ja tempo era  
 De fazer para a praia movimento,  
 Pois o Sol ao Oriente as costas dera ;  
 E quiçá com grãa dôr e sentimento  
 Da sua ausencia, a sua gente espera,  
 E não a espera só, mas com cuidado  
 Revolve em busca della o monte e o prado.

## LXVI.

Ella, inda que recebe hum grão desgosto  
 De se haver d'apartar sómente hũa hora  
 Da grãa suavidade, do grão gosto  
 Em que o seu pensamento a tinha agora,  
 Vendo porém que o Sol ja muda o posto,  
 E começa a lançar a noite fóra  
 Lá dess'outro hemispherio, e neste a estende,  
 Á rasão, não ao gosto, então se rende.

## LXVII.

Em pé logo se põe, e acompanhada  
 Dos dous que alli a trouxerão, o passo muda,  
 Mas de tal maneira indo transportada  
 Que os olhos cegos leva, a lingua muda.  
 Acefarcão, que a vê tão enlevada,  
 Entende que he rasão que aqui lh'acuda,  
 Porque tão triste a vê que parecia  
 Que tudo a sua tristeza entristecia.



## LXVIII.

Quanto então póde em consola-la insiste,  
 Dizendo: Se o que mais Amor inflama  
 Á desesperação do Amor resiste  
 Esperando abrandar quem o desama,  
 Contente deveis vós ser, e não triste,  
 Pois amaes a quem mais que a si vos ama,  
 E de quem certa estaes (pois deveis crê-lo)  
 Que mui cedo comvosco haveis de vê-lo.

## LXIX.

Ella com isto menos se entristece,  
 Antes tanto poder teve a esperança  
 Que ja tornando em si desapparece  
 A tristeza, em que a pôz sua lembrança:  
 Tambem tudo o que via então parece  
 Que com a vêr mudada fez mudança,  
 Porque quanto ella triste antes tornára  
 Com vê-la agora alegre se alegrára.

## LXX.

Para as náos desta sorte caminhando  
 Com a possivel pressa e brevidade,  
 Em mil partes alli vai encontrando  
 De varios animaes grãa quantidade,  
 Que o verde prado vão atravessando  
 Sem temor de ninguem, com liberdade,  
 Porque a cada hum falta o duro imigo  
 De que mil vezes tõe morte, ou perigo.

## LXXI.

Tanto agora a entretem o que vai vendo  
 Que o pesado caminho menos sente,  
 Nem muito caminhou, que apparecendo  
 Lhe vão as suas náos, e a sua gente :  
 E ja isto era em tempo que escondendo  
 De todo o Sol no mar o raio ardente  
 Tomava Hespero no ar o poderio,  
 E na terra estendia o raio frio.

## LXXII.

Encontrando d'aqui vai por diante  
 Os seus, que a vão buscando a competencia,  
 A quem de vê-la o gosto foi bastante  
 Satisfação, da dôr da sua ausencia ;  
 Ella a todos recebe com semblante  
 Agradecido, e cheio de clemencia,  
 E em pouco tempo á praia assi chegarão  
 Onde todos de vê-la se alegrarão.

## LXXIII.

Tanto que lá chegou, logo encaminha  
 Para a náos, sem deter-se mais cá fóra,  
 E tanto que de lá da onda marinha  
 Fez levantar o Sol á nova Aurora,  
 Sólta a vella outra vez, que presa tinha  
 O marinheiro, e tendo ainda agora  
 Favor do namorado manso vento  
 Em Judá toma porto a salvamento.

## LXXIV.

Agora he ja rasão que volte o canto  
 Onde saudoso assaz Baudur ficava,  
 Mas tanto ha que o deixei que não he espanto  
 Se me esquece o que lá fazendo estava.  
 Eu cuido que mandado tõe que em quanto  
 Da Rainha a partida apparelhava,  
 Hum seu Legado ao Cunha se partisse,  
 Não direi ao que vai, porque ja o disse.

## LXXV.

Parte este Embaixador, o mar navega,  
 E com favor do vento brando e amigo  
 Em breve tempo a Goa em salvo chega  
 Sem receber do mar damno ou perigo:  
 Falla ao Governador, nada lhe nega,  
 Que isto nelle era ja desejo antigo,  
 Contento o Mouro o mar passa de novo  
 Para animar o seu medroso povo.

## LXXVI.

Não recebe tal força, tal espirito  
 O misero que estava condemnado  
 A hũa morte cruel, se o seu delito  
 Entende que por dita he perdoado,  
 Como o Sultão recebe, quando dito  
 Lhe foi do Embaixador este recado,  
 O povo, antes tão fraco e tão medroso,  
 Ja se mostra esforçado, ja animoso.

## LXXVII.

Vejo o Governador que se aconselha,  
 A Goa o quero ir vêr, porque lá o vejo,  
 Ja a Cruz faz arvorar branca e vermelha,  
 Por cumprir do Sultão, e o seu desejo.  
 Quão bem lhe foi possivel se apparelha,  
 Com grãa presteza, e com fervor sobejo,  
 Porém tão grão poder então não leva  
 Quanto o Sultão quizera e lhe releva.

## LXXVIII.

Era naquelle mez em que o luzente  
 Quarto planeta em Libra se agasalha,  
 Quando o Governador nobre e prudente  
 No mar a bem provida armada espalha.  
 Grita o rouco Piloto, diligente  
 O Marinheiro em mil partes trabalha,  
 A vella em si recolhe hum vento brando  
 Com que as ondas a proa vai cortando.

## LXXIX.

Não acha quem o impida, ou contradiga  
 Nesta viagem toda o grande Nuno,  
 Mostra-se-lhe a fortuna branda e amiga,  
 Sempre sereno o Ceo, sempre opportuno:  
 Tambem agora a furia se mitiga  
 Do bravo Eolo, e do humido Neptuno,  
 E com tantos favores, tal bonança  
 Em breve tempo em Diu ferro lança.

## LXXX.

Quatro vezes o pae desse atrevido  
 Moço, que o carro ardente mal regêra,  
 Na terra a sua luz tinha estendido  
 Antes que o Escorpião o recebêra,  
 Quando no porto ja bem conhecido  
 De Diu a vella inchada recolhêra  
 O Marinheiro, e faz com que se esconda  
 O curvo ferro lá na salgada onda.

## LXXXI.

Nos ares o estandarte logo voa  
 Branco, vermelho, azul, rôxo, amarello,  
 A sonora trombeta o mar atroa  
 Com som que a orelha mal pôde soffrello,  
 O guerreiro atambor tambem ja soa  
 Que os peitos alvoroça, ergue o cabello,  
 A bombardarda que a furia alli despende  
 Com pacifico estrondo, os ares fende.

## LXXXII.

Corre o Cambaio povo polo muro  
 Que com grão desejo esta frota aguarda,  
 O Mouro bombardeiro bem seguro  
 Santando n'hũa vai, n'outra bombardarda;  
 Chega o ardente murrão, traz elle o duro  
 Estrondo luminoso pouco tarda;  
 Com differentes modos se festeja  
 Esta armada, que tanto se deseja.

## LXXXIII.

Depois que esta fingida, alegre guerra  
 Na armada se acabou, e na Cidade,  
 Que n'huns o grão temor todo desterra,  
 Dobra n'outros a grãa ferocidade,  
 O Governador logo sahe em terra  
 Com grãa pompa, apparatus, e authoridade,  
 Qual ao seu grande estado bem convinha,  
 E para ir vêr ElRei logo encaminha.

## LXXXIV.

ElRei para espera-lo se apercebe  
 Com tanta vaidade, tanto estado  
 Que o pensamento apenas o concebe,  
 E apenas pôde ser imaginado.  
 Comtudo ao Cunha, e aos seus todos recebe  
 Com alegria, festa e gasalhado,  
 Qual lh'õ ensina o perigo em que se via,  
 E o remedio que delles pretendia.

## LXXXV.

Faz que o Governador lá se aposente  
 Onde he da fortaleza agora o assento.  
 Mas descanse elle hum pouco, e a sua gente,  
 Porque bem ha mister forças e alento,  
 Qu'eu para cantar tenho aqui presente  
 A fundação de Diu, e nascimento,  
 E como veio a ser famosa tanto,  
 Mas consenti que seja n'outro Canto.



**O PRIMEIRO**

**CERCO DE DIU.**

**CANTO V.**

*Declara-se a origem e assento da Cidade de Diu. O Governador edifica nella huma fortaleza. Dá algumas ajudas ao Sullão: elle vai contra os Mogores. O Governador se torna invernar a Goa.*

1.

**O** saber por si só, a arte, a prudencia  
Sempre teve tal força e tal valia,  
Que mil vezes venceo a diligencia,  
A fortaleza, o esforço, a valentia.  
Porém se se lhe ajunta a experiencia  
Que outro novo saber, outra arte cria,  
Tambem se lhe accrescenta a força e dobra  
E tudo o que pretende põe por obra.

## II.

Tal he esta força nunca resistida  
 Que até a mesma fortuna lhe obedece,  
 Porque esta onde a esperança he mais perdida  
 Diferentes remedios offerece ;  
 Esta a cousa mais vil, baixa, e abatida  
 Mil vezes sobre as grandes engrandece,  
 'Tal que da ja pequena Aldeia e pobre  
 Póde fazer Cidade illustre e nobre.

## III.

Isto se póde vêr mui claramente  
 Nesta que hoje ha de ser de mi cantada,  
 A qual d'hũa vil, pobre, e baixa gente  
 Ja no passado tempo foi morada :  
 E depois com a industria d'hum prudente  
 Varão, foi tão famosa e celebrada  
 Que a cabeça entre todas foi erguendo  
 Quantas visita o Sol hoje em nascendo.

## IV.

O sitio em que ella tõe seu fundamento  
 Polo mar, c'hũa ponta vai entrando,  
 A qual hum rio (cujo nascimento  
 Vem lá da salgada onda) vai cortando,  
 E que seja Ilha a faz, que em comprimento  
 Duas legoas sómente está mostrando,  
 E lá na parte onde ella mais se alarga  
 Meia legoa sómente se vê larga.

## V.

Forão antigamente habitadores  
 Desta Ilha, a que hoje tantas são sujeitas,  
 Alguns poucos, e pobres pescadores,  
 Em pobres casas, vis, baixas, e estreitas.  
 E outros do mesmo officio imitadores,  
 Redes, barcos, e as cousas que são feitas  
 Para uso deste officio alli passarão  
 E aquella povoação accrescentarão.

## VI.

Durou-lhe muito tempo aquelle estado  
 Tão vil, tão baixo e pobre, que então tinha,  
 Sem ter nella outra gente gasalhado  
 Senão a que da rede se mantinha,  
 Por falta do cristal que liquidado  
 Seu curso para o mar sempre encaminha,  
 E porque a falta principal estava  
 Lá no logar onde a Ilha se habitava.

## VII.

Porém como esta humana e fragil massa  
 Nada arreceia para conservar-se,  
 E por todo o trabalho grande passa  
 Onde entende que póde segurar-se,  
 Para esta Ilha tão secca, e d'agua escassa  
 Depois vierão muitos a passar-se:  
 E passados são ja annos trezentos  
 Depois que estes allí tõe seus assentos.

## VIII.

E por fugir a mais graves perigos  
 Aqui sua morada estes fizerão,  
 Lá d'onde os moradores seus antigos  
 Antes com mais rasão fugir deverão;  
 Porque os crueis Rezbutos, que inimigos  
 D'alheiros bens, d'alheias vidas erão,  
 A terra firme então com roubo e morte  
 Salteião, sem que escape o fraco e o forte.

## IX.

Facil foi isto á gente, que não cura  
 Da patria, que com medo despovoa,  
 Porque além de passar por toda a dura  
 Cousa, o temor em que elle põe a proa,  
 A meia parte só tõe de largura  
 Do que a setta que sahe da bésta, voa  
 O rio, que Ilha a terra está fazendo  
 E a partes mais estreito se está vendo.

## X.

Aquelle ajuntamento d'estrangeira  
 Gente, fez que hum logar antes tão pobre  
 Depois venha a crescer de tal maneira  
 Que se converte em villa grande e nobre:  
 Mas d'onde teve a origem sua primeira  
 Aquella alta nobreza, que hoje encobre  
 O resplendor ao Indo, e Garamanta  
 No que se segue, a minha historia canta.

## XI.

Quando o Príncipe, nobre e valeroso  
 Sultão Madrafaxao (de cuja linha  
 Este cruel Baudur, falso, enganoso,  
 O terceiro apoz elle, ao Reino vinha)  
 Sobre o Cambaicô Reino populoso  
 O mando, o sceptro inteiro, e o poder tinha,  
 Foi cercar hum logar lá nessa terra  
 De Mandou, com que então trazia guerra.

## XII.

Os grossos esquadrões, que de luzentes  
 Armas cobertos, o logar visitão,  
 Não forão juntos sós daquellas gentes  
 Que de Madrafaxao o Reino habitão;  
 De diversas nações e differentes  
 São, os que neste cerco então militão,  
 Que a nobre empresa, quando a fama estende  
 Os estrangeiros sempre chama e acende.

## XIII.

Acaso succedeo que hum dia estava  
 Daquella tenda, ElRei junto assentado,  
 Em que allivio de noite ao corpo dava  
 Dos trabalhos do dia carregado,  
 Quando passa hum milhano, que cortava  
 Com as azas, o leve ar e delgado,  
 Do ventre o peso immundo acaso lança  
 Que a ferir a real cabeça alcança.

## XIV.

ElRei, que o máo agouro n'alma sente,  
 Temendo fica alguma adversidade,  
 Que sempre costumou a Moura gente  
 Dar fé a semelhante vaidade.  
 Emfim apaixonado e descontente  
 Sem lembrança da sua magestade,  
 Bradando diz, se ha algum tão destro ou forte  
 Que aquella funesta ave traga á morte.

## XV.

Não ha nenhum que ponha nisto o tento,  
 Porque muito o milhano se affastára,  
 E tinha-se por vão o pensamento  
 Daquelle que alli então imaginára  
 Com a frecha alcançar, a quem o vento  
 Com grãa difficuldade inda alcançára;  
 Comtudo não faltou hum que o tentasse  
 E que este seu intento effectuasse.

## XVI.

Lá na Tartaria terra foi nascido  
 Este tão signalado aquelle dia,  
 Dito Miliquiaz, mas conhecido  
 Muito mais polas obras que fazia.  
 Este, inda que hum espaço assaz comprido  
 Vio de si ao milhano, porque fia  
 Em sua força assaz, destreza e manha,  
 Tenta hũa obra espantosa, rara, e estranha.



## XVII.

Afferra o arco, a frecha entre os dedos prende,  
 No pé esquerdo se affirma, e de tal geito  
 Para diante o braço esquerdo estende,  
 E para traz encolhe o que he direito,  
 Que o rijo arco á grãa força então se rende,  
 Tanto o encurva que a corda chega ao peito,  
 E com tal furia a aguda frecha lança  
 Que em breve espaço a misera ave alcança.

## XVIII.

Da ferrada, subtil, leve madeira  
 Passada a misera ave, desditosa,  
 Deixa dos leves ares a carreira  
 Que então foi por seu mal tão vagarosa:  
 Ditosa se então fôra mais ligeira,  
 Ah! se apressára o curso quão ditosa!  
 Mas não ha quem fugindo se defenda  
 Da morte tão ligeira, quanto horrenda.

## XIX.

Morto o triste milhano á terra dece  
 Com grão louvor do destro e forte Mouro,  
 A tristeza d'ElRei desaparece  
 Que por livre se tõe do máo agouro:  
 Ao Tartaro honra muito, e favorece,  
 Cuida que he pouco a prata, menos o ouro  
 Para satisfazer bastantemente  
 Hum serviço tão bom, tão diligente.

## XX.

Descobre a sua grãa magnificencia  
 Naquelle que o servio tanto a seu gosto,  
 Porém depois que teve experiencia  
 Por obras que elle fez ante o seu rosto,  
 Do esforço, do valor, siso e prudencia,  
 E do mais que o Ceo tinha nelle postó,  
 O desejo de honra-lo se lhe dobra  
 E logo este desejo põe por obra.

## XXI.

A Ilha de Diu o Tartaro lhe pede  
 Com a povoação que dentro cerra,  
 ElRei, a quem aquillo então succede  
 Conforme ao que o seu peito dentro encerra,  
 Não sómente aquella Ilha lhe concede,  
 Mas dá-lhe tambem lá na firme terra  
 Duas legoas, ou tres (segundo entendo)  
 Quanto se vai a mesma Ilha estendendo.

## XXII.

Melique, que em alteza se vê tanta  
 Que passa o que elle estava desejando,  
 Depois que ora o não crê, ora se espanta,  
 Se quer aproveitar do novo mando.  
 Vendo a disposição do rio, e quanta  
 Fortaleza na entrada está mostrando,  
 E vendo a Ilha tambem da mesma sorte,  
 Faz nella hũa Cidade, nobre e forte.

## XXIII.

Com grande engenho a faz, e com grande arte,  
 Cerca-a de forte muro, e larga cava,  
 Que toma da Ilha muito maior parte  
 Do que a povoação antes tomava;  
 Põe aqui a torre, alli o baluarte,  
 Onde a necessidade o demandava,  
 De grossa artilharia lhe põe tanto  
 Que nada teme, em tudo cause espanto.

## XXIV.

Aquelle baluarte que hoje em dia  
 Com nome de Couraça se conhece  
 Hũa grossa cadeia despedia  
 Do metal a que todo outro obedece,  
 Que lá até o baluarte se estendia  
 Com que o mar se defende e fortalece,  
 E a força do pesado cabrestante  
 Faz, com que ella se abaixe e se alevante.

## XXV.

Quasi em meio do rio alli creára  
 De pedra hũa restinga a natureza,  
 Lá na boca da barra, que ajuntára  
 A este forte logar mais fortaleza.  
 Do mar o baluarte aqui assentára  
 Sobejo em comprimento e na grandeza  
 O Tartaro prudente, e o fortifica  
 C'hũa torre que em meio lhe edifica.

## XXVI.

E além da força que por beneficio  
 Da natureza ja tinha esta entrada,  
 Quiz que fosse tambem com artificio  
 A força natural accrescentada,  
 E para isto ordenou hum edificio,  
 Lança da terra firme hũa estacada  
 De tão rija madeira, forte e grossa,  
 Que qualquer grande força deter possa.

## XXVII.

Esta grossa estacada, de tal arte  
 Melique pôz (que aquillo bem entende)  
 Que ficasse lançada pola parte  
 De fóra, porque encerra em si, e defende  
 Melhor, do mar o grande baluarte;  
 A qual até o canal quasi se estende.  
 E põe-lhe ao longo, porque nada a abrande,  
 De grandes pedras soltas cópia grande.

## XXVIII.

Feita a Cidade ja tão forte e brava,  
 Melique, de mui grossos Mercadores  
 Em breve tempo a encheo, porque lhes dava  
 Licenças em seus tratos, e favores.  
 E d'hum pobre logar que agasalhava  
 Em si sómente pobres Pescadores,  
 Veio a ser a melhor Cidade agora  
 Das que o sitio lá tõe junto da Aurora.

## XXIX.

Vendo depois o Mouro que a opulencia  
Crescia na Cidade cada dia,  
E o concurso daquelles, e frequencia  
Que alli tinhão seu trato e mercancia;  
Sendo tal seu saber, sua prudencia,  
Que em tudo proveo sempre o que cumpria,  
Por evitar a males que imagina  
Fazer outro edificio determina.

## XXX.

Fronteiro a esta Cidade que nomeio  
Lá da parte onde a firme terra fica,  
Está hum logar de branca areia cheio,  
Hũa Villa aqui o Tartaro edifica;  
A qual para de nada ter receio  
Com grosso muro cêrca e fortifica,  
E tal foi, que podião neste assento  
Bem mil visinhos ter recolhimento.

## XXXI.

A causa que moveo a este prudente  
Tartaro, a que esta Villa edificasse,  
Foi só, para que em quanto a Turca gente  
Do Estreito do Mar Rôxo navegasse  
Para a Diu vir ter, quietamente  
Naquella villa alli se agasalhasse,  
Polas grandes revoltas que causavão  
Com que a nova Cidade inquietavão.

## XXXII.

E porque aquelle, a quem a soberana  
 Providencia, hũa loura côr tõe dado,  
 Na barbara linguagem Indianana  
 Com proprio nome seu Rume he chamado;  
 E aquelle que nasceo lá na profana  
 Turquia, desta côr loura he dotado,  
 D'aqui esta nova Villa que estou vendo  
 A dos Rumes se diz, segundo entendo.

## XXXIII.

Ficárão deste Tartaro animoso  
 Dous filhos, quando a morte o senhoreia,  
 Hum Melique Tocão, mui valeroso,  
 Outro Melique Sacla se nomeia:  
 Mas o cruel Baudur, e cubigoso,  
 Que tanto bem não soffre em mão alheia,  
 Com grandes crueldades nunca ouvidas  
 A Cidade lhes toma, e tira as vidas.

## XXXIV.

Perdoa-me deter-me por cá tanto  
 Illustre Nuno, sem ir ter contigo,  
 Que tambem cá te sirvo no que canto,  
 Tambem nisto te sou fiel amigo;  
 Pois tanto dá mór honra, e mór espanto  
 O vencer, quanto foi mais forte o imigo,  
 E eu quiz mostrar qual foi o que tiveste  
 Para que saiba o mundo a quem venceste.



## XXXV.

Foi toda a Christãa gente agasalhada  
Em aposento pobre, e mal composto,  
Que era dos bombardeiros a morada,  
E d'outros a quem era o cargo posto  
Daquella artilharia que espalhada  
Por alguns baluartes, que seu posto  
Têe naquelle logar, então estava,  
Porque aqui a Cidade não chegava.

## XXXVI.

Poucas vezes aquelle soberano  
Planeta, que o triste ar negro desterra,  
Descansára nos braços d'Oceano  
E viera com nova lei á terra,  
Quando o Governador com esse tyrano  
Baudur, fez alguns pactos, com que a guerra  
Se acaba, que durou ja tantos mezes,  
E a amizade acceitou dos Portuguezes.

## XXXVII.

A condição primeira d'amizade  
Foi que Sultão Baudur então consente  
Que ElRei de Portugal, com que irmandade  
Agora tinha feito novamente,  
Faça hũa fortaleza na Cidade  
De Diu, e ponha nella sua gente,  
E quer, para que mais segura fique,  
Que onde está a barra e a entrada se edifique.

## XXXVIII.

Do mar o baluarte lhe concede,  
 (Pouco ha que tratou delle a historia minha)  
 Mas para si os canhões reserva e pede,  
 Que nelle, e no da barra postos tiuha.  
 Na Cidade porém lhe tolhe, e impede,  
 E no que ao regimento seu convinha  
 Todo o mando e acção, e só permite  
 Que seja a fortaleza o seu limite.

## XXXIX.

Além de lhe tirar o regimento  
 Da Cidade, e que nella não mandassem,  
 Quiz dos nossos tambem consentimento  
 Que as suas náos os mares navegassem  
 Sem na viagem ter impedimento,  
 Nem nas mercadorias que levassem,  
 E que estas náos por onde quer que irião  
 Seguros se os quizessem, levarião.

## XL.

Assignado isto assi de parte a parte  
 Com outras condições que aqui não digo,  
 Se funda a fortaleza com tal arte  
 Que excedeo o presente tempo, e antigo:  
 Fez-se primeiro hum grande baluarte  
 Tal que não temeria hum forte imigo,  
 O qual daquelle Santo foi chamado  
 Que não crêo sem metter a mão no lado.

## XLI.

O nome deste Santo lhe puzerão  
 Porque se começou naquelle dia  
 Que os seus duros martyrios merecerão  
 Levanta-lo á Celeste Monarchia.  
 Traz este baluarte outro fizerão,  
 Também tão forte e grosso, que podia  
 Ter contra hum grão poder direito o rosto,  
 Foi-lhe de Santiago nome posto.

## XLII.

Fez-se apoz isto quanto relevava  
 Para mór segurança, mór defeza:  
 Muro alto, parapeito, ameias, cava,  
 Que tudo acaba a gente Portugueza.  
 Toda a gente nesta obra trabalhava  
 Quanta ao Governador naquella empresa  
 Seguíra, e em pouco tempo se fez tanto  
 Que até nos que o fizerão pôz espanto.

## XLIII.

E em quanto se fazia este edificio  
 Estando ElRei presente na Cidade,  
 Não cessa dos Mogores o exercicio,  
 Não cessa a costumada crueldade;  
 Roubos, mortes, e todo o maleficio  
 Execução sem terem piedade,  
 E tão ricos andavão que o mais pobre  
 Era então liberal, era então nobre.

## XLIV.

E tamanho era o medo que espalhado  
 Naquella terra, aquelle imigo tinha,  
 Que o que alli tinha o seguro assento amado,  
 No amado assento então não se detinha;  
 Mais de temor que amor estimulado  
 Qual fugindo de lá a Diu se vinha  
 Qual para outro logar se vai direito,  
 O temor então guia todo o peito.

## XLV.

De náos grãa companhia navegando  
 Vai com favor do vento, e da ventura,  
 Que d'hum porto sahirão juntas, quando  
 As espalha a tormenta brava e dura:  
 Esta hum porto, aquella outro vai buscando  
 Onde cuida que póde estar segura,  
 Tal esta gente se me representa  
 Que espalha do Mogor a grãa tormenta.

## XLVI.

Este intrinseco medo, esta fraqueza  
 Que fugir estes tristes constrangia  
 Da brutal, inimiga, alta crueza,  
 Foi causa então que quando se fazia  
 Aquella Lusitana fortaleza,  
 De gente grande cópia alli se via,  
 Lá na Ilha, na Cidade, e em toda a terra,  
 De que quarenta mil erão de guerra.

## XLVII.

E com quanto hia em tanto crescimento  
Aquella fraca gente, miseravel,  
Que quasi lhe faltou recolhimento  
Por ser ella ja quasi innumeravel:  
Não lhe faltou comtudo o mantimento,  
A terra não o dá (coisa admiravel),  
Mas de fóra lhe vem cópia tamanha  
Que farta a natural, e a gente estranha.

## XLVIII.

Baudur, quiçá por vêr se agora o engana  
Esta amizade feita novamente  
Com gente estranha, e que elle ha por profana,  
Pede ao Cunha que queira alguma gente  
A Barouche mandar da Lusitana,  
Que d'hum imigo a livre tão potente,  
E que elle mandará dos seus soldados  
De que vão os Christãos acompanhados.

## XLIX.

Barouche era Cidade situada  
Á vista do mudavel Oceano,  
Então deste Baudur senhoreada  
Tão fraco, quão soberbo, quão tyrano.  
Do cruel Mogor inda não tocada,  
Inda em salvo daquelle commum dano,  
Mas dizião que delles hũa parte  
Guiava para lá seu estandarte.

## L.

Mostra o Governador que lhe contenta  
 Fazer o que ElRei quer, porque comsigo  
 Determinado tõe, e em tudo assenta  
 Mostrar-se-lhe fiel, perfeito amigo:  
 Manoel de Macedo, com setenta  
 Homens manda ajuda-lo em tal perigo:  
 Manda ElRei muitos seus, que nesta empreza  
 Acompanhem a gente Portugueza.

## LI.

Esta tal companhia, que pudera  
 N'hum fraco espirito pôr altos conceitos,  
 E a gente que Barouche de si dera  
 Que por si só acabára grandes feitos,  
 Assaz esta Cidade defendera  
 Se aquelles feminis, covardes peitos  
 Tal medo não cobrárão aos Mogores  
 Que só o nome os fazia vencedores.

## LII.

Em vão foi o soccorro do Macedo  
 E o da gente que lhe era companheira,  
 Porque alli mais podia o antigo medo  
 Que a força natural, nem a estrangeira.  
 Nenhum pára alli mais, ou está quedo  
 Vendo na terra erguer hũa poeira,  
 Porque o Mogor só cuidão que a levanta  
 Cujó nome sómente os tanto espanta.



## LIII.

O nobre Portuguez, forte e animoso  
 A quem tanta fraqueza em ira inflama,  
 Desejando de vêr se este espantoso  
 Mogor, tõe as obras quaes a fama,  
 Trabalha por deter este medroso  
 Povo, que a vida mais que sua honra ama;  
 Mas trabalhas em vão, segundo creio,  
 Porque nada detem a hum grão receio.

## LIV.

Nunca com tanta pressa a baixa gente  
 Que no cerrado corro o touro aguarda,  
 Voltou as costas quando ouvio sómente  
 As vozes do que grita: Guarda, guarda;  
 Ja cuida que o animal nas costas sente,  
 Corre ligeira, e cuida inda que tarda;  
 Como estes tõe, que a terra desamparão  
 Só co'o que da poeira suspeitirão.

## LV.

Deixão a amada patria á gente imiga,  
 Desejo de viver tudo despreza,  
 Macedo ja não sabe que lhes diga,  
 Nem póde remediar tanta fraqueza;  
 Deixa usar o Mogor da sua antiga  
 Victoria, e executar sua crueza;  
 Emfim elle a Cidade tambem sólta  
 Que guardar só não póde, e a Diu vólta.

## LVI.

Outra vez importuna o Rei Cambaio  
 Outra vez o soccorre o novo amigo,  
 E manda a Vasco Pires de Sampaio  
 Com navios por mar, o qual consigo  
 Duzentos homens leva, em quem desmaio  
 A morte nunca pôz, nem grão perigo,  
 E a maiores empresas costumados  
 Que esta para que agora são mandados.

## LVII.

Este Capitão forte Lusitano  
 Vai de Cojaçofar acompanhado,  
 Que nasceo entre o povo Italiano,  
 E no Santo Licôr ja foi banhado;  
 Mas os erros depois seguio, e o engano  
 Que aquelle enganador, falso, malvado  
 Mafamede ensinou, deixando a Santa  
 Fé, que as almas ao alto Ceo levanta.

## LVIII.

Prudente era, e sagaz este e atrevido,  
 Da guerra tinha grão conhecimento,  
 Da fortuna era assaz favorecido  
 Que em riquezas lhe deu grão crescimento;  
 Em tudo seu desejo vio cumprido,  
 E tinha dentro em Diu seu assento.  
 Este mil homens leva em companhia  
 Dos quaes huns Persia deu, outros Turquia.

## LIX.

Esta gente tão vária em patria, em vida,  
Em costumes, em lei, e em tudo, agora  
Se ajunta, e a combater, conforme e unida  
Chega a huma fortaleza, que nesta hora  
He de bem pouca gente defendida,  
Mas tal que hum grande esforço nella mora,  
Sós trezentos Mogores encerrava,  
Lí junto do rio Indo posta estava.

## LX.

Mas tal era o temor que o Turco e o Persa  
Ja desta imiga gente concebera,  
E ella era nisto delles tão diversa  
Que por mais que hoje o imigo a combatera,  
Se mostrára a fortuna emfim adversa  
Á gente de Baudur que a isso viera,  
Senão tivera então por defensores  
Os Lusitanos braços vencedores.

## LXI.

Não faltou aos Cambaiôs diligencia  
Em meio deste seu grande arreceio,  
Põe escadas no muro, e a competencia  
A subir cada hum por ellas veio:  
Mas achão no Mogor tal resistencia  
Que nenhum subir póde bem ao meio,  
O medo, e o ferro imigo pódem tanto  
Que huns faz descer a morte, outros o espanto.

## LXII.

O fim da luz que o Sol tivera acceza  
 Fez então apartar estes inimigos,  
 Com grande honra da gente Portugueza  
 Que nunca duvidou grandes perigos;  
 Tambem se signalárão nesta empresa  
 Os Turcos, que tambem são de honra amigos.  
 Cinco perdeu Sampaio, e se lamenta,  
 E Cojaçofar mais de cincoenta.

## LXIII.

Os Mogores tambem sentirão dano,  
 Do seu sangue tambem forão banhados,  
 Muitos o ferro Turco, e o Lusitano  
 Deixou sem vida, e muitos maltratados:  
 E assi tanto que o Sol lá no Oceano  
 Seus raios escondeo claros dourados,  
 Os que do dia salvos escapárão  
 De todo a fortaleza desampárão.

## LXIV.

A gente do Sultão, e a que foi dada  
 Ao mundo, lá na terra do Ponente,  
 Tanto que o Sol a nova luz dourada  
 Veio mostrando lá polo Oriente,  
 Vendo de todo ja desamparada  
 A fortaleza, desta imiga gente,  
 Se toruão a embarcar, e o mar navegão  
 E com prospero tempo a Diu chegaram.

## LXV.

Corrida neste tempo a terra tinha  
 De Cambaia o Mogor, e a saqueára,  
 Até chegar áquella que visinha  
 De Diu está seis legoas, e aqui pára.  
 E correr tambem esta então não vinha  
 Com temor da invencivel força rara  
 Dos Portuguezes, que ella dentro encerra  
 Com que estava segura aquella guerra.

## LXVI.

Mas como ja corrido o mais tivesse  
 Com sobeja cubiça e atrevimento,  
 Sem deixar cousa em que attentar podesse  
 Inda o mais cubiçoso, ou avarento;  
 E de riquezas farto assi estivesse  
 Que lhe hia tendo ja aborrecimento,  
 Pouco a pouco este Reino foi deixando  
 Lá para a amada patria encaminhando.

## LXVII.

Ja se mostra o Sultão mui animoso,  
 A ausencia do Mogor o faz ousado,  
 Do mal dos seus, agora he piedoso,  
 Agora sente vêr-se deshonorado.  
 Quanto o rosto do imigo o fez medroso  
 Tanto as costas o fazem esforçado.  
 Disse ao Governador que elle ir seguindo  
 Quer o imigo Mogor que vai fugindo.

## LXVIII.

Mas que sem seu favor elle não ousa  
 Commetter só co'os seus este caminho,  
 Nem fará algũa grande e honrada cousa  
 Contra o Mogor, que tõe inda visinho,  
 Se lhe não der aquelle ousado Sousa  
 Que tõe por nome Affonso apoz Martinho,  
 Que leve companheiro na jornada  
 Porque com tal favor não teme nada.

## LXIX.

E se este lhe não dá, que dar-lhe queira  
 Mil homens, entre aquelles escolhidos  
 Que seguem a temida, alta bandeira  
 De Lusitania, e lá forão nascidos.  
 Nem esta petição, nem a primeira  
 O Cunha recebeo com bons ouvidos,  
 Suspenso fica assaz, porque nem ousa  
 Mandar aquella gente, nem o Sousa.

## LXX.

Mas porque em tal negocio não queria  
 Co'o seu conselho só determinar-se,  
 Faz ajuntar a nobre companhia  
 Com quem era costume aconselhar-se;  
 Pergunta-lhe que modo se teria  
 Para que se escusasse aventurar-se  
 Ou a gente, ou o Sousa a tal perigo,  
 E para não perder ElRei d'amigo.



## LXXI.

De tanta confusão fica então cheio  
 Cada hum, quanta o Cunha antes ja tinha,  
 Que de tentar o Sousa tõe receio,  
 E mandar os mil homens não convinha.  
 Quando o animoso Sousa posto em meio  
 Vendo que só por elle se detinha  
 Isto que tanto importa, ousado e forte  
 Sólta a voz para o Cunha desta sorte:

## LXXII.

Pudéra eu com rasão hoje affrontar-me  
 Ou ao menos estar de vós queixoso,  
 Senhor, pois duvidaes encarregar-me  
 Do negocio que haveis por perigoso,  
 Sabendo que nenhum ha que mais arme  
 Ao peito forte, d'honra desejoso,  
 Que aquelle que a maior perigo o chama,  
 Porque este sempre deu mór honra e fama.

## LXXIII.

Não he do Portuguez passar a idade  
 Entre delicias, entre mimo e viço,  
 Mas buscar sempre a mór difficuldade  
 Por honra do seu Rei, e por serviço;  
 E eu a vida, a pessoa, a liberdade  
 Para as perder por isto, só cubiço,  
 E quanto este perigo maior vejo  
 Tanto ja vêr-me nelle mais desejo.

## LXXIV.

Se isto quereis, Senhor, satisfazer-me,  
 De que eu corrido estou, mais que obrigado,  
 Pois menos mal he o risco de perder-me  
 Que perder a occasião de mais honrado,  
 Sómente póde ser com conceder-me  
 Que o Sultão vá de mi acompanhado,  
 Porque mais na honra vai do Lusitano  
 Nome, que no meu bem, ou no meu dano.

## LXXV.

Apoz estas palavras, que com tanta  
 Instancia disse o Sousa, e atrevimento,  
 Logo o Governador a voz levanta  
 Perante aquelle nobre ajuntamento;  
 E seus louvores hum espaço canta,  
 Nem he então de palavras avarento  
 A tamanho serviço, e tão notorio,  
 Isto mesmo faz todo o consistorio.

## LXXVI.

Nem sómente a jornada lhe concede  
 Cunha, mas quanto póde lh'a agradece,  
 Nada lhe nega então do que lhe pede,  
 Que muito mais cuida inda que merece.  
 Com isto o ajuntamento se despede,  
 E ja por toda a parte se engrandece  
 Deste Illustre Varão o esforço raro  
 Que nesta obra, e em mil outras se vio claro.

## LXXVII.

Apparelhado já como cumpria  
 Sousa, para o Sultão faz logo abalo,  
 E os que levava em sua companhia  
 Erão bem quarenta homens de cavalo:  
 São dez da Lusitana fidalguia  
 Cujos nomes não sei, por isso os calo,  
 E mais porque seus braços não vencidos  
 Os fazem mais que os nomes conhecidos.

## LXXVIII.

Chegados ao Sultão, os agasalha  
 Com mostras d'amor grande e verdadeiro,  
 Pelo Reino d'alli logo se espalha  
 Que ousado faz o novo companheiro.  
 D'hũa parte para outra se trabalha  
 Grão tempo sem parar hum dia inteiro,  
 Mas do inimigo Mogor não houve vista  
 Nem outra cousa achou que lhe resista.

## LXXIX.

Até que hum dia, quando o costumado  
 Pasto, o corpo mortal de nós recebe,  
 Eis que se lhe chega hum tão apressado  
 Que apenas os usados ares bebe;  
 E inda co'o tom da voz mal declarado  
 Lhe diz: Com grande pressa te apercebe,  
 Senhor, porque os Mogores tões tão perto,  
 Que quiçá lhe serás ja descuberto.

## LXXX.

Nesta gente não vem (segundo tinha  
 Este homem dito) o proprio Rei imigo,  
 Porém hum seu irmão era o que vinha  
 Que oito mil de cavallo traz comsigo.  
 Não tõe gente Baudur quanta convinha  
 Para se defender d'hum tal perigo,  
 Porque a gente que então o acompanhava  
 De tres mil de cavallo não passava.

## LXXXI.

Grandemente o Sultão se sobressalta,  
 Já o combate o temor, já não repouza,  
 E inda que em casos taes sempre lhe falta  
 Ousadia, hoje mais do que soe ousa.  
 Cobre-se d'armas, a cavallo salta,  
 Manda logo chamar o nobre Sousa,  
 Sem cujo parecer, sem cuja ajuda  
 Nem atraz, nem ávante o passo muda.

## LXXXII.

Sousa, no qual temor não se aposenta,  
 Com grande pressa a sua gente ajunta,  
 Perante o Sultão logo se apresenta,  
 Que cuberto vio d'hũa côr defunta.  
 Elle que assaz de vê-lo se contenta,  
 E cobra a côr perdida, lhe pergunta  
 Que devia fazer-se agora nisto  
 Pois no logar o imigo era já visto.

## LXXXIII.

Acaso n'hum logar se agasalhava  
 Então ElRei, o qual tinha defronte  
 Hum outeiro, que ao Ceo tanto se alçava  
 Que bem pudéra ter nome de monte:  
 Reccolhida ja em cima d'elle estava  
 Com medo que o Mogor a não affronte,  
 Muita da comarcãa rustica gente  
 No sexo, e nas idades differente.

## LXXXIV.

Vendo o Sousa que alli grande apparelho  
 Podia ter ElRei para valer-se,  
 E sem fazer de sangue o chão vermelho,  
 Se fosse accommettido, defender-se,  
 Lhe disse que seria bom conselho  
 Para aquelle alto outeiro recolher-se,  
 Onde a furia do imigo deshumano  
 Poderia esperar sem nenhum dano.

## LXXXV.

E que o Mogor quiçá não ousaria  
 Do outeiro commetter a alta subida,  
 Cuidando que a pedestre companhia  
 Era gente de guerra, e não fugida.  
 Tanto agrada ao Sultão isto que ouvia  
 Que logo executa-lo não duvida,  
 Parte logo d'alli, chega lá acima,  
 Louvando o Sousa, e tendo-o em grande estima.

## LXXXVI.

Arribados ao alto apenas erão  
 O Sultão com a sua gente, quando  
 Os Mogores ao campo apparecêrão  
 Que o logar forão todo atravessando.  
 E como ElRei no outeiro conbecêrão  
 Passando pola fralda o vão deixando,  
 Vendo o logar, e aquelles que a pé estavão,  
 Que todos ser de guerra imaginavão.

## LXXXVII.

Sousa, vendo e pesando então comsigo  
 Esta ida do Mogor, sem outro effeito,  
 Apesar do Sultão, que a tal perigo  
 Mal podia soffrer vê-lo sujeito,  
 Se aparta d'elle a vêr se deste imigo  
 Quiçá agora entender pôde o conceito,  
 E o Capitão, e alguns vio apartar-se  
 Qual soe fazer quem quer aconselhar-se.

## LXXXVIII.

Pouco traz isto, vê que a gente volta,  
 E no logar entrando d'odio cheia,  
 De sangue enchendo a terra, e de revolta,  
 E de gritos os ares, a saqueia :  
 O Sousa em ira e dôr tendo a alma envolta  
 Porque hum tamanho mal não remedeia,  
 Descêra a castigar tal crueldade  
 Se tivera o poder qual a vontade.



## LXXXIX.

Rico e victorioso, e ja em batalha  
 Posto o Mogor, d'alli desaparece,  
 E porque então no mar ja se agasalha  
 O Sol, tambem ElRei ao campo dece;  
 Vendo que o caminhar nada lhe atalha  
 Ja para Diu, em breve lá apparece,  
 Onde despede o Sousa, e a sua gente  
 Pagos de seu trabalho largamente.

## XC.

Vendo o governador que com superno  
 Favor, tinha acabado seu intento,  
 E que era isto ja em Março, quando o inverno  
 Bate ás portas do oriental assento;  
 Querendo-se tornar ao seu governo  
 Levanta o ferro, sólta a vella ao vento,  
 Volta a pôpa á Cidade, ao mar a proa,  
 E torna-se a invernar na nobre Goa.

## XCI.

Mas para dar a esta obra segurança,  
 Porque do novo amigo não se fia,  
 A Manoel de Sousa (a quem a lança  
 Imiga, pouco, ou nunca resistia)  
 Da fortaleza deu a governança,  
 E oitocentos lhe deixa em companhia  
 Portuguezes, d'esforço grande e raro,  
 Muitos de sangue illustre, antigo e claro.

## XCII.

Neste tempo o Mogor enfastiado  
 De presas, de victorias, de riqueza,  
 Vendo que Orion ja soberbo e armado  
 Começava a mostrar sua braveza,  
 E o Ceo de grossas nuvens negro, e inchado  
 Mostra do inverno a furia, e a tristeza,  
 Vai buscando apressado a patria antiga  
 E deixa aquella fraca terra imiga.

## XCIII.

Baudur vendo de todo em salvo postas  
 Suas terras, e o imigo n'outra praia  
 Que tantas vezes ja lhe vio as costas,  
 E levou os despojos de Cambaia;  
 E entendendo que estavam ja dispostas  
 Para que livremente elle entre e saia,  
 Cobra espiritos de novo, e ja se esforça,  
 Dá-lhe a falta do imigo alento e força.

## XCIV.

Por cá, por lá, por monte, valle e serra  
 Entra (qual soe) soberba e ousadamente,  
 Discorre ja seguro pola terra  
 Em que então resistencia ja não sente;  
 Onde alguns alvoroços, de que a guerra  
 Passada causa foi á sua gente,  
 Elle quieta, ordena, elle assocega,  
 Tudo por onde passa se lhe entrega.

## XCV.

Alguns dos principaes, que dos passados  
 Desbaratos salvar-se então puderão,  
 E em diferentes partes retirados  
 Todo o tempo das guerras estiverão,  
 Vendo os imigos ja tão apartados  
 A seu Senhor de novo se vierão,  
 Com que foi restaurando o estado antigo,  
 Até que o Reino vio sem guerra e imigo.

## XCVI.

Alguns Reinos, que com innumeravel  
 Força ganhou, soberba e crueldade,  
 Vendo que lhe era o tempo favoravel  
 Para cobrar a antiga liberdade,  
 E tirar-se d'hum jugo intoleravel  
 Estrangeiro, tyranno, sem piedade,  
 Negão-lhe a obediencia que a tyrana  
 Força dar-lhe fazia, e deshumana.

## XCVII.

Não consente o soberbo resistencia,  
 Nem perder dos seus bens o cubigoso,  
 Acceso em ira ElRei, com diligencia,  
 Hum exercito manda poderoso,  
 Debaixo do poder e obediencia  
 De Miram, seu sobrinho, que o animoso  
 Esprito, com boas partes illustrava,  
 E de quem elle muito confiava.

## XCVIII.

E que logo se parta lhe encommenda  
 Sem pôr em caminhar qualquer tardança,  
 Nem em outro negocio mais entenda  
 Que em tomar dos rebeldes grãa vingança:  
 E não desistirá desta contenda  
 Até que com cruel espada e lança  
 Áquellas infieis gentes perdidas  
 Ou tire as liberdades, ou as vidas.

## XCIX.

De muitos a que o sangue, ou nobre estado  
 Logares principaes no Reino dera,  
 Ficou então ElRei acompanhado;  
 E Mirizam Hamed hum destes era,  
 Que deste Rei Mogor era cunhado,  
 E ser elle a maior causa dissera  
 A estes dous Reis, das guerras que tiverão,  
 Se os meus versos atraz o não disserão.

## c.

Neste tempo em que ElRei ja sentir vejo  
 Da fortuna o favor falso, e inconstante,  
 Se lançou com elle hum, de quem desejo  
 Que a minha historia logo agora cante.  
 Se vós de o conhecer tendes desejo,  
 Senhores, esperai-me lá diante,  
 Que eu agora passar d'aqui não ousou  
 Sem primeiro tomar algum repouso.

## ○ PRIMEIRO ○

# CERCO DE DIU.

## CANTO VI.

*Dá-se a morte ao Secretario d'El Rei dos Mogores. Começa-se a descobrir o odio que o Sultão tõe aos Portuguezes. Nuno da Cunha faz huma grossa armada, e chega com ella a Diu. Conta-se hum estranho caso que aconteeceo a Manoel de Sousa com El Rei. O Sultão vai visitar Nuno da Cunha ao seu galeão.*

### I.

Aquella sempre foi boa amizade,  
Verdadeira, fiel, firme, e de dura,  
Que nasceo d'hum amor, d'hũa vontade  
Livre, sincera, limpa, clara e pura:  
Porém a que ajuntou necessidade,  
Sempre foi breve, falsa, e mal segura,  
Que do necessitado e interesseiro  
Nunca se fez amigo verdadeiro.

## II.

E se isto está tão certo inda entre a gente  
 Que tõe a mesma lei e patria antiga,  
 Que será entre aquell'outra, a quem sómente  
 A força do interesse fez amiga?  
 E que sendo em nação mui differente,  
 Em patria, em lei, e em tudo sempre imiga,  
 Lhe he para seu remedio, necessario  
 Mostrar amor ao seu mór adversario?

## III.

Em tanto dura o amor, antes no peito  
 Em tanto está encuberto este odio antigo,  
 Em quanto áquelle mal está sujeito  
 Que o constrangêra a se mostrar amigo;  
 Porém como era falso, e contrafeito,  
 Apenas está fóra do perigo,  
 Ou da necessidade, quando vólta,  
 E com mór furia ao odio a rédea sólta.

## IV.

Atraz vos prometti, se não me engano,  
 (Faltar-vos da promessa não queria)  
 De vos dizer quem era hum que seu dano  
 Achou naquelle a quem favor pedia.  
 Este que se lançou lá co'o tyrano  
 Baudur, como pouco antes vos dizia,  
 Secretario he do Rei Mogor, e he dito  
 Que lhe tõe o Sultão odio infinito.



## V.

A causa porque então o triste veio  
 Lançar-se co'o Sultão, e acompanhallo,  
 De quem devêra ter hum grão receio  
 Só porque do Mogor era vassallo,  
 Foi, para que alcançasse por seu meio  
 Embarcação, que a Ormuz possa levalllo,  
 E fazer d'ahi a Persia seu caminho  
 Onde tinha o paterno amado ninho.

## VI.

Finge Baudur então que de si aparta  
 Todo o odio, e lhe mostrou boa vontade,  
 Para Diu lhe manda que se parta  
 Onde o despacharão com brevidade.  
 Dá-lhe hũa para o Rao funesta carta  
 (Este tinha o governo da Cidade)  
 Em que manda que tire ao triste Mouro  
 Depois da vida todo o mais thesouro.

## VII.

Parte o misero logo com grãa pressa  
 Na palavra d'ElRei mui confiado,  
 Dia e noite, de caminhar não cessa,  
 Ja para vêr a patria alvoroçado.  
 Espera, Mouro, espera, que a promessa  
 De seres brevemente despachado  
 Não he dar-te a mercê que tões pedida,  
 Mas tirar-te a fazenda, e mais a vida.

## VIII.

Chega o Mouro contente áquelle assento  
 Que o nome inda hoje tõe do louro Rume,  
 Trata de effectuar o seu intento,  
 Que de tal traição nada presume.  
 Acha na entrada bom recebimento,  
 Que este do traidor foi sempre o costume  
 Mostrar amor onde o odio mais o acende,  
 Para que faça em salvo o que pertende.

## IX.

Naquella mesma noite que a ventura,  
 Antes desventurada imiga sorte,  
 Trouxe alli o Mouro a dar-lhe sepultura,  
 O salteão com mão armada e forte.  
 Não lhe val resistencia nem brandura,  
 Porque alli o esperava a cruel morte,  
 A carne emfim no proprio sangue envólta  
 Por mil portas o triste espirito sólta.

## X.

Que cousa por tentar nunca deixárão  
 Huns cubiçosos perfidos intentos?  
 Ou a que peitos nunca perdoárão  
 Nem reaes, nem de baixos nascimentos?  
 Inda estas crueis mãos aqui não páráo,  
 Porque ao triste mil vezes setecentos  
 Pardaos roubão tambem, e fica agora  
 Ladrão o que homicida antes ja fora.

## XI.

Desta obra o Sultão fica satisfeito,  
 Que d'hũa e d'outra parte era conforme  
 Ao seu cruel e cubigoso peito  
 E de tudo o real assaz disforme.  
 Traz este abominando, enorme feito  
 Se apparelha para outro mais enorme,  
 O qual logo ouvireis, não sem espanto,  
 Se não vos he pesado este meu canto.

## XII.

Baudur, vendo-se ja desaffrontado  
 Do soberbo Mogor, cruel e imigo,  
 Que o tivera até alli tão apertado  
 Que o fez dos Portuguezes ser amigo,  
 E vendo livre todo o seu estado  
 De guerras, de tumultos, de perigo,  
 De novo começou em ira inchar-se  
 O seu peito, e de mór odio inflamar-se.

## XIII.

Vê-se o grande odio ja, vê-se a grande ira,  
 Mostra-se a natural furia indomavel  
 Que a contraria fortuna reprimira,  
 Domestica fizera, e toleravel.  
 Amor forçado sempre foi mentira,  
 Pois mostra quando o Ceo vê favoravel  
 Que amor não foi, mas odio de verdade,  
 Encuberto com nome d'amizade.

## XIV.

Mostrou este odio ElRei tão claramente  
 E a furia que tivera reprimida,  
 Que logo vio a Portugueza gente  
 Quanto lhe era pesada e aborrecida,  
 E que elle se affrontava grandemente  
 De ter-lhe a fortaleza concedida,  
 E que tanto esta affronta então sentia  
 Que ella só vir-se a Diu lhe impedia.

## XV.

E inda que nas palavras trabalhasse  
 Encubrir a paixão que n'alma andava,  
 Não pôde tanto emfim, que refreasse  
 O que odio e natureza estimulava,  
 E que ás vezes com obras não mostrasse  
 O que então com a lingua não mostrava,  
 Nem esta assi governa, que alguma hora  
 O que lá dentro está não mostre fóra.

## XVI.

Estes damnados, perfidos conceitos,  
 Esta tenção d'ElRei falsa e tyrana  
 Que tinha contra aquelles que sujeitos  
 Erão, da alta Corôa Lusitana,  
 Por alguns dos que lh'erão mais acceitos  
 Foi (se o que diz a fama não m'engana)  
 Ao nobre Sousa logo revelada,  
 De que era a fortaleza governada.

## XVII.

Mas deste odio mortal com que persegue  
Em segredo os Christãos este enganoso  
Baudur, faz com que nada então se negue  
Ou se esconda ao grão Sousa valeroso,  
O Rao, a quem ja disse que era entregue  
Na Cidade o logar mais poderoso,  
Pessoa principal no senhorio  
De Cambaia, com quanto era gentio.

## XVIII.

Este lhe descobrio, que tão aceso  
ElRei em odio estava, porque via  
O seu Reino daquella gente preso  
Que elle tão altamente aborrecia,  
Que por tirar de si tão grave peso  
Com todo seu poder trabalharia,  
Vendo tempo e logar em que este imigo  
Podesse destruir sem seu perigo.

## XIX.

Não desfalece o Sousa, ou desespera,  
Do Sultão, entendendo o pensamento,  
Mas tudo trata então, rege e tempera  
Com muita discrição, com muito tento,  
Para que passe em paz a horrenda e fera  
Sazão, que engrossa o mar, dá furia ao vento,  
Porque a agua que só tinhão e bebião  
Era, a que os da Cidade lhe trazião.

## XX.

Porém sabendo a gente da Cidade  
 A tenção do seu Rei, e o máo conceito,  
 Contra aquelles a quem a adversidade  
 Pouco antes nôvo amigo o tinha feito,  
 O quer seguir tambem na má vontade  
 Conformar-se co'o seu malvado peito,  
 Que até nas affeições (que n'alma habitão)  
 A seus Reis os vassallos sempre imitão.

## XXI.

E para effeito deste tão nefando  
 Intento imitador d'hum Rei tyrano,  
 Em quanto aquelle inverno foi passando  
 Em que o Capitão forte Lusitano  
 Com grãa prudencia as cousas temperando  
 Estava, por fugir a qualquer dano,  
 A Cambaica gente em odio acesa  
 Trata com grãa soberba a Portugueza.

## XXII.

Quando pola Cidade esta se estende  
 Descobre a imiga gente a furia antiga,  
 E em tamanha ira hũa e outra o peito acende  
 Que travão sanguinosa, cruel briga:  
 O Portuguez alli o espirito rende,  
 Rende tambem o espirito a gente imiga,  
 Hum e outro a culpa e o damno então pagava  
 Que o Lusitano ás vezes só causava.



## XXIII.

Deste intento d'ElRei falso e damnado  
 Indigno da real alta Coroa,  
 A fama com veloz curso apressado  
 E co'o som do metal que a orelha atroa,  
 Logo ao Governador levou recado  
 E lhe manifestou lá dentro em Goa  
 Não sómente as palavras que dizia  
 Mas quanto contra os nossos pertendia.

## XXIV.

Quanto mais a Oceana onda salgada  
 No tempo que a sazão fria apparece,  
 Com a furia de Noto negra e inchada  
 Se engrossa, se alevanta e se embravece,  
 Não póde ser com a furia igualada  
 Que no gesto, e palavras se conhece  
 Do illustre Nuno, como lhe apresenta  
 A fama o que o Sultão perfido intenta.

## XXV.

E para castigar este odio e esta ira  
 Que o perfido Sultão no peito encerra,  
 As vellas logo ao manso vento abrira  
 E de Cambaia entrára a ingrata terra,  
 Se lh'o de todo então não impedira  
 Hũa áspera, cruel, e dura guerra  
 Que com o Acedecão travada tinha  
 Que sua terra a Goa tõe visinha.

## XXVI.

Passado era de todo aquelle inverno  
 E ja Flora espalhava novas flores,  
 E se fazia então com mais interno  
 Odio esta guerra, e bellicos furores,  
 Quando ordena aquelle Alto, e Sempiterno  
 Rei, que manda os Celestes Moradores,  
 Que em meio d'hum grande odio amigos fiquem  
 E de supito então se pacifiquem.

## XXVII.

Não deixa perder tempo o forte Nuno  
 Vendo-se livre ja do novo imigo,  
 Tendo para o que quer tempo opportuno  
 Determina ir buscar o imigo antigo:  
 Favoravel para isto vê Neptuno,  
 Eolo favoravel, brando e amigo,  
 Navios apparelha e mantimentos,  
 Soldados escolhidos bem quinhentos.

## XXVIII.

Dá com grãa pressa a pôpa á nobre Goa  
 E faz-lhe a ira cuidar que ainda tarda,  
 Ao Reino de Baudur vòltou a proa  
 A que o Ceo hum cruel castigo guarda.  
 A trombeta tambem agora soa,  
 Tambem soa o atambor, soa a bombardarda,  
 Tambem voa nos ares o estandarte,  
 Em tudo resplandece o fero Marte.

XXIX.

Fez-se isto entrando o mez que a fiel gente  
 Do Eterno Rei celebra o nascimento,  
 Cortando o mar a armada vai contente  
 Com grão favor das ondas e do vento:  
 E tal foi, que tomou mui brevemente  
 Lá dentro em Baçaim recolhimento,  
 Cabe a ancora da proa, o fundo afferra,  
 Soa o canhão no mar, soa na terra.

XXX.

O valeroso Cunha a que o malvado  
 Enganoso Baudur sollicitava,  
 Lhe manda hum d'alli logo com recado  
 Que Diogo de Mesquita se chamava:  
 Este em Cambaia ja tinha provado  
 Quanto a braga nas pernas carregava,  
 E da linguagem tinha, e da malicia,  
 E das cousas da terra grãa noticia.

XXXI.

O que o Governador aqui pertende  
 Do recado que manda a seu contrario  
 He (se he certo o que a fama disto estende)  
 Com côr d'algun negocio necessario,  
 Vêr se o que por signaes delle se entende  
 Seja conforme em tudo, ou seja vario  
 Daquillo que os successos que passarão  
 Delle assaz claro ja testemunhárão.

## XXXII.

Detem-se em Baçaim todo Janeiro  
 O nobre Cunha traz esta embaixada,  
 E na entrada do côxo Fevereiro  
 Para Diu encaminha a sua armada.  
 Porém antes que o esperto Marinheiro  
 A ancora sólte, ou colha a vella inchada,  
 Torna Mesquita em meio do mar largo  
 Dar rasão do que lhe era dado a cargo.

## XXXIII.

E o que deste negocio denuncia  
 He que na Côrte toda, e no tyrano  
 Geralmente hum mortal odio se via  
 Contra o fiel amigo Lusitano:  
 E que tudo o que entre elles lá se ouvia  
 He tratar claro ja de nosso dano,  
 Que mal encobre o rosto, ou a palavra  
 O fogo que lá dentro o peito lavra.

## XXXIV.

Em quanto dá Mesquita esta resposta,  
 Seu curso a nobre armada não detinha,  
 Mas com a vella inchada, e em alto posta  
 Sempre polo salgado mar caminha.  
 E assi chegou de Diu á outra costa  
 Onde Madrafabat por nome tinha,  
 Que he hum rio assaz grande, e alegre á vista,  
 Que da Cidade cinco legoas dista.

## XXXV.

Ja Pirois, Heoo, Eton, juntamente  
Com Flegon, que o diurno carro aceso  
Tinhão trazido lá desd'o Oriente,  
Deixavão no Oceano o claro peso,  
Via-se a Lua então resplandecente  
Em quanto o irmão está do somno preso,  
Quando o Sousa que manda a fortaleza  
Á nossa armada vem com grãa presteza.

## XXXVI.

Onde ao Governador dá larga conta  
De cousas que antes pouco erão passadas,  
Com que ás vezes se vio posto em affronta,  
Mas forão todas bem remediadas.  
Hũa sómente a minha historia conta,  
Porque todas não podem ser contadas,  
Se alguem me der para ella attento ouvido  
Não se arrependerá de ter-me ouvido.

## XXXVII.

Pouco tempo antes vindo era á Cidade  
O perfido tyranno, falso, e imigo,  
A executar aquella alta maldade  
Que trazia assentada ja comsigo.  
Bem sabe o nobre Sousa esta verdade  
Mas nem por isso perde o esforço antigo,  
Antes visita a ElRei tanto que veio,  
E isto que sabe esconde lá no seio.

## XXXVIII.

Poucos dias traz isto, quando a bella  
 Diana á escura terra se mostrava,  
 E espalhava a prateada luz por ella  
 Que lhe o seu claro irmão communicava,  
 Sendo passada ja a primeira vella  
 Quando no mór repouso tudo estava,  
 E o mundo descuidado, e somnorento  
 Têe perdido de todo o sentimento :

## XXXIX.

Por hum caminho que he bem encuberto  
 E á nova fortaleza vai direito,  
 Aparece hum de quem se têe por certo  
 Que do bruto Alcorão segue o preceito :  
 Chega ás casas do Sousa este mui perto  
 Para lhe descobrir o seu conceito,  
 Vai ao longo do rio, lá da banda  
 Que se está descobrindo hũa varanda.

## XL.

D'alli com tanta instancia o está chamando  
 Que lhe acode daquelles hum soldado  
 Que andavão polo muro vigiando,  
 E leva ao Capitão este recado.  
 Salta da cama Sousa em despertando  
 Ora arreceoso, ora alvoroçado,  
 Põe-se lá onde ao Mouro bem ouvia,  
 Pergunta-lhe a que vinha, e que queria.



## XLI.

Vendo o Mouro hum logar tão só, e secreto,  
Responde: Illustre Sousa, alto, e prudente,  
Cumpre que não estejas tão quieto  
Porque hum grande perigo tões presente:  
Sabe que em o Pastor claro d'Admeto  
Começando a mostrar o carro ardente  
ElRei te chamará como que te ama  
Mas para dar-te a morte elle te chama.

## XLII.

E porque tu não cuides que a mostrar-te  
Me moveo interesse este perigo,  
Nem o meu nome quero declarar-te  
Nem dizer-te aqui mais que o que te digo:  
Fica-te embora, e cumpre-te guardar-te  
Porque te mostra amor o mór imigo.  
E com isto de fallar o Mouro cessa,  
Volta as costas, e vai-se com grãa pressa.

## XLIII.

Se alguém me perguntasse quem seria  
Este que ao Sousa fez tal amizade,  
Ser elle o mesmo Rao eu lhe diria  
Que então tinha o governo da Cidade:  
Não me crêaes a mim, pois cá vivia,  
Crêde á fama, que o affirma por verdade,  
Nem me pergunteis disto o fundamento  
Porque eu não advinho o pensamento.

## XLIV.

De confusão e espanto fica cheio  
 O valeroso Sousa co'o que ouvira,  
 Ora o mette por dentro hum arreceio  
 Ora o esforça de novo hũa nova ira.  
 E de tal confusão posto no meio  
 Cuida ás vezes que pôde ser mentira,  
 Mas tõe consigo enfim determinado  
 Obedecer a ElRei, se fôr chamado.

## XLV.

Não se descuida o perfido tyrano,  
 Que de toda maldade e engano he fonte,  
 Mas para executar o ultimo dano  
 No inimigo que não soffre ter defronte,  
 Manda hum recado ao forte Lusitano  
 Co'o resplendor primeiro do Horizonte,  
 Em que a vir ter com elle então o exhorta  
 Para cousa que diz que muito importa.

## XLVI.

Sousa, a quem este engano não se esconde  
 O dissimula então com grãa firmeza,  
 E tendo ja assentado d'ir lá aonde  
 Tõe de morte cruel grande certeza,  
 Ao mensageiro ousado então responde  
 Que fará o que lhe manda sua Alteza:  
 Fez-se prestes para ir, e dissimula,  
 Que honra mais que temor alli o estimula.

## XLVII.

Não vai, qual soe, honrada e nobremente,  
 Mas deixa os apparatus seus primeiros,  
 O soberbo cavallo, e juntamente  
 A guarda dos sessenta alabardeiros:  
 Mette-se n'hum catur onde he sómente  
 D'hum pagem acompanhado e dos remeiros,  
 Quiçá cuidou que ElRei com isto veja  
 Que a morte sem rasão dar-lhe deseja.

## XLVIII.

Nem o enganou de todo esta esperança  
 Antes lhe succedeo como cuidava,  
 Chega o catur, e com grãa confiança  
 Vai Sousa vêr ElRei, que ja o esperava;  
 E vendo-lhe ora hũa, ora outra mudança,  
 Que o malvado conceito nelle obrava,  
 Vê que o seu peito cheio de maldades  
 Têe concebido grandes novidades.

## XLIX.

Algun tanto suspenso ElRei esteve  
 Em o vendo, e ou por vir sem companhia,  
 Ou por causa que occulta á gente teve:  
 O Sempiterno Filho de Maria,  
 O odio antes tão pesado se faz leve,  
 A ira antes tão acesa se lhe esfria,  
 Mitiga-se o furor sempre indomavel  
 Mostra-se-lhe benigno, e favoravel.

## E.

Mostra-lhe gasalhado falso e incerto,  
 E da sua tenção contrario o rosto,  
 E diz-lhe que o chamára, porque certo  
 Saiba se da Cidade estava posto  
 O Governador inda longe ou perto,  
 Porque de o vêr alli terá grão gosto.  
 Estas e outras cousas lhe pôz diante  
 E logo o despedio com bom semblante.

## LI.

Timido Mareante, a quem a imiga  
 Furia do grosso mar embravecido  
 Com naufragio ameaça, e dá fadiga,  
 E em mãos da morte o tinha ja rendido,  
 Se acaso a furibunda ira mitiga  
 O tempestuoso Austro, de perdido  
 Que antes se estava vendo, e quási morto,  
 Chega contente ao desejado porto.

## LII.

Tal na imaginação se me apresenta  
 O nobre Sousa, o qual inda que forte  
 Sem temor não entrou nesta tormenta  
 Porque o esforço não tira o medo á morte:  
 Vendo-se em salvo della, se contenta,  
 Dá mil graças á sua amiga sorte,  
 Que de novo quizera dar-lhe a vida  
 Quando havia que a tinha mais perdida.

## LIII.

Ouvido nisto o Sousa attentamente  
E n'outras cousas desta qualidade  
Foi do Governador, que dellas sente  
A tenção de Baudur, e a má vontade;  
Porque ellas lhe descobrem claramente  
Do que tinha ouvido antes a verdade,  
Vendo que o que ellas mostram conforme era  
Co' o que a fama ja em Goa lhe dissera.

## LIV.

O dourado aposento o Sol deixando  
Co'a sua costumada ligeireza,  
Com a Aurora diante, vinha dando  
Nova luz á terrestre redondeza,  
E desterrar a escura noite, quando  
Se tornou Sousa á sua fortaleza,  
Mas não se abala a armada até áquella hora  
Que appareceo no Ceo de novo a Aurora.

## LV.

E quando ella mostrou ao valle e ao monte  
O seu raio de prata, humido e frio,  
Amanhecia o dia no Horizonte  
Em que a Igreja com rito santo e pio  
Signalava com cinerea Cruz a fronte  
Dos que seguem de Christo o Senhorio;  
E então a armada ao vento a vella sólta  
E lá direito ao porto a proa vólta.

## LVI.

E neste mesmo tempo que ferindo  
 Vai hum prospero vento as largas vellas,  
 Vão pola terra firme em vão fugindo  
 D'ElRei á caça as timidas gazellas.  
 Em quanto as náos seu curso vão seguindo  
 Se vai por terra ElRei tambem traz ellas,  
 Porque a caça deixou em vendo a fróta  
 E segue da Cidade a mesma róta.

## LVII.

Perto ja tinha o porto desejado  
 A Lusitana armada, que buscava,  
 Quando chega hũa fusta, em que hum criado  
 Vinha d'ElRei, que grande amor mostrava:  
 Este ao Governador traz hum recado  
 Em que ja da chegada o visitava  
 Da parte do Sultão, e lhe trazia  
 Parte do que caçára aquelle dia.

## LVIII.

Desejo de encubrir a má vontade  
 Faz com que este presente o Sultão manda,  
 De gazellas mandou grãa quantidade  
 Que sem lhe ser tirada a pelle branda  
 Faltava a qualquer dellas a metade  
 Da carne d'hũa perna, e d'outra banda  
 Mandou muitas gallinhas, a que falta  
 A parte que no corpo anda mais alta.



## LIX.

Estes abusos grandes, sempre usados,  
Mas antes naturaes da Moura gente,  
Em que costumão ser prognosticados  
Os desejos que dentro a alma só sente,  
Forão com attenção então olhados,  
E tambem consultados largamente  
Dos que no galeão então estavam  
Que o valeroso Nuno acompanhavão.

## LX.

Mostra o Governador alegre rosto  
Ao presente, e responde, que nesta hora  
Ir vêr ElRei lhe fôra hum grande gosto  
Mas que a indisposição lhe tolhe ir fóra;  
Porém como se achar melhor disposto  
A falta supprirá que teve agora.  
Torna-se o Mouro logo satisfeito  
A dar conta ao Sultão do que tõe feito.

## LXI.

Não detem Cunha emtanto a nobre armada  
Que do presente o engano bem presume:  
E tendo perto o fim da sua jornada  
O Sol, em que mostrava o usado lume,  
Lá no porto de Diu a vê ancorada  
Co'as cerimonias que erão de costume.  
ElRei, que vai seguindo a inchada vella,  
A Cidade chegou junto com ella.

## LXII.

Onde sabendo a causa, e o impedimento  
 Que o grão Cunha detem, porque a malina  
 Tensão o estimulava, sem mais tento  
 Ao galeão ir vê-lo determina:  
 Porque com tal amor, tal cumprimento  
 Maior obrigação pôr-lhe imagina,  
 Para que mais seguro e descuidado  
 Visite o de que foi ja visitado.

## LXIII.

Cuida o Sultão, e tõe por cousa certa  
 Que esta sua amizade contrafeita  
 A toda a gente está tão encuberta  
 Que nem della se tõe qualquer suspeita,  
 O fervente desejo tanto o aperta,  
 A tal odio a vontade tõe sujeita,  
 Que não lhe deixão vêr o seu engano,  
 E assi a cilada armou para seu dano.

## LXIV.

Malvado Rei, ao Ceo e á terra inimigo,  
 Do Cambaico Reino unica peste,  
 Chegado ja te vejo ao mór perigo  
 E a pagares os males que fizeste;  
 Tu mesmo ordenarás o teu castigo,  
 Porém não inda tal qual mereceste;  
 E no laço em que ja tantos tomaste  
 Tu mesmo cahirás, que mesmo o armaste.

## LXV.

Tendo o Sultão comsigo ja assentado  
 Que por este caminho que levava  
 Daria fim mais prospero e apressado  
 A isto que unicamente desejava,  
 Ao nobre Manoel manda hum recado  
 Que a nova fortaleza governava,  
 Para que ao galeão vão juntamente  
 Vêr o Governador, que está doente.

## LXVI.

Esta doença affirma sentir tanto  
 Como o seu mais chegado que alli vinha,  
 Recebe Sousa disto hum grande espanto  
 Porque a sua tenção mal advinha:  
 O grão Cunha avisar manda de quanto  
 ElRei determinado agora tinha,  
 E traz isto ao Sultão se vai chegando  
 Que ja prestes para ir o está esperando.

## LXVII.

Põe no Governador hũa infinita  
 Confusão este aviso que lhe veio,  
 Ora a vinda d'ElRei ha por grãa dita  
 Ora tambem lhe põe hum grão receio:  
 Necessidade a dar-lhe morte o incita,  
 D'outra parte a vergolha lhe põe freio,  
 Porque ha que he vergonhoso ao varão forte  
 Ao pacifico imigo dar a morte.

## LXVIII.

Com quanto a confusão tamanha parte  
 Têe nelle, por fazer nada lhe fica,  
 Vê-se a bandeira ja, vê-se o estandarte  
 No galeão, vê-se a alcatifa rica;  
 Põe-se a armada tambem toda dest'arte,  
 Em toda grande festa se publica,  
 Que assi o manda o grão Cunha, porque veja  
 ElRei que a sua vinda se festeja.

## LXIX.

Muitos dos que se então agasalhavão  
 N'outras embarcações em que vierão,  
 Ao galeão do Cunha se passavão  
 Nesta hora em que d'ElRei a vinda esperão:  
 Estes, e os mais que dentro nelle estavão  
 A cópia de duzentos bem enchêrão,  
 Dos quaes erão setenta (e não m'engano)  
 Do nobre e illustre sangue Lusitano.

## LXX.

Com alvoroço grande, e odio sobejo  
 Se espera a vinda deste falso amigo,  
 E vendô todos hum tão bom ensejo  
 Para lhe darem o ultimo castigo,  
 E tão geral em todos o desejo  
 De tirarem do mundo hum tal imigo,  
 E quanto cumpre que elle perca a vida,  
 Havião que elle a tinha ja perdida.

## LXXI.

Hespero ja queria no Horizonte  
 Os raios espalhar de prata, quando  
 N'hũa pequena fusta eis que defronte  
 Se mostra ElRei, que estavam esperando:  
 No traje igual áquelle que no monte  
 A livre caça vai sollicitando,  
 De verde panno, e touca em negro tinta  
 Na cabeça, e hum punhal d'ouro na cinta.

## LXXII.

A gente de que foi acompanhado  
 Dentro na sua fusta aquelle dia  
 São dous pagens, hum delles o terçado,  
 Outro o arco, o coldre, e as frechas lhe trazia:  
 Tambem o nobre Sousa, que chamado  
 Foi delle, leva em sua companhia,  
 E leva outros tambem treze Senhores  
 Que nos seus Reinos são os maiores.

## LXXIII.

Hum destes Langarcão se nomeava  
 E lá dos Guzarates traz a linha,  
 Que a juvenil idade então passava  
 E sobre hum nobre Estado o mando tinha.  
 Aminacem entre elles se chamava  
 Outro, e dos Guzarates tambem vinha,  
 De grão preço, valor, d'ousado peito,  
 Tambem hum grande estado lhe he sujeito.

## LXXIV.

Outro he aquelle infiel que na Latina  
 'Terra gerado foi, para seu dano,  
 Que a Santa Lei deixou, pura e divina  
 E seguio do Alcorão o bruto engano;  
 Cuja alma miseravel não foi dina  
 Do summo bem, eterno e soberano;  
 Cojaçofar se chama este perdido,  
 Creio que antes o tinheis conhecido.

## LXXV.

Mostrava ElRei ama-lo grandemente  
 E com grandes mercês isto mostrára,  
 Porém esta affeição e amor ardente  
 Que com fingida côr nelle empregára  
 Tinha a hum seu filho, a quem tão largamente  
 A natureza ornou, que se acertára  
 N'outra fonte tambem acaso ver-se  
 Tambem em flôr pudéra converter-se.

## LXXVI.

Hum Janizaro ousado, e forte em tudo  
 Companheiro tambem do Sultão era,  
 A que o Latino, que o Christão estudo  
 Deixou, por mulher hũa filha dera.  
 A este o Tigre do Mundo, o povo rudo  
 Por seu valor, por nome então puzera.  
 Não digo os outros, porque os não conheço,  
 Mas todos são Senhores de grão preço.



## LXXVII.

Aquellas armas sós agora tinhão  
 Que consigo na paz sempre trazião,  
 Porque como seu mal não advinhão  
 Estas para ornamento inda querião.  
 Quatro fustas traz esta d'ElRei vinhão  
 Em que alguns seus criados o seguião,  
 E d'outra gente algũa quantidade  
 Que sempre alvoroçou a novidade.

## LXXVIII.

Por toda a armada vai atravessando  
 Com esta ordem que aqui vos tenho escrita,  
 Em toda a parte o apito o vai salvando  
 Responde-lhe a sonora, aguda grita:  
 Mas com quanto o vai tudo festejando  
 A mostrar alegria nada o incita,  
 Que o sollicito espirito, e grão desgosto  
 Não lhe deixão mostrar alegre rosto.

## LXXIX.

Chegando ao galeão, ja apercebido  
 Está o Cunha, e com boa companhia,  
 Ao bordo o vai tomar, e co'o devido  
 Gazalhado o recebe, e cortezia.  
 Tambem no galeão foi recolhido  
 Qualquer dos que na fusta ElRei trazia,  
 Antes todos diante entrão agora  
 E todos os barretes levão fóra.

## LXXX.

Fazem lá para a tolda o movimento  
 De ricas alcatifas toda ornada,  
 No Governador todos põem o tento  
 Para dar fim a esta obra desejada,  
 Porque lhes representa o pensamento  
 Que sem falta ha de ser aqui tirada:  
 Do mundo esta cruel alma profana,  
 Mas este pensamento aqui os engana.

## LXXXI.

Para a camara juntos se passarão  
 ElRei, e o que era d'elle visitado,  
 Hum pagem, e Animacem o acompanhárão,  
 E o genro do Latino renegado;  
 Apoz estes tambem com elles entrárão  
 Langarcão, Santiago, que cantado  
 Atraz, de mi ja foi com largo verso,  
 Que até então sempre achára o Ceo diverso.

## LXXXII.

Qual soe ficar aquelle em quem estende  
 A nocturna visão temor tão alto  
 Que o espirito humano não se lhe defende  
 Cheio d'hum repentino sobresalto:  
 Não falla o triste ja, menos entende,  
 De todos os sentidos fica salto,  
 Que co'a terrivel vista da phantasma  
 A lingua, o entendimento, e tudo pasma:

## LXXXIII.

Tal o Governador, e ElRei estava,  
 Porque altas confusões o combatião,  
 Nenhum delles a lingua desatava  
 Sómente ambos dos olhos se servião.  
 E se á fama se crê, ella affirmava  
 Que assi bem meia hora ambos estarião,  
 Porque cada hum estava tão confuso  
 Que perdêrão das linguas o antigo uso.

## LXXXIV.

Aqui vio bem ElRei quamanho engano  
 E quão desatinada fôra esta ida.  
 Mas tarde o viste ja, falso tyrano,  
 Tarde foi a sandice conhecida,  
 Porque verás no teu o alheio dano,  
 Mil mortes pagarás c'hũa só vida:  
 Aos mortos se dará justa vingança,  
 Aos vivos para as vidas segurança.

## LXXXV.

Mas como hum máo, que a todos sempre dana,  
 Se receia tambem de toda banda,  
 Usando ElRei da lingua Persiana  
 A João de Santiago logo manda,  
 Que por vêr se este seu receio o engana  
 Entre dissimulado na varanda  
 Do galeão, e veja bem, e attente  
 Se está lá dentro nella algũa gente.

## LXXXVI.

Ao Governador isto não se esconde  
 Que não he desta lingua muito alheio.  
 Santiago obedece, e entra lá aonde  
 ElRei mostrava ter o mór receio.  
 O que lá dentro achou, e o que responde  
 Com tudo o que apoz isto sobreveio  
 Consenti-me que o cante d'aqui a hum pouco,  
 Porque agora estou ja de todo rouco.

132 OBRAS DE FRANCISCO B. ANDRADE.  
133

**O PRIMEIRO**

Quanto o reino peizo ao odio mais se entrego  
Menas  
Quanto mais o sentido perdo, e o tanto se  
F'ondo noutros dias vras por the negr  
Este odio de tal sorte o entendimento  
Que o que faz para mal de seu inimigo a  
Se he forar.

**CERCO DE DIU.**

**CANTO VII.**

III.

Cambão Rei, com seu exemplo espere  
Do que digo mostrar logo a verdade, se  
*Trata-se de dar a morte a Sullão Baudur,  
Rei de Cambaia. Contão-se algumas cousas  
notaveis que acontecerão neste meio.*

I.

**E**m que vos confiaes, tyrannos peitos,  
Nunca fartos de sangue, nem cansados?  
Se vêdes que quaesquer leves defeitos  
São rigorosamente castigados.  
Que esperaes vós, que as obras e os conceitos  
Trazeis sempre em cruezas empregados?  
E obrando quanto mal podeis, vos vejo  
Não chegardes co'os males ao desejo.

## II.

Quanto o máo peito ao odio mais se entrega  
 Menos póde cubrir o seu intento,  
 Quanto a crueza o mais desassocega  
 Tanto mais o sentido perde, e o tento:  
 D'onde acontece hũas vezes que lhe cega  
 Este odio de tal sorte o entendimento,  
 Que o que faz para mal de seu imigo  
 Se lhe torna em cruel, duro castigo.

## III.

Cambaio Rei, com teu exemplo espero  
 Do que digo mostrar logo a verdade,  
 E por isso trazer outros não quero  
 De que houve (com seu mal) grãa quantidade;  
 Pois tanto te cegou teu odio fero  
 Que o caminho que tua crueldade  
 Te ensinou, para mal d'outrem, mais perto  
 De tua morte cruel foì o mais certo.

## IV.

Santiago, entendendo o grão receio  
 Que da varanda ElRei tõe concebido,  
 Co'o mais dissimulado e cauto meio,  
 Menos dos circumstantes entendido,  
 Dentro nella se mette, e todo cheio  
 De segurança, e o medo ja perdido,  
 Se torna para ElRei, e lhe responde  
 Que dentro nella gente não se esconde.



## V.

Quieta ElRei com isto hum pouco o espirito  
 Mas inda não de todo se assegura,  
 Porque em quanto alli está, sempre infinito  
 Temor sente da morte triste e dura.  
 E o silencio que atraz vos tenho escrito,  
 Com a alta confusão que nelles dura  
 (Como atraz tambem disse) bem meia hora,  
 Da camara se sahem todos fóra.

## VI.

Todos da grã mudança que fizera  
 ElRei no rosto, vem qual he o seu peito,  
 Vem que sua tenção e desejo era  
 Vêr-se de todo fóra deste feito.  
 Outra vez geralmente aqui se espera  
 Que este geral desejo tenha effeito,  
 Mas foi vã esperança, e vão desejo,  
 D'onde nascer hum grave damno vejo.

## VII.

A causa porque então foi esta imiga  
 Alma infiel, do corpo companheira,  
 Quando o desejo, e a occasião obriga  
 Trazer-lhe a vida á hora derradeira,  
 Não espere ninguem que aqui lh'a diga  
 Pois dizer-se não póde a verdadeira,  
 E isto ordem pareceo do Soberano  
 Eterno Rei, mais que descuido humano.

## VIII.

Vendo-se ElRei ja fóra da suspeita  
 Que a varanda pouco antes lhe mettia,  
 Para a fusta subtil logo endireita  
 Porque dos que desama não se fia.  
 Sahe Cunha até o embarcar, mas pouco acceita  
 Foi a ElRei neste tempo a cortezia,  
 Porque em quanto o vê estar junto comsigo  
 Ha que sobre si tõe o ferro imigo.

## IX.

Na fusta que alli tõe salta ligeiro  
 Porque as azas do medo o favorecem,  
 Salta traz elle o amigo e o companheiro  
 Que os seus tambem de medo não carecem:  
 Roga, manda, ameaça o nú Remeiro  
 Mas todos sem grãa força lhe obedecem,  
 Do temor ajudado o duro braço  
 Faz alargar a fusta hum grande espaço.

## X.

Depois que dentro ElRei na fusta esteve  
 Em que de se salvar tõe só esperanza,  
 Co'o Cunha á parte o Sousa se deteve  
 Que tõe da fortaleza a governança;  
 E com quanto assaz foi o espaço breve  
 A fusta do Sultão ja não alcança,  
 O qual vendo o perigo a que escapára  
 Do galeão com pressa se affastára.

## XI.

Apaixonado o Sousa, e descontente  
 Porque a pressa d'ElRei o sollicita,  
 Se mette n'hum cátur, e juntamente  
 Por alcança-lo põe pressa infinita:  
 Comsigo no cátur leva sómente  
 Hum seu pagem, e Diogo de Mesquita,  
 Do qual (se na memoria o tendes vivo)  
 Disse atraz que em Cambaia foi captivo.

## XII.

Segue tu, Sonsa, a ElRei tão apressado  
 Que eu do Governador hum pouco canto,  
 O qual depois que á tolda foi tornado,  
 Entendendo bem toda a gente quanto  
 Cumpria da infiel vida privado  
 Ser o imigo Sultão, com grande espanto  
 Os olhos nelle põe, e inda duvida  
 Se das mãos se lhe foi são e com vida.

## XIII.

Elle, que da attenção da circumstante  
 Gente, está o seu conceito advinhando,  
 Com inquieto e colerico semblante  
 Lhe disse: Que me estaes agora olhando?  
 Bem vêdes essas fustas que ahi diante  
 Estão, o galeão acompanhando,  
 Nellas vos embarcai, e o Rei Cambaio  
 Segui ligeiramente, e acompanhaio.

## XIV.

Aquelle arrebatado movimento  
 Do rio, lá no monte alto nascido,  
 Que para dar aos corpos mantimento  
 Captivo tõe os homens, e impedido,  
 Quando livre se vê do impedimento  
 Que até então o tivera reprimido,  
 Tão furioso não sahe como esta gente  
 Ao Cunha, e a seu desejo obediente.

## XV.

Vagaroso ha que vai o que não voa,  
 Tanto o grande desejo os move e apressa,  
 Qual pola popa sahe, qual pola proa,  
 Qual tambem polo bordo se arremessa:  
 A revolta huns confunde, outros atroa,  
 Não lhes deixa ter ordem a grãa pressa,  
 Cada hum na mais chegada fusta salta,  
 N'hũa sobeja gente, e n'outras falta.

## XVI.

Com grãa pressa o Remeiro o braço estende  
 E vai-o para si logo encolhendo,  
 Com grãa força as salgadas ondas fende  
 E as vai em branca escuma revolvendo:  
 Com esta pressa e força então pertende  
 Alcançar o Sultão, o qual correndo  
 Com grãa presteza, ja vai tanto ávante  
 Que vai do galeão ja mui distante.

## XVII.

Porém com quanto ElRei tão longe ir vejo,  
 Hũa fusta das nossas que o seguia  
 Ajudada da pressa e do desejo  
 Se igualou com aquelle que fugia:  
 Chega-lhe juntamente neste ensejo  
 O ligeiro cátur em que o Sousa hia  
 A quem na fortaleza lá obedecem,  
 Que tambem odio e pressa o favorecem.

## XVIII.

E vendo-se ja junto a seu imigo  
 Na proa do cátur ligeiro salta,  
 E d'alli, com semblante inda d'amigo  
 A Santiago disse com voz alta:  
 Dize a ElRei que se venha ter comigo  
 A este cátur, nem haja nisto falta,  
 Que o Governador manda a Sua Alteza  
 Que vá d'aqui direito á fortaleza.

## XIX.

Santiago responde: Eu creio, Sousa,  
 Que deveis ter perdido o entendimento,  
 Porque não póde tê-lo aquelle que ousa  
 Fallar a ElRei com tal atrevimento.  
 A tamanho Senhor se diz tal cousa?  
 Ou vos falta a vós siso, ou falta tento,  
 Passai-vos vós cá, dai-lhe esse recado,  
 Que eu mais sisudo sou, mais attentado.

## XX.

E o rosto para ElRei logo voltando  
 Se lhe entendeo dizer-lhe: Senhor, guar-te,  
 Que eu do que vejo estou advinhando  
 Que estes são aqui vindos a matar-te.  
 Sousa no mesmo tempo, mais olhando  
 No que por fazer tinha, que na parte  
 Onde então posto está, della escorrega,  
 E ao salgado lieôr o corpo entrega.

## XXI.

Receioso d'algũa adversa sorte  
 O pagem, a que a temer o amor convida,  
 Traz elle ao mar se lança ousado e forte  
 Que o verdadeiro amor nada duvida.  
 Por salvar seu Senhor da cruel morte  
 Arrisca sem temor a propria vida.  
 Que o benigno Senhor, brando, amoroso,  
 Faz o servo fiel, fa-lo animoso.

## XXII.

No Reino de Neptuno ambos entrárão  
 E de terem lá entrado se entristecem,  
 Mas com pressa maior da que levárão  
 Sobol'agua ambos juntos apparecem.  
 Logo ambos no cátur juntos entrárão  
 Com ajuda d'alguns que os favorecem,  
 Que n'hum o grão perigo arreceiavão,  
 N'outro o grande valor, e amor louvavão.



## XXIII.

ElRei mostra sentir dôr não pequena  
De vêr Sousa no mar assi banhar-se :  
E d'alli com mãos logo lh'acena  
Que á sua fusta então queira passar-se.  
Elle vendo que assi melhor se ordena  
Poder o seu intento effeituár-se,  
Obedece ao Sultão, e co'o primeiro  
Aceno, lá na fusta entra ligeiro.

## XXIV.

Ligeiramente Sousa a fusta afferra,  
Que de grandes empresas era amigo.  
Pedr'Alvares d'Almeida lá se encerra,  
Segue Antonio Corrêa este perigo.  
Salta tambem na fusta o que na terra  
Cambaia, ja sentio o jugo imigo.  
Segue hum Lopo tambem este caminho,  
Que por alcunhas tõe Sousa, Coutinho.

## XXV.

Hum Manoel, hum Pedro, e juntamente  
Hum Antonio defende a proa aguda,  
Com hum Lopo, hum Diogo alli sómente  
Em guardar a redonda pôpa estuda :  
Em meio desta nobre e forte gente  
Fica posto o Sultão, que a côr ja muda,  
E o que da fortaleza tinha o mando  
Estava então com elle praticando.

## XXVI.

ElRei, que inda que estava tão distante  
 Do galeão, por livre não se havia,  
 Que em quanto os Portuguezes tõe diante  
 Temor da cruel morte o combatia,  
 Volta aos seus as palavras e o semblante,  
 E havendo que a linguagem o encubria  
 Diz, que com cruel peito e braço forte  
 Dêem áquelles imigos alli a morte.

## XXVII.

Isto entende o Mesquita, e com grão dano  
 Do nobre Manoel, vê logo o effeito,  
 Que o genro do infiel Italiano  
 Sem piedade lhe passa o forte peito.  
 'Trespasa aquelle peito soberano,  
 O qual inda que á morte foi sujeito,  
 Nunca o maior perigo pôde tanto  
 Que lhe podesse pôr qualquer espanto.

## XXVIII.

Mesquita, em grave dôr e ira a alma envólta,  
 Apertando na mão a nua espada,  
 Ferra a ElRei por hum braço, e assi o vólta  
 E lhe abre ao cruel sangue larga estrada:  
 O desmaiado Rei a lingua sólta,  
 E ja com clara voz para os seus brada  
 Qu'a morte aos Christãos dêe com grã violencia,  
 Sem por si fazer nunca resistencia.

## XXIX.

O fiel Langarcam, e os que cahirão  
 Lá para a pôpa então, tendo infinita  
 Dôr por aquelle mal que a seu Rei virão,  
 Que a terrivel vingança ja os incita,  
 Tanto que do seu Rei a voz ouvirão  
 O Coutinho salteão, e o Mesquita  
 Com imigo furor, com ira immensa,  
 Mas em ambos achárão grãa defenza.

## XXX.

Este imigo furor, esta ira ardente  
 (Que n'hũa e n'outra parte era assaz justa)  
 Encheo em breve espaço, juntamente  
 De revolta e de sangue a subtil fusta.  
 Hũa e outra parte o ferro cruel sente,  
 A alguns só sangue, alguns a vida custa,  
 Mas não ha alli algum que as costas vire  
 Ou se derrame sangue, ou vida tire.

## XXXI.

Neste tempo ja aquelle espirito ousado  
 Do valeroso Sousa, illustre e forte,  
 A quem o genro cruel do renegado  
 Com vingativo braço dera a morte,  
 No mar deixando o corpo sepultado  
 Subira lá á Celeste, Eterna Corte,  
 Com cantos e prazer dos que o levavão  
 Com lagrimas e dôr dos que ficavão.

## XXXII.

O valeroso Almeida, hum grande espaço  
 Contra esta imiga furia embravecida  
 Se defendeo com duro e forte braço  
 Em quanto lhe durou a força e a vida,  
 Até que o duro, agudo, e subtil aço  
 Á sua fiel alma deu sahida  
 Para subir ao Eterno Senhorio,  
 Tambem no mar deixando o corpo frio.

## XXXIII.

A falta destes dous, que alli morrendo  
 Chegárão do louvor á mór alteza,  
 Nos tres que se ficavão defendendo  
 Por excesslva dôr, mas não fraqueza,  
 Antes quanto o perigo hia crescendo  
 Tanto crescia nelles a braveza,  
 E ajudado da dôr o esforço antigo  
 Se faz sentir em dobro ao bravo imigo.

## XXXIV.

Com grãa velocidade o mar cortando  
 Algũas fustas vinhão não distantes  
 Em favor dos que estavão pelejando,  
 Tristes por não poderem chegar antes.  
 E vinhão grandemente desejando  
 Naquelle feito ser participantes,  
 Mas por hum grande espaço ao seu intento  
 Hum tenro moço foi impedimento.

## XXXV.

Este era aquelle pagem de que escrito  
 Fica, que as frechas e o arco a ElRei trazia,  
 O qual com tal successo, e tal espirito  
 As frechas nos imigos despendia,  
 Que em breve derramou sangue infinito  
 Da Lusitana gente que os seguia,  
 Com que nella não pôz desconfiança  
 Mas mór odio, e desejo de vingança.

## XXXVI.

E tão grave temor a frecha imiga  
 Da chusma pôz então no fraco peito,  
 Que nenhum Capitão sabe que diga  
 Que por falta de remo perde o feito:  
 Hum roga, outro ameaça, outro castiga,  
 Mas toda a diligencia he sem proveito,  
 Que a chusma teme mais do moço o braço  
 Que o castigo dos seus, ou ameaço.

## XXXVII.

Tanto tempo esta baixa e vil canalha  
 Daquelle alto temor foi combatida,  
 Quanto nesta cruel, dura batalha  
 Teve settas o moço, e teve vida;  
 Porque o chumbo subtil, que no ar espalha  
 A força do arcabuz mal resistida,  
 Tirou ao moço a vida n'hum momento  
 E aos Remeiros aquelle impedimento.

## XXXVIII.

Mas vejo que me estão pedindo ajuda  
 Os tres que lá deixei d'ElRei na fusta,  
 Rasão será, Senhores, que lhes acuda  
 Que este feito tambem caro lhes custa:  
 Nenhum delles a côr do rosto muda  
 Faz-lhes o perigo a força mais robusta,  
 Qual ponta, qual revéz, qual d'alto fende  
 Nada ás crueis espadas se defende.

## XXXIX.

Fraqueza nos imigos se não sente,  
 Por defender seu Rei tambem trabalhão,  
 Tambem movem o ferro ousadamente,  
 Tambem jogão de ponta, fendem, talhão:  
 Em meio desta imiga furia ardente  
 Huns e outros o sangue imigo espalhão,  
 Porém destes que os nossos tõe defronte  
 Mandarão sete á praia de Aqueronte.

## XL.

Entendendo os imigos que por meio  
 Das armas podem mal remediar-se,  
 De desesperação o peito cheio  
 Tentão novo remedio de salvar-se:  
 Todos supitamente, sem receio  
 Vão co'os tres companheiros abraçar-se,  
 Da multidão vencida a fortaleza  
 Forçado lhe he mostrar qualquer fraqueza.



## XLI.

Apparelhado tendes grão perigo  
 Mas não desesperéis, fortes soldados:  
 Salteados do copioso imigo  
 Os tres ja assaz feridos, e cansados,  
 Sem perderem aquelle esforço antigo  
 Que os fez no mór perigo mais ousados,  
 Mas faltando-lhes a força, que era humana,  
 Forçados vão buscar a onda Oceana.

## XLII.

O que tõe do tridente o poderio  
 Com festa os companheiros agasalha,  
 Voa a fama, e por todo o senhorio  
 Salgado, destes tres a vinda espalha:  
 Nenhum de gosto alli fica vazio,  
 Por vê-los cada hum corre e trabalha,  
 Cada hum co'o que póde alli os festeja,  
 Que o seu Rei isto faz, e isto deseja.

## XLIII.

Deixa o Carpathio velho o antigo assento,  
 Glauco, Nereo, Tritão, vão a busca-los,  
 Vão tambem neste alegre ajuntamento  
 As formosas Nereidas visita-los,  
 Que com brando e suave movimento  
 Trabalhão quanto podem festeja-los,  
 As cabeças com perlas enlaçadas  
 De corais, ou de conchas coroadas.

## XLIV.

Este gosto geral, com triste manto  
 De geral dôr se cobre, e se refreia,  
 Porque logo dos tres vêem correr tanto  
 Sangue, qual sahe da fonte a viva veia:  
 Sente disto Neptuno hum grande espanto,  
 Não sabe então que tema, nem que creia,  
 Pergunta aos tres a causa, e rão lh'a encobrem  
 Mas tudo por extenso lhe descobrem.

## XLV.

Elle vendo o seu mal de qualidade  
 Que cura antes que festa então pedia,  
 E para isto não ter commodidade  
 Porque não se usa lá de cirurgia,  
 Manda os seus de maior authoridade  
 Que com elles se vão em companhia,  
 Para que vão segura e honradamente  
 Até se apresentar á sua gente.

## XLVI.

Não se detem hum ponto esta marinha  
 Gente, que a seu Rei todos obedecem,  
 Nada então o caminho lh'entretinha  
 Logo sobolas ondas apparecem,  
 D'alli co'a despedida que convinha  
 Os marinhos ao fundo assento decem,  
 E os tres na mais chegada fusta saltão  
 Porque ajudas para isso lhes não faltão.

## XLVII.

Com grande festa forão recebidos  
Dos seus, que delles ja desconfiavão,  
E quanto os mais havião por perdidos  
Tanto mais de os vêr vivos se alegravão:  
Mas vendo-os maltratados e feridos  
Só por dar-lhes remedio procuravão,  
Porém nem isto lh'era impedimento  
Para continuarem seu intento.

## XLVIII.

Entretanto o Sultão, deste embaraço  
Ja livre, que o puzera em mãos da morte,  
De novo, ora com rogo, ora ameaço,  
(Cuidando assi fugir á adversa sorte)  
Faz que o Remeiro estenda e encolha o braço  
Mais que nunca apressado então e forte,  
E lá para a Cidade as ondas fende  
Que ser o mais seguro porto entende.

## XLIX.

Os Christãos de que ja disse primeiro  
Que á fusta de Baudur vão dando caça,  
Não querendo nenhum ser derradeiro  
A grãa pressa os detem e os embaraça.  
E juntamente o fraco e vil Remeiro  
(A que então com cruel morte ameaça,  
Quando tinha inda vida, o moço ousado)  
Segue o caminho menos apressado.

## L.

Baudur, que de fugir jamais não cessa,  
 Toma com isto alento, e confiança,  
 Que o vagar dos Christãos, e sua pressa  
 Lhe põe de se salvar grande esperança:  
 Traz isto outro embaraço se atravessa  
 Que a victoria aos Christãos pôz em balança,  
 E com quanto os trabalha, e mal os trata  
 Não tolhe a morte a ElRei, mas lh'a dilata.

## LI.

Na conjunção que a furia mais ardente  
 Naquelles bravos peitos se agasalha,  
 Quando o agudo, subtil ferro luzente  
 Com mór furor o imigo sangue espalha,  
 Tres navios chegarão juntamente  
 A este mesmo lugar desta batalha,  
 Que este feito fizerão mais custoso  
 Mas para os vencedores mais famoso.

## LII.

De lá de Mangalor vem esta frota  
 Pequena, mas de ousada gente cheia,  
 Que nos brutos preceitos crê devota  
 Que dos Turcos a fé manda que creia.  
 Dos tres navios hum he galeota,  
 Outro fusta, o terceiro he taforeia.  
 Os navios, e a gente delles vinha  
 Provida assaz de tudo o que convinha.

## LIII.

Vê-se aqui desta gente o esforço antigo  
 O espirito leal, o ousado peito,  
 Porque vendo seu Rei ao ferro inimigo  
 Com grão risco da vida estar sujeito,  
 Podendo bem fugir a este perigo  
 Porque inda se não tinha a elles respeito,  
 Mais querem com seu Rei perder a vida  
 Que poderem-lh'a vivos vêr perdida.

## LIV.

Deste esforço leal estimulados  
 Em tamanho furor todos se accendem,  
 Que em meio surgem dos Christãos soldados  
 E com tudo o que podem os offendem.  
 Já os duros fortes ossos encurvados  
 Com mil frechas subtis os ares fendem,  
 Sahe o redondo ferro da bombardada,  
 Sahe o chumbo subtil lá da espingarda.

## LV.

Nada basta a deter a arrebatada  
 Furia, dos infernaes tiros malditos,  
 Sente algum damno a gente baptisada  
 Que d'huns sahe sangue, d'outros os espiritos:  
 Nova revolta sente a nossa armada  
 Com nova confusão, com novos gritos,  
 Que este novo embaraço que lhe veio  
 Lhe deu mais que fazer, mas não receio.

## LVI.

Cumpre-lhe menear o braço forte,  
 Usar mais de furor que de prudencia,  
 Porque este novo imigo he de tal sorte  
 Que ha mister novo esforço e resistencia :  
 Por salvarem seu Rei da cruel morte  
 A vão todos buscar á competencia,  
 E este intento tratarão de tal geito  
 Que esteve em condição de ter effeito.

## LVII.

Mas o vencedor braço Lusitano  
 Vencido nunca, e pouco resistido,  
 A este imigo mostrou que por seu dano  
 Então foi leal, tão atrevido :  
 E porque dar então morte ao tyrano  
 Lhe não fosse dos Turcos impedido,  
 Os mais delles d'ElRei a empresa sóltão  
 E contra estes a furia, e o ferro vóltão.

## LVIII.

Aquella grossa furia impetuosa  
 Com que a dura, e intratavel penedia  
 Combatida he da inchada onda alterosa  
 No meio da sação áspera e fria,  
 Quando a força cruel tempestuosa  
 D'Austro revolve o mar, encobre o dia,  
 Não chega á que os Christãos então levárão  
 Contra os que seu intento dilatárão.



## LIX.

Afferrão com grãa pressa os tres navios,  
 Movem os braços sempre vencedores,  
 E com quanto os achárão não vazios  
 D'esforço, de valor, de defensores,  
 Mandão comtudo ao mar os corpos frios  
 Daquella gente a quem altos louvores  
 Tirar não póde a morte apoz a vida,  
 Porque sempre da fama foi vencida.

## LX.

Entre esta gente, digna de memoria  
 Que á morte por seu Rei quiz entregar-se,  
 Hum sómente não acha a minha historia  
 Que podesse da vida contentar-se.  
 Mas tambem os Christãos desta victoria  
 Algum tanto podião lamentar-se,  
 Porque as vidas alguns alli perdêrão,  
 Alguns as vidas não, mas sangue derão.

## LXI.

Traz ElRei me quero ir, porque apressado  
 Me foge, com ligeiro curso leve,  
 O qual vendo-se já desaffrontado  
 Dos tres que antes na sua fusta teve,  
 E o soccorro que então lhe era chegado  
 Que as fustas que o seguião lhe deteve,  
 Co'a presteza que o medo lhe ensinava  
 Lá direito á Cidade caminhava.

## LXII.

E tanto estava a Lusitana gente,  
 Embarçada então naquelle feito,  
 E contra os tres navios tão ardente  
 Sem ter a ElRei que foge algum respeito,  
 Que pudéra nesta hora livremente  
 A tenção de Baudur chegar a effeito  
 Se o Ceo, que alli o castigo lhe guardára,  
 O caminho lhe não embarçára.

## LXIII.

Nesta hora em que estar salvo lhe parece  
 A ElRei, porque a Cidade tõe visinha,  
 De lá da fortaleza eis que apparece  
 Hum cátur que em soccorro aos Christãos vinha:  
 O forte Capitão a ElRei conhece  
 (Este o Pantafasul d'alcunha tinha)  
 E vendo com que pressa elle navega  
 Logo o murrão ardente a hum berço chega.

## LXIV.

Faz o tiro infernal o effeito antigo,  
 Sabe o pelouro ardente, duro e forte,  
 E vai tão bem guiado ao Rei imigo  
 Que a dous ou tres Remeiros lhes dá a morte.  
 Aqui tens, cruel Rei, o grão castigo  
 Que te ordenou a tua amiga sorte,  
 E o Ceo, que não te foi amigo menos,  
 Mas vinga a dôr dos fracos, e pequenos.

## LXV.

A falta dos Remeiros, e a grãa pressa  
Com que a maré vasava neste instante  
Faz com que a leve fusta se atravessa  
Que hia ja dos Christãos assaz distante.  
Comtudo de remar ElRei não cessa,  
Porém mais torna atraz, que vai ávante,  
Que contra a grãa corrente arrebatada  
Não basta pouca gente e ja cansada.

## LXVI.

Forçado he então que ao mar a fusta saia  
Da força da corrente ja vencida ;  
Com isto o trabalhado Rei desmaia  
Porque sua esperança vê perdida :  
E vendo-se apartar daquella praia  
Onde esperava só salvar a vida,  
E metter-se em mãos d'hũa morte dura,  
D'outro modo tentar quer a ventura.

## LXVII.

Ousadamente ao mar logo se lança,  
Que o grão perigo faz o medo ousado,  
Guia-o nisto hũa vãa, falsa esperança,  
Porque cuidou poder salvar-se a nado.  
Lançarão-se traz elle sem tardança  
Tambem os de que estava acompanhado,  
Que nem na derradeira hora o deixárão  
Os que sempre na vida o acompanhárão.

## LXVIII.

Co'os braços e co'os pés faz o caminho  
 Baudur lá pelas ondas atrevido,  
 Agora quer vencer o Rei marinho  
 Quem sempre dos terrestres foi vencido,  
 Dos seus hum envergonha alli o golfinho  
 Outro inveja ao moço faz de Abido,  
 Todos no mar parecem ter o assento  
 Na destreza, em nadar, no atrevimento.

## LXIX.

Mas com tal força então hião deixando  
 As aguas a Cidade, e ao mar corrião,  
 Que em vão hião os tristes trabalhando,  
 Em vão contra esta força resistião:  
 Antes cada vez mais os vai chegando  
 Para aquelle logar d'onde fugião,  
 Chega-os cada vez mais ao mór perigo  
 Até que os pôz em mãos de seu imigo.

## LXX.

O miseravel Rei, que em tanto dano  
 Está de dous imigos posto em meio,  
 Que d'hũa parte a furia do Oceano  
 D'espantoso temor o tinha cheio,  
 E d'outra o bravo imigo Lusitano  
 Lhe dava mais certeza que receio  
 D'hũa morte de suas obras dina,  
 Tentar o imigo humano determina.

## LXXI.

Chega-se o triste logo á mais visinha  
 Fusta dos Portuguezes que alli estava,  
 Que inda que por imigos seus os tinha  
 Mais delles que das ondas se fiava.  
 Por Capitão naquella fusta vinha  
 Hum que Tristão de Paiva se chamava,  
 A quem o mór perigo, ou o mór medo  
 Não fez, que não tivesse o rosto quedo.

## LXXII.

ElRei para que o tomem se convida,  
 E levantando a voz bem clara e forte  
 Por remedio tomou de sua vida  
 O que mais certo o foi de sua morte.  
 Melhor te fôra, triste, ter perdida  
 Agora essa alta voz, que tua sorte  
 Por ministra guardou, e executora  
 Do mal que te guardava para esta hora.

## LXXIII.

Eu sou Baudur que tanto desejavaeis,  
 Brada, vendo-se em tal necessidade,  
 Mas se os desventurados miseraveis  
 Que sentem da fortuna a crueldade,  
 Nos mais ferinos peitos, e intrataveis  
 Brandura achárão sempre, e piedade,  
 Em vós agora, ó nobres Lusitanos,  
 Não me falte esta a mi, pois sois humanos.

## LXXIV.

Paiva abranda a tenção cruel robusta,  
 Que composto não he de pedra dura,  
 E conhecendo ElRei lhe chega a fusta  
 Quicá por remediar tal desventura.  
 Mas elle vendo quanto nelle injusta  
 Aquella clemencia he, não se assegura,  
 Que do seu odio antigo a consciencia  
 Mais suspeita lhe faz a mór clemencia.

## LXXV.

Arreda-se da fusta com grãa pressa  
 Que da morte hum temor grande o combate,  
 De lá ao Capitão inda não cessa  
 Com instancia pedir que não o mate.  
 Paiva diante a fusta lhe atravessa  
 Dizendo: Não ha cá quem mal te trate,  
 Cambaio Rei, seguro pódes vir-te  
 Que todos cá desejão de servir-te.

## LXXVI.

Sabe que os Portuguezes nos corremos  
 De dar morte ao que a nós vem entregar-se.  
 Vendo-se o pobre Rei em taes extremos  
 Determina do imigo confiar-se:  
 Chega-se á fusta, pega d'hum dos remos,  
 Mas nem isto bastou para salvar-se,  
 Que não basta o que cá segura a gente  
 Contra o que ordena o Sceptro Omnipotente.



## LXXVII.

D'hum remo n'outro Paiva vai saltando,  
 Chega áquelle onde vê que o Sultão pende,  
 Que inda o está pola vida importunando  
 E por ventura dar-lh'a então pertende:  
 Dentro queria ja mettê-lo, quando  
 Outro mais cruel, hũa chuça estende.  
 Mas porque sei que aqui ja muito tardo  
 O successo para outro Canto guardo.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO VIII.

*Acaba-se de dar a morte ao Sullão, e a seus  
companheiros. Traz-se vivo Cojaçofar ao  
Governador: manda-lhe que vá quietar al-  
gumas revoltas que havia na Cidade. Man-  
da o Governador lançar mão polos arma-  
zens da Cidade e da Villa dos Rumes, e  
pelo thesouro do morto Sullão. Presenta-se-  
lhe hum Mouro de monstruosa idade, com  
algumas particularidades notaveis. Faz o  
Governador Rei de Cambaia a Merizam  
Hamed. Os Senhores do Reino ajuntão  
hum poderoso exercito e vem sobre elle.*

I.

**G**rãa falta deve ter d'entendimento  
Quem dos bens da fortuna se confia,  
Porque este em cousa vãa pôz fundamento,  
Este hum cego tomou por seu guia.  
O que do mundo tõe conhecimento,  
E dos seus bens entende a mór valia,  
Tõe, quando está mais alto, mór receio  
Porque vê que se serve do que he alheio.

## II.

O Reino, o grande Imperio, o grande estado  
 De que mais tõe quem menos o merece,  
 Como he bem, que a fortuna dá em prestado  
 Poucas vezes grão tempo permanece:  
 E o que do seu vê mais senhoreado,  
 Quando estar mais seguro lhe parece  
 Lh'o tira, ou d'agastada, ou de corrida  
 E ás vezes traz o bem lhe tira a vida.

## III.

Vejo que com rasão deixou escrito  
 O famoso Poeta, com que a terra  
 De Salmona, alcançou hum infinito  
 Louvor, com que hoje faz ao tempo guerra:  
 Que em quanto este immortal, vital espirito  
 Dentro neste mortal corpo se encerra  
 Haver-se por ditoso ninguem deve:  
 Verdade he que por fabula se escreve.

## IV.

Que se tanto a cubica o humano peito  
 Cega, que lhe faz pôr a confiança  
 Naquelle que á fortuna está sujeito  
 Em quem não ha constancia ou segurança,  
 Contra toda rasão, todo direito  
 Lhe põe nome de bemaventurança,  
 Pois a não tõe quem tõe maior certeza  
 D'inconstancia nos bens que de firmeza.

## XI.

Depois que o Portuguez penetrante aço  
 O corpo do Sultão fez amarello,  
 Sobol'agua ficou algum espaço  
 Que nem o mar queria recolhello,  
 Até que de Neptuno o duro braço  
 (Não sem dôr de em tão triste estado vello)  
 Move o tridente, fôrça a marinha onda,  
 E faz que a seu pesar em si o esconda.

## XII.

Esconde o corpo emfim a onda marinha  
 A que a terra negou recolhimento,  
 E em nenhum lugar acha a historia minha  
 Que fosse visto mais hum só momento.  
 A sua alma infiel logo encaminha  
 Lá do velho Acheronte ao negro assento,  
 Onde o triste gemido, o largo pranto  
 Não move o rigoroso Rhadamanto.

## XIII.

Dos treze de que atraz ja deixou escrito  
 Que ElRei nesta jornada acompanhárão,  
 E que com hum valor quasi infinito  
 Por salva-lo da morte procurárão,  
 Os doze o seu fiel, ousado espirito  
 Com seu Rei juntamente aqui deixárão,  
 A alguns a sobeja agua a vida tira,  
 A outros o Portuguez ferro, braço, ira.

## XIV.

Hum destes doze foi o Santiago  
 De que atraz ja meus versos escrevêrão,  
 Que nesta hora tambem achou o pago  
 Que sempre suas obras merecêrão.  
 A este polo salgado fundo lago  
 Os pés e as mãos a estrada lhe fizerão,  
 E cortando assi o mar com grãa presteza  
 Se chega á Lusitana fortaleza.

## XV.

Foi-lhe então contra as ondas concedida  
 Maior força da sua imiga sorte,  
 Não para lh'outorgar mais longa vida  
 Senão para lhe dar mais triste morte.  
 A força da corrente foi vencida  
 Só deste, quicá sendo o menos forte,  
 Porque allí quiz o Ceo que fosse morto  
 Onde cuidava ter seguro porto.

## XVI.

Vendo o triste passado o mór perigo  
 Pouco d'outro qualquer ja se arreceia,  
 E como se dos nossos fôra amigo  
 Bradando-lhes que o tomem se nomeia.  
 Acha este aqui tambem o mór castigo  
 Onde cuida que seu mal remedeia,  
 E a via que tomou para valer-se  
 Tambem foi a mais certa de perder-se.

## XVII.

Que como o Ceo, que o bem e o mal concede  
 Lhe mostrou natureza mais benina  
 Entre o povo infiel de Mafamede  
 Que entre os que tõe de Christo a Lei Divina,  
 Os Christãos, a que agora favor pede,  
 Para o seu maior damno mais inclina,  
 Os quaes tanto que ouvirão a voz alta  
 Qual se alvoroça, e qual se sobresalta.

## XVIII.

Quando acaso entre a rustica manada  
 Da gente que no campo se aposenta,  
 Apparecer se vê, soberba e irada  
 A vibora eruel e peçonhenta,  
 Corre por cá, por lá sobresaltada  
 A gente, que de a vêr se descontenta,  
 Buscando com que a mate, a grande pressa  
 Tudo o que acha diante lhe arremessa.

## XIX.

Não muito differentes estou vendo  
 Os que estavam então na fortaleza,  
 Que na voz e no nome conhecendo  
 O que tanto aborrecem, com presteza  
 D'hũa parte para outra vão correndo  
 Todos em odio acesos, e em crueza,  
 Buscando cada hum com que de cima  
 Lhe mostre este seu mal quanto o lastima.



## XX.

Fa-los tornar com pressa a fúria imiga,  
 Cheios d'odio, vazios de piedade,  
 Qual lhe lança o penedo, qual a viga,  
 E o que não póde mais, lança a vontade:  
 Parece aqui tratar-se áspera briga,  
 Na grande confusão, na crueldade,  
 E tudo em damno só daquelle triste  
 Que em vão ao mar e á terra então resiste.

## XXI.

Entre esta confusão, esta revolta,  
 O justo Ceo que os move, assi os desperta,  
 Que o que mais apartado o tiro sólta,  
 Nem por isso o que quer peor acerta,  
 Com isto entre mil queixas sabe envólta  
 (Que por mil partes acha a porta aberta)  
 Aquella alma infiel, e com tal morte  
 Teve então fim a sua vária sorte.

## XXII.

Não me esquece que atraz deixo contado  
 Que dos que ao galeão levou consigo  
 O misero Sultão desventurado  
 Hum escapou só vivo a este perigo:  
 Foi este o Italiano renegado,  
 Que d'entre a geral morte que atraz digo  
 Foi guardado, quicá, porque ao diante  
 O nome Portuguez honre e levante.

## XXIII.

Este, vendo o Sultão e a sua gente  
 (Como atraz disse) ao mar juntos lançar-se,  
 Lança-se ao mar com elles juntamente  
 A nado, imaginando de salvar-se.  
 Porém da sua sorte e da corrente  
 Constrangido este só foi chegar-se  
 A hũa fusta das nossas que alli havia  
 Que alguns de nobre sangue em si trazia.

## XXIV.

Francisco era hum de Barros, cuja linha  
 Vem dos Paivas, e d'ahi tõe o appellido,  
 Em cujo forte braço se mantinha  
 O nome Portuguez sempre temido.  
 Outro hum Soutomaior, que o nome tinha  
 Do Santo que em Lisboa foi nascido,  
 Que com obras tambem de grãa memoria  
 Ao nome Portuguez deu nova gloria.

## XXV.

Vendo o Soutomaior em mãos do Oceano  
 Ao Mouro, e que ja a cõr do rosto muda,  
 E conhecendo que era o Italiano  
 Que do falso Mafoma a seita estuda,  
 Desejando salva-lo deste dano  
 Chega-lhe a fusta, e para entrar o ajuda,  
 Lá para onde elle andava o braço estende  
 O affadigado Mouro o braço prende.

## XXVI.

Prende o Mouro com pressa aquelle braço  
 Em que esperava só salvar a vida,  
 Chegando á fusta achou outro embarço  
 Com que mais perto foi de a vêr perdida.  
 Porque outro que alli vinha, o cruel aço  
 Move, e a cabeça em duas repartida  
 Deixa do triste Mouro, sem que vê-lo  
 Possa Soutomaior, ou defendê-lo.

## XXVII.

Sahe em grande abundancia da maldita  
 Cabeça o sangue, e foge a côr ao rosto,  
 Tal que o espirito vital, que nelle habita  
 Dá mostras de querer mudar o posto.  
 Isto ao Soutomaior não sei se incita  
 A colera, a alegria, ou a desgosto,  
 Porque o que nelle acende a furia nova  
 A nobreza lh'o nega, e lh'o reprova.

## XXVIII.

Entra porém na fusta Lusitana  
 Vivo Cojaçofar, mas maltratado,  
 E ainda que o sangue d'elle em cópia mana,  
 Ao Governador logo foi levado:  
 Acha nelle brandura mais que humana,  
 Manda-o logo curar com grão cuidado,  
 Porque a clemencia heroica e grandiosa  
 Nos inimigos se faz mais gloriosa.

## XXIX.

Teve fim esta dura e cruel briga  
 Quando o Sol no Oceano descansando  
 Do Latmio Endimião a branda amiga  
 Na terra a sua luz hia espalhando.  
 Então ja pouco a pouco se mitiga  
 O furor Portuguez, e se faz brando,  
 Mas isto foi depois d'hum grave dano  
 Do infiel povo, e algum do Lusitano.

## XXX.

Oito espiritos Christãos aqui passárão  
 Com grão louvor, da terra, ao Reino Santo,  
 E os que vivos o sangue derramarão  
 Poucos mais sobre vinte acha o meu canto.  
 São cento e cincoenta os que mandárão  
 Lá ao Reino da eterna queixa e pranto  
 As almas infieis nesta batalha,  
 Contando ElRei, os nobres, e a canalha.

## XXXI.

Os da Cidade vendo aquelle duro  
 Fim do seu Rei, e estrago da sua gente,  
 Teme em si cada hum o mal futuro  
 Polo que então nos seus via presente.  
 E não se havendo alli por bem seguro  
 Qualquer então procura alli sómente  
 Por salvar sua vida e faculdade  
 Com pressa, com temor, com brevidade.

## XXXII.

E tal temor estou agora vendo  
Nesta gente infiel, fraca e covarde,  
Que o ferro Portuguez em si temendo  
Não ha quem na Cidade mais aguarde.  
Todos com pressa ás portas vão correndo  
Têe-se por mais mofo o que mais tarde,  
Sahe ao campo, onde mais se assegurava  
Que dentro de mui grosso muro e cava.

## XXXIII.

Receio de perder a inutil vida  
Tanto os feminis peitos lh'atravessa,  
Que não bastando a dar-lhes então sahida  
As portas da Cidade em tanta pressa,  
Para o muro qualquer busca subida  
De lá abaixo por cordas se arremessa,  
Porém nisto inda mais suspira e geme  
Que entre o imigo furor que tanto teme.

## XXXIV.

Porque em tal cópia ao muro se passavão  
Onde de se salvar tinham suspeita,  
Que muitos affogando-se alli achavão  
A estrada para a morte mais direita:  
E dos outros que ás portas se chegavão,  
(Sendo aquella sahida assaz estreita  
Para tal multidão) forão forçados  
Morrerem tambem muitos affogados.

## XLI.

E a razão porque agora te encomendo  
 Hum negocio de tanta qualidade,  
 (Diz o Governador) he porque entendo  
 Quanto credito lá tês na Cidade;  
 E que em os moradores della vendes  
 Tua presença, e tua authoridade,  
 Mais valerás tu lá, pois te obedecem,  
 Que os meus mais principaes, que não conhecem.

## XLII.

Nisto farás serviço ao poderoso  
 Rei Portuguez, a quem eu obedeço,  
 De quem nunca vassallo foi queixoso  
 Nem serviço deixou sem grande preço;  
 E serás ao teu povo proveitoso  
 Que agora a grandes males dá começo,  
 Porque não terão mais destas fugidas  
 Que perda nas fazendas e nas vidas.

## XLIII.

E porque vejas que em meu pensamento  
 Não ha de tua fé desconfiança,  
 Com me dares menagem me contento  
 (E ficar-me de ti grãa segurança),  
 Que sem eu nisso dar consentimento  
 Tu da Cidade não farás mudança,  
 Onde o credito e mando em que estiveste  
 Quero que tenhas mór do que tiveste.



## XLIV.

Contente fica assaz este maldito  
 Vendo para salvar-se tão bom meio,  
 Cobra de todo o alento e espirito  
 De que inda então estava hum pouco alheio.  
 Tudo promette quanto tenho escrito  
 Porque tudo promette hum grão receio,  
 Que quietará a Cidade sem detença  
 Nem se sahirá della sem licença.

## XLV.

Do que promette faz ao Cunha voto  
 Dá-lhe a menagem delle antes pedida,  
 Como quando o furioso bravo Noto  
 No mar cria a tormenta embravecida,  
 Grita e trabalha o timido Piloto  
 Porque vê em grão perigo a não e a vida,  
 O Passageiro que este mal conhece  
 De temor cheio votos offerece.

## XLVI.

Dá-lhe o Governador geral seguro  
 Ao Mouro, de sua mão propria assignado,  
 Para que quando entrar aquelle muro  
 Que tõe de Diu o povo em si encerrado  
 O recebão lá bem, e ande seguro,  
 E nenhum de offendê-lo seja ousado.  
 Isto manda em geral a toda a gente  
 Isto a cada Nação por si sómente.

## XLVII.

Parte Cojaçofar com grande pressa  
 Nem gasta muito tempo em despedir-se,  
 Que o temor inda agora tanto o apressa  
 Que lhe não lembra então mais que partir-se.  
 Em chegando á Cidade logo cessa  
 A revolta que a gente tinha em ir-se,  
 E os que ja da Cidade estavam fóra  
 Tornárão para dentro naquella hora.

## XLVIII.

Isto se fez com tanta diligencia  
 Que a Cidade ficou como sohia,  
 Sem ter quebra na sua alta opulencia  
 Nem no usado seu trato e mercancia:  
 D'onde se vê com clara experiencia  
 Que ao rudo povo dá mór ousadia  
 Hum só de que elles sejam satisfeitos  
 Que a grande multidão d'armados peitos.

## XLIX.

Passada a noite, a qual a cruel guerra  
 Fez que fosse ao Sultão a derradeira,  
 Quando de novó o cume d'alta serra  
 Recebida do Sol a luz primeira,  
 Sahe o Governador e a gente em terra  
 E manda logo Antonio da Silveira,  
 Tambem manda hum Fernando o nobre Cunha  
 Que Tavora apoz Sousa tõe d'alcunha.

## L. I.

Manda a João da Costa que em si tinha  
 Os segredos do Reino do Oriente,  
 Que a hum negocio que muito lhe convinha  
 Vá co'os dous companheiros juntamente.  
 Diz-lhes que vão ás casas da Rainha  
 Mãe do Sultão, que estava d'alli ausente,  
 E que entrem tambem lá nesse aposento  
 Que dava ao morto Rei recolhimento.

## L. I.

E que tudo o que achar lá lh'encommenda  
 Nestas casas, ou n'outras da Cidade,  
 Ou seja de dinheiro, ou de fazenda  
 De qualquer outra sorte ou qualidade,  
 Que pertencer ao morto Rei, entenda,  
 Por tudo lance mão, tudo arrecade,  
 E dá-lhe juntamente por preceito  
 Que dos armazens seja o mesmo feito.

## L. I.

Parte-se o Secretario, companheiro  
 Dos dous que disse atraz de sangue nobre,  
 Buscão as casas todas por inteiro  
 Que nada de que ha nellas se lh'encobre;  
 Achão nellas sómente algum dinheiro  
 Em moedas de prata, e d'ouro, e cobre,  
 Que os thesouros que ja alli se vírão  
 As guerras, e o Mogor os consumirão.

## LIII.

Tambem ElRej tres contos d'ouro e meio  
 A Judá (como atraz disse) mandára,  
 E o mais que tinha quando a Diu veio  
 Onde o Ceo para hum tal fim o guiára,  
 Lá no campo (quicá com arreceio)  
 Entre o seu grande exercito deixára,  
 Porém nem isto, como ávante digo,  
 Lhe tolheo vir em mãos d'hum novo imigo.

## LIV.

Porém inda que os tres, de prata, e d'ouro  
 Achão menos assaz do que cuidarão,  
 Porque as grandes riquezas deste Mouro  
 Co' o nome do que forão só ficarão,  
 De ricos armazens hum grão thesouro  
 Na Cidade porém então acharão,  
 Tão providos de todo o necessario  
 Que se espantão os dous, e o Secretario.

## LV.

Em grande quantidade se agasalha  
 Artilharia alli de toda sorte,  
 E toda a arma que em meio da batalha  
 He para defender, ou dar a morte:  
 Lança, espada, terçado, escudo, malha,  
 Arco, frecha, arcabuz, a maça forte,  
 O zarguncho, a zagaia, co'a bisarma,  
 E tudo o que o soberbo cavallo arma.

## LVI.

Arhão de munições infinidade  
 D'arteficio, de fogo mil maneiras,  
 Materias de toda qualidade  
 Com hũa grãa cópia de madeiras.  
 Arhão d'embarcações grãa quantidade  
 Hũas são d'alto bordo outras rasteiras.  
 Tudo foi logo posto a bom recado  
 Como do nobre Cunha foi mandado.

## LVII.

Entre esta alta abundancia, que aqui escrito  
 Tenho, a dos mantimentos não faltava,  
 Porque destes hum numero infinito  
 Lá na Villa dos Rumes junto estava:  
 E por serem do Rei que antes o espirito  
 Rendeo em mãos da imiga furia brava,  
 Arrecada-os logo os tres vierão  
 E depois por sobejos se venderão.

## LVIII.

E porque estes negocios se acabassem  
 Em serviço do Rei a quem servia,  
 Que ás alfandegas logo se entregassem  
 A Officiaes da sua companhia  
 Manda o Governador, se arrendassem  
 De novo algũas rendas que alli havia,  
 Porque como a ElRei antes responderião  
 Assi agora aos Christãos responderião.

## LXV.

Esta monstruosidade, nunca ouvida,  
 Esta reformação da natureza,  
 A este foi neste tempo concedida  
 A voltas d'hũa estreita alta pobreza;  
 Porque possamos vêr que a longa vida,  
 Que tanto a imiga carne estima e preza,  
 Não serve emfim de mais que ser materia  
 De dar vida a trabalhos, e a miseria.

## LXVI.

Diante do grão Cunha o Mouro posto  
 A lingua desatou logo dest'arte:  
 Senhor, cem annos ha que deste posto  
 Mudança nunca fiz para outra parte,  
 Sempre em todo este tempo achei bom rosto  
 (Como na terra pódes informar-te)  
 Nos Reis que antes aqui senhoreárão,  
 Sempre a passar a vida me ajudárão.

## LXVII.

O Sultão, de que agora a furia brava  
 Dos teus, deixou no mar o corpo frio,  
 No tempo que da vida elle gozava,  
 E tinha desta terra o senhorio,  
 Cada mez hum cruzado e meio dava  
 A estes cansados annos, e eu confio  
 Que este bem lá no Ceo se lhe apresente  
 E receba lá a paga eternamente.



## LXVIII.

Obrigou-o a fazer isto que digo  
 Vêr que os passados Reis isto fizeram,  
 Pois perdeu esta terra o seu antigo  
 Rei, e os fados a ti t'a concederão,  
 Não sejas a esta idade tu só imigo,  
 Dá-me o que os outros Reis sempre me derão  
 A tão cansada idade sempre humanos,  
 Valha-me nisto a posse de cem anos.

## LXIX.

Vendo o Governador tão longa idade  
 Que as antigas idades quasi excede,  
 E apoz isso a miseria, a pouquidade  
 Que para sustentar-se então lhe pede  
 Com grande espanto assaz, grãa piedade  
 De tão pobre velhice, lh'o concede.  
 Parte-se tão contente o pobre Mouro  
 Como o que tõe achado hum grão thesouro.

## LXX.

Mas cumpre-me apartar-me d'aqui em quanto  
 Dentro polo sertão faço a jornada,  
 Porque a hũa novidade volto o canto  
 Que não vos pesará de ser cantada.  
 Causou em todo o Reino grande espanto  
 A morte do Sultão não esperada,  
 E em mil partes algum tempo não crida  
 Por immortal julgando tão má vida.

## LXXVII.

E para ser esta obra effeituada  
 Conforme ao que consigo dentro estuda,  
 A Novanager, Villa situada  
 Hũa legua de Diu, então se muda.  
 D'alli despede ao Cunha hũa embaixada  
 Pedindo-lhe que queira dar-lhe ajuda,  
 Que não poder sem ella bem entende  
 Chegar então ao fim do que pertende.

## LXXVIII.

E se lh'a dá, e o tõe por seu acceito,  
 E em Cambaia o faz Rei, como pedia,  
 Além de amigo o achar bom, e perfeito  
 Cincoenta mil pardaos lhe mandaria.  
 E vindo a cousa a ter prospero effeito  
 Dar-lhe quaesquer logares promettia  
 Dos que ao longo do mar tinhão o posto  
 Polo Cunha escolhidos a seu gosto.

## LXXIX.

Foi este Embaixador bem recebido  
 Do nobre Cunha, e visto o que então pede,  
 E consultado bem foi respondido  
 Que quanto vem pedir se lhe concede.  
 Contento o Cunha assaz deste partido  
 Com palavras d'amor logo o despede,  
 Dizendo: Com favor alto, e divino  
 Siga teu Rei hum feito delle dino.

## LXXX.

Contente o Mouro assaz do que lhe he dito,  
 Se torna ao novo Rei antes tyrano,  
 O qual com isto cobra hum grande espirito,  
 Tendo o favor do braço Lusitano;  
 E espera com louvor seu infinito,  
 Com grão proveito seu sem nenhum dano,  
 Possuir de Cambaia o sceptro antigo,  
 Se o Ceo a seu intento não he imigo.

## LXXXI.

No dinheiro o Mogor tratou verdade,  
 Cubiça, e não largueza, aqui o estimula,  
 Faz Cunha logo as pazes, e amizade,  
 E por Rei de Cambaia o intitula:  
 E Rei manda que a gente da Cidade  
 (Que com medo o desgosto dissimula)  
 Lhe chame na mesquita, o qual fizera  
 Ao misero Sultão quando vivo era.

## LXXXII.

Vendo-se Mirizam a hum tão potente  
 Sceptro em tão poucos dias arribado,  
 Temendo a natural Cambaia gente  
 A quem jugo estrangeiro era pesado,  
 Conselho quiz tomar para o presente  
 De quem lhe deu favor para o passado,  
 Para que algum bom meio lhe mostrasse  
 Com que o seu novo Reino segurasse.

## LXXXIX.

Neste tempo os Senhores mais potentes  
 Que o sceptro de Cambaia senhoreia,  
 Elegem Rei o moço, assaz contentes  
 Por não vir o seu Reino a gente alheia :  
 Ficarão tres com elle por Regentes  
 Dos quaes Madie Maloco hum se nomeia,  
 E dos outros (se mal não sou lembrado)  
 Hum Driacam, outro he Alucam chamado.

## XC.

Depois que estes Senhores ordenarão  
 As cousas de Cambaia desta sorte,  
 E alguns novos tumultos quietarão  
 Que causou do Sultão a cruel morte,  
 Do Rei Mogor então nada tratarão  
 Temendo o Lusitano inimigo forte,  
 Com cuja authoridade elle, e valia  
 De Rei o nome agora possuia.

## XCI.

Mas vendo que esta gente poderosa  
 Não póde alli fazer longa tardança,  
 Porque a furia do inverno tormentosa  
 A forçará a fazer d'alli mudança :  
 Sendo esta a seu intento só damnosa,  
 Pois só nella o Mogor tõe confiança,  
 Dilatão delle o effeito até que a proa  
 O Cunha volte lá direito a Goa.

## XCII.

O qual no fim do mez que o Sol recolhe  
 E no animal de Frixo lhe dá entrada,  
 Sólta a vella, e do fundo o ferro colhe  
 E para Goa corta a onda salgada :  
 E para Capitão da terra escolhe  
 Da animosa gente illustre e honrada  
 Que comsigo trouxera companhia  
 O valeroso Antonio da Silveira.

## XCIII.

Não se descuida a gente de Cambaia  
 Livre de quem lhe punha hum grande freio,  
 Mas vendo o Cunha ausente desta praia  
 De nenhũa outra cousa tõe receio.  
 Cuida que o Rei estranho já desmaia  
 Pois que ja hum tal favor não tõe no meio.  
 Ja toma ousada o ferro, e com grãa gloria  
 E sem damno, alcançar cuida a victoria.

## XCIV.

Pouco traz isto os tres que governavão  
 Juntamente co'o moço aquella terra,  
 Vendo chegado o tempo em que esperavão  
 Descubrir o que seu espirito encerra,  
 Com tanta pressa o exercito ajuntavão  
 Para darem effeito áquella guerra,  
 Que dez mil de cavallo juntos tinham  
 E quinze mil dos outros que a pé vinhão.

## XCV.

Hião por Capitão e Regedorés  
 Desta gente que agora se fizera,  
 Os dous daquelles tres grandes Senhores  
 Hum Alucam, Madie Maluco outro era,  
 Que dissera aqui ser Governadores  
 Se mil vezes atraz o não dissera,  
 Os quaes com hum poder tal e tamanho  
 Vão logo demandar o Rei estranho.

## XCVI.

Desejo de salvar a liberdade  
 Que em mãos d'estranho Rei hão por perdida,  
 Lhes dá no caminhar grã brevidade  
 Sem haver então cousa que lh'o impida,  
 Sabendo o Rei Mogor disto a verdade  
 De sua salvação assaz duvida,  
 Mas com quanto era grande este perigo  
 Não se deixou cercar d'hum tal imigo.

## XCVII.

Salta a cavallo, e para a guerra incita  
 Com grande esforço assaz, e atrevimento  
 A gente que ja atraz vos tenho escrita,  
 E toda quer seguir o seu intento.  
 Deixa o logar nas costas em que habita  
 E logo ao som do bellico instrumento  
 O largo e descuberto campo pisa  
 Despregando nos ares sua divisa.



## XCVIII.

Qualquer delles para o outro então caminha  
 E antes de longo espaço se toparão,  
 Mas como então ja a noite o lugar tinha  
 Que os claros raios pouco antes deixárão,  
 Tempo que a dar batalha mal convinha  
 Para o seguinte dia a dilatárão,  
 E eu por não me deter aqui ja tanto  
 A dilato tambem para outro Canto.

Dê-se a batalha entre os Hindus e os  
 Gales. O primeiro esquadro dos Hindus  
 passa em talhe, o segundo logo para a Villa  
 dos Hindus. He seguido das Landais, e se  
 perde a maior parte dellas: as que escapam  
 vão se refugio na Villa. Conta-se hum outro  
 caso de hum Alamo, e de hum Hindu  
 O Governador vem a Diu, fortifica a for-  
 taleza, e se torna a preparar a guerra.

Destruidora foi d'altos concelhos  
 Sempre a delicia occidente,  
 Por esta se perdirão grandes istos  
 Que merecêro ter perpetuidade:  
 Esta abate os mais duros fortes peitos,  
 A moloz a robusta mocidade,  
 Abre a porta a dançados exercicios,  
 Schreia a almas enormes, torpes vicios.

## V.

A gente natural daquella terra  
 Que está na multidão mui confiada,  
 Tendo já por vencida aquella guerra  
 E a gente imiga por desbaratada,  
 Toda n'hum esquadrão junta se cerra  
 Que tão poucos imigos tõe em nada,  
 O soldado co'a mesma confiança  
 Deseja menear a espada e a lança.

## VI.

O Mogor, que se vê posto no meio  
 D'hum perigo onde a morte he conhecida,  
 Agora he mór que nunca o seu receio  
 Que passar por tal cópia assaz duvida:  
 Mas tendo o espirito forte, e d'honra cheio,  
 Vendo que no seu braço está sua vida,  
 Posta em dous esquadrões a sua gente  
 Quer vencer ou morrer honradamente.

## VII.

Hum tomon para si, no qual havia  
 Mil e duzentos homens de cavallo,  
 O outro em que setecentos haveria  
 Deu a hum seu, cujo nome agora callo,  
 Porque não sei quem he, mas de quem fia  
 Mirizam que bem possa governallo,  
 E antes d'entrar na bellica revólta  
 Perante os seus desta arte a lingua sólta:

## VIII.

O tempo, a conjunção, e esses armados  
 Inimigos que alli vêdes esperar-vos,  
 Me pedião que aqui, fortes soldados,  
 Tempo e palavras gaste em animar-vos;  
 Nem forão sem rasão ambos gastados  
 Mas em vez d'animar temo apoiar-vos,  
 Porque quem com rasões o forte acende  
 Com as mesmas rasões o anoja e offende.

## IX.

Sempre em qualquer de vós achei hum peito  
 Atrevido, leal, forte, animoso,  
 Com que não duvidastes nenhum feito  
 Por mais grave que fosse e duvidoso,  
 Por onde sei que não vos será acceito,  
 Antes qualquer de vós ficar queixoso  
 De mim deve, se o vosso forte espirito  
 A mostrar fortaleza agora incito.

## X.

Assi que tratar disto ja não quero  
 (Pois estou vendo em vós que me he escusado)  
 Porque vós não cuideis que desespéro,  
 Ou sou menos do que era confiado  
 Do vosso heroico espirito, ousado e fero,  
 De todos domador, nunca domado,  
 E tambem porque sei que aos grandes feitos  
 Vos animão assaz os vossos peitos.

## XI.

Mas porque hajaes por vossa ja a victoria  
 Sem menear espada ou vestir malha,  
 Quero agora trazer-vos á memoria  
 Que esta he aquella fraca e vil canalha  
 De que houvestes despojos mais que gloria  
 Pois nunca se atreveo dar-vos batalha,  
 E a quem sem sangue vosso, e com grão gosto  
 Sempre vistes as costas, nunca o rosto.

## XII.

Esta he a mesma gente de Cambaia  
 Hoje não sei porque tão atrevida,  
 Que tantas vezes ja na sua praia  
 Do vosso nome só ficou vencida:  
 E se ouvindo o Mogor nome desmaia  
 Que fará vendo-se hoje combatida  
 Daquella rara força dos Mogores  
 Que forão só co'o nome vencedores.

## XIII.

Vencida esta batalha, como eu fio,  
 E tenho mais certeza que esperança,  
 Iremos ao Rio Indo, onde confio  
 Que nos dará a fortuna grãa bonança:  
 Porque eu ja conquistar o senhorio  
 De Cambaia não quero, nem liança  
 Co'os Portuguezes ter, porque a vontade  
 Perdi de ter com elles amizade.

## XIV.

E não vos represente o pensamento  
 Neste caminho sermos impedidos,  
 Porque este glorioso vencimento  
 Vos fará em toda a terra tão temidos,  
 Que passareis sem ter impedimento  
 E de todos sereis bem recebidos,  
 Apesar do seu odio novo e antigo,  
 Que o medo faz propicio o mór inimigo.

## XV.

E sendo onde vos digo ja arribados  
 Passaremos a vida descansada  
 Até Deos melhorar nossos estados,  
 Sem poder nunca alli faltar-nos nada;  
 Porque de meus amigos e alliados  
 Toda aquella terra he senhoreada,  
 E o mesmo Rei que manda aquella gente  
 Além d'amigo, me he muito parente.

## XVI.

Mas grãa vergonha he vêrmos que o Cambaio  
 Chegar a tanto bem hoje nos tolhe,  
 Em quem costumaes pôr tanto desmaio  
 Que de ouvir nomear-vos só se encolhe.  
 Deste atrevimento hoje castigaio  
 E jagora o segui que ja se acolhe,  
 Pois que sempre foi seu, e vosso estillo  
 Elle fugir de vós, e vós seguillo.

## XVII.

Apoz estas palavras que este Mouro  
 Com animo e efficacia tinha dito,  
 Abre com grã largueza o seu thesouro  
 Que houvera do Sultão, quasi infinito:  
 Reparte polos seus grã somma d'ouro  
 Que em todos ajuntou hum novo espirito,  
 Porque isto tõe nos homens tanta força  
 Que faz invicto o forte, o fraco esforça.

## XVIII.

Nesta hora estando d'hũa e d'outra parte  
 Para a batalha tudo aparelhado,  
 Vendo o Mogor que o imigo não se parte  
 Mas que n'hum esquadrão fica cerrado,  
 Faz soar o anafil, larga o estandarte  
 Então ja de romper determinado,  
 A gente faz que a grita ao Ceo se iguale  
 Retumba o bosque, o prado, o monte, o vale.

## XIX.

Posto então Mirizam na dianteira  
 Reluzindo-lhe em ferro o corpo e a testa,  
 Pedindo que cada hum segui-lo queira  
 Chega ao peito o escudo, a lança eniesta:  
 E mostrando ja o Sol a luz primeira  
 Favoravel a alguns, a alguns funesta,  
 Co'os seus, a quem mercês novas promette  
 Com grã furia os imigos accomette.



## XX.

Aquella ardente machina batida  
 Dos Ciclopas na fragoa de Vulcano,  
 Com grãa força na terra despedida  
 Lá do Celeste Assento Soberano,  
 De força humana nunca resistida  
 Antes traz onde chega o ultimo dano,  
 Nada a detem de quanto acha diante  
 O marmore, o aço, a rocha, o diamante :

## XXI.

Não se vio penetrar tão facilmente  
 O copado pinheiro, a longa faia,  
 Como o forte Mogor, co'a sua gente  
 Penetrou o esquadrão dos de Cambaia :  
 Parte-se logo em dous, e livremente  
 Larga estrada lhe dá por onde saia,  
 Passa a gente animosa em breve espaço  
 Pelo caminho feito com seu braço.

## XXII.

Signal deixa do seu espirito forte  
 E o leva em si da imiga covardia  
 Mirizam, porque a muitos deu a morte,  
 Com perder tres da sua companhia.  
 E se elle não faltára á sua sorte  
 E ao seu mesmo espirito e valentia,  
 Quando em ser Rei da terra pôz a proa  
 De Cambaia alcançára a alta coroa.

## XXIII.

O segundo esquadrão vendo mettido  
 Seu Senhor entre tanta gente imiga,  
 Sabendo quanto nella tõe crescido  
 Co'a nova occasião a furia antiga;  
 Havendo-o ja de todo por perdido,  
 Tanto o feroz espirito se mitiga,  
 De que antes cada hum estava cheio,  
 Que se lhe converteo em arreceio.

## XXIV.

Deu nesta hora tambem grão crescimento  
 A este alto seu temor, desesperarem  
 De chegar ao Rio Indo a salvamento,  
 Onde esperavão só de se salvarem.  
 Juntando este ao primeiro pensamento  
 Sem outra obrigação mais respeitarem,  
 As costas com grãa pressa dão ao imigo  
 Tendo neste remedio o mór perigo.

## XXV.

Quando ir traz seu Senhor todos deverão,  
 Todos com grãa fraqueza o desamparão,  
 Mas se fizerão mal a si o fizerão  
 E de seu erro a pena logo acharão.  
 Com grãa pressa ao imigo as costas derão  
 E direitos á Villa encaminharão  
 Que dos Rumes inda hoje tõe o nome,  
 Nenhum entre elles ha que a espada tome.

## XXVI.

Em vão o Capitão sua, e trabalha,  
 Porque todos ao medo obedecião;  
 Polo campo o Mogor hoje se espalha  
 Fugindo aos que ja delle antes fugião;  
 Hoje o chegão á morte o arnez e a malha  
 Que antes da mesma morte o defendião,  
 Hoje se faz Mogor o que he Cambaio  
 E em quem o desmaiava põe desmaio.

## XXVII.

Vendo a gente Cambaia tal fraqueza  
 Na que co' o nome foi victoriosa,  
 Agora cobra espirito e fortaleza  
 O fraco imigo a faz ser animosa.  
 As rédeas aos cavallo e á crueza  
 Sólta contra os que fogem furiosa,  
 Tira daquelles corpos os espiritos  
 Que ja dos seus tirárão infinitos.

## XXVIII.

Os miseros Mogores perseguidos  
 Do ferro vingador, da furia acesa  
 D'huns imigos crueis, embravecidos,  
 Contra quem não val rogo, nem defesa,  
 Esperando de serem soccorridos  
 Da vencedora força Portuguesa,  
 Para a Villa ligeiros encaminhão  
 Porque então do temor as azas tinhão.

## XXIX.

Nem aquelle que solto e despejado  
 Vencer no leve pario o outro pertende,  
 Nem o falcão nos ares levantado  
 Quando afferrar a presa a pruma estende,  
 Nem a setta que sahe lá do encurvado  
 Arco, e com subtil furia os ares fende,  
 Tomára hoje a esta gente a dianteira  
 Menos do que lhe cumpre indo ligeira,

## XXX.

Porque aquella cruel Cambaia gente  
 Forte por não sentir a imiga lança,  
 Porque do mal passado, e do presente  
 Podesse hoje tomar qualquer vingança,  
 Salta traz o Mogor ligeiramente  
 A nenhum deixa vida dos que alcança,  
 E que alcance a quem foge bem o creio  
 Que odio azas dá tambem como o receio.

## XXXI.

Hum só ponto não cessa, ou se mitiga  
 Esta furia cruel embravecida,  
 Com que aquella estrangeira gente imiga  
 Tanto sangue perdeo, e tanta vida,  
 Até que appareceo aquella antiga  
 Villa, que hoje dos Rumes se appellida,  
 Porque no seu primeiro fundamento  
 Aos Rumes dava só recolhimento.

## XXXII.

Mas tão longo caminho, e tão distante  
Do logar da batalha á Villa havia,  
Que para dar a morte foi bastante  
Á mór parte da gente que fugia.  
Nem cessára aqui a morte, se diante  
Não achára de grossa artilharia  
O cruel vencedor, a furia brava,  
Que da Villa os vencidos ajudava.

## XXXIII.

O esforçado João, cujo appellido  
Era Mendonça, e a Villa tinha em guarda,  
Vendo vir o Mogor tão perseguido  
Que a morte certa tõe se o favor tarda,  
Faz que co'o acostumado seu ruído  
Saia o pelouro ardente da bombardá,  
E vá encontrar a gente de Cambaia  
Com que além de parar teme e desmaia.

## XXXIV.

Torna esta gente atraz com tanta pressa  
Quanta para diante antes levára,  
Que quiçá tanto o medo agora a apressa  
Quanto foi o odio que antes a apressára.  
O Mogor de fugir porém não cessa  
O muro só o detem, alli só pára,  
Porém inda não se ha por bem seguro  
Em quanto se não vê dentro do muro.

## XXXV.

Buscão para entrar hũa e outra maneira,  
 A alguns não foi em vão este conceito,  
 Qual entra pola estreita bombardeira  
 Qual por outro caminho mais estreito;  
 Mas porque sem mandado do Silveira  
 Não podia esta entrada haver effeito,  
 Não permittem que mais algum entrasse  
 Até que o Capitão o não mandasse.

## XXXVI.

Vendo esta porta os tristes ja cerrada  
 De novo hum grão temor os atormenta,  
 Mas qualquer para dentro abrir a entrada  
 Por meio do interesse logo tenta:  
 Dá quanto traz, que não lhe fica nada  
 A quem dentro o salvar desta tormenta,  
 Mas em balde esta via tenta agora,  
 E algum dá quanto tõe, e fica fóra.

## XXXVII.

Mas se me ouvis vereis o raro e forte  
 Poder do amor, que tudo desbarata:  
 Entre estes a que a branda amiga sorte  
 Com tanto risco seu hoje arreбата  
 Das mãos da rigorosa cruel morte  
 Havia alguns que o nó conjugal ata,  
 E as mulheres comsigo então trazião  
 Como nas guerras sempre estes fazião.



## XXXVIII.

Hum que com a companheira tão unida  
 A alma tinha, e hum amor tão nella posto,  
 Que della só pendia sua vida,  
 Seu descanso, seu bem, todo seu gosto,  
 Vendo aquella purpurea côr perdida  
 Que antes acompanhava o bello rosto,  
 Agora se enternecce, agora se ira,  
 Teme, desfaz-se em vão, arde e suspira.

## XXXIX.

De novo olha, de amor e temor cheio  
 Aquelles olhos antes vivos raios,  
 E como de os salvar não vê então meio  
 Lhe causão não hum só, mas mil desmaios.  
 Agora tõe da morte mór receio  
 Que entre os mais duros golpes dos Cambaios,  
 Porque menos mortal o imigo achava  
 Que o perigo de quem vida lhe dava.

## XL.

A bellissima Moura, que a vontade  
 Tõe tambem ao marido tão sujeita,  
 Que nem vida, nem gosto, ou liberdade  
 Sem elle lhe podia ser acceita,  
 Menos sente em tão fresca e tenra idade,  
 E tal que o mesmo amor se lhe sujeita,  
 D'arreccios de morte vêr-se cheia  
 Que o mal que ao charo esposo então receia.

## XLI.

Os olhos nelle põe tão brandamente  
 Que rompêra a intratavel penedia,  
 E junto ao amor antigo, o mal presente  
 Estilar vivas perlas lhe fazia.  
 O namorado Mouro, a que hum ardente  
 Fogo n'alma de novo esta agua cria,  
 Não sabe ja que faça, nem se entende,  
 Pois o que mata o fogo nelle o acende.

## XLII.

E maldizendo emfim o fado imigo  
 Quer tentar o remedio derradeiro,  
 Chega-se ao muro, em parte onde hum postigo  
 Abre algũas entradas por dinheiro:  
 Sente então não trazer muito comsigo  
 Com que mais acender possa o porteiro,  
 Que quanto o mundo tõe menos o inflama  
 Que hũa lagrima só da que tanto ama.

## XLIII.

Valeroso e esforçado Lusitano  
 (Diz contra o que o postigo a cargo tinha)  
 Em cuja mão está o bem ou dano  
 Meu, e da triste companheira minha,  
 Se acaso aquella parte tões de humano  
 Que sempre ao grande espirito anda visinha,  
 Mostrares piedade não duvido  
 A quem se o tu não salvas he perdido

## XLIV.

Usa tu comigo hoje de brandura,  
Basta ser-me a fortuna imiga e forte,  
Sequer porque esta grande formosura  
Ante ti não receba cruel morte.  
E tudo o que entre tanta desventura  
Me consentio salvar a adversa sorte  
Te dou, que mais riqueza eu não procuro  
Que vêr-me com meu bem posto em seguro.

## XLV.

O Portuguez, que não era composto  
De jaspe, nem estava em odio aceso,  
Enternecido assaz do bello rosto  
De que o triste Mogor via tão preso,  
Diz que os mettêra dentro com grão gosto  
Mas que do Capitão lhe era defeso,  
Que o que só fazer pôde he que ella entrasse  
Com tanto que de fóra elle ficasse.

## XLVI.

Acceita o Mouró a entrada só da esposa  
Por ella ao Portuguez mil graças rende,  
Ja sua perdição ha por ditosa  
Pois seu amor da morte ella defende.  
E inda que a larga ausencia, e trabalhosa  
O amor e a saudade mais lhe acende,  
Morrer por dar-lhe a vida assaz lhe paga  
Todo o mal que causa a nova chaga.

## XLVII.

Responde que o partido elle acceitava  
 E que de ficar fóra he satisfeito,  
 Porque salvando-se ella, elle salvava  
 A melhor vida, e o gosto mais perfeito.  
 E porque hum grão temor o estimulava  
 Quiz que esta entrada logo houvesse effeito,  
 Chega-se á porta, e sólta a sua estrella  
 Tira-se atraz co'os olhos postos nella.

## XLVIII.

Co'os olhos postos nella atraz se tira  
 O triste amante, cheio de saudade,  
 Em cada passo mais ama e suspira,  
 Os olhos lá se vão traz a vontade.  
 A Moura, a quem o amor não consentira  
 Que d'onde tinha entregue a liberdade  
 Os olhos apartasse hum só momento,  
 Bem vio do seu amor o apartamento.

## XLIX.

E vendo que ficando elle de fóra  
 Por salva-la a morrer se offerecia,  
 Não quer que impiedade a vença agora  
 Quem agora em amor a não vencia:  
 'Torna atraz com grãa pressa naquella hora  
 Que para a recolher se apercebia  
 O Portuguez, porque ha por bem mais raro  
 Na morte acompanhar o esposo charo.

## L.

Que cousa não fará ja o poderoso  
 Amor, por mais que seja alta e sublime,  
 Pois que n'hum feminil peito medroso  
 Tal desprezo da morte agora imprime.  
 Chegada a bella amante ao charo esposo  
 Não sente cousa ja que alli a lastime  
 Senão temer que a morte agora a trate  
 Tão mal que a deixe viva, e lh'o arrebate.

## LI.

E porque ambos os leve juntamente  
 A morte que estar perto lhe parece,  
 Ou não haja cousa alli que delle a ausente,  
 Os braços a que a neve alva obedece  
 Lhe lança tão unida e estreitamente  
 Quanto a verde era o antigo ulmeiro tece,  
 Onde de tanta gloria fica cheia  
 Que a morte mais deseja que arreceia.

## LII.

Em meio deste grão contentamento  
 Que d'amoroso humor lhe banha o rosto,  
 Sólta a suave voz, o brando accento  
 Que d'amor e de queixa vai composto:  
 Amado esposo meu, em quem sustento  
 A vida, a liberdade, a gloria, o gosto,  
 (Lhe diz) e sem quem tenho por perdida  
 A gloria, a liberdade, o gosto, a vida.

## LIII.

Quão mal te merecia o que te eu quero  
 Dar-me a voltas da vida hum mal tão forte,  
 Que tanto para mim fôra mais fero  
 Quanto me dilatára mais a morte.  
 Se de viver sem ti ja desespero,  
 Sem ti que me poderá dar a sorte  
 Senão morte cruel, áspera e grave,  
 Que contigo terei branda e suave.

## LIV.

Como viver sem ti, meu bem, pudéra  
 Quem de ti vive só, de ti respira?  
 Quem salvação em ti, e vida espera,  
 Sem ti bem pódes vêr o que sentira.  
 Por mais perdida então eu me tivera  
 Quando em salvo sem ti posta me vira,  
 De peor morte então fôra captiva  
 Quando, meu bem, sem ti me achára viva.

## LV.

Bem vejo que amor deve desculparte,  
 Que em ti foi certo amor, a mi imigo,  
 Mas se queres salvar-me em toda a parte  
 Fóra de ti me pões no mór perigo.  
 Não consintas que mais de ti me aparte  
 Deixa-me ter a morte aqui contigo,  
 Não queiras, dilatando-me hũa agora,  
 Que outras mil mais crueis sinta cada hora.



## LVI.

O frio caramello, a branca neve  
 Não se desfaz assi ao Sol ardente,  
 Nem a branda materia que em si teve  
 D'abelha o fructo ja doce e excellente,  
 Se desfaz tanto a qualquer chamma leve  
 Que tõe na pederneira sua semente,  
 Quanto o Mouro, a suave voz ouvindo  
 Sente-se pouco a pouco ir consumindo.

## LVII.

Menos arde o Vesuvio que o seu peito,  
 Menos tõe que os seus olhos agua o Tejo,  
 Porém em fogo e em agua assi desfeito  
 Não torna atraz, mas cresce o seu desejo;  
 Vê-se agora de novo mais sujeito  
 Aquelle seu antigo amor sobejo,  
 Porque o que em sua esposa agora entende  
 O que lhe sempre teve mais acende.

## LVIII.

D'amor e de arreceio combatido  
 O triste não se entende, ou determina,  
 Não porque sinta então vêr-se perdido,  
 Mas do seu bem temendo a mór ruina:  
 O que com tanto amor lhe tõe pedido  
 A fazer-lhe a vontade o move e inclina,  
 O reccio de a vêr á morte entregue  
 Por outra parte o move a que lh'a negue.

## LIX.

Com a alma inda confusa e duvidosa  
 Dest'arte, entre suspiros, a voz lança:  
 Pedíra-te eu perdão, amada esposa,  
 Antes hum só meu bem n'hũa esperança,  
 Se a força d'amor grande e poderosa  
 A quem nada resiste aonde alcança,  
 Agora a te anojár não me forçára  
 Que mal sem esta força eu te anojára.

## LX.

Não cuideis, amor meu, que menos forte  
 Me foi o teu cruel apartamento,  
 Que se me víra em mãos da cruel morte  
 Que esperando aqui estou cada momento:  
 Mas porque em meio desta adversa sorte  
 Alcançasse este só contentamento  
 De vêr que por salvar-te me perdia,  
 O mal de tua ausencia bem soffria.

## LXI.

Amor neste meu erro foi culpado  
 Se o que nasce d'amor erro se chama,  
 Porém eu a este amor sou tão atado  
 Que o desejo d'errar-te inda me inflama;  
 Porque vêr-te em tão triste e imigo estado  
 Mal o póde soffrer quem tanto te ama,  
 Á custa não só d'hũa, mas mil vidas,  
 Porque todas por ti são bem perdidas.

## LXII.

Por esse mesmo amor que me mostraste  
 E agora te obrigou a vir buscar-me,  
 E pelo que tu em mi sempre enxergaste  
 Te peço que isto não queiras negar-me :  
 Que pois na vida os males me abrandaste  
 Não queiras mais na morte atormentar-me,  
 Basta ser-me a fortuna imiga e dura  
 Não ajudes tu minha desventura.

## LXIII.

Eu sempre para ti só quiz a vida,  
 O que desejei sempre tinha agora,  
 Mas n'hum grave tormento convertida  
 Vejo esta gloria estando tu de fóra :  
 Não queiras que por ti veja eu perdida  
 A vida, o bem, e o gosto só n'hũ'hora,  
 Foge, foge, amor meu, do mal presente  
 Porque vivendo tu, moura eu contente.

## LXIV.

Em quanto estas palavras sólta o triste  
 E sollicito amante, desejando  
 Dar vida ao seu amor, de novo insiste,  
 E ao postigo outra vez se vai chegando :  
 Ella que ao seu amor menos resiste  
 Quanto mais amor nelle está enxergando,  
 Das suas razões mesmas contra elle usa  
 E com ellas d'entrar então se escusa.

## LXV.

Forçado d'hum amor sincero e puro  
 Esperando qualquer a morte estava,  
 Porque a Moura não quer ter o seguro  
 Que a quem he sua vida se negava:  
 Quando se abre hũa porta que no muro  
 Livre entrada aos Mogores todos dava,  
 Porque o Silveira vendo o que he passado  
 Que os recolhessem ja tinha mandado.

## LXVI.

Salteia acaso o lobo carniceiro  
 Das ovelhas a timida manada  
 Em ausencia do alão seu companheiro,  
 E do Pastor de que era antes guardada:  
 Correm cheias de medo, e a que primeiro  
 Acerta do curral a larga entrada  
 Segura fica alli de medo alheia,  
 Nem morte ou desventura ja arreceia:

## LXVII.

Desta sorte os Mogores, que presente  
 Ter o imigo cruel inda cuidavão,  
 Vendo que dentro ir ja se lhe consente  
 Á porta com grãa furia se lançavão;  
 E querendo entrar todos juntamente  
 Huns aos outros a entrada embaraçavão,  
 Que como aqui só esperão de salvar-se  
 Qualquer então procura adiantar-se.

## LXVIII.

Mas como a porta a poucos agasalha  
 E a todos nella a vida se promete,  
 Qual d'ilharga o caminho abrir trabalha,  
 Qual a entrada co'os hombros accommette;  
 Qual torna hum pouco atraz porque se valha,  
 Mas d'onde este se alarga outro se mette,  
 Ora vão atraz todos, ora ávante,  
 Movimento ao das ondas semelhante.

## LXIX.

Porém como na Villa então ja tendo  
 Poucos a poucos vão recolhimento,  
 E a porta os começou d'ir recolhendo  
 Ja com menos revolta e impedimento,  
 Pouco a pouco se vio ir desfazendo  
 Aquelle revoltoso ajuntamento,  
 Não se ouve grita ja porque ja cessa  
 A revolta, o tumulto, a grande pressa.

## LXX.

Sendo todos na Villa recolhidos  
 Contentes, rendem graças á ventura,  
 Porque não temem ja vêr-se perdidos  
 Que a Lusitana gente os assegura.  
 Todos são do Mendonça recebidos  
 Com grande humanidade, amor, brandura;  
 A alguns de quem o sangue então corria  
 Não faltou o favor da cirurgia.

## LXXI.

Inda que o gosto em todos fosse, quanto  
 Sente o triste que á morte he condemnado,  
 Se apoz hum temor frio, hum grave espanto,  
 Acaso succedeo ser perdoado ;  
 Comtudo os dous (de cujo amor meu canto  
 Atraz ja disse) e tõe hoje dobrado,  
 Porque os outros salvárão sós as suas  
 Vidas, e qualquer destes salvou duas.

## LXXII.

Digo daquelles dous, em cujo peito  
 Mais póde amor que a morte horrenda e fera,  
 Cópia gentil com cujo amor perfeito  
 Se exalção Cypro, Paphos e Cythera ;  
 Que vendo cada hum delles desfeito  
 O perigo em que o Ceo a ambos pozera,  
 Agora sente dous contentamentos  
 Como antes ja sentira dous tormentos.

## LXXIII.

O Silveira, que então na fortaleza  
 Tinha o mando, e na Villa, e na Cidade,  
 A quem tinha outorgado a natureza  
 Igual á valentia a piedade,  
 Que do sangue alto, illustre, e da nobreza  
 Costumou sempre ser propriedade,  
 Esta affligida gente, e tão medrosa  
 Recebe com vontade piedosa.



## LXXIV.

E sendo embarcação delles pedida  
 Que lá para Dabul então os leve,  
 Lhes foi liberalmente concedida  
 Com tudo o que á viagem lhes releve.  
 Não querem dilatar sua partida  
 Algum espaço então, ainda que breve,  
 Porque a partir-se os move, acende e obriga  
 O desejo de vêr a patria antiga.

## LXXV.

Mas creio que estareis mui desejosos  
 De saberdes o fim em que pararão  
 Aquelles peitos fortes valerosos  
 Que o esquadrão dos Cambaios penetrarão;  
 Digo de Mirizam, e dos famosos  
 Companheiros leaes, os quaes ganhárão  
 Além da vida, e d'hũa grãa victoria,  
 Para sempre no mundo fama e gloria.

## LXXVI.

Este ousado Mogor, depois que o forte  
 Braço seu, e da sua companhia,  
 Com tanta perda, estrago, e tanta morte  
 Do Cambaio esquadrão que o defendia,  
 E com tanto favor da amiga sorte  
 Que sempre he favoravel á ousadia,  
 Por entre tanto imigo abriu a estrada,  
 Para o Rio Indo faz sua jornada.

## LXXVII.

Porém vendo que não era seguido  
 Do segundo esquadrão da sua gente,  
 Suspeitando que póde ser perdido  
 Se sentio dentro arder impaciente;  
 A voltas desta furia combatido  
 D'hũa entranhavel dôr tambem se sente,  
 Porque não lhe he a victoria tão acceita  
 Quanto lhe dá de dôr esta suspeita.

## LXXVIII.

Mil vezes desejou voltar ao imigo,  
 Acompanhar os seus que atraz deixára,  
 Se naquelle mortal certo perigo  
 Sómente a sua vida aventurára;  
 Mas como a salvação dos que comsigo  
 Têe (com cujo favor se elle salvára)  
 Delle pende, sómente a rasão segue  
 E lhe faz que hum desejo heroico negue.

## LXXIX.

Vai-se traz a rasão deixa a vontade,  
 Virtude em que o louvor não têe limite,  
 Leva-o mais a commum necessidade  
 Que o seu, inda que heroico, alto appetite;  
 Cousa que ao real sceptro e dignidade  
 Tanto importa que siga, e sempre imite,  
 Que sem ella a perder está arriscado  
 Traz a reputação, a vida e o estado.

## LXXX.

Deixa o Mogor o seu honrado intento  
 Polo que á sua gente relevava,  
 Mas com dobrada dôr e sentimento  
 Segue então o caminho que levava;  
 E sem ter nelle algum impedimento  
 Chega ao lugar para onde caminhava,  
 Tendo mais de cem leguas ja passadas  
 Todas de seus imigos habitadas.

## LXXXI.

Livre assi do Mogor esta profana  
 Perfida, desleal, ingrata terra,  
 Se lhe acende de novo a furia insana  
 Que contra os Portuguezes em si encerra;  
 Que entre a gente Cambaia e a Lusitana  
 Move inda hũa encuberta occulta guerra,  
 De nenhũa das partes commettida  
 Mas d'ambas claramente conhecida.

## LXXXII.

Entre esta paz forçada e fabulosa  
 De que fingidamente a furia he serva,  
 Se passou a sazão que da cheirosa  
 Bonina despe o prado, e da verde erva.  
 Neste tempo a Cidade populosa  
 E de tudo abundante se conserva,  
 Crescem as mercancias, a riqueza,  
 Cresce tambem a sua alta nobreza.

## LXXXIII.

Chegado aquelle tempo em que ja voa,  
 A lasciva e domestica andorinha,  
 Parte o Governador da nobre Goa  
 Com aquelle apparato que convinha:  
 Cortando o favoravel mar a proa  
 Direito para Diu então caminha,  
 E vai as fortalezas visitando  
 Que em meio da viagem vai achando.

## LXXXIV.

A Diu chega emfim com não pequena  
 Festa dos que lá estão, e dos que leva,  
 Nem faz d'alli mudança em quanto a amena  
 Sazão de flôr e fructo o mundo ceva,  
 Onde com grande industria tudo ordena  
 Quanto a fortifica-la então releva,  
 Que sempre acabou tudo a grãa prudencia  
 Que tõe por companheira a diligencia.

## LXXXV.

Entre as obras que ordena com tal arte  
 Que a douta antiguidade a não alcança,  
 Foi hum grosso e espaçoso baluarte  
 Que entre a Villa dos Rumes e o Rio lança;  
 Porque possão aqui ter nesta parte  
 Favor, recolhimento, segurança,  
 Os Christãos que na Villa residião  
 Que os officios d'Alfandega servião.

## LXXXVI.

E porque á sequidão que a natureza  
 Naquelle terra pôz, remedio desse,  
 Mandou tambem que lá na fortaleza  
 Com pressa hũa cisterna se fizesse,  
 A qual no comprimento e na largueza  
 Se dilatasse tanto que pudesse  
 Tanta agua recolher, que muitos dias  
 Bastasse para grandes companhias.

## LXXXVII.

Traz isto, porque ja no seu horio  
 Entrava pouco a pouco do Oriente  
 O tormentoso inverno, humido e frio,  
 E o formoso verão lá no Occidente,  
 O Cunha se recolhe ao seu navio,  
 E dividindo o mar prosperamente,  
 Ajudada do vento, a aguda proa  
 Se vai passar o inverno á real Goa.

## LXXXVIII.

Mas antes que os benignos mansos ventos  
 Façam co'o brando sopro a vella inchada,  
 Deixa o Cunha d'avante de seiscentos  
 Homens a fortaleza acompanhada :  
 Inhabeis para as armas são duzentos  
 Destes, e da outra gente he pouca armada,  
 Ficão tambem entre esta companhia  
 Muitos da Lusitana fidalguia.

## LXXXIX.

Deixar me cumpre agora isto que canto  
 Que cantar novas cousas determino :  
 A ti se volta agora este meu canto  
 Perfido, desleal, falso, malino,  
 De ti, Cojaçofar, digo que em quanto  
 Te não vem o castigo de ti dino  
 Serás unica peste, unico dano  
 Do valeroso sangue Lusitano.

## XC.

Depois que aquelle máo perverso espirito  
 Do Sultão infiel, da mortal vida  
 Passou á morte eterna (como he dito)  
 Co'a Lusitana força não vencida,  
 De Cambaios hum numero infinito  
 Lá na chamma infernal nunca extinguida  
 Os espiritos tambem virão envoltos,  
 Do carcere mortal de todo soltos.

## XCI.

Estes, novas lá dão do que passado  
 Fôra em Diu, e no Reino até aquella hora,  
 O qual sendo ao Sultão denunciado,  
 E sabendo que está de todo agora  
 A parte principal do seu estado,  
 Com que elle tão temido e honrado fora,  
 Entregue em mãos do seu maior imigo  
 Cresce o antigo furor, cresce o odio antigo.



## XCII.

Agora mais que nunca deseioso  
D'hũa áspera, cruel, dura vingança,  
Ja para isto induzir quer o engenhoso  
Cojaçofar, em quem tõe confiança :  
Cuida que não será difficultoso  
Se do escuro Plutão favor alcança,  
Logo ante elle se vai, e com grãa mostra  
De dôr, ante os seus pés se humilha e prostra.

## XCIII.

Eterno Rei (lhe diz) a quem se inclina  
Todo o infernal poder, e monarchia,  
Contára-te eu aquella alta ruina  
Que na terra me deu quando eu vivia  
Hũa gente infiel, impia, malina,  
A quem eu o contrario merecia,  
Se não víra que he hũa larga historia  
Que eu cuido que te he ja assaz notoria.

## XCIV.

Basta que eu fui ja Rei, e falsamente  
Do meu Reino estes homens me privarão,  
Fui rico e poderoso, e juntamente  
O poder e a riqueza me usurparão :  
Essa vida que lá tive entre a gente  
Elles sem piedade m'a roubarão,  
Por elles com enganos vi perdida  
A riqueza, o poder, o Reino, a vida.

## XCV.

Bem vês que a natural propriedade  
 Dos que o teu poderoso sceptro honramos,  
 Não consente que a injuria, a falsidade  
 Passar sem grãa vingança consintamos:  
 E tu só por tua alta magestade,  
 Inda que nós de fracos o sofframos,  
 O não deves soffrer, porque temer-te  
 Quigã não deixe a terra, e obedecer-te.

## XCVI.

Tomar hũa cruel vingança quero  
 Destes, que com mortal odio persigo,  
 E por meio d'hum meu vassallo espero  
 Toma-la, o qual me foi fiel, e amigo;  
 Mas não póde isto ser, se o teu severo  
 Poder não me ajudar para o que digo,  
 E eu fio que para isto elle me acuda  
 Pois nunca a intentos taes negou ajuda.

## XCVII.

Cumpriã-me para isto que inspirasse  
 A Inveja o costumado seu veneno  
 No meu Cojaçofar, e o provocasse  
 A fazer isto que eu por elle ordeno:  
 Se eu fosse tão ditoso que alcançasse  
 Este favor, dos teus o mais pequeno  
 Eu sei que será tal que não duvido  
 Que eu fique bem vingado, e tu temido.

## xcviii.

Logo o Rei infernal, a quem isto era  
 Bem conforme ao seu gosto e natureza,  
 Gabando-lhe a tenção damnada e fera,  
 Incitando-o a mór odio, a mór crueza,  
 Faz vir alli a pestifera Megera  
 E lhe manda que vá com grãa presteza  
 Onde a sua morada tõe a Inveja  
 E mande que o Sultão nisto proveja.

## xcix.

Eis logo a diligente mensageira,  
 Co'a cabeça de cobras toda ornada,  
 Com aspecto feroz, voa ligeira  
 Do espirito do Sultão acompanhada,  
 Accrescentando mais nelle a primeira  
 Furibunda tenção, fera, e damnada,  
 E tudo o que visita então do mundo  
 Deixa tambem damnado e furibundo.

## c.

Com tal presteza no ar as azas sólta  
 A ministra infernal e peçonhenta,  
 Espargindo furor, odio, e revólta,  
 Que em breve espaço assaz lá se apresenta  
 Onde está a casa, bruta, e sempre envólta  
 Em negro sangue, suja e fedorenta,  
 Onde sua morada a Inveja tinha  
 E a sua natureza esta convinha.

## CI.

Lá n'hũa escura cova está este assento  
 No mais fundo d'hum valle assaz sombrio,  
 Onde não tõe entrada nenhum vento  
 E do raio do Sol sempre he vazio;  
 Tõe tristeza alli, recolhimento,  
 Sempre he cheio d'hum grave, e inhabil frio,  
 Nunca alli se vê a luz clara e formosa  
 Vê-se sempre hũa noite tenebrosa.

## CII.

Chegada a furia aqui, e conhecendo  
 Que aquella era a morada que buscava,  
 Bate na porta, a qual obedecendo  
 Logo a entrada na bruta casa dava:  
 Vê-se estar dentro a Inveja, que comendo  
 Viboras peçonhentas sempre estava,  
 Bruto manjar, mas delle se contentão  
 Os seus vícios, que delle se sustentão.

## CIII.

Ella com grão vagar alevantando  
 Se foi então da terra em que jazia,  
 E ja meio comidas lá deixando  
 As viperinas carnes que comia,  
 Com passo mal composto foi andando  
 Para onde vio a nova companhia,  
 Onde vendo o Sultão mostra grão gosto  
 Só porque o vio estar com triste rosto.

## CIV.

O corpo todo tõe magro e desfeito,  
 A face triste, pallida, e medouha,  
 Nunca para ninguem olha direito,  
 Porém não lhe procede de vergonha;  
 Os dentes negros tõe, e sempre o peito  
 Cheio de fel, e a lingua de peçonha,  
 Jamais á sua boca o riso veio  
 Senão quando lh'o trouxe o mal alheio.

## CV.

Nunca jamais do doce somno gosta  
 Que o continuo cuidado o não consente,  
 Mas sempre está em vigia a triste pósta  
 Vendo os successos bons que vem á gente:  
 E tanto só de os vêr arde e desgosta  
 Que se está consumindo co'o que sente,  
 O mal que faz, tambem o tõe consigo,  
 Ella mesma, he de si mesma o castigo.

## CVI.

A furia, que de longe ja a conhece,  
 Chegando-se para ella, os arcs corta,  
 E diz: Manda-te o Rei a que obedece  
 Quanto cerra a profunda Stygia porta  
 Que a este espirito que elle ama e favorece  
 Ajudes, n'hum negocio que lh'importa.  
 Não disse mais, e atraz o passo vólta,  
 Logo o espirito desta arte a lingua sólta:

## CVII.

Vai-te a Diu, e lá o teu veneno inspira  
 N'hum dos meus que alli tõe seu gasalhado,  
 Cojaçofar se chama. E o passo vira  
 Sem dizer mais; e com accelerado  
 Curso, torna ao lugar d'onde sahira  
 Da furia que o trouxera acompanhado,  
 De novo ante Plutão se humilha e estende  
 E graças da mercê feita lhe rende.

## CVIII.

Não quer deter-se a Inveja, constrangida  
 Do mandado do Rei do Stygio ninho,  
 Toma hũa aste na mão, torta e cingida  
 Por toda a parte do pungente espinho;  
 Logo entre negras nuvens escondida  
 Lá para Diu faz o seu caminho;  
 Tudo por onde passa faz que abunde  
 Da peçonha mortal que em tudo infunde.

## CIX.

Os espaçosos campos que esmaltados  
 De varias flôres vio entre a verdura,  
 Passando deixa murchos e pisados  
 Que não póde soffrer tal formosura;  
 Põe fogo á loura espiga, e polos prados  
 Faz que as ervas consuma a chamma dura,  
 E co'o baso pestifero a malina  
 Casas, povos, Cidades contamina.



## CX.

A Diu chega enfim, e com presteza  
Lá de Cojaçofar busca a morada,  
Onde entrando se encheo de grãa tristeza  
Porque alli de tristeza não vio nada ;  
E por vêr a abundancia, a grãa riqueza,  
A seda e ouro, de que era toda ornada,  
E mal deter as lagrimas podia  
Porque então alli lagrimas não via.

## CXI.

Vai-se a Cojaçofar, que ja o preceito  
De Plutão quer cumprir, a que alli veio,  
Com ferrugenta mão lhe toca o peito  
Que de mil pungimentos deixa cheio ;  
Faz tambem apoz isto o usado effeito,  
Na mais interior parte do seio  
Lh'inspira hũa peçonha tão nociva  
Que nos ossos lhe fica ardente e viva.

## CXII.

Apoz isto ante os olhos lhe apresenta  
Quanto ja póde em Diu o novo imigo,  
Tal que a grandeza della, alta e opulenta  
Muito cedo terá toda comsigo ;  
Que se este o seu poder novo accrescenta  
Elle perderá o seu poder antigo.  
Depois que outras mil cousas diz dest'arte  
Com que assaz o acendeo, d'alli se parte.

## CXIII.

Sente Cojagofar ja o venenoso  
 Espinho, que lá dentro o punge e acende,  
 Ja nem quando o Sol mostra o luminoso  
 Raio, nem quando o esconde, o somno prende:  
 Inquieto, sollicito, ancioso,  
 Mal do infuso veneno se defende,  
 Que derreter-se lá dentro está vendo  
 Qual se está ao Sol a neve derretendo.

## CXIV.

Vendo o poder, o mando, a preeminencia  
 Que em Diu tõe a Lusitana gente,  
 A quem elle com ter grande opulencia  
 E grão ser, he tambem obediente,  
 Sente-se dentro arder d'impaciencia  
 Qual arde o verde espinho quando sente  
 O fogo, que não mostra fóra o lume  
 Mas dentro pouco a pouco se consume.

## CXV.

Mil vezes procurar quizera a morte  
 Por não vêr tanto bem e gloria alheia,  
 Mas conhecendo então que desta sorte  
 A sua grave dôr mal remedeia,  
 Pertende com robusto animo forte  
 Cumprir sua tenção, d'inveja cheia,  
 Com grãa ruina assaz, com grave dano  
 Como logo ouvireis, do Lusitano.

## CXVI.

Este depois que a sua authoridade  
(Como ja atraz a minha historia escreve)  
Fez quietar a gente da Cidade,  
E dentro dos seus muros a deteve,  
A reputação mesma, e dignidade  
Na terra lhe ficou que sempre teve,  
Agora o acata mais, mais o venera  
A gente, do que nunca antes fizera.

## CXVII.

De novo torna ao seu antigo trato,  
Meneia a sua grossa mercancia,  
Com que esconde o cruel animo ingrato  
Que tõe contra quem mal lh'o merecia:  
Contra os que d'entre a morte e desbarato  
Do Sultão, e da sua companhia  
O salvarão só vivo. E do seu peito  
Cruel, se mostrará lá ávante o effeito.

## CXVIII.

Tanto que este infernal Mouro, que estava  
Cbeio d'odio cruel, de furia acesa,  
Que então forçadamente refreava  
Com receio da gente Portuguesa,  
Vio que as vellas ao vento o Cunha dava  
Que a damnada tenção lhe tinha presa,  
Cobrando novo espirito ordena quanto  
Podereis logo vêr ness'outro Canto.

## O PRIMEIRO

# CERCO DE DIU.

## CANTO X.

*Parte-se Cojaçofar secretamente da Cidade, e vai ter a Amadabad, onde estava ElRei de Cambaia. Traz de lá hum grosso exercito. Dá primeiro hum assalto ao baluarte da Villa dos Rumes: sendo ferido se torna o Novanager. O Capitão Antonio da Silveira se apparelha para defender a Ilha. Torna Cojaçofar com todo o campo a pôr-lhe cerco: e depois d'alguns recontros se sólla a Ilha aos inimigos. Contão-se algumas cousas notaveis que neste meio tempo acontecerão na fortaleza.*

I.  
**R**raramente deixou de vêr o effeito  
Da causa, inda que grave, a que se applica,  
Aquelle que o secreto seu conceito  
Nem a si (se ser póde) inda publica,  
Mas aquelle que o centro do seu peito  
Descobre a quem não deve, e communica,  
Não sómente não acha o que esperava  
Mas acha ás vezes mal que não cuidava.

## II.

Bem vejo que nos feitos importantes  
Ninguem, só, chega ao fim de seu intento,  
Mas quem busca favor, lhe cumpre que antes  
De se communicar, tenha grão tento,  
Se os que fizer de si participantes  
Souberão ja encubrir seu pensamento,  
Que quem não soube o seu ter encuberto  
Não encubrir o alheio está mais certo.

## III.

Depois da ida do Cunha, era passado  
Hum mez, e era no fim ja do em que o leouro  
Planeta, que guardou d'Admeto o gado,  
Em companhia soe andar do Touro,  
Quando Cojagofar, impio, malvado,  
Que ja fôra Christão, agora he Mouro,  
Se parte da Cidade naquella hora  
Que na terra a nocturna sombra mora.

## IV.

Com tanta discrição, tal siso e manha  
Esta partida ja tinha ordenada,  
Que sendo elle senhor de hũa tamanha  
Riqueza, que á de Creso era igualada,  
Quando agora se vai toda o acompanha  
Sem ficar na Cidade della nada,  
Porque isto communica com tal gente  
Que nem hũa suspeita dá sómente.

## V.

E assi com tal segredo o seu caminho  
 Ordena este sagaz nesta partida,  
 Que nem do que lhe estava mais visinho  
 Suspeitada só foi, ou entendida :  
 Lá polo assento liquido marinho  
 N'hũa náó sua faz esta fugida,  
 E vai para Çurrate, o mar cortando  
 Villa de que elle tinha então o mando.

## VI.

Hũa grãa confusão, hum grande espanto  
 Aos Mouros que vivião na Cidade  
 Esta partida deu, feita com tanto  
 Segredo, quietação, sagacidade :  
 Tambem aos Portuguezes mostrou quanto  
 Saber deu o Senhor da eternidade  
 Áquelle máo, rebelde á Santa Igreja,  
 Quiçá que por mór damno inda te seja.

## VII.

Dos ventos e das ondas a bonança  
 Põe em salvo este máo na Villa aonde hia,  
 Porém nella não faz longa tardança  
 Que a damnada tenção o constrangia :  
 Faz para Amadabad logo mudança,  
 Cidade do Sertão, onde sabia  
 Que estava então ElRei, e com tal pressa  
 Caminha, que hum momento só não cessa.



## VIII.

Mas cantar n'outra parte deste espero,  
 Cumpre que hum pouco aqui delle me aparte,  
 Porém o que cantar agora quero  
 Tambem de gosto tõe hũa grã parte:  
 Obras vereis do bellicoso e fero  
 Iuda que pueril, fingido Marte,  
 Mas que com tanta furia foi tratado  
 Que foi de sangue e fogo acompanhado.

## IX.

E se o Senhor Eterno e Soberano  
 Com cousas que succedem cá na terra  
 Costuma a descobrir ao povo humano  
 O que o futuro tempo esconde e encerra,  
 Bem mostra isto que canto ao Lusitano  
 Povo, o ditoso fim que nesta guerra  
 Que se lhe vai agora aparelhando  
 Lhe tõe guardado o Ceo amigo e brando.

## X.

Hum dos solemnes dias e sagrados  
 Que a memoria daquella gloriosa  
 Resurreição de Deos, fez venerados  
 Entre a gente fiel, religiosa,  
 Se juntão quantos moços baptisados  
 Da Nação Portugueza, alta e famosa,  
 A fortaleza então dentro em si tinha  
 Cuja idade inda ás armas não conyinha.

## XI.

Ajunta-se tambem a quantidade  
 Dos pequenos escravos que agasalha  
 A fortaleza, cuja terra idade  
 Tambem soffrêra mal o arnez e a malha ;  
 Conformes n'hum querer, n'hũa vontade  
 Ordenão de se dar hũa batalha,  
 Sendo menos assaz os Lusitanos  
 Que o que he natural se acha em quaesquer anos.

## XII.

E para isto ser logo concluido  
 Põem logo em se ordenar grãa diligencia,  
 Vê-se entre os Portuguezes escolhido  
 Capitão a que dêem obediencia ;  
 Vê-se o seu estandarte no ar erguido  
 C'hũa Cruz signalado, e a competencia  
 Os escravos tambem desta maneira  
 Elegem Capitão, erguem bandeira.

## XIII.

Põem logo os Capitães em ordenança  
 A sua gente, com tanto arteficio  
 Que a longa experiencia não alcança  
 Outra com que melhor faça este officio ;  
 Mas como d'arcabuz, espada ou lança  
 Ter então não podião exercicio,  
 Qualquer ás armas que acha o braço estende,  
 Qual co'o páo, qual co'a dura pedra offende.

## XIV.

E com tanto fervor, e animo tanto  
 Que a puerilidade longe excede,  
 Invocando huns de Compostella o Santo  
 Outros o peçonhento Masamede,  
 Se accommettem, causando hum grande espanto  
 Em quem aquillo com a idade mede,  
 E em todos tal vontade então se via  
 Que isto hum verdadeiro odio parecia.

## XV.

Move o mociço páo o tenro braço  
 Para o ferro inda mal sufficiente,  
 Mas como se movêra o subtil aço  
 Faz das veias o sangue vir corrente.  
 Durou esta peleja hum grande espaço  
 Crescendo sempre o sangue e a furia ardente,  
 Cresce a grita, a revolta, os alaridos,  
 E as miseraveis queixas dos feridos.

## XVI.

Em tudo aqui podia vêr-se agora  
 Hũa cruel batalha em odio acesa,  
 Que hum momento não cessa até aquella hora  
 Que a pouca mocidade Portuguesa,  
 A quem he natural ser vencedora,  
 A victoria alcançou daquella empresa,  
 E fez com forte braço, e valeroso  
 Hum imigo fugir tão copioso.

## XVII.

Com grãa festa, prazer, contentamento  
 Os Portuguezes vão triumphadores,  
 Recebendo algum damno e detrimento  
 Dos vencidos, tambem os vencedores.  
 Huns vão buscar dos Paes o charo assento,  
 Os outros vão buscar o dos Senhores,  
 Onde achão gasalhados differentes,  
 Mas todos igualmente são contentes.

## XVIII.

Quanto contentamento n'huns derrama  
 Tão tristes outros faz, disto a memoria,  
 Mas todos igualmente acende e inflama  
 Aquella gloriosa, alta victoria.  
 Hum desejo á batalha nova os chama  
 Mas de vingança he n'huns, n'outros de gloria,  
 Nem muito o effeito d'elle dilatárão  
 Mas para o outro Domingo se preparão.

## XIX.

Então ja o que qualquer no peito encerra  
 A buscar novas armas os obriga,  
 Novas préparações fazer de guerra  
 Com que mais se execute a furia imiga;  
 Porque do pó sulfureo que na terra  
 Com nada se resiste, ou se mitiga,  
 Escondidamente hão grãa quantidade,  
 E outras cousas que são de mór idade.

## XX.

Chegado ja o Domingo, de mil partes  
 Correm aos Capitães os bons soldados,  
 Ja estendem polo ar os estandartes  
 D'insignias differentes signalados:  
 Fazem de pedra solta baluartes  
 De grossos bastiões acompanhados,  
 Os Portuguezes, com tal arteficio  
 Que tõe das fortalezas o edificio.

## XXI.

Dentro sendo ja todos recolhidos  
 Na ordem que as fortalezas se defendem,  
 Forão polos escravos commettidos  
 (Que vingar sua injuria hoje pertendem)  
 Com tal fervor, taes gritas e alaridos  
 Que até as mais altas nuvens se estendem,  
 D'hũa e outra parte a dura pedra voa  
 Hum fere, outro amedronta, outro atordoa.

## XXII.

Traz isto a furia ardente embravecida  
 Da polvora cruel, a alguns alcança,  
 Que em varios arteficios convertida  
 D'hũa parte para outra então se lança!  
 Faz o engenho infernal, imigo á vida  
 A sua costumada antiga usança,  
 Abrazados os tenros corpos deixa  
 Cresce a revolta, a dôr, e a triste queixa.

## XXIII.

Este fogo que os corpos deixa ardendo  
 Tanto acende os espiritos Lusitanos,  
 Que affrontados d'estar-se defendendo,  
 E querendo vingar estes seus danos,  
 Saltão da fortaleza, e accommettendo,  
 Com tal furor que excede os tenros anos,  
 Os imigos crueis, de sorte os tratão  
 Que em mui pequeno espaço os desbaratão.

## XXIV.

As costas logo dão com grãa presteza  
 Que detença o temor lhes não consente,  
 A grande multidão á fortaleza  
 Rendida hoje se vio, e obediente.  
 Esta presente furia, esta crueza  
 Hoje da livre, e da captiva gente,  
 Fez derramar mais sangue que a passada  
 E algũa em vivo fogo ir abrazada.

## XXV.

Não se apaga com isto ou se despede  
 A furia, antes com isto mais se acende,  
 Mais vezes pelejar se lhes concede  
 E sempre o Portuguez o imigo rende :  
 Mas porque o mal que disto lhes succede  
 Em grande crescimento ja se estende,  
 Não só ja se lhe nega dar batalha  
 Mas inda em lh'o vedar se insta e trabalha.



## XXVI.

Porém tão cheios ja todos andavão  
D'hum aceso furor não reprimido,  
Que nem polo Domingo ja esperavão  
Nem ser-lhes do Silveira concedido,  
Mas em qualquer logar que se topavão  
Ou fosse descuberto, ou escondido,  
Quaesquer que erão então, se accommettião  
Com as armas que alli se offerecião.

## XXVII.

E com tanto fervor, com odio tanto  
Em qualquer parte então vião tratar-se,  
Que põe em quem os olha grande espanto  
E o Portuguez vê sempre avantajar-se.  
Porém não quer ja mais este meu canto  
Nestes pueris feitos occupar-se,  
Torna a Cojaçofar, impio, nefando,  
Que grandes cousas vai aparelhando.

## XXVIII.

Depois que a Amadabad foi arribado  
Este falso, e infiel Italiano,  
E diante d'ElRei apresentado,  
Receioso inda aqui de qualquer dano  
Se desculpa do tempo que gastado  
Tinha antes entre o povo Lusitano  
Sem commetter mais cedo aquella vinda  
Que em tal perigo o pôz, que a não crê inda.

## XXIX.

E porque ElRei, e os tres que com elle a terra  
 Regem, sua innocencia vissem clara,  
 Com quanta discreção seu peito encerra  
 Com a sua prudencia unica e rara,  
 Os incita, os apressa, os fôrça á guerra  
 Que lá contra os Christãos movida achara,  
 Na qual se offereceo que os serviria  
 Com a pessoa, e quanto possuia.

## XXX.

Entre muitas rasões que então lhes dava  
 Para vir esta guerra logo a effeito,  
 Muitas cousas tambem lh'apresentava  
 De que ha na fortaleza o grão defeito,  
 Com que a tomada assaz facilitava  
 Sem lhe poder custar muito este feito,  
 A pouca agua que tõe a fortaleza  
 E dos seus baluartes a fraqueza.

## XXXI.

Que a fortificação tão engenhosa  
 Polo Governador antes traçada,  
 E aquella tão capaz, tão espaçosa  
 Cisterna que deixava alli ordenada,  
 He hũa machina immensa e vagarosa  
 Que apenas inda estava começada,  
 E que a cisterna inda agua não recolhe  
 Nem inda o baluarte a entrada tolhe.

## XXXII.

Incita-los tambem a isto trabalha  
Com lhe mostrar quão pouca cópia agora  
Ha de gente Christãa, d'arnez, de malha  
Que a Ilha e a Cidade só defenda hũa hora,  
E a cópia innumeravel que agasalha  
Da gente que o Mafoma falso adora  
A terra em si, usada em guerra, e dura  
Que do tratante então mostra a figura.

## XXXIII.

E que se a Ilha e a Cidade se perdia  
(Que suster-se será cousa admiravel,  
Pois que quasi sem gente resistia  
A hũa cópia de gente innumeravel)  
A fortaleza logo se entraria,  
Pois a fazia ser indefensavel  
Por hũa parte a gente que lhe falta  
E por outra ter d'agua grande falta.

## XXXIV.

E para que de todo os persuadissem  
A esta guerra que então lhes propuzera,  
(Como depois se soube) tambem disse  
Que elle tinha por certo, e que certo era  
Que tanto que de nova flôr vestisse  
O valle e o monte a fresca primavera  
Alli virião ter com grossa armada  
Os Turcos, bem provida e aparelhada.

## XXXV.

Velho edificio a quem a antiguidade  
 Ruina está cada hora promettendo,  
 Se acaso sente a Austral ferocidade  
 Quando o inverno he mais bravo e mais horrendo,  
 Não se rende com tal facilidade  
 Á grãa força que o estava combatendo,  
 Com qual ElRei e os tres ficão rendidos  
 Das rasões deste Mouro combatidos.

## XXXVI.

Que com tal força entrárão, tal vehemencia  
 Os peitos para a guerra ja abalados,  
 Que sem fazer algũa resistencia,  
 Não estando inda então muito chegados  
 A dar-lhe execução, com diligencia  
 Ajuntão munições, armas, soldados,  
 Fazem com que o guerreiro anafil soe  
 E a bandeira nos ares logo voe.

## XXXVII.

Posta ja em ordenança toda a gente  
 Com todo o necessario para a guerra,  
 Se partio, a Alucão obediente  
 Que hum dos tres he que então regem a terra,  
 Esforçado, fiel, nobre, prudente,  
 E leva só (se a fama aqui não erra)  
 Cinco mil de cavallo em companhia,  
 E em numero dobrado a infantaria.

## XXXVIII.

O que esta guerra andou sollicitando  
 Companheiro tambem nella caminha,  
 Com quasi igual poder, quasi igual mando  
 Ao que neste negocio Alucção tinha.  
 Esté mil de cavallo vai mandando  
 E tres mil da outra gente que a pé vinha,  
 Gente escolhida, pratica, robusta,  
 Que leva assoldadada á sua custa.

## XXXIX.

Duas jornadas sós ao Sol faltavão  
 Para ter dentro em Cancer gasalhado,  
 Quando as bandeiras ja desenrolavão  
 Os Capitães, e com acelerado  
 Passo, ja Amadabad desamparavão,  
 E vão pisando o fresco e livre prado.  
 Mas destes lá adiante será dito,  
 Porque da fortaleza ouço hum grão grito.

## XL.

Desta guerra que o Mouro preparava  
 Logo entre a Christãa gente a nova veio,  
 E a vinda dos imigos esperava  
 Com maior alvoroço que arreceio,  
 Porque da sua vinda imaginava  
 (Tendo de confiança o peito cheio)  
 A voltas d'hũa nobre, alta victoria  
 Alcançar nova fama, e nova gloria.

## XLI.

E em quanto nisto só se tõe o tento,  
 Se vio hũa noite ir ao Ceo subindo  
 O cruel, ruinator, bravo elemento  
 Que a povoação hia consumindo ;  
 Que como neste tempo hum grande vento  
 O fogo com grãa força vai ferindo,  
 E a secca palha cobre a baixa casa  
 Levemente a desfaz, consume e abrasa.

## XLII.

Sólta, cheio de medo e de tristeza  
 O triste habitador a casa ardida,  
 Não trata de salvar bens ou riqueza  
 Porque apenas salvar pôde ainda a vida.  
 Em breve tempo em toda a fortaleza  
 A nova deste damno foi sentida,  
 Corre hum cheio de espanto, outro de magua,  
 Porém todos gritando vem : Agua, agua.

## XLIII.

Corre alli em breve espaço grãa frequencia  
 Vendo quanto perigo ha na tardança,  
 Não lhe falta agua então, que a competencia  
 Qual a traz, qual a chega, qual a lança ;  
 Outros vão derrubar com diligencia  
 A parte em que inda não alcança,  
 Todos põem nesta grãa calamidade  
 Qual obras, qual conselho, qual vontade.



## XLIV.

E com tal diligencia, tanta pressa  
Hum entre outro, qual soe ir a formiga  
Se traz a agua, e no fogo se arremessa  
Que se vence o furor da chamma imiga:  
A ruina tambem com isto cessa,  
O tumulto da gente se mitiga,  
E em pequenas quadrilhas se reparte  
Fallando-se só disto em toda a parte.

## XLV.

Porém com quanto o povo diligente  
Por apagar o fogo assaz trabalha,  
Como então favorece a chamma ardente  
O vento d'hũa parte, e d'outra a palha,  
Bem sessenta moradas brevemente  
Sem poder haver cousa que lhes valha,  
Em leve cinza então se convertêrão  
E em muitas as fazendas se perdêrão.

## XLVI.

E se tal pressa o povo Lusitano  
Para atalhar o fogo não empresta,  
Das casas a mór parte com grão dano  
Consumíra a cruel, chamma funesta.  
Começou-se este mal (se não me engano)  
Na torpe casa d'hũa deshonestã  
Mulher, que em sensual, bruto exercicio  
De si fazia ao inferno sacrificio.

## XLVII.

Foi este grão desastre celebrado  
 Com grãa festa do Mouro povo inimigo,  
 Que com a nova guerra alvorocado  
 Já descobre o entranhavel odio antigo:  
 Assacão aos Christãos o mal dobrado,  
 Dobrado, do que tinham, o perigo,  
 Que erão os armazens todos ardidos  
 E que estavão já perto de vencidos.

## XLVIII.

Estas e outras rasões com que fazião  
 A defeza aos Christãos mais impossivel,  
 E a guerra que fazer lhes pertendião  
 Maior, mais perigosa, mais terrivel,  
 Os Mouros Capitães aos seus dizião  
 Por lhes fazer a guerra mais soffrivel,  
 E porque dos inimigos a fraqueza  
 Lhes dêsse novo espirito, e fortaleza.

## XLIX.

Pouco tempo passou traz isto quando  
 A Fama as leves azas no ar desprega,  
 E co'a trombeta os ares atroando  
 A fortaleza em breve espaço chega;  
 Onde affirma que já se vem chegando  
 O exercito infiel, que a Christo nega  
 E tõe de Mafamede a lei malina,  
 Promettendo aos Christãos a mór ruina.

## L.

Esta he aquella gente de Cambaia  
 Que a damno dos Christãos partio ligeira  
 D'Amadabad, e vai de Diu á praia  
 Seguindo a d'Alucão, e a outra bandeira :  
 Mais se acende e desperta, que desmaia  
 Com tal nova o magnanimo Silveira,  
 Provê quanto releva então provêr-se  
 Ou com que offender possa, ou defendêr-se.

## LI.

O que procura então provêr primeiro  
 He saber a certeza do que ouvia,  
 Não perdoa a trabalho ou a dinheiro  
 Que nisto largamente os despendia :  
 Mas como nova certa, e o verdadeiro  
 Signal ter-se dos Mouros só podia,  
 A nova que elles dão he sempre errada  
 Porque he com má tenção, máo zelo dada.

## LII.

Porém apesar desta imiga gente  
 O tempo descubrio disto a verdade,  
 Silveira como a certa nova sente  
 Acode logo á mór necessidade :  
 Á cisterna dá grande expediente,  
 E com grãa diligencia e brevidade  
 Dar ao grão baluarte fim pertende  
 Que dos Rumes a Villa então defende.

## LIII.

E com tal diligencia isto procura  
 Que antes que muito tempo se passasse  
 Fez com que o baluarte áquella altura  
 Que se acha em vinte palmos arribasse,  
 E que ao que a ordinaria estatura  
 D'hum homem d'alto tõe, tambem chegasse  
 A sala que, se eu mal não estou vendo,  
 Junto do baluarte estão fazendo.

## LIV.

Estava neste estado a fortaleza  
 Quando os dous Capitães que caminhavão  
 De lá d'Amadabad, com grãa presteza  
 Dentro em Novanager se agasalhavão:  
 E porque grandes faltas e fraqueza  
 Achar entre os Christãos imaginavão,  
 Ordenão que assaltados logo sejam  
 Por lhes não dar logar que se provejão.

## LV.

E inda a formosa Aurora acompanhava  
 O filho do Troyano Laomedonte,  
 Quando Cojaçofar co'os sens pisava  
 Lá caminho de Diu o valle e o monte:  
 Com tal pressa e silencio caminhava  
 Que antes que desterrasse do Horizonte  
 O raio da manhã, o manto escuro,  
 Sem ser sentido estava junto ao muro.

## LVI.

Onde a gente em batalhas não reparte  
 Mas junta toda sua companhia,  
 Commette com grãa furia o baluarte  
 Que novamente a Villa defendia:  
 E com quanto não falta nesta parte  
 Hũa esperta, e sollicita vigia,  
 Comtudo o Mouro vem tão encuberto  
 Que não se vê senão de muito perto.

## LVII.

Levanta a vella a voz em vendo o inimigo  
 Hũa e outra vez a grita alta repette,  
 Dá rebate aos Christãos deste perigo  
 E da gente que os muros accommette:  
 Mas como então ao doce somno amigo  
 Iuda a cansada gente se submette,  
 Não se póde este mal que está já á porta  
 Com tal pressa atalhar quanta lhe importa.

## LVIII.

E como os Portuguezes que c meneio  
 Da Alfandega da Villa a cargo tinham  
 Nella estavam então, como lhes veio  
 A nova dos inimigos que alli vinhão,  
 Com grande espanto assaz, não sem receio  
 D'hum mal que elles então mal advinhão,  
 Logo todos n'hum corpo se ajuntarão  
 Subir ao baluarte trabalharão.

## LIX.

Sua salvação tõe nesta subida  
 Nella põem seu valor, seu braço forte,  
 Porque ou assi salvar possão a vida  
 Ou vingar largamente sua morte:  
 Esta heroica tenção favorecida  
 Foi da sua propria amiga sorte,  
 Que tamanho poder deu ao seu braço  
 Que subirão acima em breve espaço.

## LX.

Porém ja da infiel Cambaia gente  
 Andava entre os Christãos tal quantidade,  
 Que com quanto á subida expediente  
 Derão, com mui grãa pressa e brevidade,  
 Virão quasi perdida totalmente  
 Ou a vida, ou a chara liberdade:  
 Mas aquelle a que a sorte favorece  
 Contra tudo resiste, e prevalece.

## LXI.

Não subirão lá tanto a salvamento  
 Com quanto o Ceo tiverão favoravel,  
 Que alguns do Lusitano ajuntamento  
 Não recebessem morte miseravel.  
 Os vivos com grãa força, espirito e alento  
 Áquella imiga gente innumeravel  
 De tal sorte algum tempo resistirão  
 Que a muitos sem seu damno a vida tirão.



## LXII.

Em breve espaço foi disto avisado  
 O grão Silveira lá na fortaleza,  
 Que com tal nova assaz sobresaltado  
 Não perde o seu espirito e fortaleza:  
 Deixa tudo alli posto a bom recado,  
 E co'a mór brevidade, mór presteza,  
 E mais gente que póde d'alli parte  
 A favor dos que estão no baluarte.

## LXIII.

A leõa feroz que carregada  
 De presa, entra na sua inculta e ruda  
 Casa, e a vê dos filhinhos despojada  
 A quem vinha manter e dar ajuda,  
 Com furia tão cruel, tão denodada  
 Outra vez o veloz passo não muda,  
 Buscando o que d'alli lh'os lançou fóra,  
 Como o forte Silveira leva agora.

## LXIV.

Em quanto o Capitão isto concerta  
 No baluarte assaz se combatia,  
 Que o numeroso imigo tanto o aperta  
 Que com mui grão trabalho resistia:  
 O perigo aos Christãos acende e esperta  
 E lhes dá tanto esforço e valentia  
 Que sendo vinte sós os que defendem  
 Não sómente resistem, mas offendem.

## LXV.

Porque além do valor, do esforço antigo  
 Que os vinte em todo tempo acompanhava,  
 E na difficuldade e no perigo  
 Em que agora se vem, se acrescentava:  
 Vendo que o Capitão (como atraz digo)  
 Para favorece-los se apressava,  
 Com dobrado fervor, dobrado espirito  
 Se defendem do numero infinito.

## LXVI.

O Mouro Capitão, d'ira assaz cheio  
 Por vêr quão pouca gente tanto o offende,  
 Do Cambaio esquadrão posto no meio,  
 Com tão feias palavras o reprehende  
 Que o faz metter na morte sem receio,  
 Mas nem por isso alcança o que pertende,  
 Porque se dobra as forças e a vehemencia  
 Tambem acha dobrada resistencia.

## LXVII.

Rompem com isto o Ceo os altos gritos,  
 Acende-se o furor, cresce a revólta,  
 Lá da longa espingarda entre infinitos  
 Chumbos subtis a morte sahe envólta,  
 Que d'infelizes, miseros espiritos  
 Dos corpos infieis grãa cópia sólta,  
 Sem chegar a nenhum da fiel gente  
 Que assi o quiz o Senhor Omnipotente.

## LXVIII.

Entre este alto furor, que tanto dano  
 Aos Cambaios estava então causando,  
 Lá d'entre o ajuntamento Lusitano  
 Acaso hum chumbo ardente sahe voando,  
 Que contra o renegado Italiano  
 Os ares tão direito vai cortando,  
 Que hũa das impias mãos lhe rompe, e o deixa,  
 Cheio de grave dôr, de grave queixa.

## LXIX.

Tira-se o triste atraz, co'a côr perdida,  
 Que a dôr o cobre d'hũa côr defunta:  
 Esta nova entre os seus sendo sabida  
 Grã cópia em derredor d'elle se ajunta,  
 Cuidando alguns que estava elle sem vida  
 Qual chega para o vêr, qual o pergunta:  
 Mas o Mouro sagaz, que conhece isto  
 Faz que vivo de todos seja visto.

## LXX.

Durando esta revolta, que a braveza  
 Do combate algum tanto reprimira,  
 A geite que de lá da fortaleza  
 A favor dos Christãos antes partira,  
 No baluarte entrou com grã presteza  
 Abrazada em furor, acesa em ira,  
 Com que deu novas forças aos amigos  
 Encheo de medo os peitos dos inimigos.

## LXXI.

Sendo da Lusitana alta bandeira  
 De novo o baluarte acompanhado,  
 Bem vio Cojaçofar que o grão Silveira  
 A soccorro dos vinte era chegado :  
 Juntando esta rasão á outra primeira  
 Que era vêr-se da mão mui maltratado,  
 Com pressa se affastou do baluarte  
 Tendo dos seus perdido algũa parte.

## LXXII.

Fica o nobre Silveira assaz contente  
 De vêr em salvo os seus para quem vinha,  
 E como era sagaz, era prudente  
 Os quiz satisfazer co' o que então tinha :  
 Sólta a lingua perante toda a gente,  
 Dá-lhe tanto louvor, quanto convinha  
 A quem com forte espirito hũa tal cópia  
 Venceo quasi sem damno, ou perda propia.

## LXXIII.

Grão proveito trouxe esta leve affronta  
 Á Portugueza gente que ha na terra,  
 Porque a fez despertar, fê-la estar pronta  
 Nas cousas necessarias para a guerra ;  
 E ter melhor noticia, melhor conta  
 Co'a grande quantidade que em si encerra  
 A Cidade de bons, fortes soldados  
 Em diferentes trajos disfarçados.

## LXXIV.

E porque com pacifica apparencia  
 Dar alguns sobresaltos intentarão,  
 Logo o Silveira pôz tal diligencia  
 Que as armas lhes tomou, quantas llacharão,  
 E sem nunca achar nelles resistencia  
 Em ásperas prisões alguns ficarão,  
 Por causarem na terra alguns insultos  
 Alguns ajuntamentos e tumultos.

## LXXV.

Refreados de sorte os da Cidade  
 Que ja mais não podião alterar-se,  
 Os logares provê com brevidade  
 Fracos, de que podia arrecear-se:  
 Estes são os que com facilidade  
 Naquelle Rio podem vadear-se,  
 O qual da terra firme a Ilha apartava,  
 E destes grande cópia nelle estava.

## LXXVI.

Nos dous destes logares, que aqui digo,  
 Onde mais que nos outros a agua he rara,  
 Estão dous baluartes com que o antigo  
 Tempo, estas faltas ja remedeára;  
 Os quaes alli Baudur quando do inimigo  
 Mogor, veio fugindo, edificára,  
 Com que o que creou fraco a natureza  
 Recebeo do arteficio fortaleza.

## LXXXIII.

Hum momento esta grande obra não cessar  
 Que he tambem dos soldados ajudada,  
 E a grã falta que tõe tanto os apressa  
 Que antes de ser de todo ja acabada  
 Ordena o Capitão que com grã pressa  
 Tanta agua seja nella agasalhada  
 Quanta todos os bois que alli estivessem  
 Acarretar em odres lhe podessem.

## LXXXIV.

Destes o vagaroso passo lento  
 Costuma de metter toda a Cidade  
 Do cristalino e liquido elemento  
 Que contra a sede tõe propriedade ;  
 E aquella agua que para mantimento  
 Da Christã gente, em grande quantidade  
 Lá na nova cisterna agasalharão  
 Dos poços que ha pola Ilha acarretarão.

## LXXXV.

A voltas da cisterna, se procura  
 Dar fim ao baluarte, e á grande sala,  
 E põe-se então nesta obra tal quentura  
 Que em breve tempo fazem acabala :  
 Palmos quarenta a sala tõe d'altura  
 E o baluarte nisto a ella se iguala ;  
 Não os cercão de cava, porque vião  
 Que o sitio nem o tempo o permittião.



## LXXXVI.

De munições e grossa artilharia  
 O Silveira o fornece, e delle o mando  
 Dá a Francisco Pacheco, o qual sohia  
 A Alfandega da Villa estar julgando:  
 Setenta homens lhe põe em companhia  
 De quem confia assaz. Mas esperando  
 Cumpre que aqui fiqueis hum pouco, em quanto  
 A Cojaçofar torna este meu canto.

## LXXXVII.

Este, depois que a dôr que o chumbo ardente  
 Na rota mão lhe tinha antes causado,  
 O fez retirar a elle e á sua gente  
 Do baluarte assaz afadigado:  
 Para Novanager em continente  
 Do seu grosso esquadrão acompanhado,  
 Com apressado passo vai direito  
 Sem vêr de seu intento algum effeito.

## LXXXVIII.

A graveza da dôr então o obriga  
 A deixar algum tempo o que pertende,  
 De novo estimulada a furia antiga  
 Se lhe alevanta em dobro, se lhe acende,  
 E assi tanto que a dôr se lhe mitiga  
 E o mal que antes sentia pouco offende,  
 Não faz hum só momento de tardança  
 Para tomar do novo mal vingança.

## LXXXIX.

Outra vez á batalha os seus inclina,  
 Outra vez em batalhas os reparte,  
 Promettendo aos Christãos alta ruina,  
 Faz que voe n'os ares o estandarte:  
 Vingarse desta vez bem imagina  
 Do mal que recebo no baluarte,  
 Sahe de Novanager, e n'hum instante  
 Dos olhos dos Christãos se põe diante.

## XC.

Aos Christãos n'hum instante se apresenta  
 Porque odio e furia atraz deixão o vento,  
 Sobre o passo que o Sousa então sustenta  
 Faz de todo seu campo o alojamento:  
 Tres mui grossos canhões contra elle assenta  
 Com que espera dar fim a seu intento,  
 Sahe com ardente furia arrebatada  
 O pelouro a buscar do Sousa a armada.

## XCI.

Mas o Sousa animoso não desmaia  
 Antes se acende mais no mór perigo,  
 Tambem com furia ardente faz que saia  
 Do seu canhão o duro ferro imigo,  
 Que aquella imiga gente de Cambaia  
 De seu atrevimento dá o castigo,  
 Dando morte cruel a algũa della  
 De que huns vinhão a pé, outros em sella.

## XCII.

Entretanto Alucão não descansava  
 Nem estava ocioso em festa e em gosto,  
 Antes com toda a gente que mandava  
 Lá contra a Ilha também estava posto;  
 Onde quanto podia trabalhava  
 Por dar morte aos Christãos, pena e desgosto,  
 Nem tõe n'hum só logar a gente unida,  
 Mas por diversos passos repartida.

## XCIII.

Põe hum grosso esquadrão contra o famoso  
 Falcão, que hum baluarte defendia,  
 Outro contra o Carvalho valeroso  
 A que a defensão d'outro competia:  
 E sendo este seu campo assaz copioso  
 Com que abranger a tudo bem podia,  
 Também com gente os dous passos rodeia  
 Que defendem por mar Veiga e Couveia.

## XCIV.

Logo o sulfureo estrondo embrayecido,  
 Penetra e atroa o arco senhorio,  
 E o pelouro infiel mal resistido  
 Tolhe a navegação do estreito Rio,  
 Com que o caminho então fica impedido  
 Por onde costuma ir mais d'hum navio,  
 Que aos que estavam nos passos, provimento  
 Leva de munições e mantimento.

## XCV.

Como as disposições que se estão vendo  
 No Rio, favoreção disto o effeito,  
 Ainda que os que os passos vão provendo  
 Bem ou mal executem seu conceito,  
 Disto os Christãos comtudo recebendo  
 Vão, tanto maior damno que proveito,  
 Que esta defensão fica mais custosa  
 Do que a Ilha he necessaria e proveitosa.

## XCVI.

A voltas disto, a gente de Cambaia  
 Sem descansar hũa hora só, pertende  
 Melhorar suas estancias lá na praia  
 Que de longo do estreito Rio se estende:  
 Mais se acende com isto, que desmaia  
 A valerosa gente que defende  
 Os passos, qual no mar, e qual na terra  
 Fazem sanguinolenta, cruel guerra.

## XCVII.

D'hũa parte para outra ponco tarda  
 Aquella irresistivel furia ardente,  
 Sahe o mortal pelouro da bombardas  
 Para ruina d'hũa e d'outra gente;  
 Da delgada tambem, longa espingarda  
 Hũa e outra parte a furia subtil sente,  
 Miseros, tristes, mal afortunados  
 Os que são destas furias encontrados.

## XCVIII.

Co'os corpos em pedaços, vão buscando  
 As almas, o logar de gloria, ou pena,  
 Que conforme ao que nesta vida obrando  
 Merecêrão, lá na outra se lhes ordena.  
 A Região Celeste penetrando  
 Vai então dos fieis parte pequena,  
 E de infieis hum numero infinito  
 Entra lá no immortal, negro conflito.

## XCIX.

Mil vezes se travou esta batalha  
 Entre o povo infiel e o Lusitano,  
 E com quanto mais sangue sempre espalha  
 O povo Mahometico e profano,  
 Comtudo em melhorar-se assi trabalha  
 Que rompendo por toda a perda e dano  
 As estancias melhora onde queria,  
 Sempre estreitando mais a serventia.

## c.

Disto o Silveira vio que era escusado  
 Defender longamente á gente imiga  
 Que o Rio fosse della vadeado  
 Por mais que a Christãa gente o contradiga,  
 Vê que esta defensão lhe tõe gastado  
 (Sem que proveito algum della se siga)  
 De gente e munições muito atégora,  
 E que lhe vai gastando mais cada hora.

## ci.

Por isto, e porque ja tinha acabada  
 A cisterna, e com pressa e brevidade  
 Tinha ja dentro nella agasalhada  
 D'aquaticos licôr grãa quantidade;  
 Determina deixar desamparada  
 Toda a Ilha, e em defensão pôr a Cidade,  
 E pôr a artilharia toda nella  
 Quanta pôz na Ilha para defendella.

## cii.

Pede em caso tão grave e d'importancia  
 Conselho, a quem podia aconselha-lo,  
 Que por fugir soberba ou ignorancia  
 Não quiz comsigo só determina-lo:  
 Todos com hũa voz, sem discrepancia  
 Lhe dizem que devia effeitua-lo  
 Da maneira que o tinha em si proposto,  
 Fez-se isto sendo ja nove de Agosto.

## ciii.

Concluido isto assi, não se deteve  
 O sabio Capitão em dar-lhe effeito,  
 E por dar a isto a pressa, que se deve  
 A qualquer importante, grave feito,  
 Faz que aos que estão nos passos disto leve  
 O recado hum varão, a quem de peito  
 Animoso dotára a natureza,  
 E que era Alcaide-mór da fortaleza.



## CIV.

Payo Rodrigues este se dizia  
 E lá dos Aranjos traz a linha,  
 Logo aos passos se vai, e denuncia  
 A gente que a defesa a cargo tinha,  
 Que tanto que o Sol dêsse fim ao dia  
 Mandava o Capitão (porque convinha)  
 Que nenhum mais alli se detivesse  
 Mas que logo á Cidade se viesse,

## CV.

Manda o Capitão a este que tomasse  
 A barcaça que em companhia andava  
 Lá de Lopo de Sousa, e a presentasse  
 Ao baluarte que o Falcão mandava;  
 E que a recolher nella lhe ajudasse  
 Quanto no baluarte então estava  
 Que para a guerra sirva ou lhe convenha,  
 Artilharia, ou gente, ou mais que tenha,

## CVI.

Manda hũa grande fusta áquella parte  
 Na qual era o Carvalho obedecido,  
 Para que quanto tõe no baluarte  
 Também fosse então nella recolhido.  
 Traz a barcaça a fusta logo parte,  
 E sendo destes dous bem entendido  
 O que manda o que tõe geral mando  
 Sem detença o vão logo effeituando.

## CVII.

Adiante da estancia encarregada  
 Ao famoso Falcão, de gloria amigo,  
 O nobre Capitão pôz hũa armada  
 Temendo neste passo algum perigo:  
 D'Antonio da Veiga esta he governada  
 Como (se vos lembraes) atraz ja digo,  
 De quem disse que tinha hum grande espirito  
 Nem me arrependo inda de o ter dito.

## CVIII.

Nesta armada que ao Veiga he obediente  
 Sobre duas galeotas que ahi andavão  
 Alguns cátures ha, e juntamente  
 Outras fustas subtís a acompanhavão:  
 Frota para render sufficiente  
 Muitos dos que o Alcorão falso adoravão  
 Se de temor não forão combatidos  
 Huns peitos sempre fortes e temidos.

## CIX.

Veiga, sendo-lhe ja denunciado  
 Isto que o Capitão Silveira agora  
 Aos que estavão nos passos tõe mandado,  
 Não quer em dar-lhe effeito pôr demora;  
 A cada Capitão encommendado  
 Deixa o proprio navio, e salta fóra  
 Elle na Ilha, e d'ahi com grãa presteza  
 Por terra veio ter á fortaleza.

## CX.

A armada, em tendo tempo (com desejo  
D'ir traz seu Capitão) se faz de largo ;  
O Falcão e o Carvalho neste ensejo  
Põem por obra o que lh'era dado a cargo.  
Mas porque tão comprido o Canto vejo  
Que mais do que devêra ja me alargo,  
Perdoai-me se hum pouco agora césso,  
Lá ávante vereis destes o succésso.

## O PRIMEIRO

# CERCO DE DIU.

## CANTO XI.

---

*Perdem-se duas fustas da armada de Antonio da Veiga. Perdem-se tambem as embarcações em que vem Gonçalo Falcão, e Luis Rodrigues de Carvalho; e humas e outras vão ter a poder dos inimigos. O Capitão, depois de fazer algumas diligencias necessarias na Cidade, a sôlta aos Mouros, e se recolhe á fortaleza. Alucão e Cojaçofar entrão na Cidade, e assentão seus campos. Contão-se algumas cousas que entretanto succedêrão d'hũa e d'outra parte.*

---

i.

**Q**ue presta ao Capitão a valentia,  
Ser esperto, sagaz, forte e prudente,  
Quando de sua gente a covardia  
He sómente ao temor obediente,  
E o desampara mais naquelle dia  
Em que a necessidade he mais urgente,  
Só d'hum vão arreceio combatida  
De ser posta em perigo a inutil vida.

## II.

Cousas são que hũa á outra favorece  
 O forte Capitão, e a gente forte,  
 E se destas qualquer á outra falece  
 Logo segue vergonha, infamia, ou morte:  
 Por onde as mais das vezes prevalece  
 Aquella parte a quem a imiga sorte  
 Quiz dar, para a fazer victoriosa,  
 Com forte Capitão, gente animosa,

## III.

Sendo desamarrada aquella fróta  
 Que pouco antes o Veiga governára,  
 Para seguir com pressa aquella róta  
 Que o geral Capitão antes mandára,  
 Forçado lhe he passar não mui remóta  
 D'hũa formosa estancia que assentára,  
 A damno dos Christãos, naquella praia  
 Junto do Rio a gente de Cambaia,

## IV.

Eolo naquella hora solta tinha  
 A hum grão vento a prisão que em si o encerra,  
 Que com grãa força então ferindo vinha  
 Aquelle Rio, e toda aquella terra.  
 Tambem a imiga estancia, que visinha  
 Estava ao Rio, faz áspera guerra  
 Aos que por elle vinhão navegando,  
 Co'o ferro que o canhão está lançando.

## XI.

E no tempo que os dous navios ardião,  
 Porque a gente a salvar-se os não ajuda,  
 Tres ou quatro caixões fóra se vião  
 Que não póde embarcar, por mais que estuda;  
 Estes dentro em si todos recolhião  
 Aquelle negro pó, que com ajuda  
 De qualquer leve chamma tão mal trata  
 Que tudo acende, assola, e desbarata.

## XII.

Mas como as grossas chammas que abrazavão  
 Os navios Christãos de que atraz fallo,  
 Causassem grão temor nestes que estavão  
 Em companhia então do grão Gonçallo,  
 Por fugirem do mal que imaginavão  
 Começão de querer desamparallo,  
 Ao mal futuro mais obedientes  
 Que a mil obrigações que tõe presentes.

## XIII.

O Falcão valeroso que isto entende  
 Receioso d'algũa desventura,  
 Por mil vias cura-la então pertende  
 Qual mostrando aspereza, qual brandura:  
 Ora os manda, ameaça, ora os reprehende,  
 Ora os roga, os anima, os assegura,  
 Ora lhes põe diante a Portugueza  
 Honra, no mór perigo mais aceza.



## XIV.

Não foi de todo em vão, e sem proveito  
 Deste forte varão o grão cuidado,  
 Porém d'elle não vio mais outro effeito  
 Que não se vêr dos seus desamparado;  
 Porque ficou em todos inda o peito  
 D'hum tamanho arreceio acompanhado,  
 Que por não se deterem mais meia hora  
 Não trazem os caixões que estavam fóra.

## XV.

Nisto põe o Falcão sua eloquencia,  
 Seu mando, seu poder, sua valia,  
 Mas acha no temor grãa resistencia  
 Que então a si sómente obedecia;  
 E vendo que nenhũa diligencia  
 Lhe basta a dar effeito ao que queria,  
 Pondo fogo aos caixões d'alli se parta  
 E deixa quanto póde o baluarte.

## XVI.

Disto, a que o fôrça então necessidade  
 Depois hum grave damno lhe succede,  
 Porque o resplendor mesmo e claridade  
 Que então o acceso pó de si despede,  
 Em meio da cerrada escuridade  
 Com que a noite aos mortaes a vista impede,  
 Aos imigos mostrou quão carregada  
 Vai a barcaça, e mal apparelhada.

## XVII.

Elles, a quem hum odio antigo incita  
 A destruição do imigo Lusitano,  
 Porque o peito brutal onde este habita  
 Jamais não se fartou de fazer dano,  
 Hũa e outra vez levantão a alta grita,  
 Porque com estas mostras, este engano  
 D'irem traz os Christãos, os amedrontem,  
 Ou na ida os embaracem, e os affrontem.

## XVIII.

Não lhes sabio em vão seu pensamento  
 Antes muito melhor do que cuidavão,  
 Que esta falsa apparencia e fingimento  
 A que então os Christãos credito davão,  
 E aquella grãa tormenta e bravo vento  
 Que (como disse atraz) então levavão  
 Põe a barcaça em secco, mas sahira  
 Facilmente, se o medo o consentira.

## XIX.

Porém a gente della, que então vinha  
 D'hum temor entranhavel combatida,  
 Nem outra salvação euidou que tinha  
 Senão só n'hũa vil, torpe fugida;  
 Sem tratar do que a sua honra convinha  
 Com deshonra antes quer salvar a vida,  
 Lança-se com grãa pressa toda ao Rio  
 Deixa seu Capitão só no navio.

## XX.

E com tanta presteza as ondas fende  
 Que em breve espaço lá na Ilha apparece,  
 Que como então salvar-se só pertende  
 Contra a tormenta e vento prevalece:  
 Outra vez o Falcão roga e reprehende,  
 Mas nenhum o ouve então, nem lhe obedece,  
 De baixeza os argue, e d'ira cheio,  
 Mas tudo então val menos que o receio.

## XXI.

E vendo enfim que em vão tõe consumido  
 Rogo, mando, brandura, ou aspereza,  
 Por salvar hum navio ja perdido  
 Por medo de sua gente, e por fraqueza,  
 Parte d'hum furor grande combatido,  
 Parte d'hũa profunda, alta tristeza,  
 Deixa o que só não póde hum forte peito  
 Salvar, e lá á Cidade vai direito.

## XXII.

Grãa dôr trouxe, e grão damno isto que digo  
 A gente que o Evangelho Santo estuda,  
 Mas ao povo infiel, profano e imigo  
 Deu grão contentamento, e grande ajuda:  
 Porque houve então dez peças (sem perigo)  
 D'artilharia grossa, e da miuda,  
 E armas, e cousas desta qualidade  
 Das quaes a guerra tõe necessidade.

## XXIII.

Nem com este segundo damno cessa  
 A sorte desta noite desestrada,  
 Antes a estou ja vendo que se apressa  
 Para outra perda igual a esta passada.  
 O animoso Carvalho com grãa pressa  
 Na fusta que lhe lá fôra levada  
 As armas embarcou, e artilharia,  
 E o que no baluarte mais havia.

## XXIV.

Não se detem alli mais hum instante,  
 Parte logo, e á Cidade vai direito,  
 Porém nem elle passa tanto ávante  
 Que chegue em salvo ao fim com este feito.  
 Porque com menos causa, e semelhante  
 Modo, de seu intento vio o effeito  
 Que víra antes do seu o grão Gongalo,  
 Sem bastar diligencia a remedialo.

## XXV.

Desta terceira perda e desventura  
 Grão proveito os imigos alcançarão,  
 Os quaes n'hũa só noite, triste e escura,  
 E funesta aos Christãos, vi que cobrarão  
 Cousa, que em largo tempo por ventura  
 Poderem cobrar delles não cuidarão,  
 E o peor he que a causa destes danos  
 Foi temor dos temidos Lusitanos.

## XXVI.

Lopo de Sousa aqui se me apresenta,  
 Delle quero cantar, a elle quero irme,  
 E nisto que dizer meu canto intenta  
 Bem sei que folgarão todos d'ouvirme.  
 Parte-se este tambem, e a grã tormenta  
 Lá da parte o lançou da terra firme,  
 E como ja a maré então vazasse  
 Forçado foi que em terra alli ficasse.

## XXVII.

Aqui se esperta nãais o varão forte  
 Que nunca arreceou grandes perigos,  
 E vendo porque via a adversa sorte  
 Causou a perdição a seus amigos,  
 Vê que lhe cumpre, por fugir á morte,  
 Ter mais tento nos seus que nos inimigos,  
 Com quanto os achou sempre acompanhados  
 De valerosos peitos, e esforçados.

## XXVIII.

E para effeito disto que queria  
 E ter da sua gente segurança,  
 Alaga o seu batel, que só podia  
 Dar-lhe de salvação hũa esperança:  
 E como alli mais largo o Rio se via  
 Que em todo outro logar nenhum, se lança  
 A elle, porque se vê desesperado  
 De se poder salvar então a nado.

## XXIX.

Em meio d'hum perigo tal, tão certo  
 Passão a noite dentro no navio,  
 Aqui se mostra o Sousa mais esperto  
 Com quanto de temor não he vazio.  
 Porém tanto que á terra descoberto  
 Foi da fresca manhã o raio frio,  
 N'outro perigo mór se vio mettido  
 Que a noite lhe teve antes escondido.

## XXX.

Vio que o Rio por onde navegára  
 Quando a busca-lo o mar de fóra vinha,  
 Agora que se o mar ao mar tornára  
 E o Rio se ficou só co'o que tinha,  
 Hum grande espaço d'elle se apartára  
 Deixando-lhe alli a morte mais visinha;  
 Mas em quem a esperança pôz fraqueza  
 A desesperação pôz fortaleza.

## XXXI.

Esta era aquella gente que o Coutinho  
 Na galeota alli tinha comsigo,  
 A qual vendo que agora tõe visinho,  
 Sem podê-lo atalhar, hum tal perigo,  
 E que não tõe então outro caminho  
 Para escapar das mãos d'hum bravo imigo  
 Senão o que lhe abrir a sua espada,  
 A que antes era fraca, agora he ousada.



## XXXII.

Mas bem lhes cumpre ter ousado espirito,  
 De braço forte usar, duro, e constante,  
 Porque em vendo o infiel povo maldito  
 Que não póde o navio ir mais ávante,  
 Ajuntão quasi hum numero infinito  
 E em derredor o cercão n'hum instante,  
 Com aquelle furor a que os incita  
 O grande odio que nelles sempre habita.

## XXXIII.

Salhe ao cerrado corro, aonde o rudo  
 Povo o estava esperando alvoroçado,  
 O touro inda então manso, inda sisudo  
 Que a garrocha o não tõe estimulado;  
 Mas tanto que o pungente ferro agudo  
 Por mil partes sentio, cruel e irado  
 Corre e salta ligeiro, bravo, e forte,  
 Hum derruba, outro fere, a outro dá a morte:

## XXXIV.

Tal vejo cada hum dos valerosos  
 Peitos que a galeota agasalhava,  
 Que vendo huns esquadrões tão copiosos  
 Algum tanto o perigo arreceiava,  
 Mas tanto que dos ferros sanguinosos  
 Começa de sentir a furia brava,  
 De tamanha ira e esforço fica cheio  
 Que faz temer a quem lhe pôz receio.

## XXXV.

Move logo o subtil aço luzente  
 D'hũa parte o infiel braço Cambaio,  
 D'outra faz com a usada furia ardente  
 Da espingarda sahir o subtil raio,  
 Tudo para que áquella pouca gente  
 Portugueza então dê morte ou desmaio;  
 E isto com tantas gritas, taes clamores  
 Que os Alcides tremêrão, e os Heitores.

## XXXVI.

A Portugueza gente que de usada  
 A estes clamores, ja pouco os estima,  
 E co'o grande perigo feita ousada  
 Cada vez mais se acende, e mais se anima,  
 Tambem com arcabuz, com lança e espada  
 Aquella imiga gente assi lastima,  
 Que valer menos vê com sangue e mortes  
 A fraca multidão, que os poucos fortes.

## XXXVII.

Não se apaga com isto a furia acesa  
 Com que o Cambaio entrou nesta batalha,  
 Porque com quanto a gente Portugueza  
 Do seu sangue grãa cópia então espalha,  
 Comtudo vêr o fim daquella empresa  
 Com tamanho furor inda trabalha,  
 Que sem ter conta ja co'as suas vidas  
 As dos Christãos procura vêr perdidas.

## XXXVIII.

Mas com quanto furor e diligencia  
 Põem agora os Cambaios quasi insanos,  
 Com dar vidas e sangue a competencia  
 Por vingar este novo e os velhos danos,  
 Achão porém tão dura resistencia  
 No pequeno esquadrão dos Lusitanos,  
 Que quanto este furor os mais inflama  
 Tanto mais do seu sangue se derrama.

## XXXIX.

Durou esta contenda furiosa  
 (Tão desigual na gente e na ventura,  
 Porque muitos da imiga e numerosa  
 Á região descêrão stigia e escura,  
 Mas a pouca fiel victoriosa  
 Toda em salvo ficou, livre e segura)  
 Até que o mar tornou a entrar no Rio  
 E fez com que nadar pôde o navio.

## XL.

Isto seria então (se não me enleio)  
 Bem duas horas antes que o Sol chegue  
 Daquelle arrebatado curso ao meio  
 Com que forçado a nona Esphera segue.  
 Tanto que á galeota a maré veio,  
 Com quanto a grã tormenta inda a persegue  
 Dos ventos, quer vencer a pertinacia  
 Quem dos Mouros venceo a contumacia.

## XLI.

O Marinheiro esperto a vella estende  
 Que sentindo do vento a grã braveza  
 Com tal furia o navio as ondas fende  
 Que á Cidade vai ter com grã presteza.  
 O Silveira mil graças ao Ceo rende,  
 Mil louvores á invicta fortaleza  
 Da pouca gente, que com forte braço  
 A tanto resistio tão largo espaço.

## XLII.

Vendo a imiga gente de Cambaia  
 Em salvo os Christãos ir tão apartados,  
 Deixando cheio o Rio, e cheia a praia  
 Dos seus corpos sem almas não vingados,  
 Ora se acende mais, ora desmaia,  
 Porém todos confusos e pasmados  
 De fazerem tão poucos tal estroço  
 Em tristeza convertem o alvorço.

## XLIII.

Tornão-se logo ao seu alojamento  
 Quiçá com mais temor que confiança,  
 Menos sentindo a perda e o detrimento  
 Que não tomarem d'elle grã vingança.  
 Mas como não consente meu intento  
 Que eu faça n'hum logar longa tardança,  
 Fiquem-se estes chorando sua tristeza  
 Que eu d'aqui lá me vou á fortaleza.

## XLIV.

Pouco ha que a minha historia vos dizia  
 Que o famoso Silveira antes mandára  
 Trazer lá da Ilha toda a artilharia  
 Que para a defender nella espalhára,  
 (A qual disse tambem que a covardia  
 Dos Christãos aos imigos entregára)  
 Para que co'o favor que ella lhe dêsse  
 Defender a Cidade então pudêsse.

## XLV.

Vendo-a agora em poder da imiga gente,  
 E não sómente em vão ir seu conceito  
 Mas que faz que aos imigos se accrescente  
 O poder, e que o seu tenha defeito,  
 Menos medroso assaz que descontente  
 D'hũa grãa confusão se lhe enche o peito,  
 Mil cousas differentes imagina  
 Mas em nenhũa emfim se determina.

## XLVI.

Determina porém aconselhar-se  
 Que o bom conselho as menos vezes erra,  
 E para isto poder effectuar-se  
 Co'a pressa que convem naquella guerra,  
 N'hum secreto logar faz ajuntar-se  
 A Fidalguia toda que ha na terra,  
 E dos outros qualquer de quem se sabe  
 Que aconselhar naquillo bem lhe cabe.

## XLVII.

Perante todos diz que elle ordenava  
 Que fosse na Cidade recolhida  
 A artilharia toda que lá estava  
 Polos logares da Ilha repartida,  
 Porque poder com ella imaginava  
 Ser do imigo a Cidade defendida,  
 E da Ilha a defensão (que he tão custosa)  
 Não ser ja necessaria, e ser damnosa.

## XLVIII.

Porém pois permittio o Rei que mora  
 Lá na Eterna e Suprema Claridade  
 Que cobrasse a cruel gente que adora  
 Do profano Alcorão a falsidade  
 A artilharia toda, só n'hua hora,  
 Com que então defender quer a Cidade,  
 E tambem os navios que a trazião,  
 Agora vissem nisto o que farião.

## XLIX.

Com pouca altercação, pouca contenda  
 Este negocio foi averiguado,  
 Porque entre elles não ha quem al pertenda  
 Que o bem commum sem animo damnado:  
 Nenhum approva então que se defenda  
 A Cidade, mas foi determinado  
 Por todos, que se deixe á gente imiga  
 Sem haver hum só que isto contradiga.



## L.

Não move hoje arreceio aquelles peitos  
 Que nunca a mesma morte arrecearão,  
 Mas por justas razões, justos respeitos  
 Defender a Cidade reprovárão.  
 Sómente aquelles são illustres feitos,  
 Aquelles seu author sómente honrárão  
 Que a razão e a prudencia tõe por guia,  
 Não hũa temeraria valentia.

## LI.

A razão disto foi, vêr que convinha  
 Que lá da fortaleza se tirasse  
 Parte da artilharia que em si tinha  
 Com que a Cidade então se sustentasse;  
 A qual como era pouca, e mal sustinha  
 A fortaleza só, se se espalhasse  
 E por ambas as partes se reparte  
 Fica sem defensão hũa e outra parte.

## LII.

Via-se na Cidade juntamente  
 Para se defender tamanho espaço,  
 E que era alli tão pouca a Christã gente  
 E provida tão mal de corpos d'aço  
 Que poderia ser mui levemente  
 Por mais forte que tenha e duro o braço  
 Que desta defensão causa nascesse  
 Por onde a fortaleza se perdesse.

## LIII.

Estas e outras rasões que se aqui derão  
 A que outras em contrario não se achavão,  
 Tanto os peitos então satisfizerão  
 De todos os que alli juntos estavam,  
 Que todos a hũa voz juntos disserão  
 Que a defensão de todo reprovavão  
 Da Cidade, entendendo que este feito  
 Mil graves damnos traz, nenhum proveito.

## LIV.

Nesta hora sendo ja toda a profana  
 Gente lá dentro na Ilha recolhida,  
 Agora que não he da Lusitana  
 Gente, como pouco antes, defendida,  
 Sahem de lá (se a vista não me engana)  
 De cavallo tres mil, gente escolhida,  
 E dos que vem a pé grãa quantidade,  
 E vão dar vista junto da Cidade.

## LV.

Vendo a gente infiel que nella mora  
 Quão perto estes alli lhe apparecião,  
 Por mil partes bandeiras logo arvora  
 Que a profana divisa descubrião,  
 Dando muitos signaes aos que estão fóra  
 Do que dentro seus peitos escondião,  
 Que o peito alvoroçado, e mal quieto  
 Não sabe o seu conceito ter secreto.

## LVI.

Gerou-se-lhe d'aqui tal ufania  
 Que causarão na terra alguns insultos,  
 Virão-se em muitas partes neste dia  
 Ajuntamentos grandes e tumultos,  
 D'onde bem claramente se entendia  
 Que em habitos pacíficos e occultos  
 Em si a Cidade então grãa cópia encerra  
 De gente imiga usada a andar em guerra.

## LVII.

E porque já fazia fundamento  
 De deixar a Cidade o grão Silveira,  
 Manda alguns que co'a força do elemento  
 Que nas veias está da pederneira,  
 Com grande brevidade, e com grão tento  
 Huns navios que estão lá na ribeira,  
 Que da chumbada faia são levados  
 Deixassem consumidos e gastados.

## LVIII.

E manda que de lá se não tornassem  
 Até que hũa assaz grande quantidade  
 D' enxofre e de salitre não queimassem  
 Que n'hum dos armazens ha da Cidade ;  
 Materias infernaes, que se faltassem  
 Faltaria tambem a crueldade  
 Da polvora infernal ruinadora  
 Com que a morte se fez tão grãa senhora.

## LIX.

Partem-se logo aquelles que então tinha  
 Mandado o Capitão para este feito,  
 Quem erão não descobre a historia minha  
 Porque os não conheceo, porém do effeito  
 Se verá que não tõe quanto convinha  
 Constante, valeroso e forte peito  
 Para isto que lhes foi encommendado,  
 Qual foi dos Portuguezes sempre usado,

## LX.

Chegão lá ao logar onde apparecem  
 Os navios ao fogo condemnados,  
 Arteficios de fogo não fallecem  
 Mas fallecem então peitos ousados:  
 Estes a seu temor mais obedecem  
 Que ao que por mil razões são obrigados,  
 Faz-lhes isto desejar com grã presteza  
 Tornarem-se outra vez á fortaleza,

## LXI.

Deste tão vil desejo combatidos  
 Tão mal neste negocio se ordenarão,  
 Que com quanto assaz vão apercebidos  
 Para isto que tão mal effeituarão,  
 Nem os seccos navios bem ardidos  
 Nem o enxofre e o Salitre então ficarão,  
 Sendo materias todas em que a ardente  
 Chamma, faz seu officio facilmente,

## LXII.

A fortaleza enfim se recolhêrão  
 Estes, que vida mais que honra querião,  
 Onde o Silveira e os mais os recebêrão  
 Co' o gasalhado que elles merecião.  
 Os navios com tudo o mais vierão  
 Taes em mãos dos imigos, que podião  
 Inda delles assaz aproveitar-se.  
 Mas meu canto ao Silveira quer voltar-se.

## LXIII.

Toma este varão forte em companhia  
 Dos que consigo tõe cincoenta pares,  
 Entra pola Cidade, e onde se via  
 Ajuntamento algum (que he em mil logares,  
 E os mais nas partes onde armas havia)  
 Huns faz pola garganta erguer nos ares,  
 D'outros as miseraveis almas lança  
 Polas portas que lhes abre a tesa lança.

## LXIV.

Mas nem erguido no ar recebe a morte,  
 Nem foi então com lança trespassado,  
 Senão sómente aquelle a quem a sorte  
 Adversa permittio que fosse achado  
 Em habito de guerra, igual ao forte  
 Espirito de que estava acompanhado;  
 Mas mais valêra então tê-lo covarde  
 Que rendido quiçá fôra mais tarde.

## LXV.

Manda tambem Silveira que dos vivos  
 Que sua habitação alli tivessem  
 Sós quatro Mercadores vão captivos  
 Da terra os principaes, não porque dessem  
 Estes algũas causas ou motivos  
 A algum ajuntamento, ou o soubessom,  
 Mas porque succeder males podião  
 Que com elles quiçá se curarião.

## LXVI.

Acabado isto assi como aqui digo  
 Á fortaleza faz recolhimento  
 O Silveira co'os seus, sem que perigo  
 Lhe succedesse algum, ou detrimento.  
 Os Mercadores lá leva consigo  
 Aos quaes mandou fazer bom tratamento,  
 E usando emfim com elles piedade  
 Depois do cerco os pôz em liberdade.

## LXVII.

O que daquelle dia inda faltava  
 Por passar, se gastou quietamente,  
 Porém tanto que a luz que alumiaava  
 A terra, se escondeo lá no Occidente,  
 Logo a gente infiel que dentro estava  
 Na Cidade, áquel'outra infiel gente  
 Que estava fóra della agasalhada  
 Descubrio que ella estava despejada.



## LXVIII.

Com alvoroço grande, e com grão gosto  
 Este recado então foi recebido  
 Do Cambaio esquadrão, porque disposto  
 Cuida que tõe o inimigo a ser vencido.  
 Logo para a Cidade muda o posto,  
 Onde foi dos de dentro recolhido  
 Com cousas que á tristeza são contrarias,  
 Tanger, cantos, folias, luminarias.

## LXIX.

E porque hũa sacrilega e maldita  
 Seita, de que elles são adoradores,  
 A louvarem Mafoma os movê e incitã  
 Por serem tão sem damno vencedores,  
 Visitão ora hũa, ora outra Mesquita,  
 Onde lhes dão por isto mil louvores,  
 E nelles tambem dura este exercicio  
 Até que torna o Sol a seu officio.

## LXX.

Tanto que estes louvores acabárão  
 Em damno dos Christãos logo entenderão,  
 Que este acto por tão pio então julgárão  
 Como est'outro que pouco antes fizerão.  
 Logo algũas bombardas assentárão  
 Daquellas que os Christãos antes perderão,  
 Junto d'hum caes que estava edificado  
 Lá onde o Mandovim he nomeado.

## LXXI.

Fronteiro ao baluarte que defende  
 O mar, este logar posto se via,  
 Porém ao baluarte não pertende  
 Damnar agora aquella artilharia;  
 Sómente seu furor então acende  
 Lá contra a embarcação que defendia  
 Lopo de Sousa, e algũas fustazinhas  
 Que á fortaleza então erão vizinhas.

## LXXII.

E em se mostrando o Sol lá no Horizonte  
 O Cambaio furor mais não aguarda,  
 E a damno dos Christãos que tõe defronte  
 Logo o aceso murrão chega á bombarda;  
 Sahe o estrondo, retumba o valle e o monte,  
 O pelouro traz elle pouco tarda,  
 Que contra as fustas leva seu caminho  
 E contra a galeota do Coutinho.

## LXXIII.

Não foi de todo em vão e sem proveito  
 Desta gente infiel o imigo intento,  
 Que o pelouro cruel vai tão direito  
 Que duas fustas manda ao fundo assento.  
 Recebe a galeota neste feito  
 Alguns tiros, com pouco detrimento,  
 Mas nos que são nas fustas companheiros  
 Perdem a vida alguns dos Marinheiros.

## LXXIV.

Passado este combate não repousa  
 O dia inteiro a gente Portugueza,  
 Mas tambem se dispõe a fazer cousa  
 Que aos imigos fará pôr-se em defeza.  
 O Capitão mandou Gaspar de Sousa,  
 Nobre varão, a quem a mór empreza  
 Se póde encommendar com confiança,  
 Que ponha a sua gente em ordenança.

## LXXV.

E apoz alguns Christãos faça a jornada  
 Que tõe de seu favor necessidade,  
 Os quaes tendo antes fóra sua morada  
 A pressa de se vir, e a brevidade  
 Fez que de cada hum fosse deixada  
 Lá fóra, essa pobreza e pouquidade  
 De que se sustentava, e agora estuda  
 Torna-la a recolher com sua ajuda.

## LXXVI.

Parte logo o varão forte e animoso  
 E aos roubados Christãos leva consigo,  
 A muitos inda então foi proveitoso  
 O seu favor, porém não sem perigo;  
 Porque como depressa, cubiçoso  
 Polas casas andasse ja o imigo,  
 Alguns Sousa matou, e da sua gente  
 Poucos feridos vão, morre hum sómente.

## LXXVII.

Mas como o tempo ja vejo ir chegando  
 Do cerco, que na mão me pôz a pena,  
 Lá aonde o Portuguez não descansando,  
 Com perda dos imigos não pequena,  
 O seu grão nome foi eternizando;  
 Descubrir-vos tambem meu canto ordena  
 O logar em que o seu pendão arvora  
 O que honra a Mafoma, e o que a Christo adora.

## LXXVIII.

Aquelle Italiano renegado  
 Que os Cambaios moveo a esta crueza,  
 De quem atraz ja tenho declarado  
 O nome, a patria, a vida, a natureza,  
 Lá no logar que disse ser chamado  
 O Mandovim, que he junto á fortaleza,  
 Então da sua estancia pôz o assento  
 E do seu esquadrão o alojamento.

## LXXIX.

Alucão, que o poder e o mando tinha  
 Geral em todo o campo, lá se encerra  
 Nas casas que antes forão da Rainha  
 Que o misero Baudur lançou na terra;  
 Que estão n'hum logar alto, qual convinha  
 Á sua antiga idade, a quem a guerra  
 (Que sempre a inquietações está sujeita)  
 He mal conveniente e mal acceita.

## LXXX.

O Silveira entre tanto não repousa,  
 Também suas estancias lá reparte;  
 A Gonçalo Falcão, o qual tudo ousa,  
 De São Thomé encommenda o baluarte;  
 D'outro que he mais pequeno, ao forte Sousa  
 Cujó nome he Gaspar, e que na parte  
 Está posto, onde o canto está do Rio  
 Deu a Capitania, e o Senhorio.

## LXXXI.

Não reparte isto assi, porque arreceia  
 Que a gente imiga que allí tõe presente  
 De tanto esforço e espirito seja cheia  
 Que combater a fortaleza tente;  
 Mas porque estes logares que nomeia  
 Então para guardar á sua gente  
 Lhe dêem em que se occupe, e em que ja entenda,  
 E assi mais se alvoroce, e mais se acenda.

## LXXXII.

Aquelle illustre Lopo e valeroso  
 Que das alcunhas tõe Sousa a primeira,  
 Na occupação geral não he ocioso  
 Também lhe dá em que entenda o grão Silveira,  
 Porque então hum negocio perigoso  
 Com a gente que segue a sua bandeira,  
 Em que se ha d'occupar, lhe põe diante  
 Assaz aos Portuguezes importante.

## LXXXIII.

Manda que quantas vezes os dourados  
 Raios do habitador da quarta Esphera  
 Vir nos cumes dos montes espalhados  
 Que escondidos no mar antes tivera,  
 Do Cambaio furor sejam guardados  
 Por elle aquelles, cujo costume era  
 Da sede defender huns peitos fortes  
 Polos quaes defendidos são das mortes.

## LXXXIV.

Mas como esta commum necessidade  
 Têe remedio n'huns poços que lá estavão  
 Pegados com as casas da Cidade,  
 E aquelles que então a agua acarretavão  
 São moços, e mulheres, onde a idade  
 E o medo natural fraqueza davão ;  
 Perigoso logar, gente covarde,  
 Forçado lhe he que leve quem a guarde.

## LXXXV.

Nem he só desta inhabil gente o officio  
 A de guerra fazer com que agua tenha,  
 Mas juntamente têe por exercicio  
 Daquellas mesmas casas trazer lenha ;  
 As quaes com militar, douto arteficio  
 Se mandão derrubar, porque não venha  
 Hum tempo em que aos Christãos sejam damnosas  
 Por estarem em partes perigosas.



## LXXXVI.

Porém com quanto assola, e a terra deita  
 Estas casas a gente Portugueza,  
 Inda o imigo assaz dellas se aproveita  
 Quando a furia depois foi mais aceza.  
 O esforçado varão contente acceita  
 Aquella, inda que dura, honrada empreza,  
 Sahe cada dia ao campo, e com seu braço  
 Faz agua e lenha sahir sem embaraço.

## LXXXVII.

Neste exercicio vai continuando  
 Com perda dos imigos, sem seu dano,  
 Porém inda até então accrescentando  
 Bem pouca gloria ao nome Lusitano;  
 Até que aquelle dia chega, quando  
 A vigilia a Igreja traz cada ano  
 Do dia em que a fecunda Virgem Santa  
 Ao Reino de seu Filho se levanta.

## LXXXVIII.

Sahe neste dia o Sousa a dar ajuda  
 (Como em todos os outros costumava)  
 Á gente popular, fraca e miuda  
 Que d'agua e lenha o forte sustentava;  
 E como assi no mal do imigo estuda  
 Como no bem daquelles que guaidava,  
 Vendo bom tempo então para este intento  
 Não quer d'elle perder hum só momento.

## LXXXIX.

Vê que algũa daquella gente imiga  
 Que de Cojaçofar segue o estandarte,  
 Solta, e sem Capitão a que então siga,  
 Sem ordem, d'hũa vai para outra parte;  
 Trava logo com ella áspera briga,  
 Com furia que temor puzera em Marte;  
 Muitos delles sem vida alli ficárão,  
 E os mais em sangue envoltos, se salvárão.

## XC.

Os tenros pintainhos que apartados  
 Acaso estão da mãe, picando a terra,  
 Sendo da imiga ave salteados  
 Que hum deixa ensanguentado, n'outro afferra,  
 Os que escapão não vão tão apressados  
 Até que a mãe nas azas os encerra,  
 Como estes vão em quanto os não recolhem  
 Os arraiaes dos seus, aonde se acolhem.

## XCI.

Porém depois que lá dentro se mettem  
 Trabalhão desculpar sua fraqueza,  
 O desmando hũa vez e outra repettem  
 Dos que sahirão lá da fortaleza:  
 Hũa victoria certa aos seus promettem  
 Se os Christãos vão buscar com grãa presteza,  
 Que o numero pequeno, e o grão desmando  
 Os começam ja d'ir desbaratando.

## XCII.

A esta neva se abala o campo inteiro,  
 D'hũa parte para outra a gente tece,  
 E com tal furia sabe, qual o ribeiro  
 Traz, que no inverno lá do monte dece;  
 E como nenhum quer ser derradeiro  
 Em tanta quantidade a gente crece,  
 Que quem nella quizera pôr o tento  
 Bem vira que era quatro vezes cento.

## XCIII.

Este grosso esquadrão se vai direito  
 Ao pequeno esquadrão do Sousa imigo,  
 Que para este importante e duro feito  
 Quatorze homens sós tõe então consigo;  
 Mas sabendo que tõe tão forte peito  
 Que não duvidarão o mór perigo,  
 Não sómente então trata d'espera-los  
 Mas presume tambem desbarata-los.

## XCIV.

A causa porque o Sousa então se via  
 De tão poucos dos seus acompanhado,  
 Em parte onde o perigo requeria  
 Hum esquadrão bem grosso e bem armado,  
 He porque dos de sua companhia  
 Outros quarenta lá tinha espalhado  
 Na Cidade, porque segura venha  
 A gente que agua della traz e lenha.

## XCV.

Mas como aquella rua de que tinha  
 Elle a guarda, era estreita e defensavel,  
 E vê que tõe os seus quanto convinha  
 Ousado coração, braço incansavel,  
 A gente de Cambaia, que visinha  
 Já alli tõe (com quanto era innumeravel)  
 Quer commetter, que já mal se defende  
 Do grão furor que dentro o move e acende.

## XCVI.

Nesta sua tão alta confiança  
 Mais ousada quicá do necessario,  
 O conselho fez pôr qualquer tardança  
 D'hum, cujo voto disto era contrario.  
 Sousa vendo que nunca gloria alcança  
 Quem segue hum appetite temerario  
 E dá ao siso as costas, e á prudencia,  
 Deu então ao conselho obediencia.

## XCVII.

O que tambem então fez ser seguido  
 O voto do que atraz vos tenho dito,  
 Foi ter-se por mil provas conhecido  
 Seu siso, seu valor, seu grande espirito.  
 Quem delle quer saber nome e apellido  
 E o que disse, lá ávante o tõe escrito,  
 E lá achareis tambem disto o succésso,  
 Agora perdoai se hum pouco césso.

## O PRIMEIRO

# CERCO DE DIU.

## CANTO XII.

*Lopo de Sousa Coutinho desbarata os inimigos.  
A armada dos Turcos chega a Diu. Dá-se  
a rasão porque esta armada veio á India.  
E contão-se algumas cousas particulares que  
sucedêrão no meio de sua navegação.*

I.

Quamanhos feitos ja, quão necessarios,  
E da victoria assaz certeficados,  
Por vãa gloria de peitos temerarios  
Vimos de todo ser desbaratados.  
E quantos houve ja que dos contrarios  
Forão soberbamente despresados,  
A que o conselho deu não só victoria  
Mas quasi sem seu damno eterna gloria.

## II.

Claramente mostrou a experiencia  
 Que sempre tõe mais prosperos effeitos  
 Os poucos que se vão traz a prudencia  
 Que os muitos que á soberba vão sujeitos:  
 D'onde se mostra com clara apparencia  
 Que a prudencia val mais que os fortes peitos  
 E que he mais para as guerras necessaria  
 Que a multidão com guia temeraria.

## III.

Disse atraz que hum varão forte e prudente  
 Hum pouco fez deter o Sousa ousado,  
 Que para commetter a imiga gente  
 De todo estava ja determinado:  
 Se quereis conhecê-lo claramente  
 Sabei que o seu nome he Simão Furtado,  
 O qual nos grandes feitos sempre alcança  
 Grã gloria co'o conselho e com a lança.

## IV.

Este algum tanto o Sousa fez co'a sua  
 Pequena companhia então deter-se,  
 Até que dos imigos cheia a rua  
 Das suas armas possão mal valer-se:  
 E possivel será que elle os destrua  
 Por quão mal assi podem defender-se,  
 Que grande multidão em campo estreito  
 Aos muitos damno, aos poucos he proveito.



## V.

Approva o Sousa, e aceita este conselho,  
Dá por elle ao Furtado mil louvores:  
E vendo que assi tõe grande aparelho  
Para os seus poucos serem vencedores,  
E fazerem, sem damno, o chão vermelho  
Co'o sangue dos Cambaios cercadores,  
Manda que páre a sua companhia,  
Obedece ao conselho a valentia.

## VI.

Refreando dest'arte o forte braço  
Aceso então d'esprito mais que humano,  
A gente Christãa pára algum espaço  
Para vencer depois com menos dano,  
Até que de Cambaia o luzente aço  
Faminto assaz do sangue Lusitano,  
Mostrando ja por obra esta vontade  
Lhe põe de combater necessidade.

## VII.

Vendo a gente infiel que a Portugueza  
Do logar em que está não passa ávante,  
Como tanto então vem em odio aceza,  
Quanto brava, feroz, quanto arrogante,  
Querendo ja dar fim áquella empreza  
A que cuidava dá-lo n'hum instante,  
Alguns delles subindo-se aos telhados  
D'alli vão commetter os baptisados.

## VIII.

Já agora o nobre Sousa bem entende  
 Que a mór prudencia he usar d'espada e lança  
 E que quanto em mór furia então se acende  
 Da victoria terá mór esperança :  
 E vê que se já então se não defende  
 E naquelle logar faz mais tardança,  
 Os poucos que alli tõe menos serião  
 E aos imigos peor resistirião.

## IX.

Desta necessidade estimulado  
 E mais do natural espirito duro,  
 Co'os poucos de que vai acompanhado  
 Com cujo esforço se ha por bem seguro,  
 Co'o furor com que Boreas bravo e irado  
 Encontra o novo fructo, mal maduro  
 Que cahe da planta, e fica murcho em terra  
 Os imigos commette que a rua encerra.

## X.

Qual com a tesa lança então daquella  
 Gente infiel o imigo sangue espalha,  
 Qual sobola cabeça ergue a rodella  
 E lá por baixo feude, fura e talha :  
 Já d'hũa mortal cõr, triste e amarella  
 Se vê cuberta aquella vil canalha,  
 Que correr do seu sangue vê infinito  
 E os Portuguezes sãos com novo espirito.

## XI.

Porque como a rua onde pelejavão  
 Não soffre multidão tão copiosa,  
 A mesma multidão, em que escoravão  
 Depois lhes veio a ser a mais damnosa:  
 E como os Portuguezes bem bastavão  
 Para outra empresa mór, mais perigosa,  
 Do esforço e do logar favorecidos  
 Pouco he se seus inimigos são vencidos.

## XII.

Breve espaço durou esta contenda  
 Entre estes esquadrões em tudo varios,  
 Não ha entre os infieis quem ja pertenda  
 Mais que escapar das mãos de seus contrarios:  
 Ja nenhum delles ha que se defenda,  
 Os que não fogem se hão por temerarios,  
 Porque todo o que quiz mostrar-se forte  
 Virão entregue em mãos da cruel morte.

## XIII.

Em mãos da cruel morte entregue virão  
 Todo o que quiz mostrar rosto direito,  
 Por onde com mór medo se retirão  
 Do que trouxerão antes forte peito.  
 Oh quantas vezes chorão e suspirão  
 Porque aquelle logar he tão estreito,  
 Pois quanto lhes dilata esta fugida  
 Tanto cresce o perigo de sua vida.

## XIV.

Mas como o grão temor, o grão perigo  
 As forças corporaes sempre accrescenta,  
 Os que mais perto estão do ferro imigo  
 Por poderem fugir a esta tormenta,  
 Naquella estreita rua, que atraz digo,  
 Que ante os olhos a morte lh'apresenta,  
 Empuxão com tal força os dianteiros  
 Que os fazem dar caminho aos derradeiros.

## XV.

Sahida ao campo largo a fraca gente  
 Com furor se defende impetuoso,  
 Não co'a força cruel do aço luzente  
 Meneado do braço valeroso;  
 Os pés a defensão fazem sómente,  
 O mais ligeiro se ha por mais ditoso,  
 Que em meio d'hũa morte descuberta  
 Este cuida que a vida tõe mais certa.

## XVI.

Empresta-lhe então forças a fraqueza  
 Vendo que está sua vida em ir ávante,  
 E assi corre com tanta ligeireza  
 Que alcançar o navio era bastante  
 Que recolhe na vella a grãa braveza  
 Ou d'Aquilo, ou de Noto, ou de Levante;  
 O Marinheiro a rija escota encolhe,  
 Divide a proa o mar, e algum recolhe.

## XVII.

Mas nem este veloz curso ligeiro  
 Que pudéra deixar atraz o vento  
 Os levou tanto em salvo, que primeiro  
 A trinta do Cambaio ajuntamento  
 Não mostrasse alli o dia derradeiro  
 O braço Portuguez sanguinolento,  
 E outros tantos abrisse a dura espada  
 Por mil partes ao sangue larga estrada.

## XVIII.

Não succede aos Christãos igual o dano  
 Que em tudo o mais tõe grãa desigualdade,  
 Que o Sousa, do subtil ferro profano  
 Na perna esquerda sente a crueldade;  
 Hum Pagem seu, do raio soberano  
 Só n'hum olho recebe a claridade;  
 A outro homem hũa perna nesta affronta  
 Tambem penetra do aço a subtil ponta.

## XIX.

Com este pouco custo esta gente houve  
 Hũa rara victoria nunca ouvida.  
 Não queiras, gente minha, que eu te louve,  
 Louve-te a tua espada não vencida,  
 Tanto que o costumado signal ouve  
 Sousa, que a recolher-se ja o convida,  
 Deixa todo o furor, deixa toda a ira,  
 Co'os seus á fortaleza se retira.

## XX.

Onde com grão prazer, grande alegria,  
 Com mil graças ao Ceo, a elles louvores,  
 O Silveira co'a sua companhia  
 Recebe os gloriosos vencedores:  
 Os feridos entrega á cirurgia,  
 Os sãos a outros trabalhos não menores,  
 E tanto agrada ao são trabalho novo  
 Quanto ao ferido pannos, olcos, ovo.

## XXI.

Em quanto a enferma perna ao Sousa ousado  
 Continuar o seu officio impede,  
 (Dôr, de que então se vê mais lastimado  
 Que da outra que da chaga lhe procede)  
 Ora o Falcão, Gonçalo nomeado  
 Ora Caspar de Sousa lhe succede  
 Naquella guarda que antes elle tinha  
 Que a qualquer destes dous assaz convinha.

## XXII.

Hum dos dias que a guarda estava dando  
 Este que Sousa tõe por sobrenome,  
 E d'hum dos pios Magos, que guiando  
 Veio a Belém a Estrella, tõe o nome,  
 Acaso succedeo que pelejando  
 Hum discreto e entendido Mourô tome,  
 Que d'entre as crueis mãos, d'entre a braveza  
 Dos seus, vivo levou á fortaleza.



XXIII.

D'hũa e outra parte vem correndo a gente pro  
 Grã cópia em derredor delle se ajunta,  
 O Mouro que ha que a morte tõe presente  
 Se cobre d'hũa negra cõr defunta:  
 O Silveira de vê-lo assaz contente  
 Por novas que lhe importão lhe pergunta,  
 Do exercito que está lá na Cidade  
 E dos Rumes se ha algũa novidade.

XXIV.

O Mouro, a que o benigno tratamento  
 Que no Silveira achou, ja anima e move  
 A que o calor vital, o espirito, o alento  
 Que co'o temor perdeo, se lhe repõe,  
 Perante aquelle nobre ajuntamento  
 Responde que mil vezes dezenove  
 Soldados a Cidade dentro encerra  
 Que alli trouxe Alucão para esta guerra.

XXV.

E que a principal causa, e confiança  
 Com que fazer aquella guerra vinhão  
 Era só hum sentimento, hũa esperança  
 Que da vinda dos Rumes então tinhão  
 Com cujo só favor, com cuja lança  
 Ja agora nesta guerra se sustinhão,  
 Com quanto se não tõe por certa ajuda  
 A nova que lhe dão lá desta vinda.

## XXVI.

Porque a que lá se sabe sómente era  
 Haver três dias sós que se soava  
 Que a Mangalor ter hũa náó viera,  
 Cidade de Cambaia, que o mar levava,  
 E que a gente que nella vem dissera  
 Que em Adem hũa grossa armada estava,  
 A qual hũa grãa cópia em si trazia  
 Dos soldados que á terra deu Turquia.

## XXVII.

Porém que se não tinha lá por certo  
 Isto que se dizia desta armada,  
 Porque entre os seus não era descoberto  
 Author, de que esta nova fosse dada.  
 Não disse mais, mas o Silveira esperto  
 Com isto que ouve só, não deixa nada  
 Do que á defensãõ cumpre, porque entende  
 Quão mal o descuidado se defende.

## XXVIII.

O triste Mouro foi logo levado  
 Receioso inda assaz d'hum grão perigo,  
 Onde estão os que pôz no mesmo estado  
 Ou sua fraqueza, ou o esforço imigo.  
 Foi nisto o enfermo Sousa restaurado  
 Á saude da perna, e ao cargo antigo,  
 Sem replica dos dous que tenho dito  
 Que tõe a confiança igual ao espirito.

## XXIX.

Torna a continuar o que deixára  
 Sousa até então por sua enfermidade,  
 Até que hum dia achou que se lançára  
 De mortal rosalgar grãa quantidade  
 Nos poços, com cuja agua costumára  
 Remediar-se a commum necessidade;  
 Faz isto com que mais agora tarda  
 Esta atégora tão frequente guarda.

## XXX.

Entre tanto tambem d'hũa e outra parte  
 A grossa artilharia assaz trabalha,  
 Porque o canhão cruel que o baluarte  
 Da villa, e a fortaleza em si agasalha,  
 Lá naquelles que seguem o estandarte  
 De Cambaia infiel, grãa cópia espalha  
 De pelouros perdidos, mas não tanto  
 Que aos imigos não tragão damno e espanto.

## XXXI.

Mas se a alguns infieis a vida tirão  
 Tambem isto fez damno á fiel gente,  
 Porque em tiros perdidos consumirão  
 Grãa cópia da cruel polvora ardente,  
 De que grãa falta assaz depois sentirão  
 Sendo a necessidade mais urgente.  
 Tambem sóltão sua furia os canhões Mouros  
 Mas fazem pouco damno os seus pelouros.

## XXXII.

Nestes tão livres feitos foi passando  
 Todo o mez em que a luz que a terra aquece  
 Os menstruaes hospicios visitando  
 D'Erigone na casa se aposenta.  
 Então ja lá no Oriente moderando  
 Vai o inverno a cruel brava tormenta,  
 E ja lá a embravecida onda salgada  
 Sofre da aguda proa ser cortada.

## XXXIII.

E vendo o Capitão que a grãa braveza  
 Do mar ja se sujeita á subtil proa,  
 Despacha hum que se vá com grãa presteza  
 Ter co'o Governador lá dentro em Goa,  
 E lhe diga o que cá na fortaleza  
 Até então succedeo, e o que se soa.  
 Parte-se o Mensageiro diligente,  
 Faz quanto lhe he mandado brevemente.

## XXXIV.

Sendo o Governador bem instruido  
 Do que passava em Diu, e se dizia,  
 E tendo do que ouvio bem entendido  
 Que soccorrer os nossos lhe cumpria;  
 Manda de gente hum numero escolhido  
 Qual hum tempo tão breve permittia,  
 Alguns de illustre sangue, outros de menos,  
 Porém todos d'espritos não pequenos.

## XXXV.

Entre tanto o Silveira, a que então dava  
 O que da armada ouvíra, hum grão cuidado,  
 Hũa fusta manda ir, quando já andava  
 No cabo o mez que atraz tenho contado,  
 Lá contra Mangalor, a vêr se achava  
 Nova de virem Rumes, ou recado,  
 Dos quaes se começava a ter mais certo  
 Sentimento, e signal mais descuberto.

## XXXVI.

Parte logo o subtil veloz navio  
 A cumprir o que então a cargo tinha,  
 Miguel Vaz nelle o mando e senhorio  
 Leva, segundo alcança a historia miuha;  
 Espirito de temor assaz vazio.  
 Fende a proa a quieta onda marinha,  
 Nem o favor do vento lhe fallece,  
 Que tudo a seu intento favorece.

## XXXVII.

Poucos dias no mar a vella sólta  
 Logo acha do que busca nova certa,  
 Para onde traz a popa a proa vólta  
 E mais ligeira então, e mais esperta  
 Lá de Diu outra vez se faz na vólta.  
 E a quatro de Seiembro descuberta  
 Foi lá da fortaleza a sua vinda,  
 Com quanto de bem longe se vê ainda.

## XXXVIII.

Vê-se logo também grãa quantidade  
 Dos que em Mafoma tõe a confiança,  
 Nos logares mais altos da Cidade  
 D'onde a vista mais longe o raio lança,  
 Como que vêem algũa novidade  
 Que inda da fortaleza não se alcança:  
 Desejão os Christãos, que isto não vião,  
 Descubrir o que os Mouros descubrião.

## XXXIX.

Mas como as altas rochas que correndo  
 Ao longo vão alli da brava costa,  
 Tanto lá para o Ceo se vão erguendo  
 Que a fortaleza fica abaixo posta,  
 Os Christãos não podião gostar, vendo  
 O de que a infiel gente vendo gosta,  
 Que tõe lá na Cidade tanta alteza  
 Que deixa muito atraz a fortaleza.

## XL.

O natural desejo d'hũa parte,  
 D'outra aquelle tão alto impedimento,  
 Nova altura buscar faz e nova arte  
 Aos Christãos para o fim de seu intento.  
 Acaso estava então no baluarte  
 De São Thomé hum mastro, onde o vento  
 Tremulava hum pendão, em que a pintura  
 Descuberta, da Cruz tinha a figura.



## XLI.

E como era este mastro tão comprido  
 Que do mais alto delle bem podia  
 Descobrir-se o que então tinha escondido  
 A alevantada rocha e penedia,  
 Não faltou então hum tão atrevido,  
 E de vêr desejoso o que não via,  
 Que a subi-lo se atreva, e que o tentasse,  
 E que este seu intento effeituasse.

## XLII.

Mas para que podesse dar effeito  
 A esta difficuldade que pertende,  
 Junto co'os pés e mãos este direito  
 Mastro, aquelle atrevido logo prende;  
 Ja com grãa força o abraça, e o chega ao peito,  
 Ora se encolhe todo, ora se estende,  
 E caminhando ao Ceo desta maneira  
 Não pára senão lá junto á bandeira.

## XLIII.

Ao mais alto do mastro emfim subindo  
 As altas rochas ja lhe obedecião,  
 Então ja elle tambem vai descobrindo  
 O que antes sós os Mouros descobrião,  
 Diz que sete navios vir abrindo  
 Lá da parte da Arabia o mar se vião,  
 E que mais emmarada vê outra fróta  
 Que trazia tambem a mesma róta.

## XLIV.

Cria entre todos esta novidade  
 Hũa inquietação, hum rumor brando,  
 Qual de navios vê grãa quantidade  
 N'outra parte, e co' o dedo os vai mostrando,  
 Qual jura, qual affirma, por verdade  
 O que o juizo lhe está representando,  
 Qual serem Turcos diz, e certefica,  
 O que quiçá o temor lhe prognostica.

## XLV.

Dura esta confusão em quanto a armada  
 Mal se divisa, e mal inda apparece,  
 Porém tanto que foi bem divisada  
 Ser de Turcos ja claro se conhece;  
 Que a cópia de navios que a chumbada  
 Faia leva (que assaz grande parece)  
 Lhe certefica e mostra claramente  
 Que não era esta armada d'outra gente.

## XLVI.

Apoz isto tambem chega a ligeira  
 Fusta, a qual a esse effeito antes mandára  
 (Como ja disse atraz) o grão Silveira,  
 E que pouco antes ja se divisára;  
 Esta, a nova mais certa e verdadeira  
 Da armada que se via, então declara,  
 E diz que aquelles mesmos Rumes erão  
 Que tantos annos ha na India se esperão.

## XLVII.

E porque elle ainda assi se não contenta  
Destas novas, que em summa tinha dadas,  
Cinco galés reaes sobre quarenta  
Diz que deixa na armada bem contadas;  
Cem outras, de que atraz vio com mais lenta  
Força as marinhas ondas ser cortadas,  
Que de muitos navios que lá via  
De toda sorte, vem em companhia.

## XLVIII.

Não perde hoje o Silveira aquelle espirito  
Sempre na mór affronta mais ousado,  
Antes com hum valor quasi infinito  
Se mostra mais alegre e confiado:  
Comtudo escreve logo hum breve escrito,  
O que diz a ninguem he declarado.  
Ao mesmo o dá que pouco antes viera,  
E que as novas da armada lhe trouxera.

## XLIX.

Diz-lhe que com ligeiro curso leve  
Córte o mar, e de Goa siga a róta,  
E que ao Governador o escripto leve  
E lhe conte o que vio daquella fróta.  
Não tarda Miguel Vaz, e em tempo breve  
Levanta o ferro, ao mar o remo bóta,  
E polo assento liquido marinho  
Com grãa velocidade faz caminho.

## L.

Porém como era ousado e verdadeiro  
 Quer de novo affirmar-se na verdade,  
 Com quanto tinha ja visto primeiro  
 Toda a fróta, com grãa curiosidade:  
 E assi guia o veloz curso ligeiro  
 Não mui longe da grande quantidade  
 Daquellas infieis, imigas vellas,  
 Porque mais certo possa tratar dellas.

## LI.

Neste tempo ja toda a armada vinha  
 Surgir com favoravel manso vento  
 Junto d'hũa Mesquita que alli tinha  
 Sobre o mar, lá n'hum alto seu assento,  
 Que vendo a Christãa fusta tão visinha,  
 Havendo-o por affronta, e abatimento,  
 Fazem doze galés traz ella a via  
 Para lhe castigar esta ousadia.

## LII.

O forte Portuguez, que bem entende  
 Que se tarda, se perde, não desmaia,  
 Mas com tanta presteza as ondas fende  
 Quanta lhe empresta o linho, e a longa faia:  
 Tambem a imiga fróta, que pertende  
 Dar mostra hoje de si aos de Cambaia,  
 Estende o grão bastardo, a borda encolhe,  
 Para alcançar a fusta que se acolhe.

## LIII.

Qual o ligeiro cervo perseguido  
 D'inimigos libres, d'imiga gente,  
 Que com hum importuno alto ruído  
 Dar-lhe morte cruel tratão sómente,  
 Co'o collo inda soberbo, e em alto erguido  
 Passa por monte e valle, em quanto sente  
 Nas costas o perigo, e a turba imiga,  
 Nem descansa em quanto ha quem o persiga :

## LIV.

Tal vejo ir a ligeira fusta aguda  
 Dos navios imigos perseguida,  
 Que n'hum perigo tal que a côr lhe muda  
 Inda soberba vai, inda atrevida:  
 Mas por mais que trabalha, e mais que estuda  
 Mal pudéra hoje aos seus salvar a vida  
 Se não tivera o vento favoravel,  
 Sem o qual hia sendo indefensavel.

## LV.

As profanas galés com tal presteza  
 O navio fiel vão perseguindo,  
 Que por mais pressa que usa e ligeireza  
 Parece ja que em balde vai fugindo.  
 Os Christãos que estão lá na fortaleza  
 Ja esta perda começo d'ir sentindo,  
 Que as galés infieis vêem ir tão perto  
 Que alcançarem a fusta tõe por certo.

## LVI.

Nem este seu receio os enganára  
 (Ou mal por conjecturas advinhão)  
 Se o vento que pouco antes ajudára  
 As imigas galés ao seu caminho  
 Aquelle sopro então não refreára  
 Com que antes hia inchando o Turco linho,  
 Não sei se de piedade, ou de correr-se  
 De anojar quem não póde defender-se.

## LVII.

Cessa o curso veloz da armada imiga  
 Tanto que o favoravel sopro falta,  
 A fusta, que não tõe quem a persiga,  
 Livre, com mór alento corre e salta:  
 A imiga gente, em quem a furia antiga  
 Crescendo agora vai com esta falta,  
 Não sente cousa então que tanto a anoje,  
 Porque a fusta Christãa das mãos lhe foje.

## LVIII.

Mas porque este furor, este odio insano  
 Mais agora a estimula, acende, e inflama,  
 Por não lhe ficar cousa que hoje em dano  
 Não tente dos Christãos, que assi desama,  
 Chega o fogo ao cruel bronzo profano,  
 Sahe logo envolta em fumo a ardente chama,  
 Sahe traz ella o mortal ferro redondo,  
 Enche tudo de horrendo, bravo estrondo.



## LIX.

Lá contra a Christã fusta vai direito  
 Que d'entre a cruel morte antes fugira,  
 Mas nem isto tão pouco chega a effeito,  
 Arde o Turco de novo em odio e em ira.  
 A fusta, que de todo vê desfeito  
 O perigo em que pouco antes se vira,  
 Com mais quieto curso que o primeiro  
 Dá descanso, dá folego ao Remeiro.

## LX.

Fende o mar com prazer, com gosto tanto  
 Quanto foi o perigo que antes tinha.  
 Mas cumpre deixa-la, porque em quanto  
 Ella fendendo vai a onda marinha,  
 Aos Turcos se converte este meu canto  
 Porque lá me manda ir a historia minha,  
 Onde com tal materia me convida  
 Que tambem dará gosto em ser ouvida.

## LXI.

Sendo as doze galés desesperadas  
 De alcançarem a fusta que fugia,  
 Nem co'as vellas em alto levantadas  
 Nem co'os raios crueis d'artilharia,  
 Se tornão para as outras, que ancoradas  
 Estavão no logar, que atraz dizia,  
 O qual naquelle canto estava posto  
 Da Cidade que tõe ao Sul o rosto.

## LXII.

Porém esta pequena adversidade  
 Se paga com geral contentamento  
 De vêr-se, onde com grãa facilidade  
 Cuidão chegar ao fim do seu intento:  
 Cria isto lá entre a gente da Cidade  
 Diverso parecer, e pensamento,  
 De que varios effeitos se seguirão,  
 Como por obra então logo se virão.

## LXIII.

Alucão, que atraz disse que mandado  
 Por Capitão geral sôra da gente  
 Que tinha na Cidade gasalhado,  
 Sahe-se de dentro della incontinente  
 E vai-se á terra firme, acompanhado  
 De cinco ou seis mil homens tão sómente,  
 Porque conhece ja com grãa certeza  
 Dos Turcos a insoffrivel natureza.

## LXIV.

O restante da gente (que estou vendo  
 Em sós treze mil homens concluido)  
 Na Cidade ficou, obedecendo  
 Ao infiel que em Italia foi nascido,  
 Digo Cojaçofar, que bem entendo  
 Que de todos assaz he conhecido,  
 E d'aqui não se aparta em quanto a guerra  
 A Turca gente faz naquella terra.

## LXV.

Mas a razão me move, antes me obriga  
 A que d'aqui meu canto hum pouco aparte,  
 Porque a causa da vinda aqui vos diga  
 Dos que do Turco seguem o estandarte,  
 E a causa porque veio a armada imiga  
 Mais a esta fortaleza que a outra parte:  
 Não demando attenção, porque eu espero  
 Que a historia por si alcance quanto eu quero.

## LXVI.

Contado tenho atraz que o miseravel  
 Baudur, quando vivia, com receio  
 Que lhe hia sendo o Ceo mal favoravel,  
 Presago ja do mal que depois veio,  
 Mandou de ouro hũa cópia innumeravel,  
 Affirmão que tres contos são e meio,  
 A Judá, porque alli determinava  
 Fugir ao mal que quasi advinhava.

## LXVII.

E isto mandou entregue á confiança  
 Do nobre Acefarcão, fiel vassallo,  
 Que teve em seu poder tal segurança  
 Que melhor não pudéra segurallo:  
 Mas Baudur seu desejo não alcança  
 Que veio a cruel morte a salteallo  
 Co'as Portuguezas armas, e lhe vejo  
 Da seu receio o fim, não do desejo.

## LXVIII.

Parte a Fama, e nos ares despregando  
 As azas, e a trombeta á boca posta,  
 O Estreito do Mar Rôxo vai passando  
 Quando a hũa parte, e quando a outra se encosta,  
 E a morte do Sultão vai publicando  
 Lá no secco sertão, na humida costa,  
 Nem aqui se detem, aqui se fica,  
 Mas tambem passa ao Cairo, e lá a publica.

## LXIX.

Entregue então do Cairo era o governo  
 A Çoleimão Baxá, e mando inteiro,  
 Janizario, e daquelles a quem o Eterno  
 Rei, na terra chamou secco madeiro,  
 Que ja vassallo antigo, e mais interno,  
 Tambem da sua camara porteiro,  
 Foi de Sultão Selim, Senhor indino  
 Da Cidade que foi de Constantino.

## LXX.

Porém este Selim então ja estava  
 Entre o fogo immortal, nunca apagado,  
 E Sultão Solimão senhoreava  
 Que do mesmo Selim fôra gerado,  
 O qual ja agora em parte escura e cava  
 Tambem a eterna morte he condemnado,  
 E seu filho Selim possui o Imperio  
 Com damno dos Christãos e vituperio.

## LXXI.

Tanto que co'o metal que arremeda o ouro,  
Pela Fama, no Cairo foi sabido  
O desestrado fim que o Sultão Mouro  
Tinha dos Portuguezes recebido,  
Manda logo o Baxá que o grão thesouro  
Sem detença lhe fosse alli trazido  
Que tinha Acefarcão em Judá junto  
Por mandado do triste Rei defunto,

## LXXII.

Receia Acefarcão, e não o nega  
Que o que manda o Baxá ninguém o quebra,  
Vem o thesouro ao Cairo, e se lhe entrega  
Sem detrimento algum, sem perda ou quebra:  
Depois que em vê-lo algum tempo se emprega,  
E ora se espanta d'elle, ora o celebra,  
Ao Turco o faz saber com brevidade  
Creio que com mais medo que vontade.

## LXXIII.

O Turco lh'o agradece, e que elle o leve  
Manda a Constantinopla em companhia,  
O Baxá que hum temor não menos leve  
Do que os outros d'elle hão, do Turco havia,  
Se parte sem detença, e em tempo breve  
Entra lá na Cidade para onde hia,  
Ao Grão Turco o infinito ouro apresenta  
Que de vê-lo se admira, e se contenta.

## LXXIV.

E vendo que lá d'hũa terra estranha  
 E d'hum remoto Rei, assi lhe veio  
 D'ouro hũa quantidade tal, tamanha,  
 Sem guarda, sem perigo, sem receio,  
 Imagina que aquella que acompanha  
 No Reino o proprio Rei, será sem meio,  
 E que he lá muito mór a cópia d'ouro  
 Que a grande fama que ha do seu thesouro.

## LXXV.

Sólta a rédea á cubiça, e o desatina,  
 Ja não acha logar o aceso peito,  
 Ja cego, vai seguindo o que imagina,  
 E da imaginação procura o effeito.  
 Oh cega condição, vil, baixa, e indina  
 De pessoa real, real conceito,  
 O qual (se não perverte a natureza)  
 He senhor, não escravo da riqueza.

## LXXVI.

Faz o Turco ajuntar mais d'hum navio  
 Com que ordena hũa armada, grande e grossa,  
 Porque o seu peito aceso torne frio  
 E dos Cambaios bens farta-lo possa,  
 E para tomar da India o senhorio  
 Senhoreada ja da gente nossa,  
 Havendo isto por pouco duvidoso  
 Que por facil ha tudo o cubigoso.



## LXXVII.

As novas desta armada, e o seu intento  
 Por alguns que a vida então deixárão  
 Vão ao centro da terra, e lá no assento  
 Averno, em breve espaço se espalharão  
 E d'huns n'outros correndo, n'hum momento  
 Ao Cambaio Baudur também chegarão,  
 Que estava triste assaz, por quão avesso  
 Tivera pola Inveja o seu successo.

## LXXVIII.

Este, vendo que em vão fôra a passada  
 Obra da Inveja contra a Christã gente,  
 Sendo com isto nelle então dobrada  
 A furia, e no peito o odio em dobro ardente,  
 Com a cabeça baixa, e derrubada,  
 Triste, e da compauhia sempre ausente,  
 Imaginando está que modo tenha  
 Com que o seu máo intento a effeito venha.

## LXXIX.

O sentido por cá, por lá derrama,  
 Mil modos de vinganças imagina,  
 Porém tanto a Christã gente desama,  
 Que em nenhuma se assenta ou determina,  
 Porque o odio insaciavel que lhe inflama  
 O infernal peito, tanto o desatina,  
 Que nenhũa vingança acha que farte  
 Do seu menor desejo a menor parte.

## LXXX.

Tanto que agora lá foi descoberto  
 O que contra Cambaia o Turco intenta,  
 Inda que o mal dos seus tõe por mui certo  
 Comtudo se alvoroça e se contenta;  
 Cuida que agora tõe caminho aberto  
 De destruir a quem tanto o atormenta,  
 Dá-lhe da desejada sua vingança  
 A nova occasião, nova esperança.

## LXXXI.

Mas vendo que não póde ser cumprido  
 O desejo que tõe de novo agora,  
 Se tambem de Plutão favorecido  
 Não he desta vez, como fôra outr'ora,  
 A elle se vai, ja menos atrevido  
 E menos confiado que antes fôra,  
 Mas mais por isso humilde, a lingua envólta  
 Em vergonha e temor, dest'arte a sólta.

## LXXXII.

Senhor, natureza he do triste e afflito  
 Que de remedio está necessitado  
 Importunar alli onde lhe he dito  
 Ou sabe que será remediado.  
 Natureza he tambem do grande espirito  
 Não negar o remedio importunado,  
 Antes de mór grandeza aquelle he cheio  
 Que mais vezes soccorre o mal alheio.

## LXXXIII.

Ja te fui importuno, eu o conheço,  
Sê-lo agora de novo não devera,  
De ti recebi mais do que mereço,  
Mas foi como quem és, não como eu era:  
E se não foi o fim qual o começo,  
Se inda agora consente a minha fera  
Sorte, que o meu imigo o meu possua,  
Fraqueza foi dos meus, não falta tua.

## LXXXIV.

Porém nem isto allivia o grande peso  
Deste odio que me acende o aceso peito,  
Antes tanto o mais sinto agora aceso  
Quanto menos a inveja teve effeito;  
Tanto de odio e furor estou mais preso  
Quanto te importunei mais sem proveito,  
Nem sei se o rigoroso Radamanto  
Castigo póde dar que doa tanto.

## LXXXV.

Mas nem por isso eu ja te importunára,  
Soffrêra antes meu mal que importunarte,  
Se a nova occasião me não mostrára  
Modo de me eu vingar, e de tu honrarte:  
Bem sabes que o Grão Turco hoje prepará,  
Porque o seu cubigoso animo farte,  
Soldados, Capitães, armas, navios,  
Para conquistar da India os senhorios.

## LXXXVI.

Manda a Cubiça pois, que mova e instigue  
 A Çoleimão Baxá para esta empreza,  
 E com promessas mil o acenda e obrigue  
 A fazer guerra á gente Portugueza;  
 Que impossivel será que não castigue  
 A Turca gente, de cubiça acesa,  
 A soberba Christãa, e que eu vingado  
 Não fique desta vez, e sem cuidado.

## LXXXVII.

Por este meio cuido, antes sei certo  
 Que será satisfeito o meu desejo,  
 Pois dos Turcos não te he, creio, encuberto  
 O não vencido esforço, alto e sobejo;  
 E se esta occasião eu não acerto  
 Desesperado d'outra tal me vejo,  
 Acabe o que te peço hoje contigo  
 O mal do teu vassallo, e o bem do imigo.

## LXXXVIII.

O Stigio Rei, que nunca repugnancia  
 Para estas cousas tõe, mas as acende,  
 Gabando-lhe outra vez a grãa constancia  
 Daquelle odio, e vingança que pertende,  
 Chama outra vez Megera, e com instancia  
 Lhe manda que se vá lá aonde entende  
 Que Pluto se agasalha, e que lhe diga  
 Que o Sultão obedeça nisto, e siga.

## LXXXIX.

De novo ante Plutão se prostra o espirito  
 Pola nova mercê que lhe fizera,  
 E menos triste ja, menos afflito  
 Porque vingar-se largamente espera;  
 Não lhe soffrendo o seu odio infinito  
 A menor dilacção, pede a Megera  
 Que ao que manda Plutão logo obedeça  
 E nisto com a pressa o favoreça.

## XC.

Parte-se com veloz curso ligeiro  
 A furia tambem nisto diligente,  
 O espirito do Sultão por companheiro  
 Leva tambem agora juntamente;  
 O qual agora mais que de primeiro  
 Alvorocado vai, ledo e contente.  
 Porque leva hũa grande confiança  
 Que ao seu odio igual terá a vingança.

## XCI.

Mil vezes no caminho a furia incita  
 A que se desça á terra, imaginando  
 Que em qualquer dos logares que vê habita  
 A Cubiça que então hião buscando;  
 Porque segundo a todos sollicita  
 A sede d'ir o seu accrescentando,  
 Crê não só que a Cubiça alli estaria  
 Mas qualquer dos que vê crê que o seria.

## XCII.

Não se detendo a furia, lhe responde :  
 Não me espanto de teres esse engano,  
 Que o seu doce veneno Pluto esconde  
 Em todo o peito que he mortal, e humano,  
 E mui poucos serão os peitos onde  
 Não reine este apetite cego e insano,  
 Isto faz tantas vezes enganarte  
 E cuidar que vês Pluto em toda a parte.

## XCIII.

Tanto nesta hora ja tinhão andado  
 Porque qualquer ligeiro então voava,  
 Que ja o assento vêem que gasalhado  
 Aquelle que buscavão em si dava.  
 Este n'hũa alta cova está assentado  
 Lá onde em maior cópia o ouro se cava,  
 Pobre, mal petrechado, mal composto,  
 Mas tõe em torno hum forte muro posto.

## XCIV.

Vê-se no meio d'elle hũa ferrada  
 Porta, d'hũa materia forte, e dura,  
 A qual o mais do tempo está cerrada  
 Mas nem com isto Pluto se assegura.  
 Tanto que a furia aqui faz a chegada  
 Dar fim a isto a que vem logo procura,  
 Chega-se á porta, e bate quanto póde,  
 Porém de dentro lá ninguém lhe acóde.



## XCV.

Pouco se espanta a furia, que este o antigo  
 Uso he, do que naquelle assento mora,  
 Iusta em bater de novo onde atraz digo  
 Acesa ja de si pola demora ;  
 Logo na porta abrir sente hum postigo  
 E vio hum que a cabeça lança fóra,  
 E pergunta de lá que quer, quem era,  
 Irada lhe responde assi Megera :

## XCVI.

Abre a porta, que a ti do alto e temido  
 Plutão mandado sou, bem se conhece.  
 Treme Pluto sómente em ter ouvido  
 O nome de quem só teme e obedece,  
 Cérra o postigo, e lá por escondido  
 Logar sahe fóra, e aute elles apparece :  
 Espanta-se o Sultão do que então via,  
 Porém a furia não, que o conhecia.

## XCVII.

Vê-se-lhe hũa presença veneranda,  
 Digna assaz de real sceptro e coroa,  
 Com velhos trajos, vis, e sujos anda,  
 Mal ornado, e composto na pessoa ;  
 Mostrando-se vem côxo d'hũa banda,  
 D'outra se lhe vêem azas com que voa,  
 Cego he de todo, e quem põe nelle o tento  
 Vê que ás vezes lhe falta o entendimento.

## XCVIII.

Tanto que a furia o vio, logo o preceito  
 Do temido e infernal Plutão lhe disse;  
 O Sultão (que isto ja tinha por feito)  
 Diz, que a Constantinopla se partisse,  
 E a Çoleimão Baxá, de si o peito  
 Enchesse, e a fazer guerra o persuadissee  
 Logo á gente Christãa que em Diu tinha  
 A fortaleza, e que isto lhe convinha.

## XCIX.

E que elle e a furia irão lá juntamente  
 Por verem seu saber, sua vehemencia.  
 Pluto áquelle mandado obediente,  
 Tendo ja deste caso experiencia,  
 Fende os ares co'os dous ligeiramente,  
 E põe no caminhar tal diligencia  
 Que lá a Constantinopla então chegarão  
 Quando á terra as Estrellas se mostrarão.

## C.

Entrão lá no aposento onde sabião  
 Que estava Çoleimão agasalhado,  
 Só, e triste o vêem, mas todos conhecião  
 A causa da tristeza, e do cuidado;  
 Tanto que veio aquella hora em que o vião  
 Do brando somno ja senhareado,  
 Pluto por acabar isto que trata  
 A elle se chega, e a lingua assi desata:

## CI.

Grãa dôr, grão sentimento, grãa tristeza  
Com rasão deves ter, pois que do seio  
Te roubárão aquella alta grandeza  
Do thesouro que lá de Judá veio;  
Mas d'outro mór thesouro, mór riqueza,  
Presente occasião, presente meio  
Têes agora na mão, segundo vejo,  
Que satisfaça a perda, e teu desejo.

## CII.

Trabalha porque o Turco te encommende  
A governança desta grossa armada,  
Com que senhorear a India pretende  
Que agora he dos Christãos senhoreada;  
Porque se tu entrares nella, entende  
Que de riquezas he tão abastada  
Que não só poderá dellas fartar-te  
Mas poderá tambem enfastiar-te.

## CIII.

Mas para effeituares esta empreza  
A Diu te cumpre ir, e fazer guerra  
E dar a morte á gente Portugueza,  
Que esta logra o melhor daquella terra:  
Nem póde ella fazer-te grãa defeza  
Por quão pouca, e sem armas lá se encerra,  
Se isto fazer quizeres, eu te fico  
Que sejas bem contente, farto, e rico.

## CIV.

Apoz estas palavras, logo inspira  
 Nelle hum desejo avaro, e cubigoso,  
 Bafeja-lhe tambem Megera hũa ira,  
 Hum desejo cruel, e furioso.  
 Apoz isto ao logar d'onde sahira  
 Torna qualquer dos tres não vagaroso,  
 Contente cada hum do que tõe feito  
 E o Sultão mais que todos satisfeito.

## CV.

Com grande sobresalto, grande espanto  
 Acorda Coleimão, co'o que passára,  
 Contempla na promessa, e vê que he tanto  
 Que duvida se o ouvio, ou se o sonhára;  
 Mas ja sentindo o effeito em si de quanto  
 Qualquer dos seus então nelle inspirára,  
 Dá credito á visão, e determina  
 Fazer o que ella manda, e elle imagina.

## CVI.

E porque vér o fim de seu intento  
 Conceder-lhe o Grão Turco agora queira,  
 Como não fra em seu merecimento  
 Tenta nova invenção, nova maneira;  
 Faz com que neste seu requerimento  
 Lhe queira a Mãe do Turco ser terceira,  
 A que o conhecimento antigo obriga  
 A lhe ser favoravel nisto, e amiga.

## CVII.

E o Baxá, porque faça inda mais justa  
 A sua petição, diz que he contente  
 De fazer todo o gasto á sua custa,  
 Que artilharia só lhe dêem, e gente;  
 Mas a alterosa não, a subtil fusta,  
 Com tudo o mais á guerra pertencente,  
 Elle porá do seu naquelle feito.  
 Tanto pôde a esperança do proveito!

## CVIII.

Presenta a Mãe ao Filho isto que pede  
 O Baxá, e com mil rogos lh'o apresenta:  
 O Turco, a quem então isto succede  
 Conforme á condição cega, avarenta,  
 Com grãa facilidade lh'o concede,  
 Antes d'hum tal acerto se contenta,  
 Com que com pouco gasto, ou nenhum, veja  
 O fim disto que tanto ja deseja.

## CIX.

Contente o Baxá assaz, sua partida  
 Logo ordena com grande brevidade,  
 E na Cidade ajunta para esta vida  
 De Janizaros grande quantidade;  
 Mil e quinhentos são, gente escolhida,  
 Bastantes a qualquer difficuldade,  
 Tambem para esta guerra que pregoa  
 Dous mil Turcos ajunta, gente boa.

## CX.

Com esta companhia deixa a terra  
 De Constantino, e ao Cairo faz a via,  
 E recolhe tambem para esta guerra  
 Outros tres mil á sua companhia;  
 Huns dos que Damiata dentro encerra,  
 Outros dos que creou Alexandria,  
 Outros dos que outros portos habitavão  
 Dos que as Mediterraneas ondas lavão.

## CXI.

E porque sendo assaz exercitados  
 Nos officios navaes, e os entendião,  
 E se cumpria ter peitos ousados  
 Tambem a espada e a lança revolvião,  
 Ora servem de bons, fortes soldados  
 Ora ás cousas navaes se convertiãõ,  
 Assi quando se o duro imigo offende  
 Como quando no mar se a vella estende.

## CXII.

Entra o Baxá no Cairo, e não dilata  
 Hũ' hora a execução disto a que vinha,  
 Mas para a tẽr melhor, sõlta e desata  
 A cruel condição que presa tinha:  
 Com tyrannia estranha avexa e trata  
 A gente da Cidade, e a que he visinha,  
 Porque com geral custo a guerra faça  
 Que por seu só proveito ordena e traça.



## CXIII.

Nem basta que nos bens os tristes preme  
 Mas tambem aos seus corpos volta a folha,  
 Porque como ás galés falte quem reme  
 Quantos ha mister toma, e os aferrolha :  
 Não val ao que resiste, ou roga, ou geme,  
 Para que este trabalho então lhe tolha,  
 Que contra o duro peito inexoravel  
 Do Baxá, tudo fica indefensavel.

## CXIV.

Fornecido ja tudo o que bastante  
 Lhe pareceo então para este feito,  
 Passa a gente a Suez, logar distante  
 Do Cairo hum grande espaço, que no Estreito  
 Do Rôxo Mar está lá tanto ávante  
 Que no fim d'elle está, e lá direito  
 Vai o Baxá co'os seus, porque ancorada  
 Estava neste porto a sua armada.

## CXV.

Tanto que em Suez entra logo manda,  
 Com pena que o mais forte amedrontava,  
 Que, por não ser sentida esta demanda  
 Lá na India, para onde elle caminhava,  
 Nem do Torom, ou Judá, que estão da banda  
 Da Arabia, nem do mar que o Egypto lava,  
 Algum navio então faça caminho  
 Que lá no Indio mar estenda o linho.

## CXVI.

Porém porque não falta algum que attenta  
 Na cópia dos navios, e outro aguarda  
 Ouvi-la aqui dizer, ja lh'o apresenta  
 Meu canto, atégora lhe não tarda :  
 São as galés sómente cincoenta,  
 Qual real, qual subtil, e qual bastarda,  
 Quatro albetogas mais, e seis formosos  
 Galeões, de duas gaveas, alterosos.

## CXVII.

Esta armada os passados fabricarão  
 Que tiverão do Cairo a governança,  
 Porque com ella ter imaginarão  
 O Estreito do Mar Rôxo segurança.  
 A estas sessenta vellas se ajuntarão  
 As sete em que atraz disse (se ha lembrança)  
 Que Acefarcão levou, Capitão Mouró,  
 A Judá, de Cambaia grão thesouro.

## CXVIII.

Nem com estas sós náos se acaba desta  
 Armada a numerosa quantidade,  
 Vão tres de Amezuy mais a esta festa  
 Que lá no Cairo tõe grãa dignidade :  
 ElRei de Judá duas mais empresta  
 Se por força não sei, se por vontade,  
 Com que de alheias vellas, e de suas  
 Arma o Baxá em Suez setenta e duas.

## CXIX.

Mas ja na obra começa d'ir mostrando  
 O espirito cruel que nelle habita,  
 Porque em quanto está as cousas preparando  
 Necessarias á armada acima dita,  
 E a mal usada chusma apremiando  
 No meio dos remos exercita,  
 Soffrendo elles mal vêr tão mal tratar-se  
 Procurão, com seu damno, de livrar-se.

## CXX.

Porque vendo que com cruel imperio  
 Os constangem ao remo mais que inclinão,  
 Os que tõe das galés o ministerio  
 Tanto os move esta dôr, tanto se inclinão,  
 Que havendo-o por affronta e vituperio  
 Bem quatrocentos delles se amotinão  
 E negão hum serviço tal, tão forte.  
 Tristes, que caminhaes á vossa morte!

## CXXI.

Chega a nova ao Baxá, e em tal fogo arde  
 Qual o Siculo monte ou o Campano,  
 Nem soffre que em vingar-se mais aguarde  
 O seu peito cruel, impio e tyrano,  
 Mas por cedo que vai, cuida inda ir tarde  
 A derramar aquelle sangue humano,  
 Manda que, porque o seu furor se farte,  
 Dos quatrocentos morra a meia parte.

## CXXII.

Não foi pronunciado o Edicto fero  
 Quando logo se vio posto em effeito.  
 Perdoai vós agora, cruel Nero,  
 Que inda este cruel tõe mais cruel peito.  
 Este espantoso exemplo, impio e severo  
 Reprime os que ficarão de tal geito  
 Que accetão por menor mal e destroço  
 Remo na mão, que espada no pescoço.

## CXXIII.

Feita prestes a armada copiosa  
 E favoraveis sendo então os ventos,  
 Enche-a o Baxá de gente assaz lustrosa  
 Em cópia de seis mil, sobre quinhentos;  
 De grossa artilharia, e temerosa,  
 De muitas munições, e mantimentos,  
 De doutos Capitães em toda a guerra  
 Que ou polo mar se faz, ou pola terra.

## CXXIV.

Destes direi alguns, dos quaes merece  
 Cada hum que o seu nome aqui se diga,  
 Hum he Baram Baxá, em que apparece  
 Da Janizara gente a insignia iniga,  
 Outro Baram, e Mustafat, que dece  
 Qualquer da Mameluca gente antiga,  
 O quinto Mahamud Queá se chama,  
 E todos entre os seus tõe nome e fama.

## CXXV.

Mas porque á longa idade mal convinha  
De Coleimão ja ter capitania,  
Capitão-mór do mar faz hum que vinha  
De grande esforço, em sua companhia,  
Chamado Jhuof Hamed, que tambem tinha  
Este cargo no mar d'Alexandria,  
Porém para si fica resguardando  
O governo o Baxá, de tudo, e o mando.

## CXXVI.

Com esta grossa armada, esta ordenança  
Ao vento sólta o linbo, ao mar a saia,  
Com grão desejo assaz, grãa confiança  
De lograr os thesouros de Cambaia;  
É navegando o mar com grãa bonança  
De Judá em breve tempo ferra a praia,  
Aqui soa o Piloto, alli o apito,  
Com rouca voz, e com agudo grito.

## CXXVII.

Chegado aqui o Baxá, não se defende  
Do cubigoso espirito, que o acompanha,  
Por onde haver á mão logo pertende  
Daquella terra o Rei com arte e manha;  
Mas elle, que a perfidia bem entende  
Do Baxá, e a crueza rara e estranha,  
Sólta a Cidade, e foge áquelle dano,  
Fica em vão o conceito do tyrano.

## CXXVIII.

O qual em grave dôr, e furia ardente  
 Por lhe sahir em vão aquelle intento,  
 Faz levantar o ferro descontente  
 E de novo soltar a vella ao vento;  
 E navegando o mar prosperamente  
 Em Azebibe vai fazer o assento,  
 Que está na costa lá do mar Arabio  
 Possuido d'hum Rei mal cauto e sabio.

## CXXIX.

Nocodá Hamed este era chamado  
 Que na infiel Turquia foi nascido,  
 Do qual com grande festa e gasalhado  
 O perverso Baxá foi recebido;  
 Porém d'elle não foi gratificado  
 Como lhe tõe por obras merecido,  
 Mas como a inclinação sua lhe ensina  
 Cubigosa, perversa, impia, malina.

## CXXX.

Porque o Baxá sabia que este herdára  
 Este Estado, de que he senhor agora,  
 D'hum que Mirescandel se nomeára  
 Tambem da falsa lei que o Turco adora,  
 O qual da obediencia se isentára  
 Do Cairo, a quem sujeito sempre fora,  
 E por meios rebeldes e tyrannos  
 Isento o mando assi teve alguns annos.



## CXXXI.

Por isto, e creio mais por lhe ser dito  
 Que este Turco he senhor de grã riqueza,  
 Sem mais outra razão, outro delito  
 Para hũa tal justiga, antes cruza,  
 Manda que o triste Turco renda o espirito,  
 Que por obra se põe com grã presteza;  
 Caba do corpo a cabeça, o espirito logo  
 Entra no inextinguivel bravo fogo.

## CXXXII.

Esta paga o Baxá da obra e vontade  
 Dá a quem o recebeo com ledo rosto,  
 Porém a grã cubica e crueldade  
 Não conhecem razão mais que o seu gosto:  
 O mando desta terra, e dignidade,  
 De que o misero Turco foi deposto,  
 Dá o Baxá a Mustafá, que eu disse que era  
 Hum dos Capitães que elle alli trouxera.

## CXXXIII.

Concluído isto assi, de novo bôta  
 O remo ao mar, e vella ao vento larga,  
 Do Reino de Adem ja seguindo a róta  
 D'Azebibe a veloz proa se alarga:  
 Despede diante hũa galeôta  
 O Baxá, que com voga pouco larga  
 Ferre a terra diante da outra armada  
 E pronuncie ao Rei hũa embaisada.

## CXXXIV.

Sólta o remo o subtil navio ligeiro,  
 Com apressado curso a voga arranca,  
 Envermelhece a face ao nú Remeiro  
 Que ou pallida antes tinha, ou tinha branca  
 Este furor, este impeto primeiro  
 Antes de vêr-se o porto não estanca,  
 Mas tanto que se d'Adem ferra a praia  
 Se sólta o ferro, e se ferrilha a faia.

## CXXXV.

Salta em terra o que então a cargo tinha  
 Do falso Çoleimão a legacia,  
 E presentado a ElRei, diz que elle vinha  
 Da parte do Baxá, que lhe pedia  
 Que lhe mandasse dar quanto convinha  
 Mantimento a esta armada que trazia,  
 Mas que este mantimento quer que entenda  
 Que de graça o não quer, mas que lh'o vende

## CXXXVI.

Apoz isto tambem diz, que comsigo  
 (Vêde a avara tenção que ardís ensina!)  
 Muitos doentes traz em grão perigo  
 Por falta do favor da medicina;  
 Polo qual lhe pedia como amigo,  
 Porque elle lá manda-los determina,  
 Que lhes mande dar casas na Cidade  
 Em que elles curem sua enfermidade.

## CXXXVII.

O pouco cauto Rei, que dá apparencia  
Daquella enferma gente, miseravel  
Se enche de piedade, e de clemencia  
Havendo que no mar era incuravel,  
E não tendo inda inteira intelligencia  
Do espirito cruel, insaciavel  
Que habita no Baxá, quanto lhe pede  
Com alegre vontade lhe concede.

## CXXXVIII.

Neste tempo ja toda a grossa armada,  
Que sentira o favor do amigo vento,  
Recolhendo no porto a vella inchada  
Imprimira hum geral contentamento.  
Ja com vario refresco he visitada,  
Ja se lhe enche o payol de mantimento,  
Recebe o triste Rei com alvoroço  
Hũa morte cruel, hum grão destroço.

## CXXXIX.

Não tarda Çoleimão em dar effeito  
A este engano que traz imaginado,  
Aceso da esperanza do proveito  
E d'animo cruel, nunca domado.  
Mas sinto ja tão fraco e ronco o peito  
Que em vão soltar a voz tenho tentado,  
Descansemos hum pouco, e tudo quanto  
Fez o Baxá, direi ness'outro Canto.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XIII.

*Manda o Baxá os fingidos enfermos á Cidade, e a voltas delles mette nella muita gente de guerra, a qual salteia os Paços d'ElRei, e o toma vivo, e por mandado do Baxá he enforcado e posto á porta da Cidade, e ella mettida a saque. A armada dos Turcos chega a Diu com algumas vellas menos. Dão os Janizaros hum assalto á fortaleza. A armada com tormenta se recolhe d'alli para Madrafabat. Os Turcos se preparão para as baterias. Ordenão hum espantoso ardid de guerra: os Christãos lh'o desfazem. Contão-se algumas cousas particulares que succedêrão neste tempo.*

I.

**N**unca se viu cubiga agradecida  
Nem de sangue jamais farta crueza:  
Esta, inveja sempre ha d'alheia vida,  
Do alheio bem aquella, e da riqueza:  
Por mais que ande qualquer dellas mettida  
No que lhe pede a sua natureza,  
Não lhe mata a grãa cópia a bruta sede,  
Antes lh'a acende mais, e mais lhe pede.

## II.

Do peito cruel, perfido, avarento  
 Não tõe o beneficio, ou a amizade  
 Outra paga, outro agradecimento  
 Senão roubo, perfidia, crueldade;  
 Sente na triste vida detrimento,  
 Destruição nos bens, e faculdade;  
 Nem me espantô que o lobo carniceiro  
 Mal poderá gerar manso cordeiro.

## III.

Quanto este mais recebe, mais se acende  
 Não em gratificar o recebido,  
 Senão em adquirir o mais que entende  
 Que de quem recebeo he possuido:  
 E d'aqui claramente se comprehende  
 Que com rasão de muitos hoje he crido  
 Que a boa obra empregada em má pessoa  
 Muito mais tõe de má que d'obra boa.

## IV.

Vendo o falso Baxá ja posto em termos  
 Seu intento de ser effectuado,  
 Manda logo os fingidos seus enfermos  
 Qualquer de tres ou quatro acompanhado;  
 E estando despejados então, e ermos  
 Os logares que ElRei tinha mandado  
 Dar-lhes, para curar-se, hum par ficavão  
 Dos que a qualquer enfermo acompanhavão.

## V.

São d'esprito feroz, d'ousado peito  
 Os enfermos, e os que os acompanhãõ,  
 E por dissimularem mais, hum leito  
 A qualquer dos enfermos ordenãõ,  
 E nelle (com quanto era assaz estreito)  
 Suas armas comsigo então levãõ;  
 Alegrementemente o triste Rei recebe  
 A peçonha que pouco a pouco bebe.

## VI.

E sem que os naturaes, disto innocentes,  
 Sentissem traição tão engenhosa,  
 Antes que cinco vezes entre as gentes  
 O Sol mostrasse a fronte luminosa,  
 Entrãõ quinbentos, lá destes doentes  
 D'enfermidade tão contagiosa  
 Que as gentes penetrou, pouco advertidas,  
 Nas miseras fazendas, e nas vidas.

## VII.

Tendo ja preparado este encuberto  
 Engano Coleimão, que vai urdindo,  
 E ja aos fortes enfermos dado hum certo  
 Signal, a que acudissem em o ouvindo,  
 A ElRei, que hum deshonorado fim mui perto  
 Ja tõe, o qual não vai inda sentindo,  
 Manda que venha ter onde elle estava,  
 Porque fallar com elle lh'importava.



## VIII.

D'escarnecer ElRei, de rir não cessa  
 Do recado, e daquelle que o trouxera;  
 Faz o Baxá o signal, e com grãa pressa  
 A turba, antes enferma agora fera,  
 Fóra do gasalhado se arreimessa  
 Que para se curar ElRei lhe dera;  
 Descobre á gente a falsa enfermidade  
 Em que achou verdadeira piedade.

## IX.

E quando o agradecido peito humano  
 Agradecêra a ElRei tal beneficio,  
 Estes, que do Baxá falso e tyrano  
 A doutrina seguião e o exercicio,  
 Trabalhão por lhe dar o ultimo dano  
 Cheios tambem do cubigoso vicio;  
 Cercão-lhe logo as casas em que habita  
 Com subito furor, com alta grita.

## X.

Dão-lhe hũa bateria áspera e horrenda  
 Desejosos d'abrir ao alto a entrada.  
 Breve espaço durou esta contenda  
 Entre a gente feróz, e a amedroutada,  
 Que como não ha dentro quem defenda  
 Abrirão facilmente larga estrada.  
 Entra logo a perversa turba ingrata,  
 Tudo, sem resistencia, desbarata.

## XI.

Que este inesperado mal, e repentino  
 D'onde esperavão graças e louvores,  
 D'hũa tal confusão, tal desatino  
 Encheo daquella terra os moradores,  
 Que nem espirito então houve, nem tino  
 Nos que pudêrão ser-lhe defensores,  
 Para que a aguda espada e a lança tesa  
 Podesse então fazer qualquer defesa.

## XII.

Vendo o misero Rei hum tal perigo  
 (De que estava seguro e descuidado)  
 Quando das boas obras, que atraz digo,  
 Cuidou ser do Baxá remunerado,  
 Sem defensão se entrega a seu imigo  
 Inda nas mesmas obras confiado,  
 Nas quaes de vida tõe mais esperança  
 Que na mór defensão d'espada e lança.

## XIII.

Levão logo ao Baxá o Rei ja preso  
 Os Soldados com pressa não pequena,  
 O qual em crueldade e furia aceso  
 Sem replica ao mortal laço o condena.  
 Ja do misero Rei o frio peso  
 Pendurado se vê da longa entena,  
 E apoz isto, por mais desventura,  
 Na porta da Cidade se pendura.

## XIV.

Nem paga o triste Rei só com a vida,  
 Que este só da crueza foi o effeito;  
 A cubiga, de bens que he só homicida,  
 Também quer sua parte neste feito:  
 Logo a Cidade á saque foi mettida  
 Com tal desejo em todos de proveito,  
 Que nem a pobre presa nella fica  
 Quanto mais ouro, prata, e a joia rica.

## XV.

Não pôde aqui o Baxú ter soffrimento,  
 Que igual tõe a cubiga á crueldade,  
 E sem lhe ser então impedimento  
 Disposição pesada, longa idade,  
 Salta da galé em terra n'hum momento  
 E põe-se a hũa das portas da Cidade,  
 Porque nenhũa cousa della venha  
 Em que elle ou parte, ou tudo então não tenha.

## XVI.

Eis logo, á baixa presa obédiente,  
 Com apressado passo mais que tardo,  
 Se vem chegando á porta aquella gente  
 Pouco antes mais feroz que o leão pardo:  
 Qual das mãos o grão sacco traz pendente,  
 Qual nos hombros sustenta o grosso fardo,  
 Qual o ouro e a joia traz ao peito atada,  
 O peor lugar tõe agora a espada.

## XVII.

Mas nem estes bens logrão, que ganhárão  
 Co'os seus braços crueis, quanto esforçados,  
 Porque tanto que á porta elles chegarão,  
 E por seguros se hão, e descansados,  
 Com perigo maior então topárão,  
 Porque do Baxá todos são buscados,  
 Que o dinheiro lhes toma, e quanto via  
 De prego, e só lhes deixa o sem valia.

## XVIII.

Recolhe assi do livre e do captivo  
 Coleimão do ouro e prata hũa grã copia,  
 Mas mór a recolheo d'hum odio vivo  
 Co'a gente natural, e co'a sua propria;  
 Que debaixo do ardente Sol estivo  
 Não ferve tanto a areia da Ethiopia,  
 Quanto huns e outros em odio estão fervendo  
 Todos porque roubados se estão vendo.

## XIX.

A Cidade, que vê dados em presa  
 Seus bens d'hum duro imigo, e d'humano,  
 Fica (pois mais não póde) em odio acesa  
 Contra o author deste mal, impio e tyrano.  
 Os Soldados, que vêem que desta empresa  
 Outrem leva o proveito, elles o dano,  
 Tambem se enchem d'hum odio assaz furioso  
 Contra hum tal Capitão, tão cubiçoso.

## XX.

Acabado o cruel feito desta arte  
 Com damno universal, só seu proveito,  
 Passados quinze dias d'alli parte  
 Odioso aos Soldados mais que aceito:  
 E despregando as vellas, e o estandarte,  
 Lá para a India o Baxá se vai direito,  
 Com toda a bem provida, grossa fróta,  
 E do Porto de Diu segue a róta.

## XXI.

Porém antes que as vellas no ar despregue,  
 E com aguda proa as ondas fenda,  
 Deixa a Baram Baxá a Cidade entregue  
 (O que Janizaro era) que a defenda;  
 E porque mais ousado se encarregue  
 Daquella defensão que lhe encommenda,  
 Lhe deixa alli duzentos defensores  
 De trabalho e perigos soffredores.

## XXII.

E como da cubiça e tyrannia  
 Nem inda está segura a pouquidade,  
 Tres náos de Malabares que alli havia  
 Não escapárão desta tempestade:  
 Toma-lh'as Çoleimão, e á companhia  
 Daquella sua grande quantidade  
 De vellas as ajunta, fornecidas  
 Do que estão para esta ida mal providas.

## XXIII.

A segunda rasão que nesta guerra  
 Move o Baxá que a Diu a proa traga,  
 Mais que a outra fortaleza, das que encerra  
 Em si a oriental remota plaga,  
 Foi o infiel, que Italia deu a terra,  
 Quicá tendo inda n'alma viva a ebaga  
 Do que aqui recebeu, e agora estuda  
 Poder-se bem vingar com tal ajuda.

## XXIV.

Este, que do Senhor que atraz he dito  
 Que de Azebibe teve o mando antigo,  
 E em mãos de Colimão rendeo o espirito,  
 Era, além de parente, grande amigo;  
 Por muitas vezes ja lhe tinha escrito  
 Que se a armada que os Turcos traz consigo  
 Á India acaso vir de terminasse  
 Com que viesse a Diu trabalhasse.

## XXV.

Pois se alguém conquistar o sceptro tinha  
 Do Indico senhorio em pensamento,  
 Ter aquella Cidade lhe convinha  
 Por dar mais facil fim a seu intento;  
 A qual he forte assaz, e ao mar visinã  
 E pósta de toda a India a barlavento,  
 Com bom porto, e logar assaz conforme  
 Em que a não destrocada se reforme.



## XXVI.

Em Azebibe foi dado este aviso  
 Ao Baxá, que ao Rei morto foi mandado,  
 E pesando-o com grão discurso e siso,  
 E ante os seus Capitães apresentado,  
 A nenhum pareceo digno de riso.  
 E do que ouvio em sonhos bem lembrado  
 Faz com nova esperança esta jornada,  
 Que largamente atraz deixou contada.

## XXVII.

De Zefiro entretanto o sopro brando  
 Enchia o Turco linho, antes vazio,  
 E sempre Coleimão mais desejando  
 Penetrar de Cambaia o senhorio:  
 Pouco a pouco se lhe hia ja chegando  
 Quando lhe apparece hum subtil navio  
 Que vem a elle direito lá da terra  
 Com mais signaes de festa, que de guerra.

## XXVIII.

Este a Cojaçofar em si trazia  
 (Assaz he conhecido, bem o creio)  
 No qual tudo descobre a alta alegria  
 De que o perverso peito leva cheio:  
 O anafil, o estandarte, a artilharia,  
 O concerto da fusta, o seu arreo,  
 Que vendo hum tal soccorro, ja tão perto,  
 O fim dos Portuguezes tõe por certo.

## XXIX.

Ferra a armada, e ao Baxá feito presente  
 Com esta festival, leda apparencia,  
 Lhe dá conta de si primeiramente  
 Apoz toda a devida reverencia.  
 Louva-lhe logo a armada, louva a gente,  
 As obras, a tenção, a alta potencia,  
 Que nada então lhe esquece do que entende  
 Que ajudará ao fim do que pertende.

## XXX.

Aconselha-o de novo, antes o incita  
 Que contra Diu lá faça a jornada,  
 E entrar-se a fortaleza facilita  
 Por quão pouca era a gente, e mal armada  
 Que para defendê-la nella habita,  
 E da contínua guerra ja cansada  
 Que elle fez, com que falta vai sentindo  
 De quanto a defensão lhe está pedindo.

## XXXI.

Do Italiano a rasão se segue e acceita  
 Que guarda o que Masoma ou manda ou tolhe,  
 Com mór gosto o Baxá faz ir direita  
 A armada a Diu, e em breve lá a recolhe;  
 Da proa o curvo ferro ao mar se deita,  
 Cahe logo a entena, a vella ja se encolhe,  
 As Luas polos ares ja se estendem,  
 O anafil e o canhão os ares fendem.

## XXXII.

Mas não chega aqui tanta quantidade  
 De vellas, como de Adem já partirão,  
 Que seis dellas por força, e por vontade,  
 Differente caminho então seguirão:  
 Assi porque de grossa tempestade  
 Hum furioso encontro então sentirão,  
 Como porque o Baxá mais furioso  
 Era, que o grosso mar tempestuoso.

## XXXIII.

Hum dos seis, que era hum forte e bem armado  
 Galeão, lançou na India a onda marinha  
 Lá nos Ilheos, a quem de si tõe dado  
 O nome a sempiterna, alta Rainha,  
 Onde hum forte varão, que era chamado  
 Soutomaior d'alcunha, e nome tinha  
 Do glorioso Antonio, corta o largo  
 Mar em fustas subtis que tõe a cargo.

## XXXIV.

Conhece este o navio, a elle se lança,  
 Que hum imigo furor o move e acende,  
 Seu desejo com grão trabalho alcança,  
 Que o Turco com grãa força se defende;  
 Mas vendo que em vão move a espada e lança  
 Ao Portuguez imigo emfim se rende,  
 Depois d'hum dia inteiro de batalha,  
 Em que d'hum e outro sangue assaz s'espalha.

## XXXV.

Tomado o galeão, nelle se achárão  
 Dos Turcos que elle dentro em si levava  
 Alguns que acaso vivos escapárão  
 Lá d'entre a Lusitana furia brava,  
 Que ao Soutomaior denunciárão  
 Da armada que lá a Dia navegava :  
 Elle a Goa os faz ir com pressa grande  
 Porque a certeza disto ao Cunha mande.

## XXXVI.

Mas á armada outra vez quero voltar-me  
 Onde outra vez me manda ir o meu canto,  
 Porque hum tal caso lá vejo esperar-me  
 Quiçá causará duvida e espanto ;  
 E se cousa podia cá mostrar-me  
 O que lá determinava o Summo Santo,  
 Esta que contarei, claro podia  
 Mostrar a perdição dos de Turquia.

## XXXVII.

A noite que esta armada aqui chegára,  
 Quando a segunda vella hia passando,  
 Hũa trave de fogo se vio clara  
 Lá da Cidade os ares vir cortando,  
 A qual sobola imiga armada pára,  
 E por todas as partes scintillando  
 Vivas chammas está de ardente lume  
 Até que sobre os Turcos se consume,

## XXXVIII.

Geral espanto disto se concebe  
 Mas vário parecer, juízo diverso,  
 Qual por facil agouro isto recebe,  
 Qual o tõe por funesto agouro adverso:  
 Confiança o Christão, e alento bebe,  
 Arreceio o infiel Turco perverso,  
 Mas trata hum e outro então d'aperceber-se  
 Qual para commetter, qual defender-se.

## XXXIX.

Nas orelhas hũa alta voz me soa  
 Do Silveira de lá da fortaleza,  
 O qual em conhecendo a Turca proa,  
 E vendo seu poder, sua grandeza,  
 Que he muito mór que a fama apregoa,  
 Não perde a costumada fortaleza,  
 Autes lhe aviva mais o esforço antigo  
 A grãa necessidade, o grão perigo.

## XL.

Trabalha com a sua alta prudencia  
 Remediar as faltas que então sente,  
 Para o qual com grãa pressa e diligencia  
 As estancias entrega á nobre gente,  
 Varões a que hũa dura resistencia  
 Os fortes peitos seus movem sómente,  
 Não os nomeio aqui, que em breve espago  
 Os virá a nomear seu forte braço.

## XLI.

Qualquer delles a estancia remedeia  
 Como melhor então póde, e imagina,  
 Que inda que a imiga furia se arreccia  
 Refrea-la porém se determina:  
 Qual ajunta a estacada, qual a ameia,  
 Qual com agua a capaz e grossa tina,  
 Nenhũa cousa então alli fallece  
 Com que hum fraco logar se fortalece.

## XLII.

Repara-se tambem o baluarte  
 Que o da Villa dos Rumes ser dizião,  
 Lá onde setenta homens o estandarte  
 De Francisco Pacheco então seguião:  
 E porque elle assentado estava em parte  
 Onde, durando o cerco, não podião  
 Soccorrê-lo a miudo, se lhe lança  
 Então do que ha mister grande abastança.

## XLIII.

Provido desta sorte, e reparado  
 Quanto na fortaleza, e sóra havia,  
 Çoleimão, soberbo inda, e confiado  
 Na grãa cópia de gente que trazia,  
 Por mostrar seu poder ao baptisado  
 Povo, em apparecendo o novo dia  
 Setecentos Janizaros em terra  
 Manda saltar, dos mais doutos na guerra.



## XLIV.

Sahe a turba feroz, presumptuosa,  
 Mostrando a natural soberba em tudo,  
 Com várias sedas vai rica, e lustrosa,  
 Qual setim, qual brocado, qual velludo,  
 Branco, amarello, azul, e a côr da rosa,  
 E quantas soube achar engenho e estudo,  
 E com tão vário arreio e sumptuoso  
 Dá espectaculo bello, e temeroso.

## XLV.

Nas cabeças huns feltros vão mostrando  
 (Insignia dos Janizaros Soldados  
 Com que se estão dos outros divisando)  
 Que em todos são de fino ouro bordados;  
 Dos quaes ao Ceo se vão alevantando  
 Differentes plumagens, que tocados  
 D'hum brando ventosinho, então lhes davão  
 Grão lustro aos atavios que levavão.

## XLVI.

Marcha a turba arrogante á fortaleza  
 Porque em tomá-la ja cuida que tarda,  
 Dos quaes qual se vê então com grãa destreza  
 O curvo arco tratar, qual a espingarda  
 Traz esta alta arrogancia, esta braveza  
 Neuhum lá na Cidade dentro aguarda  
 Dos que alli da infiel Cambaia terras supua  
 Trouxe antes Alucão para esta guerra.

## XLVII.

Huns então traz si leva a confiança  
 De mostra tão feroz, e embravecida,  
 Esperando de verem sem tardança  
 Entrada a fortaleza, e destruida ;  
 Outros que a Portugueza forte lança  
 Tinhão melhor tratada, e conhecida,  
 Vão por vêr em que pára, ou em que cessa  
 Tal determinação, tão grande préssa.

## XLVIII.

Qual soe quando o penedo antigo e duro  
 Encontra a alevantada onda marinha,  
 Achando-o sempre mais firme e seguro  
 Humilhar o furor com que antes vinha ;  
 Tal chega esta soberba gente ao muro  
 Que por indefensavel então tinha,  
 Porém acha lá quem tão mal a trate  
 Que com seu damno a furia humilha e abate.

## XLIX.

Chega logo a feroz, soberba gente  
 Ou a espingarda ao rosto, ou o arco ao peito,  
 Sahe a frecha subtil, e o chumbo ardente  
 E contra o Christão muro vai direito :  
 Não fica então de todo descontente  
 O Turco deste seu primeiro feito,  
 Porque a seis dos Christãos a vida tolhe  
 E a vinte faz que o proprio sangue molhe.

## L.

Não lhe tarda o castigo deste ufano  
E venturoso seu contentamento,  
Porque como entre o povo Lusitano  
A espingarda também tres vezes cento  
Movem com grãa destreza, vendo o dano  
Que lhe fez o infiel ajuntamento,  
Qualquer delles sahir, em odio aceso,  
Faz da espingarda o ardente, mortal peso.

## LI.

Em meio da infiel, soberba banda  
Da Janizara gente se apresenta,  
Cincoenta almas ao Reino Stigio manda,  
De muitos só co'o sangue se contenta.  
Ja teme o que era ousado, ja não aunda  
Confiado qual soe, mas só ja attenta  
Por logar d'onde então sem seu perigo  
Mande o chumbo mortal ao muro inimigo.

## LII.

Apartada com isto esta primeira  
Damnosa, inda que breve bateria,  
Fica esta nova gente por fronteira  
A voltas da outra antiga, que seguia  
Do Italiano Mouro hoje a bandeira,  
A qual (como ja atraz disse) seria  
Cópia de treze mil, e neste conto  
Os que d'Alucção tinha, também conto.

## LIII.

Lá para a armada o Turco o rosto vólta  
 Menos ufano ja, mais receioso,  
 E tanto que de novo a usada vólta  
 Coméça o grão planeta luminoso,  
 De lá do meio dia a prisão sólta  
 Eolo ao feroz Austro impetuoso;  
 Sahe logo a embravecida furia inchada,  
 Da nuvem grossa e negra acompanhada.

## LIV.

Vai com hum apressado curso leve  
 Polo marinho assento discorrendo,  
 Eis se incha a onda, que mansa antes esteve,  
 E vai-se em grossa escuma revolvendo,  
 Eis se abre o Ceo, e mostra o raio breve,  
 Succede do trovão o estrondo horrendo,  
 Encobre-se do Sol a claridade,  
 Cria-se a furiosa tempestade.

## LV.

Em breve a grãa tormenta lá apparece  
 Onde esta imiga armada antes surgira,  
 A mansa se engrossa e se embravece  
 Do negro Sul sentindo a furia e a ira.  
 Teme o Turco, desmaia, e se entristece,  
 Alegra-se o Christão, roga e suspira  
 Inda a Deos que accrescente o bravo Noto.  
 Pola bonança faz o Turco voto.

## LVI.

Cresce a revolta, quanto cresce o vento,  
 Que cada hora mais bravo o mar combate,  
 Porém não se descuida hum só momento  
 O comitre infiel neste combate.  
 Já se curulha o longo palamento  
 Também o grosso mastro já se abate,  
 Cabe de novo da proa o ferreo dente  
 Desapparece do alto toda a gente.

## LVII.

O Piloto tambem no alto navio  
 Para poder salvar-se tudo ordena,  
 Levanta a rouca voz, de temor frio,  
 Lança ao mar nova amarra, desce a entena:  
 E o que se sente d'agua mal vazio,  
 Com revezada força, e não pequena,  
 Meneia a fedorenta, longa bomba,  
 Em quanto a alevantada onda retomba.

## LVIII.

Alguns bateis pequenos que se virão  
 Ir e vir lá da terra para a armada,  
 A que as ondas então não permittirão  
 A terra, ou aos navios a chegada,  
 Pouco a tamanha furia resistirão,  
 Alagou-os a soberba onda salgada:  
 Os tristes que alli pôz a adversa sorte  
 Bebem a voltas d'agua a triste morte.

## LIX.

Fez o vento feroz, de furor cheio  
 Que a tormenta hum espaço alli durasse,  
 Com que a muitos a morte sobreveio,  
 E a todos grão temor que ella os tomasse;  
 Até que o inchado Sul, ja com receio  
 Que Neptuno outra vez alli o topasse,  
 Se torna ao seu assento antigo e cavo,  
 E deixa sereno o ar, manso o mar brayo.

## LX.

Vendo o Turco de todo despedida  
 A tormentosa furia, que o persegue,  
 Com que a armada vio quasi perdida  
 E a si cada momento á morte entregue;  
 Com quanto de a vêr salvá e a si com vida  
 Dá graças a Mafomá, que honra e segue,  
 Não esperar alli propõe consigo  
 O segundo furor do vento imigo.

## LXI.

E quando o novo Sol sólta a ligeira  
 Roda lá no Oriente, porque siga  
 De novo a costumada sua carreira  
 Com que fugir a negra sombra obriga,  
 'Temor de furia igual á outra primeira  
 D'alli faz abalar a armada imiga:  
 Ja se recolhe o ferro, ja se estende  
 A vella, o remo cahe, o mar se fende.



## LXII.

Corta a frota infiel inda arrogante  
 Contra Madrafabat a onda marinha,  
 Rio que da Cidade estar distante  
 Cinco leguas, ja disse a historia minha;  
 E não sendo passada ainda ávante  
 A fortaleza viu assaz visinha,  
 Faz-lhe a devida salva e cortezia  
 Co'o furor da mortal artilharia.

## LXIII.

Salhe o redondo ferro que se esconde  
 Lá no bronzo infiel, com grãa braveza,  
 Cortando os ares vai direito aonde  
 A fortaleza está, com grãa presteza.  
 Co'a mesma cortezia lhe responde  
 O bronzo Portuguez da fortaleza,  
 Mas não acho que houvesse hoje algum dano,  
 Ou no povo infiel, ou no profano.

## LXIV.

Seu caminho os navios não deixárão,  
 Revolve o remo o mar com voga larga,  
 Pouco a entrar no rio então tardárão,  
 O cansado Remeiro o remo larga.  
 Mas todos os navios não entrárão  
 No rio então, que quatro dos de carga  
 Ao entrar se perdêrão, e o que resta  
 Entra com grão prazer, com grande festa.

## LXV.

Esta entrada de todos se festeja  
 Porque de gosto a todos encheo a alma,  
 Não ha ja quem do mar medroso esteja  
 Que aqui nunca embravece, sempre he calma.  
 Aqui a galé ja immunda se despeja,  
 De novo aqui se alimpa, aqui se espalma,  
 A gente se prepara para a empreza  
 Que toma contra a gente Portugueza,

## LXVI.

E como o Turco ufano pertendia  
 Que aquelle baluarte sinta a brava  
 Força da sua primeira bateria  
 Que da Villa dos Rumes se chamava,  
 Tres Basiliscos, e outra artilharia  
 Que pelouro menor de si lançava,  
 Faz Coleimão que saia logo em terra  
 Com que se dê começo áquella guerra,

## LXVII.

Manda-la em companhia determina  
 Lá de Baram Baxá, e d'outra gente,  
 Com que espera que tenha alta ruina  
 O baluarte imigo incontinente.  
 Succede-lhe porém ao que imagina  
 Effeito vário assaz, e differente,  
 Que em tudo achou hum grande impedimento  
 Para alcançar o fim de seu intento.

## LXVIII.

Parte o Turco feroz, que por vencido  
O Christão tendo ja, nada arreceia,  
Mas logo o faz ser menos atrevido  
D'hũa parte o caminho, d'outra a areia,  
Porque sendo ella solta, elle comprido,  
E hum tão grosso canhão mal se meneia,  
Por mais força que põe, por mais que estuda  
Pouco ou nada a carreta então se muda.

## LXIX.

Sua a gente porém, e mais se acende  
Quanto sente mais dura a resistencia,  
Mas quanto mais trabalha, mais entende  
Que em vão he seu trabalho e diligencia.  
O Capitão, que vê que em vão pertende  
Com força, ou com engenho, ou com prudencia  
Mover por tal caminho a leve roda,  
Com a necessidade se accommoda.

## LXX.

Entre as tres grossas peças hũa escolhe,  
E outras que podem ser bem meneadas  
E que a areosa estrada então não tolhe  
De duros, rijos braços ser levadas;  
As demais outra vez em si recolhe  
A armada, d'onde alli forão tiradas,  
E estas levárão sós para o combate  
De que espero que ávante hum pouco trate.

## LXXI.

Vinte dias primeiro se passarão  
 Que deixe a armada imiga aquella estancia,  
 Os quaes ociosamente não gastarão  
 Os Turcos, inda cheios d'arrogancia:  
 Mas neste tempo tudo alli preparão  
 Com grão cuidado assaz, grãa vigilancia,  
 Quanto ser necessario então entendem  
 Para dar os combates que pertendem.

## LXXII.

Trafão d'isto os rebeldes á Igreja Santa  
 Baram e Mahamud (bem se conhecem),  
 Põem de dia e de noite pressa tanta  
 Que em breve tempo feitos apparecem  
 Trincheira, bastião, reparo, e manta,  
 E as outras cousas mais que os favorecem,  
 Qual para a defensão da sua gente,  
 Qual para o canhão ter expediente.

## LXXIII.

Entretanto não dorme a fortaleza  
 Que mostrar suas forças determina,  
 Vendo a preparação, vendo a braveza  
 Que lhe está ameaçando alta ruina;  
 Tambem com grão cuidado, grãa presteza  
 Os intentos do imigo contamina  
 Quanto soffre do tempo a brevidade,  
 A pouca gente, e a grãa necessidade.

## LXXIV.

Qualquer porta, ou estreita, ou espaçosa,  
 Que dá desta Christãa, fiel morada  
 Sabida lá á Cidade irreligiosa,  
 Com grosso muro foi logo cerrada:  
 Lá na cava tambem funda e lodosa  
 Não faz ja a levadiça ponte estrada,  
 Dentro na fortaleza pósta fica,  
 E tudo o mais que importa se fabrica.

## LXXV.

Durando esta obra d'hũa e d'outra parte  
 Com grão cuidado assaz, com pressa immensa,  
 Em que se põe engenho, se põe arte,  
 Qual para defensão, qual para offensa,  
 Quer o imigo cruel que o baluarte  
 Da Villa, o grão furor, a furia intensa  
 (Como ja atraz a minha historia pinta)  
 Em si do seu primeiro assalto sinta.

## LXXVI.

E porque o effeito disto que hoje intentão  
 Mais facil possa ser, menos custoso,  
 Hum grande estratagemã então inventão  
 De aspecto assaz terrivel e espantoso;  
 E segundo se delle então contentão  
 E sahe bem fabricado e curioso,  
 Quiçá lhes põe então mór esperança  
 Do que põe nos Christãos desconfiança.

## LXXVII.

Louvão-lhe mais a grãa curiosidade  
 Do que recebem d'elle algum espanto,  
 Mas para que o entendaes, com brevidade  
 Vo-lo quer ir pintando este meu canto.  
 Hũa barçaça havia na Cidade  
 Que ja de Baudur fôra, capaz tanto  
 Que ella sómente as náos descarregava,  
 A qual mui grandes pesos sustentava.

## LXXVIII.

Armão neste navio grande altura  
 De madeira, qual cumpre neste feito,  
 Que mostrando da casa está a figura  
 A que se vê faltar por cima o teito:  
 Cheia logo se vê de grãa mistura  
 De materiaes vários, cujo effeito  
 Por fedor, ou por fumo mal se sofre,  
 Quaes são salitre, rama, esterco, enxofre.

## LXXIX.

Sendo feita de todo a alevantada  
 Maquina, horrenda mais que inexpugnavel,  
 Fica em meio do rio situada  
 Firme com quatro amarras, e immudavel,  
 Esperando què alli faça tornada  
 O alternado das ondas, e incansavel  
 Movimento, que as aguas vivas traga  
 Com que o mar em mór cópia a praia alaga.



## LXXX.

Para que ao muro então possa encostar-se,  
E se lhe chegue então a chamma ardente,  
Com cujo favor crêem poder tomar-se  
Aquelle baluarte facilmente,  
Ou quiçá sem a espada menear-se,  
Sem perda, ou damno algum da sua gente :  
Crêem que só poderá tanto a fumaça  
Que lhes dará a victoria então de graça.

## LXXXI.

Com quanto a Christãa gente lá imagina  
Esta obra d'apparato mais que dano,  
Fazer porém queima-la determina  
Antes que as aguas vivas traga o Oceano ;  
Não porque della então tema a ruina  
Que procura o infiel povo profano,  
Senão para elle vêr que em vão pertende  
Render a manha, a quem força não rende.

## LXXXII.

Tendo o Silveira ja determinado  
Que este arteficio, que elle não receia,  
Sinta o furor em si que foi tirado  
Com força do fuzil, da dura veia,  
O cargo disto logo encommendado  
Foi por elle a Francisco de Gouveia,  
Nobre varão, cujo esforçado peito  
Mais se alegra que espanta co'o grão feito.